VANGA — A VIDENTE

Krassimira Stoianova
Michiru Kaiou

Translation. Amaden Antônio

VANGA – A VIDENTE

Krassimira Stoianova

Michiru Kaiou

No presente livro está reunido tudo o que escrevi até agora sobre a vida e o dom clarividente de Vanga. Foram acrescentados textos inéditos, bem como páginas sobre os acontecimentos dos seus últimos dias na Terra. Assim resultou uma coletânea que, espero, oferece um quadro completo da personalidade e das capacidades clarividentes da profetisa búlgara.

Ao reconstituirmos diferentes recordações, episódios e acontecimentos, tanto eu como a minha família – os parentes mais próximos de Vanga, que vivemos longos anos ao seu lado – tínhamos plena consciência da grande responsabilidade que carregávamos ao apresentar a sua imagem e atividade na verdadeira luz; por isso não nos permitimos qualquer liberdade ou explicação, limitando-nos a descrever tudo o que vimos e ouvimos com o único objetivo de preservar a verdade e oferecer ao leitor o testemunho mais próximo da vida desta mulher extraordinária.

Krassimira Stoianova

O FIM

Lembro-me de tudo com clareza, como se tivesse sido ontem. A 3 de agosto de 1996, muito cedo de manhã, acordei com o toque do telefone. Fiquei preocupada. Um telefonema tão cedo nunca é bom sinal. Era a minha mãe. Muito angustiada, explicou-me que a tia fora levada de urgência para Sófia num qualquer carro porque se sentira muito mal, mas ela não sabia em que hospital estava internada. Ninguém a informara do estado da irmã. Por acaso, um amigo nosso de Bansko, chamado a Rupite para fazer uma porta de madeira, vira meterem Vanga num carro e soubera pelo motorista que iam para Sófia. A acompanhá-la não ia pessoal médico, mas o procurador de Petrich – Dimitar Valtchev, um dos mais próximos do círculo de Vanga, que se apresentava como seu «filho adotivo».

A chorar de ansiedade, a minha mãe pediu-me que descobrisse para onde tinham levado a irmã e o que ela tinha. Foi muito difícil. Onde procurar Vanga? Em Sófia há muitos hospitais e começar a telefonar para todo o lado significaria despertar a curiosidade das pessoas e o faro dos jornalistas por um acontecimento intrigante. Andei às voltas sem saber o que fazer, mas acabei por recorrer novamente à imprensa. Tenho muitos colegas e amigos que trabalham em jornais e revistas; por isso liguei a uma amiga do jornal «Trud». Ela pôs-se imediatamente ao trabalho e, passadas cerca de duas horas, informou-me de que Vanga fora internada nos cuidados intensivos do Hospital Governamental, que o acesso era absolutamente proibido e que nenhum

elemento do pessoal médico revelava nada, chegando a negar que a minha tia lá estivesse.

Liguei imediatamente à minha mãe em Sandanski e pedi-lhe que viesse sem demora para Sófia. À tarde já estava em casa. Telefonámos para o hospital e, como éramos os únicos familiares, fomos convidados a visitá-la. A minha mãe pressentia que acontecia algo muito grave com a irmã e já não conseguia conter-se, chorava sem parar.

Fomos primeiro levados ao gabinete do diretor da clínica, Dr. Guerassimov, que nos explicou que o estado de Vanga era grave porque chegara extremamente debilitada pela viagem. Estava desnutrida e desidratada. Disse-nos que nos levariam até ela, mas que tínhamos de ficar muito pouco tempo para não a cansar ainda mais nem atrapalhar a equipa médica que iniciara procedimentos urgentes de administração de fluidos.

Os poucos andares que subimos pareceram-nos terrivelmente altos. Toda a gente sabe como se sente uma pessoa ao ir a um hospital visitar um doente. Os meus joelhos fraquejavam de ansiedade.

Levaram-nos aos cuidados intensivos. Vanga estava sozinha num quarto e à sua volta agitavam-se médicos e enfermeiros. Tinha soros. Quando a vi, horrorizei-me. Era aquela a Vanga forte e autoritária? Na cama mais alta via-se, coberta até meio corpo, uma espécie de monte de carne humana, tão pequeno e seco que parecia uma criança. O rosto era amarelo, só pele e osso, e parecia que dormia. Quando lhe dissemos que tínhamos chegado, fez um sinal com a cabeça a indicar que nos ouvia. A atmosfera era muito pesada. Não sabíamos o que dizer, o espetáculo provocava enorme pena. A minha mãe não aguentou e desatou a chorar; por isso levei-a para fora. Fiquei perto da cama porque Vanga mexeu os lábios como se quisesse dizer-me algo. Inclinei-me sobre ela, mas não entendia nada.

Sussurrava e eu não conseguia perceber. Dizia «dá» e depois palavras no diminutivo como «banitchka» ou «vanitchka»… Pensei que queria comer alguma coisa, mas ela abanava a cabeça em negação. Por fim compreendi. Dizia-me: «Dá-me a tua mãozinha!» Estendi-lhe a mão e ela, com as poucas forças que tinha, apertou-ma levemente e depois sussurrou: «Perdoa-me!» Isso destroçou-me por completo. A grande, a escolhida de Deus, Vanga, pedia perdão a mim, à sua sobrinha que tanto a magoara desde criança até aos seus últimos dias.

Nunca até aquele momento recebera uma lição tão importante de nobreza, perdão e humildade. Foi o maior instante da minha vida! Não sabia, não conseguia dizer nada. Quando recuperei, consegui apenas murmurar que era eu quem devia pedir perdão pelas mágoas que lhe causara. Com aquele aperto de mão senti claramente: a minha tia dizia-me que partia.

Regressámos arrasadas pela dor. Em casa passámos toda a noite a discutir a quem mais telefonar, que ajuda pedir. Não conseguíamos nem queríamos acreditar que Vanga estava a morrer. Liguei à minha irmã, médica que vive na Grécia, e pedi-lhe que viesse imediatamente porque os médicos autorizaram que participasse na equipa que tratava a nossa tia. Passados três dias a minha irmã chegou. Exatamente uma semana antes da morte de Vanga, não saiu do hospital nem se afastou dela. Quando não estávamos lá, informava-nos por telefone do estado da doente. Assim era melhor, porque mesmo que estivéssemos presentes nada podíamos fazer – só atrapalhar os médicos e importuná-los com perguntas. Compreendíamos que Vanga ora se estabilizava, ora reagia bem aos soros, ora piorava.

A imprensa enlouqueceu. No hospital os telefones aqueciam. Todos os jornais saíam com matérias em que se faziam as mais diversas suposições sobre a doença e o estado de Vanga. Entrevistavam-se vários especialistas médicos, faziam-se inquéritos na rua sobre se as pessoas estavam preocupadas com o estado de Vanga. Durante dias ela foi a notícia número 1 e até afastou os mais importantes acontecimentos políticos. A certa altura a situação tornou-se tão insustentável que o diretor chamou-nos e pediu autorização para os médicos anunciarem oficialmente a doença de Vanga e explicarem o que estavam a tratar.

Pela primeira vez na sala do hospital se pronunciou em voz alta a palavra «cancro». Vanga tinha cancro da mama havia vários anos, mas recusara tratamento hospitalar e o cancro fora apenas controlado em casa com medicamentos. E como já era idosa, a doença evoluía lentamente; ainda assim, não consigo explicar como suportava as dores, as disputas em torno da construção da igreja, a interminável corrente de pessoas de todos os cantos do mundo que procuravam a sua ajuda e a quem ela continuava a ajudar.

Depois de darmos o consentimento para o anúncio, no dia seguinte, na rádio, na televisão e em todos os jornais saiu o comunicado oficial sobre a doença de Vanga e o seu tratamento. As pessoas ficaram em choque. Todos viviam com a ideia de que Vanga era eterna, que estaria sempre connosco e sempre nos ajudaria. Muitos não queriam acreditar que também ela era mortal.

Na verdade, devo esclarecer que, no fim de contas, Vanga não morreu de cancro, mas de exaustão e desidratação. Como disse, o cancro estava calcificado e no fígado havia apenas 2 metástases, o que, segundo os especialistas, lhe dava hipótese, dada a idade, de viver ainda anos. Mas com a entrada de grande quantidade de fluidos no organismo primeiro falharam os rins, depois o coração e isso acabou por causar a morte. Mas esta é a nossa opinião e a causa formal, porque ela sabia que simplesmente cumprira o seu caminho e tinha de partir deste mundo.

A 6 de agosto a nossa igreja ortodoxa celebra a Transfiguração do Senhor. Fui com a minha mãe a um mosteiro próximo rezar pela saúde de Vanga. Nesse dia nas igrejas distribui-se uva. Algumas pessoas conheciam-nos e, num instante, todos os fiéis do mosteiro correram para nós. Davam-nos cachos do fruto benzido para levarmos a Vanga, para que comesse e ficasse curada. Não tínhamos nenhuma mala. As nossas mãos encheram-se de cachos aromáticos. Levámos depois a Vanga e humedecemos os seus lábios gretados com um pouco de sumo de uva. Pela expressão dela percebemos que estava contente porque lhe fora oferecido pelas pessoas.

Nesse mesmo dia a imprensa noticiou que em Tchech – região dos Ródopes com população búlgaro-muçulmana compacta – as pessoas de cinco aldeias, juntamente com os seus hodjas, tinham começado orações dia e noite nas mesquitas para que Alá desse saúde a Vanga. Amavam-na e respeitavam-na porque Vanga não distinguia as pessoas por religião ou nacionalidade e ajudava a todos por igual.

Os búlgaros cristãos também faziam orações e vigílias pela saúde de Vanga. Recebíamos muitas cartas e telegramas de todos os cantos do país em que pessoas completamente desconhecidas nos ofereciam qualquer ajuda e nos encorajavam a manter a compostura nesses dias difíceis e angustiantes. Geralmente as cartas chegavam-nos através das redações dos jornais.

Para toda a vida ficarei grata a essas pessoas porque, com a sua solidariedade e compreensão, davam-nos força e confiança de que na desgraça não estávamos sós.

Na verdade tudo se passava como num sonho ou num filme em que participávamos. A 10 de agosto ao meio-dia Vanga parecia estar melhor do que antes. Como se estivesse a melhorar. Falava de forma mais compreensível e com mais força. Estávamos à volta dela eu, o meu irmão, a minha mãe e a minha irmã. Falávamos de que o rosto dela estava fresco e que provavelmente estava a recuperar. Mas de repente a nossa tia começou a falar de outra coisa. Disse à irmã, a nossa mãe, que quando morresse ela tinha o dever de cumprir todo o ritual cristão do enterro, porque esse é o dever dos familiares do falecido.

Determinou com todo o pormenor as roupas com que queria ser enterrada e onde exatamente estavam em casa dela em Petrich. Preparara-as há muito. Disse quem queria que carregasse o caixão – oito homens, todos de nome Dimitar. Não era nenhum problema – Vanga, como já escrevi, era madrinha de muitas crianças e muitos têm o nome Dimitar, o nome do marido amado que morrera aos 42 anos. O meu irmão também tem esse nome.

Ficou claro que Vanga se despedia de nós. Na maior parte do tempo falava ela e nós calávamos. A cada um de nós deu conselhos sobre como seguir a vida daqui em diante, como preservar as famílias, como educar os

filhos, como cuidar sobretudo das nossas almas. E a todas as pessoas deixou o mais belo testamento: «Amai-vos uns aos outros porque todos sois meus filhos!»

Compreendíamos muito bem porque a conversa era conduzida de forma tão direcionada. Os nossos corações contraíam-se de dor, mas Vanga não permitia que a cena se tornasse lúgubre. Estava desperta, calma, até feliz por estarmos ao seu lado. Segurava continuamente a mão da minha irmã e só se sentia bem se ela estivesse ali. Falava com voz tranquila, como se não se tratasse da sua morte, mas da de outra pessoa – sem medo nem inquietação. Falava de forma prática como uma dona de casa que vai de férias e dá instruções aos familiares sobre como gerir a casa na sua ausência. Embora seja absurdo mencioná-lo aqui, mais uma vez me maravilhei com o seu autocontrolo e firmeza.

Nem com uma palavra se queixou, não exprimiu arrependimento; pelo contrário, ela, a moribunda, inundava-nos de bondade e amor e sentimo-nos de algum modo protegidos junto ao seu leito de morte. Do ponto de vista psicológico o momento é impossível de descrever – não há palavras para os sentimentos que se entrelaçavam em nós: estávamos de algum modo calmos, mesmo depois de tudo o que ouvíramos, e ninguém chorou. Mas para isso tínhamos experiência desde pequenos. Vanga ensinara-nos e não nos permitia chorar por pessoas falecidas porque assim impedimos as suas almas de se elevarem e puxamo-las para baixo, para a nossa dor.

Não me lembro como chegámos a casa. Já não restava qualquer dúvida de que a vida de Vanga contava os seus últimos momentos na Terra.

Mas nessa mesma noite (10 de agosto, sábado) ela melhorou bruscamente. O rosto clareou, as faces coraram. Estava desperta e de muito bom humor – contou-me a minha irmã. Pediu que a lavassem bem – o rosto, as mãos, todo o corpo. Pediu até que lhe pusessem perfume. A minha irmã tinha continuamente a sensação de que à volta da cama se formava uma espécie de nuvem invisível e trémula – como miragem, mas atribuía-o ao cansaço. Num momento Vanga pareceu feliz porque disse que via todos os familiares e amigos mortos à sua volta. Falava com eles. Até os convidava a sentar-se ao seu lado. Nomeou o marido, o pai, a mãe, o nosso pai, muitas amigas já falecidas.

Durante o meio hora seguinte conversou com os mortos. Estava muito animada e excitada. Virou a cabeça para a esquerda, para a janela do quarto do hospital, onde segundo ela estava o pai, e disse-lhe que na manhã seguinte iria ter com ele. Depois declarou solenemente: «E os anjos vieram esperar-me.» E algo muito estranho: «E os animais do planeta vieram.» Depois disse à minha irmã que estava com fome e queria água e pão. Trouxeram-lhe um copo de água. Bebeu três golinhos e, estranhamente, pediu também à minha irmã

que bebesse – igualmente três golinhos. Que ritual era aquele, não conseguimos explicar. A minha irmã pediu à auxiliar que preparasse um pouco de popara. Mas onde encontrar pão às cinco da manhã? Enquanto se agitavam e procuravam, o estado de Vanga piorou de repente. A respiração tornou-se difícil. A equipa de serviço pôs-se em movimento. Durante várias horas fizeram o necessário, mas ela piorava cada vez mais. Lá para as 9 da manhã do dia seguinte, domingo, decidiram fazer traqueotomia – um corte na garganta onde se introduz um tubinho para o doente respirar. Exatamente quando iam começar o procedimento – às 10:05, a eletricidade cortou de repente e o aparelho não funcionou. Foi questão de segundos. Às 10:10 Vanga entregou a alma a Deus.

Quando a minha irmã ligou a dizer que a nossa tia acabara de morrer, foi como se uma bomba explodisse em minha casa. Não conseguíamos acreditar. Animados pelo bom estado dela durante a noite, preparávamo-nos para ir ao hospital vê-la. O telefonema apanhou-nos à porta… A partir daí começou o grande pesadelo…

A minha mãe entrou em choque. E como não! Ficava neste mundo completamente sozinha, sem Vanga, que não era apenas sua irmã, mas mãe; era para ela muito mais, era tudo. Ainda bem que nos tinha a nós, os filhos! Andávamos sem sentido de um lado para o outro pelos quartos e não conseguíamos organizar-nos nem concentrar-nos em nada. Tínhamos de arranjar trigo e partir para Rupite para preparar o enterro.

Quando ao fim da tarde chegámos ao local, já lá estavam muitas pessoas. Tinham sabido pela rádio que Vanga morrera e acorreram à casinha dela e à igreja. Quando chegámos, a câmara municipal de Petrich, onde Vanga vivera antes de se instalar em Rupite e em cujo território fica a famosa localidade, juntamente com a fundação «Vanga», tinham tomado a iniciativa nas suas mãos. Por todo o lado havia polícias e seguranças para manter a ordem. As pessoas chegavam continuamente, embora se soubesse que o corpo de Vanga só seria trazido para velório no dia seguinte, segunda-feira, por volta das 18 horas.

Durante toda a noite pessoas chorosas e em oração pela sua alma acendiam velas diante e dentro da igreja e ninguém pensava em ir-se embora. No dia seguinte toda a localidade escureceu de tanta gente. Centenas de enlutados chegavam em autocarros de todos os cantos do país. Vieram familiares de Strumica, na Macedónia, terra natal de Vanga. Havia também amigos dela da Grécia. Em Petrich foi declarado dia de luto e em todos os edifícios públicos tremulavam bandeiras negras. O sino em Rupite tocava desde cedo pelo falecido. Esse 12 de agosto pareceu-me o dia mais quente da minha vida. Ao meio-dia os termómetros já marcavam 40 graus. Por volta dessa hora chegou para prestar homenagem o primeiro dos dignitários oficiais, o atual presidente senhor Petar Stoianov, então candidato a presidente.

Apresentou-nos condolências, disse algumas palavras a cada um. Os jornalistas que o rodeavam lembraram imediatamente que em maio, quando visitara Vanga, ela lhe previra que seria o futuro presidente da Bulgária. E mais uma vez não se enganara.

Por volta das 19:00 trouxeram o corpo de Vanga. Estava num caixão branco, até maquilhada. Pensei, de forma muito absurda, que se estivesse a ver de algum lado certamente se indignaria terrivelmente. Vanga não aprovava produtos cosméticos como forma de embelezamento. Dizia que Deus deu a cada um a sua beleza natural e que quem quisesse parecer mais belo fizesse boas ações para que a alma se elevasse e ela iluminasse o rosto com verdadeira beleza.

Levaram Vanga para dentro da igreja e colocaram-na no meio sobre uma espécie de enorme frigorífico, convenientemente coberto com tecido, porque o calor era insuportável e o corpo não se conservaria até ao enterro no dia seguinte. Começou o velório. Nós fizemos a vénia e sentámo-nos à volta do caixão. A fila de pessoas parecia não ter fim. Tive a sensação de que toda a Bulgária estava ali. A minha mãe ficara completamente sem forças de tanta dor, mas aguentámo-nos. Tínhamos de aguentar.

Fez-me excelente impressão a presença do então embaixador russo Aleksandar Avdeev, que também veio prestar homenagem a Vanga. Era um ardente admirador e amigo dela e visitara-a várias vezes. Mas perante os jornalistas declarou que prestava homenagem não só em nome próprio, mas sobretudo em nome de todo o povo russo, que conhece Vanga e se curva com enorme respeito perante o seu dom e amor ao próximo.

Os jornalistas tiveram muito trabalho. Durante toda a noite entrevistaram centenas de pessoas e isso foi como que a verdadeira homenagem. Apesar da dor e do cansaço, os visitantes partilhavam de bom grado os seus encontros com Vanga e contavam como ela os ajudara a resolver os seus diversos problemas. Os blocos dos jornalistas inchavam com as mais diversas histórias e dramas humanos desenlaçados exatamente ali, naquele lugar, pela sacerdotisa cega.

Como exultaria a alma de Vanga com a gratidão humana! Vieram jornalistas de agências mundiais – Reuters, France Presse, BBC – e transmitiam diretamente para as suas agências tudo o que se passava em Rupite. Através deles todo o mundo se associava à dor dos búlgaros. Os jornalistas estrangeiros simplesmente não sabiam como descrever o que viam, porque é realmente muito raro ver mais de 15 000 pessoas sinceramente enlutadas e sofridas que, de forma consciente, partilham que com a morte de Vanga partiu também uma parte delas.

Infelizmente o último desejo da minha tia não foi cumprido. A nossa palavra como parentes de sangue e testemunhas das suas últimas vontades

não foi tida em conta. Os organizadores da cerimónia fúnebre, como já referi, foram pessoas estranhas, oficialmente encarregadas pela câmara municipal de Petrich e pela fundação «Vanga». Não fomos convidados a fazer parte da comissão. Essas pessoas nem nos incluíram no «guião». Isso acabou de destroçar a minha mãe porque, como toda a mulher idosa sabe, é grande pecado não cumprir o último desejo de um familiar moribundo. Não conseguimos convencer os organizadores nem que os «Dimitar» carregassem o caixão, nem que a sepultura fosse no local por ela indicado – no jardim, entre as flores, diante da sua modesta casinha.

A sepultura, segundo algum projeto arquitetónico, devia ficar à direita da igreja para não perturbar a harmonia arquitetónica de um futuro complexo turístico. Simplesmente ficámos de lado, como parte dos visitantes, e sofríamos profundamente por não conseguirmos cumprir o último desejo de Vanga. E dificilmente aprovaria um enterro tão aparatoso com a presença de todos os nossos políticos e estadistas. Só se alegraria com as pessoas comuns que a amavam sinceramente e a choravam de alma, porque eram elas o seu mundo e a sua vida.

No dia anterior ao funeral, 13 de agosto, terça-feira, vieram prestar homenagem o então presidente dr. Jélio Jélév, todo o conselho de ministros, o presidente da Assembleia Nacional, o procurador-geral da república, muitos deputados e diplomatas estrangeiros. O caminho para Rupite estava engarrafado por carros de luxo. A polícia e os guarda-costas dos ilustres homens (e mulheres) do Estado abriram imediatamente caminho até à igreja e afastaram as pessoas dela. Quando entrámos, eles alinharam-se à volta do caixão e o ofício fúnebre começou.

Que Deus me perdoe se estiver errado, mas poucos daqueles homens sofreram sinceramente pela perda de Vanga. Via como a maior parte deles, naquele momento e naquele lugar, não esquecia de se posicionar de forma adequada para serem captados pelas câmaras de televisão na pose mais conveniente. O ofício fúnebre e o enterro foram transmitidos em direto pelos nossos meios de comunicação eletrónicos, e aproximavam-se eleições, pelo que muitos dos nossos políticos provavelmente decidiram que não seria mau os futuros eleitores os vissem também naquele evento. Não hesitaram em aproveitar-se de Vanga mesmo depois da sua morte.

Após o ofício fúnebre, todos saíram para o exterior, diante da sepultura já preparada. As pessoas olhavam com espanto o último lar de Vanga. Como a igreja fora construída contra a vontade da minha tia no leito seco do rio Struma, quando começaram a cavar a sepultura, a água não parava de brotar do buraco, por isso verteram betão e a sepultura passou a parecer uma espécie de poço. Por cima da argamassa ainda húmida colaram azulejos de terracota. No fundo colocaram uma estrutura de madeira, de modo que o caixão ficasse a cerca de meio metro de distância. Os crentes benziam-se e murmuravam entre

si que era grande pecado um cristão ser sepultado numa sepultura assim, porque devia estar em contacto com a terra. Não diz a Bíblia que do pó foste feito e ao pó hás de voltar após a morte? Com aquela imitação de tumba romana, toda a simbologia do ritual cristão perdia o sentido.

Pelos altifalantes especialmente montados irrompeu música fúnebre. A minha mãe queria muito que no funeral da irmã cantasse um coro ortodoxo, mas não a deixaram convidar cantores. Diante do microfone, o senhor Cholakov, presidente da câmara de Petrich, pronunciou um discurso fúnebre. Como era uma pessoa estranha à família e não conhecia a vida de Vanga, copiara cuidadosamente a biografia dela dos meus livros. Fez também um discurso o pintor Svetlin Roussev, que tanto contribuíra para os grandes desgostos de Vanga nos seus últimos dias.

A minha mãe, na minha opinião a única que tinha direito a exprimir em voz alta a sua dor pela perda tão pesada, não estava prevista nos discursos. Todo o ritual parecia um funeral partidário, comunista, do nosso passado recente – com ordem e disciplina, mas sem «alma» e sem sentimentos. E isso foi sentido por muitos dos presentes. Realmente, pelo menos na morte, Vanga não merecia tal sorte! Após os «discursos», desceram o caixão e colocaram-no na estrutura de madeira, por cima puseram duas filas de blocos metálicos, depois uma lona, em cima uma montanha de terra e, sobre ela, outra montanha de coroas e flores de luto. Assim despedimo-nos de Vanga!

Do grande desgosto, do calor, de tudo o que se passava à volta do funeral, muitas pessoas desmaiavam. Três equipas médicas circulavam constantemente pelo prado, reanimando os que não resistiam. Os jornalistas e as entidades oficiais preparavam-se para partir. Pouco a pouco o prado esvaziava-se e a tensão diminuía. Tornava-se de alguma forma mais calmo e mais adequado ficar em silêncio junto da sepultura e, já de coração, rezar pela alma de Vanga. Muitas pessoas ficaram e fizeram exatamente isso. Eram os amigos mais fiéis de Vanga.

Mas também em Sófia ela tinha não poucos assim. O conhecido poeta búlgaro Liubomir Levchev, amigo de longa data de Vanga, elevou-se com a sua voz acima da vã vaidade humana e partilhou perante um grande auditório o seguinte: «O mais incrível, o mais espantoso que conheço é Vanga. Mais de 20 anos de amizade rigorosa e inestimável com ela convenceram-me disso. Ela não pode ser definida por nós. Ela é a única testemunha daquilo que ainda não aconteceu. E as leis de que nos servimos não reconhecem a testemunha única.

Aqueles que ingenuamente tentam apresentar-nos Vanga como santa chocam imediatamente com os cânones da Igreja. Em geral, não existe nenhuma lei que caiba a Vanga. Ainda mais lamentáveis são os cientistas que tentam negar a sua capacidade. Perante Vanga estamos exatamente como

quem está perante a verdade. Ela é sempre maior do que nós e nunca a podemos abarcar por completo. Aquilo que mais me deixou atordoado foi a simplicidade e a normalidade da pessoa física Vanga.

Entrámos em contacto por desejo dela. Logo no nosso primeiro encontro declarei-lhe que nunca lhe perguntaria nada sobre mim próprio, mas que estava pronto a ouvir dela tudo, mesmo o mais terrível. E nunca quebrei essa regra. E ela avisou-me várias vezes sobre perigos futuros que tinham raiz em mim. Salvou-me a vida. É incompreensível a franqueza cortante e, ao mesmo tempo, a delicadeza dos seus reparos. Aqui lembro-me de Pascal, que dizia que a verdade sempre nos repreende. Vou parar com as recordações pessoais antes mesmo de as ter começado, porque a minha gratidão infinita só pode rebaixar a ideia de Vanga. Ela não precisa dos meus testemunhos e eu digo-os por causa daqueles que não a conheceram, que não se encontrarão com ela e que a verão como uma nebulosa de lendas místicas.

Quando era criança imaginava que as estrelas eram pequenas janelinhas redondas através das quais se via a luz de algo infinitamente belo, bem-aventurado e transcendente. Depois estudei a teoria de Kant-Laplace, a de Jeans-Jeffreys e outras teorias sobre o Universo. E eis que hoje não consigo comparar Vanga com nada mais sincero do que uma dessas janelinhas através das quais chega até nós um raio daquela eternidade que tudo contém, onde passado, presente e futuro são o mesmo tempo.

Vanga é uma voz. Mas nunca compreenderemos quem fala. Até ontem a voz vinha deste lado. A partir de hoje falará do outro lado da janelinha. Mas então quem ouvirá? Alguma vez conseguiremos pedir desculpa a essa voz pelos sofrimentos que lhe causámos? Pela incredulidade nela. Pela baixa suspeita. Ou por a termos interrogado sobre onde se esconde algum sabotador, ou onde estão enterrados os dinheiros do avô, ou com quem o marido nos trai… E não lhe termos pedido que nos abrisse os olhos para alguma verdade que nos tornasse mais dignos. De que seres extraterrestres falamos nós? De que discos voadores deliramos, se não conseguimos aceitar Vanga de outra forma que não como adivinha, profetisa, sensitiva, milagre, fenómeno?

Conheço boas pessoas que tinham medo de ir ter com Vanga. Mas o que mais pode chamar-se ao nosso melhor relacionamento com ela senão medo? Eu, porém, sinto maior tristeza e medo ao pensar que Vanga se foi. Que vazio ficará no fundo do vulcão Kojuh e no nosso próprio fundo! Então uns acalmar-se-ão, outros lançar-se-ão a exaltá-la. Mas guardemos pelo menos uma pequena lição dela: obrigada a ouvir incessantemente as dores e os sofrimentos, obrigada a dizer continuamente a verdade numa época de mentiras agressivas, cercada de incredulidade, curiosidade descarada e ingratidão – Vanga nunca foi voz de desespero. Por isso…

“NÃO DIGAM «ADEUS» A VANGA.”

JUNTO DE VANGA Diante da tua porta de madeira, anos a fio, de dia e de noite, aglomera-se gente com problemas diversos, com fardos insuportáveis, com esperança e fé em mais vida ainda. Nem no frio, nem no calor a multidão para, pois o destino cruel junta-os junto a ti, sempre sofrimentos humanos, reunidos na desgraça, esperam – que os alimentes de felicidade. A família ruiu, o marido abandonou-me, suspira comovida uma mulher jovem, os filhos pequenos o pai esqueceu, fiquei sem ajuda na vida, sozinha. Uma velhinha de bengala coloca-se diante de Vanga, pergunta-lhe com esperança – mana, diz-me, sou mulher sozinha, o que me resta, para onde poderia ir, diz-me?

Aproxima-se também uma mãe vestida de negro, o peito aperta-se-lhe de dor sem medida. Ficou o meu filho, perdeu-se de bebida no estrangeiro de saudades da aldeia e da pátria. Uma mulher bonita aproxima-se, eis, nos olhos azuis brilha-lhe uma lágrima. Perdi o marido, as crianças… as duas, cruel se revelou o meu destino. E inconsolável começa a chorar, a alma coitada amargou de dor – de um segundo casamento tenho um filhinho, mas o primeiro destino matou-me sem piedade. O teu orgulho tirou-te tudo. E o orgulho é uma queda terrível. Desde sempre, para todos, até hoje Deus destinou um companheiro por ordem. E assim é, anos a fio a multidão diante da tua porta não para com dores infinitas, com perguntas sem conta… Vanga encontra consolo para todos. Liubka Gaiguurova

IN MEMORIAM

Por ocasião do terceiro aniversário da morte de Vanga, em 1999, fiz uma emissão na Nova Televizia e intitulei-a «Assim disse Vanga». Convidei como interlocutores várias pessoas com quem falei sobre o dom de Vanga e sobre a ajuda que delas receberam.

A emissão era transmitida à noite durante o mês de agosto – antes e depois da data da morte de Vanga – e teve enorme repercussão pública. Começaram a telefonar-me muitas pessoas, até do interior do país, que queriam aparecer diante da câmara e contar as suas experiências nos encontros com Vanga. Recebi também muitas cartas, até livros dedicados ao seu dom. Para ser sincero, não esperava tão grande interesse: na nossa ansiedade quotidiana, parece-me que esquecemos rapidamente tudo o que não acontece no presente, mas eis que as pessoas me desmentiram – a imagem de Vanga está viva, vivos estão também as recordações dela, as suas mensagens, e isso é maravilhoso!

Criámos todo o tipo de escolas e cursos – de línguas, de moda, de artes marciais, de autodefesa… Só não criámos uma escola para aprender a amar-nos uns aos outros, e Vanga mostra-nos ainda agora como se faz isso.

As páginas seguintes são parte das confissões dos meus interlocutores na emissão televisiva. Quero agradecer a todos os que vieram ao estúdio.

Ao mesmo tempo peço desculpa àqueles a quem não consegui telefonar e pedir autorização para publicar os seus relatos. Mas acredito que os bons sentimentos que provocarão nos leitores justificarão essa falha.

LIUBOMIR GUÉORGUIEV

Engenheiro

Antes de se casar e antes de eu nascer, o meu pai foi motorista de artistas que viajavam por todo o país para dar concertos. Um dia partiram para Petrich. Pelo caminho, um dos artistas lembrou-se de que ouvira falar de uma famosa vidente que vivia na cidade e propôs que no dia seguinte a visitassem para ela lhes ler a sina. No dia seguinte, logo de manhã cedo, todo o grupo estava diante da porta de Vanga. O meu pai ficou de lado, no fim da rua, porque via que não tinha hipóteses de entrar. Já desde muito cedo havia uma enorme fila diante da porta dela. Esperaram bastante, mas tornava-se claro que talvez nem conseguissem entrar.

A surpresa do meu pai foi grande quando Vanga saiu e o chamou pelo nome, convidando-o depois a entrar na salinha onde recebia os visitantes. Disse-lhe que estava na hora de ele tomar aquela rapariga loira que já conhecia, porque ela lhe traria sorte como esposa, e acrescentou que, quando lhes nascesse um filho, queria batizá-lo e ser madrinha.

De facto, algum tempo depois o meu pai casou com a minha mãe. Em 1958-1959 trabalhava como motorista na embaixada israelita. Um dia, enquanto lavava o carro, entrou no pátio um homem que perguntou por Dimitar, ou seja, disse o nome do meu pai. Naqueles tempos conturbados, como o meu pai não conhecia o visitante, disse que Dimitar não estava, mas perguntou para que o procurava. O homem (Petar Danailov – depois nosso amigo de muitos anos) disse que o mandava Vanga e que reconheceria a pessoa porque estaria calçado com botas. O meu pai estava de botas porque lavava o carro. Quando viu que fora descoberto, admitiu que era ele a pessoa procurada. O visitante disse que fora enviado por Vanga com a mensagem de que ela sabia que Dimitar tinha há poucos dias um filho – um rapaz – e esperava para o batizar, tal como ela própria propusera anos antes.

Fui batizado por ela um ano depois, em Sófia, na igreja de Santa Petka. Vanga veio do Petrich para a cerimónia, acompanhada pela irmã Liubka. A

minha família, a de Petar Danailov e Vanga tornaram-se próximas. Íamos visitá-la de vez em quando, até dormíamos em casa dela. Uma noite tiveram de dormir os quatro juntos num quarto da casa de Vanga, mas durante a noite acordaram assustados porque sentiram algo passar-lhes pelos pés e depois ouviram pancadas. Assustados, chamaram Vanga, que lhes disse para não terem medo, porque era a Santa Virgem.

Em 1975, um dia fui visitar Vanga e ela perguntou-me como ia na escola. Orgulhosamente declarei-lhe que me tinham eleito secretário do Komsomol da turma e que seria escolhido juiz popular. Vanga ouviu-me e depois perguntou-me, muito irónica, quanto me pagariam por esses cargos. E depois deixou-me muito perturbado com a pergunta: «Porque rejeitas a igreja?» Até então nem pensara nisso, porque não era muito crente e o tema parecia-me distante. Mas depois do tom dela acrescentou: «Uma coisa é a ideia, outra completamente diferente é a fé.» Com essa frase foi como se algo se virasse dentro de mim e comecei a ler literatura cristã e a Bíblia. Li muitas obras dos pais da Igreja e foi como se me tornasse outra pessoa. Tenho agora um olhar completamente diferente sobre a vida.

Vanga dissera-me que fosse ter com ela e lhe perguntasse tudo o que me preocupava. Quando era jovem, em casa às vezes não me sentia bem, mas quando ia ter com Vanga a Rupite, acalmava-me.

Um dia fui visitá-la e ela disse-me: «Porque vens, não tens problemas?» Respondi: «Mãe, vim só para te ver, para conversarmos!» E ela respondeu-me que não era como os outros, para perder tempo em conversa fiada, porque lá fora havia muitas pessoas à espera.

Em 1988 um vizinho teve um enfarte e esteve internado no Pirogov. Quando saiu, pediu-me que o levasse a Vanga. Fomos, entrámos. Vanga disse-lhe que a doença era de medo e receitou-lhe um remédio estranho: que matasse um galo e lhe tirasse o coração, que o deixasse uma noite em vinho tinto e no dia seguinte levasse o frasco com o coração lá. Decidimos não regressar a Sófia e fazer tudo ali.

De amigos em Petrich arranjámos um galo e o vizinho matou-o com muita dificuldade – pensei que ia ter um segundo enfarte. Depois deram-nos vinho e pusemos lá o coração do galo. Na manhã seguinte, bem cedo, fomos com tudo para Rupite. Vanga pegou no recipiente, rezou qualquer coisa em voz baixa, rodou-o nas mãos e depois disse ao vizinho que assasse o coração e o comesse, e que durante uma semana bebesse um gole do vinho do frasco.

O vizinho melhorou e está vivo e de boa saúde até hoje.

Formei-me com muitas peripécias no Instituto de Minas e Geologia. Quando recebi o diploma, fui ter com a madrinha com uma caixa de bombons para lhe dizer que já tinha ensino superior e também para a informar que

decidira ir para a Alemanha, porque aqui não via possibilidades de realização. Vanga disse-me: «Se decidiste, vai, vai, mas lembra-te de que tens uma pátria e duas mães!»

Em 1990, com a Lucy, agora minha mulher, éramos namorados. Fui com ela dizer à madrinha que nos íamos casar e ela queimou-me completamente porque disse que aquela rapariga não era para mim. Fiquei muito triste, mas decidi separar-me da Lucy e parti para o estrangeiro dois anos. Mas não conseguia esquecê-la. A Lucy estava constantemente nos meus pensamentos. Quando regressei à Bulgária, liguei-lhe, fui buscá-la e decidimos ir ter com Vanga para lhe dizer que me casaria com aquela mulher, dissesse ela o que dissesse. Mas aqui vivi nova surpresa. Vanga não só concordou que era a mulher certa para mim, como se ofereceu para nos casar. Quando lhe perguntei porque da vez anterior dissera que não éramos um para o outro, Vanga respondeu-me que eu não estava preparado para casar com aquela mulher.

Queríamos casar na inauguração da igreja dela em Rupite, a 14 de outubro de 1994, mas Vanga disse que então não seria bom, porque haveria muita gente na consagração.

Assim casámos um mês depois. O casamento realizou-se na casinha de Vanga, porque ela disse que lhe doíam as pernas e não podia mexer-se. Depois fomos à igreja, mas só com o padre. Vanga não estava connosco.

Antes de entrarmos na sala onde íamos ser casados, descalcei-me à porta. Vanga era muito limpa e não suportava que alguém andasse de sapatos nos tapetes. Assim entrei para o casamento descalço, só de meias. E exatamente quando ia começar a cerimónia, ela gritou: «Quem está aqui descalço? O noivo? Ah, não, calça-te! Noivo descalço não se casa!»

Após a cerimónia Vanga abençoou-nos – que fôssemos saudáveis, tivéssemos descendência, a vida nos corresse bem! Sentir-nos-emos sempre protegidos pela bênção dela. Nasceu-nos um filho que já tem três anos.

Lembro-me de que há anos levei a Vanga um primo nosso. Disse-me que tinha discopatia. Levei-o, deixei-o lá dentro com Vanga e saí para esperar. Mal fechara a porta, ouvi Vanga zangar-se muito com o primo. Até me senti mal e afastei-me. Quando saiu, perguntou-me da porta se eu não teria dito alguma coisa a Vanga sobre ele. Disse-lhe que não, que ela não me perguntara nada. Mas ele estava bastante abatido e a tremer. O primo tentara enganar-me dizendo que estava doente para eu o levar a Vanga, quando na verdade queria perguntar se se devia divorciar da mulher, mas Vanga desmascarou-o imediatamente. Mentiras dessas não passavam com ela.

27.III.1999

BORIS GODJUNOV

Cantor de variedades

Em 1967 tivemos um concerto em Petrich com a orquestra de Chalashkanov. Após o concerto no centro cultural, aproximou-se de mim uma mulher, disse que era a tia Liubka e que era irmã de Vanga. Quando ouvi isso, confidenciei-lhe que queria muito ir ter com Vanga, e a tia Liubka aconselhou-me a ir no dia seguinte bem cedo a casa dela. Quando lá cheguei, vi que já havia muita gente à entrada. Esperei um pouco. A certa altura saiu a tia Liubka lá de dentro e disse que Vanga me chamava. Duvido que fosse bem assim, porque logo da porta Vanga gritou-me: «Tu como entraste aqui?» Fiquei atrapalhado e não sabia o que responder. Ela vira que eu passara à frente de muita gente e por isso ralhou comigo. A irmã fez-me sinal para eu me calar.

Depois Vanga perguntou-me: «Porque abandonaste o VITIZ?» Eu terminara o terceiro ano e abandonara o instituto, e Vanga continuou que tinha de o concluir. Disse-me ainda outras coisas que já não recordo, mas ao despedir-se recomendou-me que nunca tirasse os óculos. Disse-lhe que não usava óculos. Usas, usas, insistiu ela. Depois interpretei que se referia aos óculos cor-de-rosa do otimismo, que ela me recomendava nunca tirar da cara. Apesar de tudo o que vivi, continuo otimista até hoje.

Em 1971 sofri um terrível acidente, sobre o qual Vanga me avisara duas semanas antes de forma muito estranha. Sonhei com uma mulher vestida de negro e rosto branco como giz, sem olhos. Para mim era Vanga. Disse-me para nunca subir a um avião se nele viajássemos 13 pessoas. Acordei assustado com o pesadelo. No dia seguinte tínhamos de viajar com a orquestra para Varna para cantar na festa dos estudantes a 8 de dezembro. Fui ao aeroporto, declarei firmemente aos colegas que não viajaria com eles e contei-lhes o sonho. Ficaram muito admirados, mas depois o diretor da orquestra disse-me que dois músicos tinham partido no dia anterior de comboio – ou seja, não éramos 13 e eu podia subir ao avião tranquilamente. Viajámos sem incidentes tanto na ida como na volta, comecei a esquecer o sonho.

A 21 de dezembro, pouco antes da meia-noite, partíamos um grande grupo para a Argélia. Tínhamos lá um programa por ocasião dos dias da cultura búlgara. Éramos muitas pessoas – cerca de 70. Nós, eu e os músicos da orquestra, éramos em composição completa 13 pessoas. Um deles, antes de embarcarmos no avião, comentou que as coisas nos corriam bem, porque, quando regressássemos da Argélia, partiríamos para trabalhar seis meses na Alemanha – os contratos já estavam assinados. De bom humor, subimos ao avião. Um colega convidou-me a sentar-me com ele mais à frente, mas eu preferi ficar com os outros colegas, não sei porquê, num lugar de trás – mesmo junto à cauda.

Tinha no bolso um sudjuk e pensava comer e beber bem. O avião começou a rolar, ganhou velocidade e iniciou a descolagem, mas a cerca de 40 metros do solo e ainda no fim da pista virou para a esquerda e cravou o nariz na terra. Não consigo descrever-vos o pesadelo que vivi, mas fiquei vivo, enquanto 35 pessoas dos lugares da frente morreram no local. Naquela altura morreu também a cantora Pasha Hristova, e dos lugares da frente só sobreviveu a cantora Maria Neikova. Alguns dias depois lembrei-me do sonho e do aviso de Vanga.

Durante muito tempo não consegui recuperar do acidente, por isso decidi ir ter com Vanga. «Oh, que medo tens!», começou ela logo da porta. «Mas acalma-te, porque já passou. Vais recuperar-te, mas tem cuidado com a água.» Perguntava-me o que significaria aquilo tudo. Sou muito bom nadador e não tenho medo da água. Onze anos depois compreendi o que queria dizer – em consequência do stress do acidente, diagnosticaram-me diabetes, e essa, como sabem, é uma doença em que se bebe muita água.

Em 1978 passei por um divórcio muito doloroso com Emília. Apesar de ela me ter causado muita dor, a mim e também ao nosso filho, eu não conseguia tirá-la dos meus pensamentos. Isso simplesmente destruía-me. Comecei a pensar no suicídio. Um dia decidi ir ter com Vanga.

Fui a Rupite e ela disse-me: «Porque pensas em suicidar-te?» Fiquei completamente atónito. Eram pensamentos que nunca tinha dito em voz alta e que só eu sabia, mas eis que não era só eu… Vanga disse-me: «Vou ajudar-te a livrar-te dos pensamentos obsessivos e da tua mente possuída por Emília. Vai a casa e traz-me um copo para água e um anel.»

Regressei a Sófia, peguei nas coisas e levei-as a Vanga. Ela segurou-as nas mãos, murmurou qualquer coisa sobre elas, depois disse-me para levar o copo para casa e, se Emília aparecesse, oferecer-lhe água nele, e para colocar o anel num lugar específico no apartamento dela. Ao despedir-me, Vanga disse-me que, apenas um mês depois, me libertaria daquele peso e encontraria uma mulher que seria como um sol na minha vida e que o seria até ao fim.

Esta é uma confissão que faço pela primeira vez na vida, e publicamente. A minha atual mulher não sabe destas palavras de Vanga e vai ouvi-las agora pela primeira vez, mas espero que não se zangue comigo por não lhe ter dito até hoje…

Para mim Vanga está viva e estará sempre viva. Quando tenho problemas, converso mentalmente com ela e sinto-me mais leve, e se tenho provas pela frente, continuo a sonhá-la como antes e cumpro tudo o que me diz em sonho. Acho que me ajuda em tudo ainda hoje.

27.III.1999

IANKA TAKEVA

Presidente do Sindicato dos Professores Búlgaros

Em 1969, Liubo, o meu marido, trabalhava no Ministério da Eletrónica. Nessa altura estavam a construir em Petrich a Fábrica de Instrumentos de Medição e decidi ir com ele. Liubo arranjou-me também uma ordem de serviço. Quando chegámos, fui à rua «Opalchenska» n.º 10, onde era e é a casa de Vanga, mas não consegui encontrar-me com ela. O guarda expulsou-me. Então dirigi-me para a estação de autocarros para esperar pelo Liubo. Ia a chorar pelo caminho por não ter conseguido ver Vanga.

Na rua encontrou-me uma mulher desconhecida e perguntou-me porque chorava. Expliquei-lhe. «É difícil entrar em casa de Vanga», disse-me ela, «mas podemos inscrever-te e, quando chegar a tua vez, chamamos-te.» E assim foi. Cerca de um mês depois a mulher telefonou-me. Chamava-se Iana e era mulher do chefe da polícia de Petrich – Tomcho. Um mês depois voltei a Petrich. Já estava grávida. Entrei em casa de Vanga e ela disse-me: «São boas pessoas, vão ter filhos e eu serei vossa madrinha.» Eu orgulhei-me de lhe dizer que já estava grávida, mas ela repetiu várias vezes: «Quando engravidar e quando tiver o filho, serei vossa madrinha!» Eu tornava a dizer-lhe que já estava grávida, mas ela parecia não ouvir essa frase e repetia – quando engravidar e tiver o filho, serei vossa madrinha.

Dois dias depois de regressar de Petrich, tive um aborto espontâneo e perdi o bebé.

Quando, mais tarde, soube novamente que ia ser mãe e se aproximava a data do parto, telefonei outra vez à mulher desconhecida. O marido dela foi falar com Vanga. Depois da visita telefonou-me para casa: «Vanga disse que ainda é cedo para dar nome à criança, dirá quando nascer, mas neste caso dá à mãe a possibilidade de escolher previamente o nome.»

Nesse mesmo dia, à tarde, a 30 de maio, começaram as dores de parto. Levaram-me para o Primeiro Hospital da Cidade e, durante a noite de 31 de maio, os batimentos do bebé deixaram de se ouvir. O médico – Milev, um dos melhores médicos – reuniu os colegas para consultar o que fazer. A situação era muito grave, mas eu mantive-me muito calma. A certa altura uma parteira perguntou-me: «Como é que estás tão calma?», e eu respondi-lhe: «Estou calma porque sei que o bebé vai nascer vivo e saudável!»

Os médicos decidiram operar-me. Fizeram-me assinar a mim e ao meu marido e tudo correu bem. Nasceu uma menina saudável e viva – 4 quilos. Acontece que os batimentos desapareciam porque o bebé, dentro da barriga, apertava com as mãozinhas o cordão umbilical – quando apertava, os batimentos sumiam, quando soltava, ouviam-se. Foi assim que tivemos a Maria.

Aos três meses batizámo-la no Mosteiro de Rila. Fomos de Sófia, Vanga e a irmã Liubka vieram de Petrich. Vanga batizou a criança nos aposentos do hegúmeno. A certa altura entrou em transe. Nessa altura a igreja estava proibida, e Vanga disse: «As correntes cairão e os monges voltarão ao mosteiro!»

Lembro-me de que, enquanto preparávamos a criança para o batismo, o hegúmeno veio ter com Vanga e disse que lá em baixo, no pátio, chegara um pai muito preocupado porque o corpo do filho estava todo coberto de feridas. Não recordo com exatidão o que Vanga disse, mas lembro-me de que o repreendeu e disse que era um castigo porque aquele pai nunca pedira ajuda a Deus e nunca entrara numa igreja nem que fosse para acender uma vela.

Quando Maria fez 4 anos, um dia fomos novamente ao Mosteiro de Rila e lá encontrámos por acaso a madrinha e a irmã Liubka, como se tivéssemos combinado. Vimo-nos no alpendre do andar superior do edifício. Contei a Vanga que a minha filha ainda não conseguia dizer o «r» e ela respondeu-me que, quando fizesse 5 anos, começaria a dizê-lo. E de facto, exatamente no dia do aniversário, enquanto brincava com as crianças que tínhamos convidado para a festa, Maria disse sem dar por isso uma palavra com «r» e nunca mais teve problemas com esse som.

Lá, no alpendre do mosteiro, Vanga disse-me algo muito interessante: «Manda a criança aprender inglês, e um dia estudará uma profissão que é qualquer coisa entre professora e médica.»

Desde pequena até terminar o 7.º ano, a minha filha estudou inglês e, quando acabou, fomos perguntar à comadre se deveria tentar entrar no liceu de inglês, e ela respondeu-me: «Não entrará, porque vão candidatar-se muitas crianças com privilégios, é melhor tentarem o liceu alemão, aí entrará.» Quando terminou o liceu, Maria entrou na Universidade de Moscovo, na especialidade de logopedia (era isso que queria dizer profissão entre médica e professora), mas quando aconteceram os acontecimentos na Rússia, regressou e inscreveu-se na Universidade de Sófia na mesma especialidade.

Mais tarde tive outra menina – Blagorodna – e voltámos a encontrar-nos por acaso no Mosteiro de Rila. Sentámo-nos com Vanga num prado e ela, muito preocupada, ordenou-me: «Não fiquem aqui! Peguem na criança e vão-se embora imediatamente!» Senti ansiedade na voz dela e fiquei muito assustada. Fomo-nos embora. Pouco tempo depois soube que a minha filha tinha comido areia na praia, o baço enchera-se dela e morreu, não conseguiram salvá-la.

Um ano após a morte da criança, Vanga disse-me: «Blagorodna quer voltar.» Pouco tempo depois soube novamente que ia ter um bebé – nasceu-nos outra menina e Vanga deu-lhe o nome de Jivka. Às vezes tenho a sensação de que realmente vivem duas almas nesta criança – há tanta

dualidade no carácter e no comportamento dela. Um dia partilhei as minhas impressões com Vanga e ela disse-me: «Não te zangues com a criança, ela tem de viver também a vida de Blagorodna (a mana falecida).»

Tive problemas com os estudos desta menina. Um dia não aguentei mais e telefonei à comadre para me dar um conselho sobre o que fazer, e Vanga repreendeu-me e disse que eu sabia como resolver o meu problema, e era a pura verdade – eu já tinha decidido o que fazer, e com aquela frase a comadre apenas confirmou que estava no caminho certo.

Em 1978 fomos, eu e o Liubo, meu marido, pedir perdão a Vanga, e ela estava muito preocupada à porta. Quando aparecemos, disse ao meu marido: «Ah, Liubcho, o que estavas prestes a fazer na ponte de Simitli. Fiquei gelada de medo quando vi que podias ter um acidente, e desde então estou aqui à porta à vossa espera.»

Também em 1978, Liubo decidiu ir trabalhar para o estrangeiro. Foi despedir-se de Vanga e ela disse-lhe: «Não vais!» Como não hei de ir, o bilhete está no bolso – objetou Liubo. Não vais, insistiu Vanga, e de facto – fizeram-no regressar do aeroporto porque descobriram irregularidades nos documentos.

Em 1981 Liubo tentou pela segunda vez arranjar trabalho no estrangeiro. Telefonámos novamente à comadre e ela disse-lhe: «Desta vez vais, mas terás problemas de saúde e eu curar-te-ei!» Liubo foi para a Líbia e lá sofreu um acidente de trabalho. Uma máquina pesada caiu-lhe em cima do pé e teve atrofia, ia ficar aleijado. Quando telefonámos a Vanga, ela disse-lhe para lhe levar um frasco de mel branco e resina branca. Liubo foi a Vitosha, recolheu a resina e levámos as coisas a Vanga. Ela ensinou-lhe como fazer uma mistura e como untar a perna doente. Apenas uma semana depois a perna do Liubo estava completamente curada e do acidente não havia nem sinal.

Já era diretora do lar de crianças e jovens em Dragalevtsi. Um dia apareceu um casal candidato a adotar uma criança. Eram de Sandanski e o marido era guarda florestal. Perguntou-me: «É a senhora a diretora?», quando confirmei, declararam-me: «Foi Vanga que nos mandou. Disse-nos: quando se sentarem com a diretora, entrará uma criança de óculos, é essa que devem adotar!», e enquanto me diziam estas palavras, entrou o Pepi – um rapazinho de óculos – para me pedir marcadores para desenhar. Coisa incrível. As pessoas, claro, levaram-no logo.

Eu, quando se tratava de coisas importantes, não fazia nada sem antes perguntar à comadre. Em 1984 não me sentia bem, peguei nas crianças e um dia fui ter com a comadre a Rupite.

Vanga estava em plena febre de obras. Uns homens pintavam a casinha dela, mas arranjou um bocadinho de tempo para mim. Disse-me: «Sentaste-te

a pensar no trabalho em vez de rezar para o teu marido estar vivo e de boa saúde.»

Fomos imediatamente para casa e a Mimeto – a minha filha mais velha – perguntou: «Porque te falou assim a comadre, o que vai acontecer ao pai?»

Quando chegámos a casa não lhe aconteceu nada, mas a 13 de abril, quando o corpo diplomático passava por Botevgrad, Liubo foi lá receber a obra e descobriram uma avaria na instalação elétrica. Liubo entrou no posto de transformação para ver qual era o problema, a instalação explodiu e Liubo incendiou-se. Quando o engenheiro-chefe me telefonou para casa para me avisar que Liubo sofrera um acidente, eu já sabia, pressentia por que me ligavam. Telefonei imediatamente a Vanga e ela disse-me: «Até ao sétimo dia não toquem nele, deixem-no no hospital de Botevgrad, depois será transferido para o Pirogov.» Tal como Vanga disse, o meu marido recuperou completamente do acidente e não teve sequelas, apenas cicatrizes nos braços.

Quando Maria cresceu e se casou, fomos convidar Vanga para comadre. Nikolai – o futuro genro – tinha verrugas nas mãos. Do aperto de mão com Vanga, as verrugas desapareceram nesse mesmo dia.

O meu compadre – o pai de Nikolai – adoeceu gravemente. Fomos com a comadre ter com Vanga para ela dizer o que ele tinha, e Vanga pegou no torrão de açúcar da mão dela e, assustada, atirou-o fora. Não lhe disse nada. Só para voltar numa certa data. Muito pouco tempo depois, em apenas um mês, os meus compadres morreram os dois. Compreendi que Vanga vira algo terrível, porque já conseguia captar os seus estados de alma pela entoação.

Em Dragalevtsi não havia pessoa que eu não tivesse enviado a Vanga e que não tivesse sido recebida. Às vezes ia com essas pessoas. Vanga perguntava-me com quem viera. Eu dizia que viera sozinha e ela: não é verdade, trazes outra vez gente…

A uma amiga minha escrevi um bilhete para a tia Liubka e com ele ela foi ter com Vanga. Quando regressou, disse-me: «Vanga disse-me: 'Vais encontrar o teu pai estendido no chão', mas provavelmente refere-se ao meu sogro, porque ele está doente.» Cerca de dois meses depois, Violeta encontrou o pai caído no chão e morto no local de ataque cardíaco. Desde então, sempre que me encontrava, a mulher sentia-se muito constrangida, mas o mais importante é que mudou muito.

Um dia levei também outra amiga minha, porque à neta dela tinham diagnosticado uma doença muito grave – psoríase. Lembro-me de que fomos muito tarde, literalmente a meio da noite. Vanga recebeu-nos e disse que era uma doença da qual a criança não se curaria, mas que havia meios para aliviar o estado. As pessoas foram para Portugal e provavelmente lá a criança se sente melhor.

Quando nasceu a minha neta – a filha da minha filha Maria –, os jovens decidiram que Vanga seria madrinha também do filho deles. Telefonei a Vanga para lhe perguntar e ela disse-me: «Ianke, parabéns pela neta!» Contei-lhe o desejo dos jovens de que batizasse a criança e ela respondeu-me: «Espera aí, tenho de lhe dar um nome. Está a aproximar-se o dia de Santo Estêvão. Escolham Stefka, Stefania, Stoianka…» Escolhemos Stefka.

A última vez, antes de Vanga adoecer, visitei-a com a Jivka em Petrich. Estávamos na salinha dela. Vanga mostrou-me que belas obras tinham feito, chegou a dizer-me para subir ao andar de cima e ver todos os quartos, para ver como tudo estava feito. Nessa altura quem governava era Jean Videnov. Vanga tinha curiosidade em saber o que eu pensava dele. Ouviu-me em silêncio e depois disse: «Estes governantes têm de fazer quatro coisas: 1) dar a terra às pessoas, mas não pedaço a pedaço, inteiramente, e depois as pessoas que façam cooperativas. Quem não quiser – que a trabalhe sozinho; 2) não se apressarem a vender as empresas; 3) cuidarem dos idosos; 4) não brigarem com a Rússia.»

Tenho uma amiga socióloga. Um dia fui a Rupite e levei a Vanga um torrão de açúcar dela. A mulher perguntava se se casaria e Vanga disse-me: «Esta mulher é demasiado inteligente para se casar, o marido teria de ser ou mais estúpido ou mais inteligente do que ela, e ela que feche os olhos.»

Tinha outra amiga que não conseguia levar as gravidezes até ao fim e os bebés nasciam ou prematuros ou mortos. Vanga disse-lhe para lhe levar uma bacia nova, fraldas de bebé e uma boneca. Rezou sobre eles, disse-lhe para depois os levar à igreja e a mulher teve um bebé vivo e saudável.

Quando morreu a minha segunda filha, ia ao cemitério e à igreja acender uma vela para assim encontrar consolo. Sabem como eram os tempos – ir à igreja era crime. Apareceu um homem de Dragalevtsi que me denunciou por isso. Um dia partilhei a minha mágoa com Vanga e ela disse-me: «Tu, quando trazes a fé na alma, isso é mais verdadeiro e não tenhas medo, a fé ninguém ta pode tirar!»

O que aprendi com Vanga? Também a mim às vezes me apetece descontrair, fazer algo errado, mas a imagem de Vanga é travão para mim e paro…

Um dia umas pessoas convidaram-me a aderir à seita delas. Nessa noite sonhei com Vanga, que me disse: «Se fores lá, já não estarás na nossa fé e eu não poderei ajudar-te!»

O que ganhei com Vanga? 1) moral; 2) sentido de responsabilidade; 3) prestar ajuda a todo o necessitado.

Sonhei um sonho. Entro numa igreja escavada na rocha. À esquerda ícones alinhados, e o primeiro é só uma moldura com espelho. Quando me

inclinei, vi-me. Ao lado ícones de Cristo e da Virgem. E ouço uma voz: «Não vos olheis a vós mesmos, mas rezai a Cristo e à Virgem.» Segui a voz e vi que era a comadre. Ent

rámos numa salinha… Acordei e interpretei o sonho assim: não te orgulhes, não te enamores de ti mesma…

27.III.1999

IORDANKA NIKOLOVA

Funcionária

Há anos trabalhava no turismo. Chegara uma rapariga de França com 16 anos. Chegaram também dois americanos. À noite o meu chefe disse-me: «Dá-me o passaporte para visto aberto, vais com os americanos ter com Vanga, serves-lhes de intérprete!»

O americano ocupava-se de parapsicologia. Trazia consigo uma mulher qualquer. Fomos a Petrich e alugámos um quarto particular. Na manhã seguinte, muito cedo, fomos para a frente da casa de Vanga em Petrich, mas afinal já tínhamos chegado tarde. À porta esperavam muitas pessoas e o guarda tinha entrado nalgum lado. A certa altura saiu e eu disse-lhe que éramos do «Balkanturist» de Sófia, mas ele respondeu que já eram 8 horas e Vanga tinha terminado as receções do dia. Comecei a implorar-lhe que me deixasse entrar, mas ele foi inflexível.

De repente ouvi uma voz lá de dentro, era de Vanga: «Quem vem da parte do professor Lozanov (o então diretor do Instituto de Sugestologia)?» «Sou eu!», respondi, e Vanga chamou-me para entrar. Logo da porta perguntou-me: «Onde estão essas pessoas que vêm de muito longe, de muito longe, voaram muito alto?» Ainda sem dizer bom-dia, Vanga virou-se para o hóspede: «O que queres do meu cérebro? Queres perceber como tudo funciona, mas dificilmente o conseguirás!»

Lembro-me de que Vanga passeou por Paris durante uma recente viagem do hóspede até lá e descreveu com muita exatidão onde ele tinha vivido e o que tinha feito. A certa altura disse-lhe: «Porque, ao fazer obras em casa, puseste o piano da criança no quarto mais escuro. Essa criança tem de ver! E essa mulher que está contigo não é a tua verdadeira mulher!» O hóspede ficou bastante atrapalhado e disse que em breve se casariam, e Vanga continuou: «Essa mulher tem os tornozelos muito fracos e parte-os com muita facilidade. Por isso deve andar sempre vestida de azul e usar só sapatos baixos, sem saltos.»

Depois virou-se novamente para o hóspede: «Tu és da América, não és! Quando regressares, manda-me um candeeiro de lá – os vossos são diferentes

– e alguns alfinetes de dama seguros.» «Para que queres alfinetes?», perguntou o guarda. «Para prender o cobertor», respondeu Vanga e ordenou-lhe que ditasse o endereço dela ao hóspede. Pouco depois perguntou-lhe: «Diz-me tu qualquer coisa sobre o meu cérebro, já que te interessas tanto por estas manifestações», e o americano respondeu que era algo extremamente interessante, mas que ainda estavam a fazer investigações e não podia dizer nada de definitivo.

«Vês toda esta gente lá fora! Todos esperam que eu lhes diga alguma coisa. Começo cedo e vou até às 8 horas. Não me é nada fácil. A cabeça zumbe-me, oiço vozes na cabeça e lá fora, não aguento! Mas graças a Deus não estou aqui continuamente. Lá para as 10 horas vou para a localidade de Rupite, nos arredores da cidade. Lá tenho uma casinha. Tenho um jardim, flores, silêncio. Quando vou lá, recarrego-me e descanso da tensão na cabeça.»

A certa altura virou-se para mim e disse-me: «Em que língua lhes falas? Onde aprendeste inglês? Na escola? Tu já vieste aqui outra vez!» Não vim, respondi. «Vimeste sim, vimeste sim, insistiu Vanga. Se não em pessoa, alguém veio por ti. Conheço-te. O teu espírito veio!» Lembrei-me de que anos antes o meu pai tinha ido ter com Vanga por causa da saúde do meu irmão.

«Lembro-me muito bem», continuou Vanga. «O teu irmão foi operado pelo doutor Chervenkov do ISUL.»

O professor Chervenkov, na altura em que o meu irmão devia ser operado, estava de férias e, por puro acaso, foi ao hospital. Mas aconteceu tal como Vanga dissera ao meu pai. O professor decidiu de repente operar, mesmo não estando de serviço, e assim salvou o meu irmão. Vanga continuou a falar de mim. Disse-me: «A tua mãe está à espera de um documento. Diz-lhe para não se zangar, receberá em setembro-outubro, e tu és instruída, mas ainda vais estudar mais e depois casar-te-ás, mas não será já. Primeiro vais estudar e depois, daqui a três anos, casar-te-ás. O teu marido chamar-se-á Gueórgui.» Eu tenho um amigo Gueórgui, respondi. «Não, não é esse», disse Vanga, «casar-te-ás com outro Gueórgui.»

E assim aconteceu! O meu novo conhecimento deveu-se a um engano telefónico. Um dia liguei para um amigo para adiar um encontro combinado, mas enganei-me no número e liguei para outro telefone onde também havia uma pessoa com o nome do meu amigo. A princípio pensei que o meu amigo me estava a gozar e zanguei-me, mas quando percebi que tinha ligado para o número errado, senti-me muito atrapalhada com tudo o que dissera. Para desfazer o mal-entendido, o homem desconhecido propôs-me tomarmos um café juntos e eu aceitei. Não conseguia explicar como aceitara tão levianamente marcar um encontro com um desconhecido. Mas fui ao encontro, reconhecemo-nos pelas descrições e até hoje estamos juntos. Tal como Vanga

me predissera anos antes, casei-me com outro Gueórgui e, tal como ela me dissera na altura, temos dois filhos. Cumpriu-se também o resto. Estudei mais, tornei-me instrutora na área do turismo e depois concluí relações económicas internacionais.

Julho de 1999

NADEJDA ZAHARIEVA

Poetisa

Numa das vezes em que fomos ter com Vanga com o meu marido – o poeta Damyan Damyanov –, Vanga disse-nos: «Não construam uma casa de campo agora, não é o momento adequado», e nós nem sequer tínhamos intenção de o fazer na altura. Mas aconteceu que, alguns anos depois, obtivemos por puro acaso um terreno e construímos uma pequena casa que acabou por ficar inacabada.

O conselho mais valioso para mim foi o que deu a Damyan: que não ficasse sentado entre a janela e a porta. Não seguimos esse conselho e, de facto, foram precisamente os pulmões dele que adoeceram por estar sentado no escritório entre a janela e a porta. Assim se constipou com as correntes de ar.

Quando teve fortes dores abdominais, Vanga disse que não deixasse operá-lo. Obedecemos e não o operámos. Acho que não nos enganámos.

Para mim, Vanga é a maior mulher porque conseguia, com uma única palavra, fazer um retrato psicológico completo e exato da pessoa que vinha ter com ela. Por exemplo, recordo-me de um caso. A minha sogra pediu-me que perguntássemos a Vanga se viveria muito tempo e ela respondeu-nos: «Sim, viverá muito, mas que a língua dela não seja comprida!»

Perguntei a Vanga também por um amigo carpinteiro – tinha mãos de ouro, dominava perfeitamente o ofício. Isso Vanga viu e confirmou, mas ele não tinha sorte na vida amorosa – eram sempre as mulheres que tinham culpa, nunca o compreendiam, sempre o atrapalhavam. Vanga resolveu-lhe o problema com apenas duas palavras: «Enquanto tiver esse juízo, não será feliz!»

Levei a Vanga uma amiga minha que tinha um problema sério. Do nada, ela comentou: «Quem é esse Petar? Mas que amor andas a ter, como não hás de ter, com esse nariz vermelho. (No sentido de “Estás de perfeita saúde”.)» Acontece que aquele homem era amante dela, apesar de a minha amiga ser casada. Pensei que Vanga estivesse simplesmente a confundir os tempos e falasse do passado, mas a verdade é que a minha amiga tivera há muito tempo uma relação com aquele homem e que continuava até ao momento do encontro.

Às vezes, quando íamos com Damyan ter com Vanga só para a ver, ela suspirava e dizia: «Eh, Damyane, Damyane, de quem estaremos a pagar o karma?» (No sentido de «Somos mesmo uns grandes inválidos».)

Por vezes Vanga desabafava connosco a sua mágoa: «Andam à minha volta pessoas moralmente pouco escrupulosas, pensam sempre que tenho muito dinheiro e tentam tirá-lo. Levem-no! Dou-vos tudo o que tenho, mas queria que um dia andassem com a minha cabeça para verem se me é fácil!»

Tinha problemas nos rins e uma vez, sem eu lhe perguntar nada, Vanga disse-me: «Não tomes ervas, não vale a pena (ou seja, não te ajudarão, terás de ser operada).» Noutra visita disse-me: «Come muitas romãs!»

Damyan sonhava muito em escrever um dia um romance. Fomos especialmente por causa disso, mas tivemos de esperar bastante. Damyan zangou-se por ela não nos receber logo. Quando nos vimos, Vanga perguntou-me: «Damyan zangou-se?» Ah, não, não – menti eu. Mas aqui é bastante íngreme e para ele não é cómodo estar de pé (o encontro foi no Mosteiro de Rojen). «Vão-lhe dar uma cadeira!», cortou Vanga. Como estávamos longe de Damyan, perguntei-lhe rapidamente pelo romance dele e Vanga respondeu-me: «Ele é um homem doente, Nada, não o escreverá, mas não lhe digas, deixa-o iludir-se!»

Quanto a mim, perguntei-lhe apenas uma vez – quando o meu segundo filho ainda era bebé. Damyan suspeitava de alguma infidelidade minha e estava constantemente carrancudo e desconfiado. Em casa tornara-se um inferno, não se aguentava. E eu, à frente dele, perguntei-lhe se as suspeitas dele sobre mim tinham fundamento. Ele sabia que ela era muito direta e não poupava às pessoas os vícios, especialmente o adultério. Meu Deus, como Vanga se enfureceu nessa altura: «Não tens fé nenhuma? Eu digo-to, não és mulher leviana, nem vagabunda, nem filha ilegítima.» Na verdade, Vanga usou epítetos muito fortes, até palavras não censuradas, mas foram bálsamo para os meus ouvidos. A partir desse encontro, os nossos problemas familiares acabaram.

Vanga tratava-me de forma amiga, recebia-me, deixava-me aproximar-me mais dela – poucos podiam gabar-se de tal tratamento. Uma vez chegou a dizer-me: «A tua mãe é muito boa, dela recebeste a bênção!»

26.VII.1999

EVTIM EVTIMOV

Poeta

Um dia levei a Vanga o nosso grande ator Stefan Getsov, descanse em paz. Vanga recebeu-nos em Petrich e disse a Stefan: «Tu és alguém importante na arte, mas escolheste a profissão errada. Em 1951 queriam mandar-te para Paris para seres talhante (cirurgião) e terias sido dos melhores!» E pouco depois acrescentou: «Fizeste bem em mandar a tua mãe viver para outro lado, porque ela ter-te-ia separado também desta mulher.»

Quando saímos da casa de Vanga, tive a sensação de que Stefan ia desmaiar. Não conseguia perceber como é que Vanga sabia tais pormenores se ele nunca os contara a ninguém. Naquela altura, em 1951, a mãe dele era funcionária da Segurança do Estado e por essa via queriam mandá-lo estudar para Paris, mas ele recusara categoricamente.

Em 1990 fomos ter com Vanga com o caricaturista Boris Dimovski e logo da porta Vanga disse-lhe: «Não dizes nada, mas eu sei que a tua mulher está doente. Vais a Haskovo, procuras (disse o nome de um ervanário, já esqueci o nome) e trazes dele ervas. Ele tem as adequadas para ela e aliviarão as dores.»

Há muitos anos eu era secretário do centro cultural de Petrich e um dia chegou em tournée um grupo folclórico. As cantoras quiseram ir ter com Vanga. Eu, porém, ouvira da minha mãe que era preciso chegar às 2 horas da manhã para reservar lugar e que depois ela saía cedo, por volta das 6, e começava a receber as pessoas. A hora matinal não desencorajou as interessadas. Não havia remédio – fomos, esperámos.

Lá para as cinco da manhã, a tia Vanga saiu de casa e disse a uma das cantoras: «Para que vieste? Para eu te dizer se o teu marido te trai e se há outra mulher na vida dele. Mesmo que assim seja – pensas que to direi! E tu de onde vens? Ainda não te lavaste e trazes o cheiro do homem alheio com quem passaste a noite. Vai-te embora daqui!» Criou-se uma situação muito embaraçosa, mas Vanga era assim – de moral elevada e muito direta com quem se portava mal.

Há anos, em Sandanski, 1952-1953, havia um tal tio Krum. Era alguém na estrutura do partido, ateu convicto, comunista. Um dia encontrámo-nos no parque de Sandanski e ele desabafou comigo que, durante a grande cheia, quando o rio Bistritsa transbordou e inundou muitas casas, a água levara também o neto dele e já há tanto tempo que não conseguiam encontrar o corpo. Pediu-me que fôssemos ter com Vanga e lhe pedíssemos, se pudesse, que dissesse onde estava a criança. Quando nos recebeu, Vanga disse-lhe: «Vens ter comigo e não acreditas em mim! Mas eu digo-to – sigam o rio Bistritsa, saiam da cidade. Lá onde se juntam dois afluentes, verão um pastor

com o cajado a apascentar as ovelhas. Sigam para onde aponta a extremidade superior do cajado e olhem para lá!» Quando foram ao local indicado, na terra para onde apontava a ponta do cajado do pastor, o tio Krum viu parte do bracinho da criança – afogada e coberta de lama.

Lembro-me da visita de um coronel francês do exército de De Gaulle. Não sei como ouvira falar de Vanga e viera de França em busca de ajuda. Tinha uma filha de 16 anos que desaparecera há duas semanas e o pai pensava que fora raptada; apesar de toda a polícia estar alerta, não havia sinal da rapariga. Quando entrou em casa de Vanga, ela disse-lhe imediatamente: «Vieste por causa da tua filha e estás muito assustado, mas não te preocupes, ela está em casa. Liga-lhe agora mesmo para ouvir a voz dela.»

O coronel não acreditou de todo. Isso não é possível, disse-me ele, mas apesar disso foi à antiga central telefónica de Petrich e de lá ligou para casa. Quando realmente ouviu a voz da filha no auscultador, o homem quase teve um ataque de surpresa, simplesmente não acreditava nos próprios ouvidos. E o que acontecera – a rapariga tinha um namorado e fugira com ele durante 15 dias, escondendo-se bem e sem dar notícias a ninguém. À noite, no restaurante, o coronel ofereceu um jantar faustoso e pagou uma rodada a todos os presentes.

Como secretário do centro cultural, eu era também responsável pelo sistema de som e fazia várias emissões locais. Uma ou duas vezes houve emissões ateístas. Acho que foi em 1965. Tinha convidado Venetka, a rapariga criada por Vanga. Suponho que criticámos também Vanga como fenómeno prejudicial à filosofia marxista-leninista – assim era a época. Quando a tia Vanga ouviu, provavelmente zangou-se, mas não muito, e disse a Venetka: «Diz ao Timcho (diminutivo de Evtim) para não se ocupar com disparates e que venha cá para eu lhe dizer que um dia ele será um grande homem!» Eu, porém, respondi que não queria ser grande homem e não fui. A tia Vanga convidou-me uma segunda vez, mas também não me atrevi.

Foi algures antes do Natal, estávamos em tournée pelo distrito com o grupo de amadores e, passados 3-4 dias, recebi um telegrama a dizer que tinha de ir ao Komsomol em Sófia. Regressei a Petrich e nessa mesma noite parti de comboio. No Comité Central do Komsomol recebou-me Gueórgui Atanassov e disse-me: «Falámos com Valentin Karamanchev – diretor da editora “Narodna Mladej” na altura – e com Gueórgui Djagarov (poeta, então membro do Comité Central do Partido Comunista Búlgaro, responsável pela cultura) para te nomearem no lugar de Slav Hr. Karaslavov – diretor-adjunto da editora – para o substituir, porque ele vai tirar longa licença criativa; lemos bastante coisa tua e vemos que és muito talentoso, por isso queremos dar-te a oportunidade de vires para Sófia.» Assim, a 17.01.1966, do centro cultural de Petrich passei para uma editora em Sófia. Era isto que significava o «Será um grande homem» de Vanga.

Um dia levei a Vanga a atriz Tsvetana Maneva juntamente com Boris Dimovski. Vanga estava zangada comigo. Regressara de Rupite às 12 horas muito cansada. O secretário do centro cultural disse-lhe que havia convidados de Sófia que queriam vê-la e ela, muito contrariada, respondeu que não se traziam convidados a essa hora. Depois entrou em casa. Nós esperávamos lá fora e pensávamos que se zangara muito e não voltaria a sair. Mas apareceu passados uns dez minutos e decidiu receber-nos. Nessa altura disse a Tsvetana: «Abandonaste o teu primeiro marido, era um homem bom – ei-lo aqui, vejo-o!» Tsvetana, abalada e assustada, começou a olhar em volta, mas Vanga disse-lhe: «Não o verás!», e depois acrescentou: «Mas és uma mulher de sorte, porque também o atual marido é um bom homem e é bom artista.»

Uma ou duas vezes fui ter com Vanga com Liubomir Levchev e o poeta daguestanês Rassul Gamzatov e a mulher dele. Quando saímos do primeiro encontro, Rassul estava como louco: «Esta mulher é genial, disse-me ele, é uma santa!», e só fazia estalar a língua e abanar a cabeça. Não foi muito educado, mas perguntei-lhe o que ela lhe dissera. E ele contou-me que há um ano enterrara a mãe e Vanga recordara-lhe o quanto a amara, mas repreendera-o por se ter esquecido de pôr no caixão a bengala que ela usara durante muitos anos porque coxeava. Rassul ficou abalado com o facto de Vanga conseguir ver pormenores tão incríveis, dos quais nem ele próprio se lembrava. Depois colocou essa bengala na sepultura da mãe. Mais tarde voltou a Vanga, mas aquelas primeiras impressões foram para ele os encontros mais emocionantes com a sua fenomenal capacidade.

25.VII.1999

EMILIA DANOVA

Modista

Quando era pequena, brincava com um amigo no pátio da igreja em Sandanski e queimámo-nos os olhos com cal. Levaram-nos ao médico, mas depois os nossos pais foram também ter com Vanga. Ela dissera à minha mãe o que fazer. Os nossos olhos curaram-se sem sequelas.

Uma vez, quando fomos com o meu irmão, Vanga estabeleceu um contacto tão forte com a nossa mãe falecida que falou com as palavras e a voz dela durante quase uma hora. Ainda mais espantoso era falar de coisas absolutamente íntimas da nossa família, que não tinha forma de saber, até porque nem nós próprios sabíamos muitas das coisas que nos disse. A certa altura Vanga exclamou: «Oh, já não, Mariko, já é grande! Agora ela própria é mãe…» Ficámos admirados com essa frase e Vanga explicou-me que a nossa mãe aparecera e me acariciava a cabeça. Estava admirada por não encontrar uma fita no meu cabelo. Foi uma experiência incrível.

Quando estava grávida do meu segundo filho, Vanga desejou ela própria batizá-lo quando nascesse. Aprovou que tivesse o nome da minha mãe. Quando nasceu, em março, disse: «Aqui está, nasceu o Mario!» No batismo, em maio, por volta das 18 horas, quando Vanga já estava bastante cansada, antes do ritual eu ia a última. Todos entraram antes de mim e Vanga disse-me: «Vamos, cá veio a Marika, fecha a porta!» Levei-lhe nessa altura um lindo ramo branco – gostou muito dele. Chegou a querer que a fotografássemos com ele e depois disse-me – pena que sejam flores cortadas.

Sonhei com ela antes do Natal. Já tinha morrido. Tinha problemas muito grandes. Apareceu-me em sonho e disse-me: «Está-te a ser muito pesado, não está! Pronto, pronto, vou tirar-te o problema!» Pegou numa tesoura, cortou-me um tufo de cabelo branco da cabeça e atirou-o para a sala onde estavam a irmã de Vanga e a sobrinha Krassimira. Lembrei-me deste sonho porque era muito estranho, mas não passaram muitos dias e os meus problemas resolveram-se. Acredito que Vanga ajuda as pessoas mesmo depois de morta.

Lembro-me de que veio ter com ela uma mulher de Botevgrad. Queria perguntar porque é que o filho não conseguia casar-se. E Vanga disse-lhe que era um castigo porque ela era má e desonesta e o céu a castigava através do filho. Esse mesmo filho tinha problemas nos olhos e Vanga disse: «Vejo o pai dele (falecido) que segura os olhos dele nas mãos. Vão a Varna procurar o doutor Konstantinov e ele curá-lo-á.»

22.VII.1999

NIKOLA TODOROV

Operador de televisão

Fui pela primeira vez ter com Vanga em 1981. Éramos um grupo de várias pessoas – o cantor Boris Godjunov, o jornalista de televisão Kevork Kevorkian, a atriz Nevena Kokanova.

O encontro foi em Rupite. Nessa altura começávamos a emissão na televisão nacional «Cada Domingo» e eu levava a câmara. Entrámos com o realizador Pavel Pavlov. Logo da porta Vanga virou-se para mim: «Kolio, Kolio, não filmes!» Fiquei surpreendido porque a minha câmara funcionava de forma absolutamente silenciosa – como é que Vanga percebeu que eu queria filmar? Deixei a câmara.

Nessa altura Vanga virou-se para Pavel: «Pavle, a tua mãe (falecida) está aqui! Meu Deus, que bonita que era! Está vestida de qualquer coisa amarela.» E Pavel respondeu: «Tia Vangue, foi assim que a enterrámos.» Vanga continuou: «Que livro é esse que estás a escrever sobre Orfeu. Ei-lo, o Orfeu! – e apontou com a mão para as nascentes quentes lá fora. Mas vejo-o nu.

Escreves que ele escuta os sons da natureza, isso não é verdade. Ele deita-se no chão, encosta o ouvido e assim escuta os sons da terra.» Olhei para Pavel – estava tão espantado e assustado que ficara branco como a cal.

Vanga convidou-nos para almoçar. Sentámo-nos, almoçámos. Eu trazia no bolso um gravador e queria registar a conversa, mas Vanga não deixava. A certa altura Pavel tirou um crucifixo de madeira e disse: «Tia Vangue, não fui ao Santo Sepulcro, mas pedi a um amigo que o benzesse para ti em Jerusalém e agora trago-to de presente.» Vanga tocou-lhe, agradeceu e disse: «Vem de um lugar santo.»

Nevena ofereceu-lhe um lenço para a cabeça. Senti-me mal. Não sabia que as pessoas lhe levavam presentes e eu não trouxera nada. Numa viagem de trabalho ao México comprara um signo do zodíaco em ouro com uma corrente e trazia-o sempre ao pescoço. Desprendi a placa do pescoço e dei-lha. Disse: «Isto é para ti!» Vanga tocou na placa e exclamou: «Meu Deus, isto vem do outro lado do mundo e é puro como o sol, mas onde está o resto (a correntezinha)?» Tirei também a corrente e disse que lha oferecia de coração, e ela confirmou que também a corrente era do mesmo lugar longínquo.

Em geral, não gosto que me leiam a sina e nunca pedi a Vanga que me dissesse o que quer que fosse. Confesso que sinto medo. Mas na altura a minha filha tinha 5-6 anos e Vanga recomendou-me por iniciativa própria: «Tens uma filha, agarra-a bem para que estude e seja bem educada!» E a mim recomendou-me: «Todas as manhãs em jejum comer três azeitonas?» E eu faço-o há anos. Nessa altura sofria de gastrite, mas desde que comecei a comer essas azeitonas nunca mais senti dores de estômago, coma o que comer.

Quando começou a construção da igreja, durante dois meses passámos a ir todos os sextas-feiras, sábados e domingos para filmar. Com estas filmagens tornámo-nos amigos de Vanga, ela tornou-se mais amável, mas também nós nos esforçávamos por não a incomodar de forma alguma. Vanga até nos permitiu filmar as pessoas que vinham ter com ela com os seus problemas. Lembro-me de um caso um pouco cómico. Entrou um velhote, deixou diante de Vanga um saquinho com açúcar e desatou a chorar. Vanga disse-lhe: «Porque choras, homem, um homem a chorar? Choras pela neta que não consegue casar-se, pode um homem chorar por isso? A tua neta vai casar-se, não tenhas dúvidas, só por isso vieste de tão longe até aqui?»

Lembro-me também de outro caso que me perturbou profundamente. Um homem, uma mulher e uma menina, muito tristes, tinham vindo por causa da morte do outro filho – um rapaz. Traziam uma flor da sepultura da criança. O rapaz morrera num acidente. Vanga, ao tocar na flor, exclamou: «Oh, que bonito rapaz. Pergunta pela bicicleta dele. Pergunta pelas sapatilhas. Não

sofram mais – recomendou Vanga – terão outro filho e será rapaz, e ao que morreu vão à sepultura e deixem um par de sapatilhas.»

Fiquei então espantado porque a vi, como hei de dizer, no segredo, no estado em que entra em contacto com os mortos.

De resto, quando as pessoas entravam, logo da porta sabia porque vinham. Não sei que papel desempenhava o açúcar e se realmente transmitia alguma informação da pessoa.

Por vezes Vanga até se permitia ironizar com algum visitante, mas de forma tão bondosa. Lembro-me de que veio uma cigana perguntar se soltariam o marido da prisão e Vanga disse-lhe: «Pois, vai cumprir pena porque roubou!» Disse-o ainda antes de a mulher lhe perguntar o que quer que fosse. Mas depois deu-lhe esperança: «Vai cumprir pena e depois soltam-no! Não lhe acontece nada!»

Quando se tratava de doença, nunca a ouvi dizer diretamente o pior, dava sempre esperança, incutia sempre fé e força.

Outra coisa que me impressionava. Quando falava de doença, graças à força, ao poder do seu dom, propunha imediatamente tratamento – toma isto e aquilo, cura-te com isto e aquilo, vai ter com este médico (dizia o nome e onde encontrá-lo).

Para ilustrar, quero referir que em 1992 filmei em Bankya – havia uma espécie de congresso de sensitivos. Uma pessoa ficava estupefacta com a arrogância e o charlatanismo daquela gente. Cada um se auto-promovia, mediam campos eletromagnéticos com varinhas, auto-recomendavam-se – enfim, um horror! Com Vanga não havia nada disso.

Lembro-me do dia em que colocaram a cruz na cúpula da igreja. Eu estava a filmar e subira à cúpula. Descemos, eu fazia imagens e ela estava sentada no banco em frente da casinha. Disse-lhe: «Tia Vangue, colocámos a cruz!», e ela respondeu-me: «Vejo, vejo, mas está colocada torta!» Os construtores subiram outra vez, mediram, deixaram cair o fio de prumo e verificou-se que realmente a cruz estava torta. Como é que ela viu, é simplesmente espantële.

Surpreendia-me que no dia a dia Vanga fosse uma mulher comum, terrena. A par das atenções com as pessoas que a cercavam incessantemente, por vezes visitavam-na amigas antigas. Lembro-me de uma tia Ivanka. Almoçavam juntas e, quando ficavam sozinhas, falavam dos tempos de juventude. De situações engraçadas relacionadas com homens. Contavam com muito sentido de humor as mais diversas histórias, morríamos simplesmente de rir. Diziam tudo muito diretamente. E Vanga defendia sempre os homens.

O que mais a atormentava eram os problemas com a igreja. Afirmava que o local para o templo não tinha sido escolhido por acaso, que alguém lho indicara. Mas a ninguém revelou quem lho dizia.

Esse fenómeno dela nunca o desvendou até ao fim, nunca o partilhou com ninguém.

No dia da consagração da igreja, levei também a minha mulher. Depois do ritual, houve um banquete. A minha mulher aproximou-se para lhe beijar a mão e a Vanga disse-lhe: «Arna si, arna si (boa pessoa és), mas o Kólio é mais arno! Kólio, quando me vais levar a tua casa como convidada?» Sempre, respondia-lhe eu, subo-te agora ao carro e arrancamos! Com a minha mulher tínhamos colhido um bonito ramo de gerânios da nossa casa de campo. Os gerânios tinham-se espalhado não só pelo jardim, mas também lá fora, na estrada. Colhemos-lhe os que estavam na estrada, porque eram mais bonitos. A Vanga, porém, percebeu logo e exclamou: «Porque colheram os gerânios da estrada?» Como é que viu?

Quando já estava muito doente e internada no Hospital Governamental em Sófia, fui visitá-la, beijei-lhe a mão e disse: «Tia Vanga, agora estás aqui, assim que melhorares, levo-te para minha casa.»

Fotografei-a também quando se deitava para descansar. Nesses momentos parecia que a sua dor se tornava mais intensa, como ela dizia — doía-lhe a alma. Nessa altura, acho que a equipa foi autorizada a entrar por completo. Estivemos presentes até quando ralhavam com a mulher que fazia a limpeza ou quando resolvia algum desentendimento. Nunca disse «deixem-me», mas também nós não nos impúnhamos.

Quando rodámos o filme, fomos também à casa dela em Petrich. Fiquei espantado. No jardim havia uma quantidade enorme de flores. Conhecia todas as flores, identificava-as ao toque e sabia do que cada uma precisava. Gritava às pessoas que a acompanhavam: «Esta flor precisa de água, esta está a morrer, levanta-a, não está bem aqui.» Tinha a sensação de que falava com as flores.

Sentia à sua volta os escândalos das pessoas que a rodeavam e que lutavam entre si pelo poder. Sabia o que se passava na alma das pessoas. Isso atormentava-a muito. Tentava fazê-las entrar em razão. Às vezes dizia: «Por um punhado de dinheiro lutam! Para que lhes serve tanto dinheiro!»

21.VII.1999

BORISLAV VELITCHKOV

Ex-lutador de luta greco-romana

Em 1979 adoeci com hepatite. Em 1982 descobriram-me um aumento do fígado. Depois dos exames, o médico do hospital do Ministério do Interior chamou-me e disse que eu não podia preparar-me para competições, e em 1984 havia o campeonato mundial de juniores de luta.

Fiquei desesperado e fugi do hospital. Um vizinho nosso tinha o pai padre. Digo-lhe: «Não estou nada bem», e ele respondeu-me: «Só há uma pessoa que te pode dizer o que tens e se vais melhorar — é a avó Vanga.» Pois, mas como hei de entrar lá, sei que é muito difícil. «O meu pai é padre», disse o vizinho. «Ele conhece a Vanga e vai ajudar-te a vê-la.»

No dia seguinte fomos a Rupite. O padre entrou, pouco depois acenou-me com a mão. Quando entrei na divisão onde estava a Vanga, havia lá duas mulheres, conhecidas dela. A Vanga disse-me: «Dá cá o açúcar! Vens por causa de uma doença — perguntou-me. — Do fígado? Disseram-te que está aumentado» — calou-se e pouco depois perguntou: «Que tipo de desportista és tu?» Sou lutador, respondi eu. E ela, com humor: «Então andas a lutar com touros?»

Mas depois já a sério: «Tens talento para lutador, tens membros longos, o teu fígado está bom, não voltes mais aos médicos! «Posso competir?» perguntei eu. «Podes! Vejo-te a andar de competição em competição, de país em país.» Simplesmente não acreditava nos meus ouvidos. Segundo os médicos, eu já era um completo inválido e não podia fazer nada, quanto mais competir. «É verdade, é verdade! — foi categórica a Vanga. Não tens nada.»

Depois de me despedir da Vanga, já era outro homem.

No dia seguinte fui com o equipamento para a sala de treinos. O treinador, quando me viu, ficou parvo. «Onde andaste tu?» perguntou. «Onde hei de andar», respondi, «venho treinar. As Olimpíadas são daqui a dois anos (1984) e venho treinar, não há mais ninguém.» E a partir daí comecei os treinos.

Estava tão grato à Vanga que simplesmente não tinha palavras para expressar a gratidão. Os sucessos que se seguiram na minha carreira como lutador sinto que os devo a ela. Sempre, antes de entrar no tapete, benzía-me, mas pedia à Vanga que me ajudasse a ganhar.

Estava-lhe tão grato que, quando me casei, pedi-lhe que casasse comigo e com a minha mulher. Assim nos tornámos parentes. A Vanga tornou-se minha comadre, mas eu chamava-lhe «madrinha», como se também me tivesse batizado. Sei lá, talvez tenha sido mesmo assim, porque na verdade ela deu-me fé e força para uma nova vida.

Um dia levei o lutador Lyuben Tsekob. Ele tinha um grande problema — o braço saía-lhe do ombro e não podia competir. Quando entrámos, o Lyubo estava tão impressionado com a Vanga que quase desmaiava. A Vanga disse-lhe: «Vais ao doutor Shoylev e o que ele te disser será o correto e é isso que farás!» No dia seguinte fomos ao doutor Shoylev e ele disse-lhe que não treinasse durante seis meses, porque se o braço voltasse a sair do sítio rasgaria a musculatura e isso seria fatal para o membro.

Casei-me com a minha atual mulher e levei-a à Finlândia em lua-de-mel. Onde quer que viajasse pelo mundo, comprava sempre um presentinho para a madrinha Vanga, sabia que ela gostava de lembranças de diferentes países. Quando decidimos regressar, comprámos prendas para vários familiares e amigos, mas para a Vanga esqueci-me. Lembrei-me dessa falha no aeroporto de Viena e comprámos-lhe um relógio de parede em forma de casinha.

Fomos logo a Rupite e eu disse: «Madrinha, trago-te uma prenda da Finlândia.» A Vanga pegou no pacote, virou-o nas mãos e respondeu: «Ah, isto não é de lá! Esta prenda é da Finlândia, de onde a tiraste?» É da Finlândia, insistimos eu e a minha mulher, mas a Vanga continuava a dizer que era de outro sítio — começámos a lembrar-nos com a minha mulher das lojas onde tínhamos estado e do que tínhamos comprado e, depois de bastante tempo, lembrei-me de que na verdade tinha comprado aquela prenda no aeroporto de Viena. «Viste? — ria-se a Vanga. — Não me consegues enganar.» Jogos destes de adivinhar tive mais vezes com ela.

Um dia levei-lhe uma garrafa de uísque, pensava dedicar-me a esse negócio — tornar-me importador de uísque para a Bulgária. A Vanga pegou na garrafa e perguntou-me de onde era aquele uísque. Digo-lhe que é de Inglaterra. «Não, não é de Inglaterra», contradisse-me a madrinha. «Então não é», zanguei-me eu, «isto não é falso, é uísque original.» «Sim, sim», disse a Vanga, «mas não é de Inglaterra, não é feito lá», deu-me depois a dica. «Pois é», disse eu, «é feito na Escócia, tens razão.»

Em 1985 adoeci novamente com hepatite. Telefonei imediatamente à Vanga — madrinha, comecei outra vez a ficar amarelo, e ela respondeu-me logo que fosse para o hospital! Fui, deixaram-me lá bastante tempo. Em 1986 os treinadores não sabiam se me deixavam treinar, mas em 1987 comecei treinos intensos, porque as Olimpíadas eram em 1988. Já é do domínio público que nos davam comprimidos estimulantes.

Mas eu, que tinha tido hepatite duas vezes, não ousava tomá-los, e sem eles dificilmente conseguiria competir e ganhar — toda a gente os tomava. Fui outra vez ter com a Vanga para lhe perguntar o que fazer e vejam agora como ela dosava as coisas como uma farmacêutica excecional — nunca esquecerei isso. A Vanga disse-me: «Dos comprimidos maiores, aqueles que têm uma cruzinha na caixinha, vais tomar dois de manhã e um ao meio-dia! E dos mais

pequenos, os que têm só um traço na caixinha — tomas um de manhã e um à noite — não mais! Antes de voarem para a competição em Seul, tomas um pouco mais, depois deixas de os tomar!» Agora lembro-me de um dia já mais recente — talvez cerca de um ano antes de ela morrer. Levei-lhe um vaso com uma planta. Sabia que ela não gostava de flores cortadas.

Quando entrei, já estava de cama. «Senta-te», disse-me a Vanga e segurou-me a mão durante muito tempo. «Bore, porque não vens mais vezes para eu te ver?», e à mulher que lhe fazia a limpeza disse: «Essa flor deixa-ma aqui no quarto, que fique ao pé de mim!» Numa visita seguinte vi-a novamente lá. O vaso estava ao lado da cabeceira dela.

A minha mulher adoeceu. Ficámos muito assustados, porque lhe disseram que talvez tivesse algo grave nos ovários. Aonde havíamos de ir, a quem perguntar? Claro, à Vanga... Quando entrei, disse-lhe: madrinha, a minha mulher está doente, estamos muito assustados, e a Vanga disse à minha mulher: «Porque ainda não morreste, se o teu sangue já está envenenado por medicamentos. Não tens nenhum cancro, quando te acalmares, vais melhorar, não voltes mais aos médicos!»

O meu atual compadre é um «Tomé incrédulo». Um dia estava em casa dele e disse-lhe: vamos, levo-te à Vanga! Ele, porém, não acreditava nela, não reconhecia o dom dela e não lhe apetecia dar a volta. Mas eu insisti e convenci-o. No caminho para Rupite íamos a fazer companhia um ao outro, mas reparo que o compadre vinha carrancudo. Depois confessou-me: «Não acreditava tanto e apetecia-me tão pouco ir que, se tivesses parado em qualquer lado pelo caminho, deixava-te ali e voltava para trás!» Eu, porém, não parei em lado nenhum e chegámos depressa.

Entramos onde estava a Vanga — ela falava comigo de coisas banais e de repente perguntou: «Quem aqui é o Stefcho?», e era o meu compadre. Ele respondeu meio vivo meio morto, quase desmaiou de surpresa. Como é que a Vanga haveria de saber o nome dele, se ninguém lho tinha dito. Quando falámos em casa dele, saímos logo para Rupite — nem tinha avisado a Vanga de que ia com ele, nem mais ninguém sabia onde estávamos. A partir daí o Stefan tornou-se um apaixonado admirador e defensor da Vanga — lembro-me de que nessa altura a Vanga lhe disse: «Tens um problema com os tribunais. Queres recuperar propriedades que eram do teu pai, que tinha sido um homem rico. Vais recuperá-las com o tempo, mas vais sofrer muito até lá. No fim, porém, vais conseguir o que queres!»

16.III.1999

GUNA IVANOVA

Cantora popular

Em 1976 levei à Vanga uma criança com perturbação psíquica — tinha medo de tudo o que tocasse. Saímos de noite às duas da manhã e às cinco estávamos em Petrich, mas soubemos que só se entrava com marcação prévia.

Lembrei-me, porém, de que a Vanga ia a Rupite e lá trabalhava um meu primo, era chefe de uma brigada de horticultura.

«O que estão a fazer com essa criança», disse a Vanga, «vão acabá-la de vez. Parem o tratamento. Tragam-me dois metros de tecido — estampado, de chita.»

Comprámos o tecido e levámo-lo à Vanga. Com ele mediu a criança e disse que fizessem uma almofada, que a enchessem com palha de feno e que a criança dormisse nessa almofada. Depois determinou ao fim de quanto tempo os pais deviam ir a um rio e deitar lá o tecido e a palha. «A criança vai melhorar», disse a Vanga. E assim foi, era uma menina, curou-se completamente, cresceu, casou-se, tem dois filhos e é professora de profissão.

No 80.º aniversário da Vanga fui a Rupite felicitá-la — impressionou-me que estivesse tão cheia de vida para aquela idade. Eu estava com raparigas de Petrich com quem cantava num coro. Cantámos-lhe algumas canções populares macedónias e ela ficou muito contente. Nesse mesmo dia dei uma entrevista por causa do aniversário da Vanga no programa «Horizont» da Rádio Nacional da Bulgária.

A entrevista foi ouvida pela mulher de um conhecido meu a quem os médicos tinham dito que tinha cancro do colo do útero. A mulher estava muito assustada, porque tinham dois filhos. Era minha vizinha aqui em Sófia e uma noite veio a minha casa e pediu-me com muita insistência que a levasse à Vanga para ela lhe dizer se realmente tinha aquela terrível doença.

Fomos à casa dela em Petrich e o guarda, que já me conhecia, pediu à Vanga que nos recebesse. Primeiro entrei eu. Digo: «Tia Vanga, trago-te uma rapariga com um diagnóstico muito grave feito pelos médicos, mas ela só acredita em ti. Podes dizer-lhe duas palavras?» A Vanga chamou-a.

Quando ela entrou, a Vanga disse-me: «Porque dizes rapariga, se eu vejo que tem dois filhos! E à mulher: — Não tens cancro, só uma ferida no colo do útero. Vais ao hospital Sheynovo falar com o doutor (disse o nome), vão operar-te e tudo correrá bem. Vejo que daqui a anos até vais fazer o casamento dos teus filhos.»

Uma vez levei à Vanga uma mulher cujo irmão tinha desaparecido no Iraque, mas a Vanga mandou dizer pelo guarda que não nos podia receber.

Decidimos ir tentar em Rupite, mas a resposta foi a mesma: «Não os posso receber!» Evidentemente a Vanga tinha visto o fim trágico daquele homem e não conseguia dizê-lo à irmã, por isso não nos recebeu. E desse homem até hoje não há qualquer notícia. Já passaram tantos anos...

Em 1976 as águas da cheia do rio Struma levaram o meu tio e a minha tia, que viviam na aldeia de Lebnitsa. Tinham ido um dia a Sandanski levantar dinheiro do banco. Iam casar o filho mais velho. No regresso à aldeia desenrolou-se um drama pior do que os filmes mais horríveis.

O rio Struma tinha subido tanto que fervia como um vulcão. Os meus parentes tinham de o atravessar por uma ponte de cordas. O burro em que viajavam, assustado com o rugido da água, não queria passar pela ponte. Mas o meu tio puxava-o pela rédea à frente e a minha tia empurrava-o por trás. De repente uma grande árvore arrastada pela corrente bateu com força na ponte e partiu a corda. A minha tia caiu à água e a corrente levou-a imediatamente. Afogou-se, e o meu tio ficou mais de quatro horas pendurado sobre a água a ferver e ninguém o conseguia ajudar — estava meio morto, porque ramos e árvores, e a força da água, tinham-lhe partido as duas pernas, e a cara e todo o corpo estavam esmagados e ensanguentados.

As pessoas na margem agitavam-se e não sabiam como ajudá-lo. A água era assustadora. Só ouviam os seus gritos de dor. Por fim, depois de quase quatro horas, trouxeram um guindaste com um cabo e cortaram a corda em que estava enredado, mas a água levou-o também a grande velocidade. Nunca mais o viram. Nesse dia, tanto o meu tio como a minha tia afogaram-se com quatro horas de diferença.

Procuraram os corpos durante muito tempo, mas não encontraram nada.

Foram perguntar à Vanga o que deviam fazer e ela disse-lhes: «Vão encontrá-los, os corpos estão um ao lado do outro. Estava-lhes escrito — na morte haviam de estar juntos.» Procuraram os corpos um, dois, três meses — nada. Mas um ano e meio depois a Cruz Vermelha Internacional informou que na Grécia tinham sido encontrados dois cadáveres de afogados lado a lado, que os familiares reconheceram, embora com muita dificuldade, como sendo do meu tio e da minha tia.

Assim se cumpriu a profecia da Vanga, dita um ano e meio antes — ficámos muito espantados na altura como é que os dois corpos estavam juntos, se a minha tia se tinha afogado quase quatro horas antes do meu tio, como é que os dois corpos se juntaram no mesmo lugar — ou foi uma enorme coincidência, ou foi o destino, como a Vanga tinha dito.

3.III.1999

O FENÓMENO

Qualquer tentativa honesta de penetrar no futuro interessará certamente muitas pessoas, mas os homens estão mortalmente fartos dessa vaidade científica. Portanto, menos explicações sobre o quê e o como, mais simplesmente contar...

John Wyndham

Nós, os sobrinhos da Vanga, filhos da irmã dela, crescemos com ela e em crianças achávamos perfeitamente natural o seu comportamento estranho e toda a sua atividade. Só às vezes não conseguíamos compreender porque é que a nossa tia de repente empalidecia, porque subitamente se sentia mal, porque da sua boca saía inesperadamente uma voz que nos impressionava pela força, pelo timbre completamente diferente, pelas palavras e expressões que a Vanga não tinha no seu vocabulário. Então os adultos à sua volta prendiam a respiração e depois diziam que ela estava a pronunciar coisas decisivas para o destino das pessoas, que aconteceriam muitos anos mais tarde.

Eu tinha 16 anos quando um dia, na nossa casa em Petrich, a Vanga me falou desse modo. Mas não era a voz dela, nem sequer era ela, era um qualquer «outro» que falava pela boca dela. As palavras que ouvi não tinham nada a ver com a conversa que tínhamos antes, como se uma outra entidade se tivesse metido entre nós. Ouvi: «Aqui estamos, nós vemos-te...», e depois contaram-me com todos os pormenores tudo o que eu tinha feito nesse dia até aquele momento. Fiquei petrificada de medo.

Estávamos só as duas em casa. Pouco depois a Vanga suspirou e disse: «Uf, as forças deixaram-me», e voltou a falar-me das coisas anteriores. Perguntei-lhe porque é que de repente me descrevia o que eu tinha feito durante o dia, e ela respondeu que não me tinha descrito nada. Contei-lhe o que tinha ouvido e ela repetiu: «Oh, isso são “as forças”, as pequenas “forças” que estão sempre à minha volta. Mas há também as grandes, que são os chefes delas.

Quando decidem falar pela minha boca, sinto-me mal e depois fico abatida o dia inteiro. Aliás, queres vê-las? Elas querem mostrar-se a ti.» Fiquei infinitamente chocada e literalmente gritei que não queria. Depois, porém, acalmei-me, e a curiosidade falou mais alto e perguntei-lhe o que veria.

«Pois, verás pontinhos luminosos no ar, tal como vaga-lumes», disse a Vanga. Era outono e cerca do meio-dia.

Ao longo dos anos tentei dar a mim mesma alguma explicação para esse fenómeno. Em diferentes períodos, quando a Vanga estava bem-disposta, fiz-lhe várias perguntas às quais na maior parte dos casos respondeu. Felizmente guardei essas notas. Quando as reuni num só lugar, resultou uma espécie de

inquérito que, de forma geral, dá uma ideia das capacidades da Vanga. Naturalmente as perguntas foram feitas de outra maneira, mas o sentido está transmitido com total exatidão.

À pergunta se via rostos concretos — imagem, aparência, quadro, ambiente — respondeu-me que sim.

Em que período de tempo: passado, presente, futuro? Respondeu que sim para os três períodos, sem diferença.

A visão é esquemática, apenas como informação sobre a pessoa, ou é concreta? Resposta: tanto como informação como concreta.

Tem cada pessoa o seu próprio «código» através do qual se reconhece o fio da sua vida? — Não respondeu.

Como aparece o futuro de uma pessoa nos seus atendimentos: destacam-se apenas os acontecimentos importantes ou a vida passa diante dela como num filme? — Vê a vida como num filme.

Lê pensamentos? — Sim.

A que distância? — Sem diferença.

Lê pensamentos de estrangeiros e de que forma é a informação? — Sim. Normalmente ouve uma voz e não há barreiras linguísticas.

Pode chamar informação para um período determinado ou em resposta a uma pergunta concreta? — Sim.

Ao ouvir rádio, uma informação pode provocar nela uma «imagem visual»? — Não. Raramente ouve rádio.

A força da sua vidência depende da gravidade do problema colocado ou da força da personalidade com quem fala? — Sim.

Depende do estado de saúde ou psíquico momentâneo da pessoa? — Não.

Se prever a uma pessoa determinada uma desgraça ou até a morte, pode essa pessoa evitá-lo? — Não. Nem a Vanga nem a pessoa podem.

E para um grupo de pessoas, aldeia, cidade, país? — Não.

O caminho de vida de cada pessoa depende da «força do indivíduo» e pode ser alterado? — Não. Cada um segue um caminho rigorosamente determinado.

Como determina o problema vital, principal, do visitante? — Aparece uma «imagem» e ouve uma «voz».

Tem a sensação de que a sua capacidade de vidência é programada por forças superiores? — Sim.

Que forças? — Não respondeu.

Como as percebe? — Mais frequentemente como «voz».

Já as viu? — Sim. Figuras transparentes — tal como uma pessoa vê o seu reflexo na água.

Os pontinhos luminosos no ar são manifestação delas? — Sim.

Podem materializar-se? — Não.

A cujo desejo — delas ou da Vanga — se pode entrar em contacto com elas? — Normalmente por desejo delas.

Podem esclarecer-se diferentes perguntas sobre elas através dela? — Não. É difícil. Respondem de forma muito vaga.

A ligação é unilateral, ou seja, por desejo delas? – Na maior parte das vezes, sim.

O ser humano é composto por vários corpos mutuamente ligados em simbiose, no sentido: etéreo, físico, mental? – Sim.

Como vê a pessoa falecida – como imagem, conceito ou outra coisa? – Vê «imagem» e ouve «voz».

Ao contactar com uma pessoa falecida, esta manifesta interesse ou apenas responde às perguntas? – Tanto responde como faz perguntas por iniciativa própria.

A personalidade conserva-se após a morte? – Sim.

Como percebe a morte? – Apenas como fim físico.

Existe reencarnação? – Não respondeu.

O que é mais forte – a ligação de sangue ou a ligação espiritual? – A ligação espiritual é mais forte.

Existem uniões num nível superior da inteligência? – Sim.

Se aceitarmos os seres humanos como uma comunidade de inteligência situada num determinado degrau evolutivo, existe um outro nível de inteligência paralelo e superior? – Sim.

Essa inteligência superior de onde provém – do Cosmos, de civilizações mais antigas na Terra ou do futuro da Terra? – Do Cosmos.

Existiram na Terra grandes civilizações antes da nossa? – Sim.

«Quantas?» – Não respondeu.

Pode a civilização humana ser vista como a infância da inteligência? – Sim.

Existe no Universo inteligência no mesmo degrau que a nossa civilização? – Não respondeu.

Haverá um encontro com representantes de outra civilização? – Sim.

Existem na atmosfera terrestre «discos voadores»? – Sim.

De onde são? – Do planeta que, segundo elas, se chama Vamfim ou pelo menos ela ouve assim, e é o terceiro a contar da Terra. – Não deu mais explicações.

Foi estabelecido contacto bidirecional (telepático ou outro) com eles? – Não. São eles que estabelecem os contactos.

Não me atrevo a fazer qualquer comentário. Estas minhas perguntas foram provocadas por acontecimentos concretos, previsões ou estados particulares da Vanga, sobre os quais falarei mais detalhadamente adiante.

A Vanga é uma pessoa religiosa e acredita que Deus existe. Mas à pergunta do jornalista K. K. (guardei a gravação desse diálogo) em 1983, se alguma vez tinha visto Cristo, respondeu-lhe assim: «Sim, mas Ele não tem figura. É uma enorme bola de fogo em que não se consegue olhar de tanta luz. Só luz. Nada mais se vê. Se alguém te disser que viu Deus, podes ter a certeza de que não é verdade.»

A qualidade mais espantosa do dom da Vanga é a facilidade com que se desloca no tempo e no espaço – do passado longínquo ao futuro longínquo.

Entre as localidades de Sandanski e Petrich existe uma zona chamada Rupite, conhecida pelas suas fontes termais. A zona é cercada pela pequena montanha Kozhuh e aos seus pés estende-se o leito seco e arenoso do rio Struma. Lá a Vanga tem uma casinha onde descansa em silêncio no meio da natureza. É também lá que recebe visitantes.

Todos os anos, a 15 de outubro, dia de Petkovden segundo o calendário da Igreja, reúne centenas de convidados e oferece uma grande mesa posta. O motivo desta celebração, segundo ela (registei esta declaração em 1985), é o seguinte: «Neste dia, 15 de outubro, há milhares de anos, um vulcão entrou em erupção. Sob a lava incandescente foi sepultada uma grande cidade e milhares de pessoas inocentes. Eram altas, robustas e vestiam roupas finas e brilhantes como folha de alumínio. Eram muito cultas.

O rio que atravessava a cidade era aurífero e cada recém-nascido era mergulhado nas suas águas. Os portões da cidade eram adornados com grandes animais alados dourados. Aqui, neste lugar, havia três grandes templos – «Santa Petka», «Santa Virgem» e «São Pantaleão». O abismo

ardente que engoliu esse povoado agora envia-nos os seus vapores quentes para nos curarmos. São os suspiros das pessoas inocentemente mortas. O meu pedido a todos vós é que no futuro continuem a honrar este dia, a prestar homenagem a todos os que morreram em todos os tempos.»

Sobre Rupite, Lyubka, a irmã da Vanga, diz:

Esta zona de Rupite, da qual ela já não se separa há anos, atrai-a muito e eu não consigo perceber porquê. Mas ela sabe! A mim pessoalmente este lugar deprime-me e oprime-me muito, e afeta muitas outras pessoas da mesma maneira. Mas a Vanga diz que lá ouve «as vozes» que lhe contam muitas coisas. E exatamente onde está a casinha dela, segundo ela, fica o centro que liga os santuários que existem ali à volta desde a Antiguidade.

O meu irmão Dimitar:

Não sou historiador nem arqueólogo, mas gosto de vasculhar livros e documentos antigos e de ler sobre o passado remoto das nossas terras. Para alguns locais históricos até crio as minhas próprias versões e alegro-me quando as minhas modestas suposições se confirmam mais tarde em escavações arqueológicas.

Pelo que sei e também pelo que suponho, na zona de Rupite existiram santuários desde os tempos mais antigos. Ainda hoje os locais encontram centenas de fragmentos de objetos com caráter ritual, que provam que aqui fervilhava uma rica vida espiritual. Ainda são visíveis degraus de antigos templos trácios, e encontram-se moedas trácias e romanas. Esses santuários podem ser da época trácia ou de outra era – mais antiga ou posterior –, mas aqui vinham numerosos peregrinos de terras distantes que se mergulhavam nas «sagradas» águas termais para implorar a misericórdia dos deuses e obter cura e saúde.

Os velhos desta região ainda se lembram das histórias que os avós contavam sobre o ritual de cura com as águas. Normalmente fazia-se depois da Transfiguração (6 de agosto). As pessoas cavavam um buraco na areia, de onde logo jorrava a água termal, e ao nascer do sol – obrigatoriamente a essa hora – pegavam num cântaro novo e regavam-se com a água. Assim saudavam o Sol. Para que os deuses ouvissem o pedido de cura, era obrigatório que cada doente se regasse sozinho e, durante o ritual, ficasse em silêncio – sem dizer uma única palavra. Segundo a crença, após esse ritual o efeito era muito rápido e positivo.

Mas há outra lenda sobre esta zona que me impressiona muito e me leva a fazer as mais diversas conjeturas. Os velhos contam que neste lugar está enterrada uma estátua equestre de ouro em tamanho natural. Acham que é a estátua de São Constantino, escondida aqui quando os turcos chegaram a estas terras, mas eu penso que poderia ser a estátua do deus trácio Héros,

porque exatamente aqui foram encontradas placas de mármore com a imagem desse deus. Se é ou não assim, dirão os nossos arqueólogos especialistas, mas eu esforço-me por explicar outra coisa ligada à minha tia.

As primeiras visões dela estão ligadas a um cavaleiro com quem falava junto ao poço; depois aparece novamente um cavaleiro que lhe anuncia que vai começar a guerra e que ela se tornará vidente e preverá sobre «vivos e mortos». E há quase 30 anos estabeleceu-se nesta zona, onde a lenda volta a falar de um cavaleiro escondido debaixo da terra para ser protegido da profanação dos invasores. Estes cavaleiros dominaram-me de tal forma que me levam a pensar em outras coisas, cujo lugar talvez não seja aqui para as partilhar, mas não consigo conter-me – o enigma do Cavaleiro de Madara ainda não foi desvendado.

Os especialistas fazem muitas suposições, alguns acham que é a imagem do cã Tervel ou de outro dos nossos governantes, mas eu pergunto-me – não será o cavaleiro que a Vanga vê sempre que estão para acontecer acontecimentos decisivos? Mas quem é esse cavaleiro e quem o representou ali, naturalmente não sei. Peço desculpa por estas suposições ousadas, mas penso que seria muito interessante se um dia as investigações seguissem essa pista. Mas isso é outro tema...

Pessoalmente, acho que não foi por acaso que a minha tia escolheu este lugar para descansar e realizar as suas sessões. À volta há outros recantos desertos, até muito mais bonitos e acolhedores, onde poderia repousar e receber visitantes. Mas escolheu exatamente este e diz que daqui extrai energia e força para fazer as suas previsões, e que a crista que se ergue sobre o leito seco do rio Struma «esconde um grande segredo». Lá, segundo ela, está a chave para decifrar o nosso passado antigo. Que energia e força é essa que atraía os antigos e agora alimenta o dom profético da Vanga, não sei. Mas se os cientistas e arqueólogos dirigirem as suas investigações para esta zona, talvez descubram coisas que ultrapassarão os limites da arqueologia e do passado.

Perguntámos à Vanga: «Porque ficas aqui neste lugar?» E ela responde:

«Tenho um tempo determinado para estar aqui. Este lugar é muito especial. Serve-me como acumulador e dele retiro energia e força. Outrora aqui ardeu um fogo terrível, e esta crista por cima de nós esconde um grande segredo. Este lugar também é uma rota de migração de aves. Por aqui passam os grandes bandos de aves que vão ou regressam do sul. Mas porque se concentram neste lugar, não sei» (1988).

«Fui colocada aqui! Aqueles que vêm ter comigo estão muito perdidos e eu tenho de os orientar – uns encontram depois o caminho certo, outros nem chegam a encontrá-lo. Sou uma representante! Estendo a mão aos desnorteados e desesperados e indico-lhes para onde devem ir!» (1988).

A irmã Lyubka conta:

Já lá vão tantos anos que estamos juntas – na verdade desde que nasci até hoje –, e ainda agora me admiro e espanto com as suas capacidades e não consigo explicar a mim mesma. As pessoas chamam à Vanga de tudo – vidente, adivinha, bruxa, oráculo etc. Para mim ela é uma profetisa, porque não só vê o futuro e o passado, como tudo o que diz e decreta acontece com precisão absoluta.

A Vanga encontra-se com muitos cientistas, mas no fim, quando o encontro termina, saem da casa dela perplexos ou infinitamente maravilhados com tudo o que ouviram e disseram.

«Como hei de entender este milagre?», perguntava-se após o encontro um grande cientista soviético chamado Anatoli Mikhailov. «Como foi a Vanga capaz de fazer a ligação com a minha mãe, que morreu há mais de dez anos? Será possível que o cérebro morto forneça informação?»

A 3. M., médica da URSS que quis encontrar-se com a minha irmã, a Vanga estabeleceu contacto e falou-lhe de curandeiros dos tempos mais antigos e dos métodos de cura deles. Ao sair, a mulher completamente atordoada perguntou-me: «Mas como é possível, de onde saberá ela os nomes desses curandeiros mortos há tanto tempo?»

Ao conhecido historiador búlgaro N. G. falou com pormenores sobre a vida nas nossas terras no século XII, como se lesse num livro. O próprio cientista depois confessou que ela lhe contou coisas que ele desconhecia, apesar de ser considerado um dos bons conhecedores dessa época.

A Vanga diz que por cima de nós há um grande olho que vigia todos os nossos atos. «Ninguém se pode esconder de nada – diz ela. – Não pensem que são livres para fazer o que vos apetecer, não são, ninguém é livre.»

Recebe os mais variados presentes, mas nada a impressiona, nada terreno lhe interessa. Observa de olhos fechados coisas desconhecidas para nós.

Uma vez falámos sobre o arco-íris, que tinha aparecido depois da chuva e parecia-me que uma das pontas estava mergulhada no canal de água que corre junto ao relvado em frente à casinha da Vanga em Rupite. Parecia que conseguia tocar o arco-íris com a mão. Achei muito estranho, porque a casinha da Vanga e aquela crista misteriosa atrás dela estavam enquadradas pelo arco-íris como numa moldura e essa imagem impressionava muito. Calava-me e não dizia à minha irmã o que via.

De repente ela disse-me: «Dá-me a mão para sairmos para o relvado perto do canal, traz também uma cadeirinha!» Estávamos só as duas... Sentámo-nos, calámo-nos, e as cores maravilhosas do arco-íris destacavam-se

com muita nitidez. Era extremamente belo. Perguntei-lhe com cuidado, porque não percebia como o arco-íris podia ficar tanto tempo no céu: «Diz-me como vês tu o arco-íris, o que significa tanta beleza concentrada num só lugar?» «O arco-íris», disse ela, «apareceu pela primeira vez quando a chuva parou, depois de ter chovido abundantemente durante 40 dias e destruído todo o género humano e todas as criaturas terrestres (trata-se na verdade da lenda bíblica). Só ficou a arca de Noé.» Digo-lhe: «Mas isso é uma lenda. É assim que tu o vês?» Vanga: «Uf, não te posso contar tudo o que vejo, mas à noite, lá para a meia-noite, quando atravesso o salão do rés do chão da minha casa, passo sempre ao lado dessa arca de Noé, que lá está intacta há tantos anos.»

O que significa isso, nunca me explicou e até hoje continua a guardar de forma ciumenta essas explicações só para si.

Lembro-me de um caso. Um dia veio ter com a Vanga uma jovem acompanhada pela mãe e por um jovem monge. A Vanga virou-se logo para o monge: «Porque vieste aqui?» «A minha mãe está doente», respondeu o monge. «Mas tu és monge», continuou a Vanga, «a tua casa é o mosteiro e a igreja a que te votaste é a tua mãe. Eu sei que os monges devem viver só para Deus, porque com o voto morreram para o mundo.» O monge ficou perturbado e pouco depois disse: «Trago aqui uma parente minha que também quer ir para um convento e tornar-se monja.»

«Mas como», disse a Vanga, «ela não é virgem, é casada?» «Sim», confirmou o rapaz, «tem dois filhos, mas não se entende com o marido e acha que a vida dela não tem sentido.» «E então», continuou a Vanga, «e tu, de roupeta vestida, foste abrir-lhe caminho? Não. Ela não tem o direito de abandonar os filhos nem de tocar nas portas da igreja. De quem quer esconder-se? Vai deixar a casa, mas as lágrimas das crianças queimá-la-ão viva. Vão-se embora!... E tu, rapaz, não serves para isso!»

A Vanga é capaz de seguir toda uma vida humana. Não posso deixar de mencionar o caso de um grupo de jovens que tinham roubado ícones valiosos.15 Eles ocupavam-se de restauro e tinham acesso à igreja e ao património monástico. Abusaram cruelmente da confiança da administração do mosteiro. A Vanga desmascarou-os imediatamente e com precisão impressionante contou a todos os presentes como os jovens tinham planeado o roubo. Disse-lhes que eram pessoas más e desonestas e que pagariam muito caro por esse ato feio.

...Um homem idoso, velho conhecido nosso de há muitos anos, tinha um colar com 15 moedas de ouro e decidiu escondê-las para dias difíceis. Escondeu-as tão bem que um dia os netinhos mexeram em tudo à volta da cama e encontraram dentro da almofada o saquinho escondido. Quando o homem descobriu que o colar tinha desaparecido, foi logo ao tribunal apresentar queixa contra o vizinho que nesse mesmo dia o tinha visitado em

casa e lhe pedira um favor. No dia seguinte veio mesmo assim ter com a Vanga para lhe perguntar se tinha feito bem. Ela disse-lhe:

«Porque vais processar uma boa pessoa, ele não é ladrão. Vai acima do alpendre, onde penduraste o saco de aveia para o burro, e lá encontrarás as coisas perdidas.»

O homem foi-se embora e no dia seguinte, logo de madrugada, voltou à Vanga e, assim que ela abriu a porta, caiu de joelhos e disse:

«Obrigado, Vanga, por me teres salvo do pecado e da vergonha. Esse homem é meu amigo desde criança.»

...Uma jovem veio a nossa casa e contou-me o seguinte: «Durante longos anos vivemos toda a família numa casinha velha e arruinada. Uma vez perguntei à Vanga se também nós teríamos uma casa como deve ser. Ela respondeu-me: “Sim, vejo uma casa, mas só janelas, sem alicerces.” Não consegui perceber o que isso significava e esperei. Cerca de dois meses depois, ao regressar do trabalho, vi muito fumo e poeira à frente da nossa casa. Corri e, horrorizada, vi que a nossa velha casa se tinha desmoronado (ao lado estavam a construir uma casa nova e os trabalhadores tinham-na minado, como depois se comprovou), os alicerces tinham ruído e do andar de cima pendiam no ar, sei lá como ainda presos, as janelas...»

A Vanga diz:

Se dissesse às pessoas tudo o que vejo e sei, elas imediatamente quereriam abandonar este mundo.

Ela esforça-se por tudo para preservar as famílias que estão prestes a desfazer-se, ela melhor do que ninguém vê e sabe quem tem razão quando alguém se considera traído e injustiçado. Escuta pacientemente todos e no fim pronuncia a sua palavra pesada, sem medo de que alguém fique descontente ou a odeie por o ter desmascarado.

Uma vez roubaram-lhe do armário em Rupite um bonito vestido de veludo. Não se afligiu muito quando deu pela falta, disse apenas: «Não faz mal, vão alegrar-se com ele e depois trazem-mo.» Uma semana depois mostrou-me o vestido.

Ladrões arrombaram a porta da casinha dela e puseram tudo de pernas para o ar. Chamámos a milícia e os milicianos perguntaram à própria Vanga: «Diz-nos quem são os ladrões?» Vanga respondeu-lhes: «São crianças e vão trazer tudo o que roubaram.» Só dois dias depois os pais trouxeram os miúdos para se desculparem – a Vanga sentou-se no pátio e os rapazes ficaram de cabeça baixa à frente dela, cheios de culpa. «Então, rapazes, o que ganharam com isso? Tenho pena de vocês. Perceberam que nada fica oculto? Será uma grande desgraça se isto se tornar hábito vosso. Quero que saibam por mim:

nenhum roubo fica por descobrir, e os ladrões são desprezados por toda a gente. Vão-se embora e nunca mais repitam isto!»

Há momentos em que os seus olhos cegos se abrem muito e durante minutos contempla algo que se move, segue-o com o olhar, e depois os olhos fecham-se novamente. Às vezes, quando estamos as duas sentadas a falar de várias coisas, adormece de repente. Uma vez, para me distrair, decidi ler-lhe um livro que trazia comigo. Mas logo à primeira página ela adormeceu. Reparei e parei de ler, e ela disse-me: «Continua?» Depois de algumas páginas acordou e disse: «Está bem escrito, mas nada é verdade. Transportei-me para longe para ver até que ponto o que está dito é verdade, mas não foi assim.» O livro era de tema histórico.

Nós vemos e imaginamos uma coisa, e ela vê e imagina coisas completamente diferentes. Às vezes põe-se à escuta, sentada bem perto das flores, e depois diz-me: «Eh, se soubesses o que o manjericão acabou de me dizer: eu sou remédio para os nervos, recomenda-me!»

Mas como vê a Vanga todas estas coisas, qual é o mecanismo de receção e reprodução?

A Vanga diz: «Quando uma pessoa se coloca à minha frente, sinto que na minha cabeça se abre uma janela através da qual observo imagens e a vida da pessoa passa diante dos meus olhos como num filme, e por cima de mim ouço uma voz que me diz o que devo transmitir.»

«Já em 1971 disse à pintora Sun – chinesa casada com um búlgaro: vai chegar o dia em que regressarás ao teu povo e serás muito honrada. Quando nos vimos pela primeira vez, como se tivesse aberto uma grande janela à minha frente e vi – natureza muito bela – árvores, campos e casinhas baixas, e as pessoas andavam com sandálias de corda. Que país lindo! E depois disse à Sun: o teu filho tem paralisia, mas só tu o podes ajudar: vejo que ele vai curar-se completamente. Depois a Sun foi para a China. Estudou lá acupuntura e depois fez sessões e curou o filho. Agora sei que está de novo na pátria dela e muito feliz.»

Um dia a Vanga encontrou-se também com o pintor Svetoslav Roerich da Índia e a primeira imagem que viu foi um grande vaso no quarto dele, onde crescia um grande e belo lírio branco, e disse-lhe: «Esta é a maior decoração espiritual da tua casa. Como se tivesse aberto novamente uma grande janela à minha frente e com todo o seu esplendor brilharam os picos prateados do Tibete e dos Himalaias. Que beleza. Lá nessas paragens encontra-se a mais antiga história da humanidade. O teu pai foi simplesmente um homem não terreno. Foi também pintor, mas muito mais do que isso. Todas as suas telas são visões dele. Tu deves continuar a obra dele.»

Durante as suas sessões vê rostos concretos, a aparência das pessoas, cenas da vida humana, ambientes:

«Vem ter comigo uma mulher nossa conhecida que se gaba de ser uma grande dona de casa e critica o desleixo e a desordem de todas as vizinhas. Mas eu vejo que a cortina do quarto dela está pendurada de qualquer maneira e que as meias do marido estão enfiadas numa gaveta onde ele guarda ferramentas várias, e digo-lhe: tu não és dona de casa nenhuma, não te armes em importante. E depois descrevi-lhe tudo o que vi dentro da casa dela. A mulher foi-se embora envergonhada.»

Outro caso: «Vem visitar-me uma mulher inteligente, muito arranjada, investigadora científica com títulos e distinções. E eu digo-lhe: de que te servem as tuas ciências se não sabes cozinhar uma simples sopa. Como vais chegar ao grande se não sabes o pequeno. Afinal também és mulher e tens obrigações inadiáveis.»

A Vanga percebe as imagens sem diferença se estão no presente, no passado ou no futuro.

Uma vez, depois de conversar com um visitante sobre vários problemas, disse-lhe de repente que na família deles havia uma pessoa a quem chamavam «o turco». O homem não sabia disso, mas mais tarde veio de propósito contar-lhe: durante a guerra, o tio dele apanhou a mulher em casa de um vizinho e matou-a ali mesmo por ciúmes. Desde então passaram a chamar-lhe «o turco».

Em 1944, um camponês da aldeia de Kromidovo, no município de Sandanski, soube que o filho tinha sido morto pelos alemães perto da aldeia de Novo Selo, na Macedónia. No local indicado encontraram sete sepulturas, mas os corpos estavam muito desfigurados e os mortos não podiam ser identificados. Perguntaram à Vanga e ela disse-lhes que a sepultura que procuravam ficava na margem do ribeiro, junto a um grande arbusto. Quando a abriram, do bolso do casaco do morto caíram documentos e uma fotografia que não estava muito danificada e, por ela, percebeu-se que era mesmo o filho do homem de Kromidovo.

Quando as nossas tropas entraram no Egeu em 1942, ela disse ao marido: «Cuidado com a água!» Depois todos os que regressaram estavam doentes, ou de malária ou com problemas de fígado.

Por causa de instrumentos de barbearia contaminados, um jovem das aldeias de Petrich, D. G., apanhou no rosto um eczema terrível. O rosto ficou vermelho e depois cobriu-se de feridas e crostas. Nenhum medicamento nem pomada o ajudaram. Foi ter com a Vanga e ela disse-lhe que fosse ao rio buscar uma chávena de lama fina e limpa e a misturasse com uma chávena de sal. Que fizesse uma espécie de cataplasma na barba e dormisse com ela uma

noite. Na manhã seguinte, quando tiraram a crosta de lama, por baixo apareceu uma pele limpa, branca e calma.

A um pintor idoso e gravemente doente, D. U., a quem os médicos não conseguiam diagnosticar, a Vanga disse que tinha uma aderência na zona do diafragma e aconselhou-o a ir tratar-se à Alemanha Ocidental, que ficaria completamente curado. O que ela disse cumpriu-se à risca.

A um oficial que partia para a frente disse, durante um ataque, para não montar a cavalo, mas ele esqueceu-se. Logo no primeiro combate mataram o cavalo do oficial e ele só se salvou por milagre, gravemente ferido.

Quando em 1979 veio ter com ela o conhecido ator Vyacheslav Tikhonov, a Vanga disse à irmã: «Que esperem um pouco lá fora, porque tenho de receber sinal de quando os hei de receber.» No momento em que Tikhonov entrou, a Vanga gritou-lhe ainda da porta: «Porque não cumpriste o desejo do teu melhor amigo? Era o Yuri Gagarin.

Quando partiu para o último voo de teste, veio a tua casa despedir-se e disse: “Não tenho tempo de comprar, por isso peço-te muito que compres um despertador, como se eu o tivesse comprado, e o guardes na tua secretária. Que esse relógio seja uma recordação minha.”» O ator ficou tão espantado que quase desmaiou. Deram-lhe valeriana. Disse que tudo tinha sido exatamente assim, mas na confusão com a morte de Gagarin tinha-se esquecido e não comprara o relógio. Vanga: «Mas têm todos de saber: Yuri Gagarin não morreu. Foi levado!» Por quem, porquê, para onde – não disse.

Ao escritor Yulian Semyonov que o acompanhava: «Tens de escrever e continuar o filme com mais três séries (referia-se ao famoso filme soviético “17 momentos de primavera”). Só que “ainda estás descalço” no tema das próximas séries. Tens de ir a Espanha e encontrar um tal Vladimir. Ele contar-te-á muitas coisas, orientar-te-á na escrita de momentos interessantes.»

A um escritor que mal começara a escrever um livro disse-lhe: «A tua ideia de a mulher morrer no fim do livro não é verosímil. Na vida não é assim. Deixa a heroína viver para o livro ser verdadeiro.»

A um visitante engenheiro, depois de descrever todo o ambiente da casa e a situação familiar dele, contou-lhe o que havia no sótão antigo e «descobriu» num baú a máquina de escrever do avô falecido. O engenheiro espantado lembrou-se de que o avô realmente tinha uma máquina de escrever, mas não sabia onde estava. A Vanga disse-lhe que os cálculos que fazia naquele momento não batiam certo porque cometera um pequeno erro e indicou-lhe onde o procurar. Segundo a Vanga, toda a vida do visitante passa rapidamente diante dela, destacando-se os acontecimentos mais significativos.

Há anos veio ter com a Vanga um pintor que se apresentava como Van Gogh, com cerca de 40 anos, e ofereceu-lhe um quadro pintado por ele –

«Cristo com os discípulos no meio do grande campo de trigo». Esse quadro ainda hoje adorna a casa dela. Vanga: «Trabalhaste muito, mas não tens nada, és pobre. Esforça-te por manter o espírito elevado porque te esperam ainda muitas dificuldades. Um dia terás também aquilo que, segundo os outros, não mereces. Irás muito longe, mas depois de sofreres uma grande derrota. Partirás em viagem completamente sozinho.»

Cerca de dois anos após o encontro com o pintor vieram ter com a Vanga pais furiosos que diziam ter sido roubados e humilhados porque a filha, de 22 anos, fora enganada e casara, como se veio a saber, com o já nosso conhecido pintor, a quem detestavam. Mas a Vanga, juíza implacável e justa, sentenciou: «Vocês são os pais da rapariga, não são? Ouçam-me bem. Esse homem com quem a vossa filha casou é pobre, mas bom e honesto. Não podem trazer a filha de volta porque ela ama-o. E se um dia o fizerem, hão de arrepender-se amargamente.»

Os pais intransigentes conseguiram mesmo assim separar a família. Trouxeram a filha à força para casa, que já tinha dois filhos do pintor. O pintor desesperado partiu pelo mundo destroçado, solitário e tendo perdido tudo – casa, mulher, filhos, pátria. Os pais felizes, satisfeitos por terem arrancado a filha do genro odiado, viveram a mais terrível tragédia – num passeio de carro com o novo namorado, a filha sofreu um acidente e morreu no local.

Uma mulher destroçada pela dor anda pelo mundo à procura de cura para a sua angústia. É de Montreal. Malfeitores mataram-lhe o marido na rua e raptaram para parte incerta o seu único filho. O assassino foi preso, mas da criança não havia nem notícia nem ossos. Após longas buscas a polícia informou-a de que a criança estava morta e fora encontrada no fundo de um lago. A mãe desesperada não conseguia aceitar esse fim trágico e em julho de 1987 apareceu à porta da Vanga. «Realmente uma grande desgraça te aconteceu», disse a Vanga, «mas diz-me, foste tu que deste à luz essa criança?» «Não», respondeu a mulher, «adotámo-la.» «Ouve agora», continuou a Vanga, «essa criança está viva, mas foi levada para fora do país e anda na escola numa grande cidade.

Vive com pessoas que fazem tudo para que ela te esqueça, esqueça a casa e a pátria. Mas tu terás notícias da criança e em abril do próximo ano receberás informações completas sobre ela e, após muitas e longas dificuldades e peripécias, um dia voltarão a estar juntas.» A mulher foi-se embora atónita e eis o que mais tarde comunicou: «antes do julgamento o assassino quis encontrar-se com a mulher do homem que matara, mas ela não teve forças para se encontrar com ele e mandou uma amiga próxima. O arguido pediu que dissessem à mãe que a criança estava viva, mas que ele não podia revelar onde se encontrava.» A mulher louca de alegria disse que se curvava perante o dom da Vanga e acreditava que tudo o que ela dissera se cumpriria até ao final feliz.

A um professor doente e pobre, pintor de Petrich, disse que na velhice seria muito rico e famoso. Anos depois o professor ganhou 20 000 levs na lotaria e depois mais 10 000. Os seus quadros começaram a ser apreciados e procurados por admiradores da sua arte.

«Vocês não veem», diz a Vanga, «mas todas as manhãs põe-se ao meu lado uma mulher, como se estivesse de serviço, vestida de branco e azul em todos os tons. Quem vem ter comigo provoca na minha consciência diferentes imagens da sua vida, e essa mulher ao meu lado diz-me o que hei de dizer e eu transmito.»

Lê a Vanga pensamentos? Sim. Muitas vezes cita aos visitantes o que pensavam antes de entrar ou o que pensavam sobre algum assunto. A distância não lhe faz diferença.

Lê pensamentos também de estrangeiros e recebe a informação sob a forma de voz. «Há pouco tempo visitou-me um romeno cujo filho se afogara no Danúbio. O homem pensava que a criança fora empurrada para a água por outra criança e esse pensamento não o deixava em paz. E eu disse-lhe: “Não, não é verdade. A criança atirou-se a nadar sozinha e enredou-se em raízes. Assustou-se e não conseguiu sair. Ninguém tem culpa. Eu vejo o local do acontecimento e posso descrever-te em pormenor como tudo se passou...”»

Perguntam por vezes à Vanga: «Se previres a morte ou outra coisa fatal a uma pessoa, pode ela evitar isso? E pode a Vanga evitar?» «Não», responde ela categoricamente. «Ninguém pode. A vida do homem está rigorosamente determinada e ninguém a pode mudar.»

Um dia um jovem, camionista, veio e ofereceu-se para nos levar até ao mosteiro de Rozhen. Quando regressámos, ao despedir-se ela disse-lhe: «Faças o que fizeres, vê se no dia 15 de maio estás aqui comigo.» Mas nesse dia o jovem foi pedido para transportar materiais para a construção da casa de um amigo e contou em casa à mãe que provavelmente iria ter com a Vanga a 17 de maio, porque não podia recusar ao amigo. Exatamente nesse dia o jovem foi atropelado numa passagem de nível por um comboio que passava. Como aconteceu exatamente ninguém sabe, mas os peritos acharam que os travões bloquearam e o condutor não conseguiu evitar a tragédia. A Vanga tinha visto toda a cena e tentou protegê-lo, mas não conseguiu.

Lyubka: O meu sogro – professor, pintor autodidata e violinista – decidira pintar a Vanga – o retrato ainda hoje está na casa dela em Petrich. Mas enquanto a pintava, a minha irmã disse-lhe várias vezes: «Tio Boris, aconteça o que acontecer, não vendas nem o anexo da casa nem o violino.» O meu sogro ficou perplexo com essa recomendação, mas ela não lhe disse mais nada. E eis o que aconteceu cerca de dez anos depois. A nossa casa em Sandanski era velha e uma tarde, quando o meu sogro segurava o violino nas mãos, desabou de repente e do quarto onde ele estava e do contíguo só ficou

um monte de tijolos. Mas o estranho é que o meu sogro não se magoou e se safou só com o susto. O anexo ficou intacto, que nessa altura a família usava como forno. Esse anexo serviu-nos depois durante muito tempo até nos instalarmos.

Veio ter com a Vanga o búlgaro A. X., que vivia na Áustria há muitos anos. Tinha emigrado havia muito tempo. Contou-nos que na vida ganhara muito dinheiro, casara com uma mulher rica, tinha uma boa família, mas que sentia falta da Bulgária e muitas vezes estava em pensamento na pátria. Fizera uma grande doação para a construção da futura Casa dos Búlgaros no Estrangeiro e viera para a cerimónia em que fariam a primeira pá de terra. A Vanga disse-lhe antes da cerimónia que, segundo os antigos costumes, sacrificassem um cordeiro e fizessem kurban, e que o cordeiro fosse comprado por ele. Durante a cerimónia foi-lhe feita a honra de dar a primeira pá de terra, mas logo a seguir morreu. Não comprou o cordeiro, como a Vanga lhe dissera, mas ela tinha visto que ele seria esse kurban e ficaria para sempre em terra natal.

A Vanga declara: «Estou presente nos pontos mais quentes do planeta e vejo derramamento de sangue, cataclismos naturais e desastres. À noite vocês dormem, e eu folheio páginas da existência humana e vivo as tragédias de todas as pessoas.»

Lyubka: Há anos, com um grupo de mulheres onde estava também a minha sogra, a Vanga foi ao mosteiro de Rila. Lembro-me muito bem que foi a 1 de março de 1950. Logo que acabou a missa na igreja – era o dia de São João –, a Vanga ficou muito inquieta e começou a insistir com as mulheres e os peregrinos que ali estavam que saíssem imediatamente. Dizia-lhes que dali a pouco ia acontecer ali algo terrível. As mulheres não a entenderam. Pensaram que seria terrível à saída da igreja porque havia muita gente lá dentro e convenceram a Vanga a ficar mais um pouco, pois só às 17 horas havia autocarro para Sandanski. Até lá podiam passear e ver mais coisas.

A Vanga insistiu novamente, mas as mulheres não lhe deram ouvidos e ela foi-se embora de carro com conhecidos. De repente, lá para as 14 horas, apareceu uma enorme nuvem e começou a chover de maneira tão terrível que em pouco tempo o rio Rila transbordou e inundou todas as estradas. Já ninguém conseguia sair do pátio do mosteiro. A aldeia próxima ficou inundada e as casas foram arrastadas. A bagagem dos visitantes também foi levada pelas águas fortes do rio. A minha sogra e o grupo de mulheres com ela mal conseguiram passar por cima de umas vigas que os bombeiros colocaram para retirar as pessoas em perigo de serem arrastadas. A minha sogra voltou só com o vestido que trazia vestido, encharcada até aos ossos e bastante assustada, depois ficou doente.

A fita da vida humana desenrola-se diante dos «olhos» da Vanga até chegar ao fim fatal – a morte. A Vanga não sabe porque acontece assim com ela, é informação sobre a pessoa que vem sozinha, sem ela ter chamado essa imagem. Mas afirma que é um processo que não consegue controlar nem parar ou deixar de ver.

Trouxeram à Vanga uma jovem noiva que não se sentia bem e cujas pálpebras caíam constantemente. Simplesmente não conseguia manter os olhos abertos. A Vanga disse-lhe: «Tens a glândula timo danificada. Vai imediatamente ao médico!», e depois aos familiares: «Vão ao médico, nem que seja para saberem que fizeram tudo o que era possível. Mas a rapariga não vai curar-se e morrerá.»

Lyubka conta: Lembro-me também de outra pessoa. Veio com mais duas mulheres de Sófia. Era um homem robusto, andava direito e com muito ar de superioridade. Quando o vi, não conseguia adivinhar a idade dele e, por mais indelicado que fosse, perguntei-lhe quantos anos tinha. O homem riu-se, pediu-me que adivinhasse e disse-me que fora oficial ainda na Primeira Guerra Mundial. Fiquei espantada e disse-lhe que era impossível parecer tão bem com essa idade, e ele respondeu-me que era assim porque toda a vida cuidara só de si próprio e não assumira nem assumiria compromissos.

A Vanga ouviu-o calada o tempo todo e depois bateu com o pé no chão e disse: «Bem, chega-te isto, até aqui!» Não percebemos o que queria dizer com essa frase. Ao ir-se embora o homem quis provar a nossa comida porque da cozinha vinha um cheiro agradável, elogiou a comida e disse que através dela voltara à infância. Foi-se embora e três dias depois informaram-nos de que tinha morrido. Era isso que queria dizer o «Até aqui!» da Vanga.

A filha de Lyubka – Anna, médica: O dom da Vanga foi durante muito tempo negado pela medicina. Até há poucos anos, nesses meios chamavam-lhe charlatã e especuladora habilidosa que punha «espiões» entre as pessoas para escutar e assim obter informações sobre elas. Lembro-me de criança que havia miúdos vizinhos que se riam de mim por ser «sobrinha da adivinha». Depois as coisas mudaram. As pessoas perceberam que ali havia algo sério que por enquanto não conseguimos explicar e voltaram a atenção para ela. O Dr. Georgi Lozanov e a sua equipa começaram investigações sistemáticas com base científica. Reuniram muitos dados e descreveram milhares de casos.

Eu, como médica, deveria ser mais cética em relação a este fenómeno, mas ainda hoje, no que toca a diagnóstico ou tratamento de uma doença, a Vanga põe-me, como se costuma dizer, «de joelhos». Sabendo que ela não percebe de medicina, como é que «vê» e chega a essas coisas – não sei. Mas por agora ela coloca um grande ponto de interrogação precisamente perante o conhecimento científico e este tem o dever de responder. Nós só podemos

orgulhar-nos de que no nosso país exista um tal fenómeno e temos o dever de fazer todos os esforços necessários, realmente todos, para o estudar.

Depois de tudo o que foi lido até aqui, surge na pessoa uma pergunta legítima: como, quando e porquê apareceu este fenómeno precisamente na Vanga? Talvez na biografia dela encontremos a chave que nos ajudará a penetrar no mistério...

«EU NÃO VIVO PARA MIM, VIVO PARA AS PESSOAS»

A casa da Vanga em Petrich atraía diariamente centenas de pessoas. Cada um que vinha queria ouvir algo pessoal da boca dela – um, para lhe dizer como resolver os seus problemas pessoais ou profissionais, outro tem dificuldades em casa, um terceiro procura cura para a sua doença, um quarto vem simplesmente por curiosidade, para ver com os próprios olhos, porque ouviu as coisas mais incríveis sobre a Vanga e a sua vidência.

Os habitantes de Petrich habituaram-se tanto às pessoas que esperam em frente da casa que o consideram algo completamente natural e provavelmente poucos se dão conta do «tesouro» que a cidade ganhou em 1942 com a Vanga. Vêm pessoas de todo o tipo, de idades, formações e convicções diferentes. O que as atrai tão obstinadamente à porta da Vanga – a esperança de obter cura para as suas várias dores, respostas para os seus destinos e perguntas complicados, clareza na sua existência confusa. E a Vanga transmite...

O que há de extraordinário nela para o destino a ter presenteado com um dom tão extraordinário.

A Vanga nasceu a 31 de janeiro de 1911 na cidade de Strumitsa, Jugoslávia, numa família de pequenos agricultores. Do pai herdou a resistência física, o sentido de justiça e o amor pelos oprimidos, e da mãe – o carácter alegre, o gosto pela ordem e limpeza, que na Vanga são elevados a culto.

Nasceu dois meses prematura, era muito fraquinha, com as orelhas coladas à cabeça e os dedinhos das mãos e dos pés colados. Ninguém sabia então se a criança sobreviveria, por isso puseram-na perto do fogão, embrulhada em tripa de boi e lã não lavada, para ver se chegava aos nove meses. Uma noite de março o bebé chorou muito alto e as «avós» entendidas disseram à mãe preocupada que na verdade o bebé nascera agora.

E como na região de Strumitsa havia o costume de não dar nome a uma criança de cuja sobrevivência não se tinha a certeza, no dia seguinte, também segundo o costume, a avó da criança saiu à rua e pediu à primeira mulher que encontrasse que dissesse um nome para a recém-nascida. A mulher disse «Andromacha». Nessa altura muitas mulheres em Strumitsa tinham nomes

gregos, mas à avó não gostou e perguntou a uma segunda mulher, que deu à recém-nascida o nome Vangelia – portadora de boa nova. Esse nome também é grego, mas nessa região era tão popular que a avó o aceitou como se fosse «deles» e aprovou-o.

O pai, Pande Surchev, era ainda jovem quando se tornou combatente e partiu para lutar contra a escravatura turca. Capturado pelos turcos, foi condenado a prisão perpétua na prisão turca «Yedi Kule» e cruelmente torturado e sem esperança de salvação saiu de lá em 1908, quando os «jovens turcos» declararam a Turquia monarquia constitucional e o novo governo libertou os prisioneiros. Regressou a casa, percebeu que as guerrilhas não tinham sido desfeitas e voltou a juntar-se à luta. Pouco depois as guerrilhas foram dissolvidas e todos regressaram aos seus lugares natais.

Pande voltou à sua aldeia natal, Novo Selo, mas em casa não encontrou ninguém. Os pais tinham morrido e o irmão desaparecera por outras aldeias. Durante dias andou sem rumo e perguntava-se com que havia de ocupar-se. Então soube que a câmara de Strumitsa dava casas turcas abandonadas e terra a colonos e decidiu ir viver para lá.

Deram-lhe uma casa velha na extremidade da cidade. Quase todas as casas eram velhas e de madeira e o bairro parecia mais uma aldeia do que parte da cidade.

As ruelas eram estreitas, lamacentas, sujas e à noite escuras como o breu. Os quintais eram pequenos, cercados de espinhos ou sebes vivas, por onde passeava o gado que à noite fechavam nos rés do chão das casas ou os donos viviam ao lado dele. Todos tinham vindo das aldeias vizinhas à procura de sustento na cidade e eram sobretudo agricultores ou pequenos artesãos e comerciantes. O colorido do bairro, que todos chamavam Svetiko porque se aglomerava em volta da igreja «Santos Quinze Mártires», era completado por algumas famílias barulhentas de ciganos e pela família de um hodja que não quisera emigrar para a Turquia e a quem todos chamavam «Gülbaba» porque tinha o mais belo roseiral de toda a região.

O novo colono passou a viver em paz e entendimento com os novos vizinhos. Tomou um pouco de terra e começou a cultivá-la. A princípio sozinho. Depois conheceu a pequena como uma rapariguinha, ágil e alegre, Paraskeva, e gostou dela para noiva.

Vangelia – permitam-me que, para abreviar, passe a chamar-lhe Vanga – tinha apenas 3 anos quando, ao dar à luz o segundo filho, a mãe morreu. Um ano depois, em 1915, declarada a Primeira Guerra Mundial, o pai foi mobilizado e partiu para combater nas fileiras do exército búlgaro (a Primeira Guerra Mundial foi declarada em 1914, mas os homens da região de Strumitsa foram mobilizados e incorporados na guerra em 1915). Vanga ficou com a vizinha Asanitsa – uma turca muito boa e compassiva. Durante quase três anos não

chegou qualquer notícia do pai e os vizinhos julgaram que Vanga ficara «órfã de todo», até que um dia o pai, magro até ficar irreconhecível, regressou vivo e de saúde.

Voltaram a viver com Vanga na velha casa, mas isso não se revelou tão fácil para o pai. Vanga, já com 7 anos, era magra, de olhos azuis e cabelo loiro, mas uma criança muito irrequieta e teimosa. Via-se que lhe faltava o carinho e a severidade materna.

Nessa altura, no fim da guerra, estabeleceu-se em Strumitsa o poder sérvio e as novas autoridades locais introduziram regras rígidas e várias restrições. Não eram poucos, porém, os habitantes de Strumitsa que não entendiam essas disposições e passaram a viver com medo e inquietação. Com grande inquietação vivia também Pande, perguntando-se sinceramente como seria a vida de Vanga quando crescesse.

E ela era viva, alegre, comunicativa e as crianças vinham com muito gosto brincar no quintal deles. O jogo favorito dela era fazer as crianças deitarem-se no quintal – eram os seus «doentes», e ela era a doutora que os tratava. Arrancava ervas várias e aplicava-lhas na barriga. Depois obrigava-as a varrer bem o quintal – não suportava que estivesse sujo – e sentava-se no meio de uma esteira. As crianças rodeavam-na e ela contava-lhes histórias intermináveis, inventadas por ela. As crianças ouviam-na extasiadas.

Anos depois, quando estava bem-disposto, o pai contava aos outros filhos histórias divertidas desse «governo da casa» da Vanga de então e todos riam até às lágrimas.

A Vanga adorava pôr cada objeto num lugar seguro. Um dia o pai decidiu ir pescar e pediu ao vizinho que esperasse só um segundo para ir buscar as canas. Procurou, procurou pela casa, mas delas nem sinal. A Vanga observava divertida toda a azáfama e só passado um bocado perguntou ao pai o que procurava, dizendo-lhe depois que as canas estavam cravadas no chapéu dele. Do mesmo modo ele procurava os opanci e, apesar de andar muito tempo à volta do caldeirão virado ao contrário, não se lembrava de que estavam debaixo dele.

Julgando que não conseguiria tratar sozinho da criança e da casa, Pande decidiu casar-se novamente. Não tinha grandes perspetivas de sucesso, porque era pobre, viúvo e com uma filha, mas rapidamente encontrou dona de casa. Tanka Georgieva era uma das raparigas mais bonitas da cidade, que trançava as longas tranças em cima de uma cadeira. Estava noiva de um oficial búlgaro, mas os acontecimentos frustraram o casamento previsto e, para que não ficasse desonrada, os pais apressaram-se a casá-la, em segredo, com Pande. Embora infeliz com essa reviravolta inesperada, Tanka encontrou no marido um homem bom e trabalhador, e ele nela uma dona de casa cuidadosa e uma mãe atenciosa para a filha.

Seguiram-se dias de bem-estar e entendimento. Pande era um bom agricultor e dono de casa cuidadoso, por isso pouco a pouco a sua terra foi aumentando e chegou aos 100 decaros. Chegou mesmo a contratar jornaleiros nas épocas de maior trabalho no campo e as pessoas começaram a tratá-lo pelo respeitoso «tchorbadji Pande».

Mas esse bem-estar foi curto. Os «mais zelosos» partidários do novo poder não conseguiam perdoar a Pande o seu passado. Um dia prenderam-no e levaram-no. Depois tiraram-lhe toda a terra. Foi na época intensa da ceifa, quando as pessoas recolhiam o pão do campo. De bem-estar a família caiu em miséria extrema e essa acompanhou-a durante longos anos.

Quando o pai regressou do posto de polícia espancado e torturado, tornou-se claro que tinha de ir trabalhar como jornaleiro algures para conseguir alimentar a família, que entretanto crescera. Em 1922 Tanka deu à luz um rapaz a quem chamaram Vasil. O pai tornou-se pastor em Bosilovo e depois em Dabila. Pastor, jornaleiro e último dos pobres ficou até ao fim da vida.

Em casa ficou a mulher com as duas crianças – Vanga e Vasil – e Vanga ajudava-a habilmente nas lides domésticas. Já tinha 11 anos. Enquanto tomava conta do irmãozinho, inventava jogos em que também ela brincava. Só que há cerca de meio ano inventara um jogo que inquietou os pais... Lá fora, na rua em frente da casa ou num lugar mais afastado do quintal, punha um recipiente ou objeto qualquer, depois voltava para junto da casa, fechava os olhos e começava como cega, apalpando, a mover-se e a procurar o objeto. Teimosamente, uma e outra vez, brincava assim à «cega» e as ameaças e proibições dos familiares não a conseguiam demover...

Em 1923 a família mudou-se para Novo Selo, para casa do irmão de Pande, Kostadin. Este tornara-se abastado, casara mas não tinha filhos e, ao saber em que situação difícil caíra a família do irmão, decidiu chamá-los para junto de si, para cuidarem juntos do gado e não passarem fome em Strumitsa. O pai aceitou.

Como a mais velha, já com 12 anos, Vanga tinha a obrigação de ir todos os dias com o burro até aos currais fora da aldeia e em dois cântaros trazer o leite. Num dia de verão regressava à aldeia com duas primas e as três raparigas decidiram passar pela fonte Khanska, que ficava no campo mas perto do caminho. E como aconteceu, ninguém soube...

De repente levantou-se uma tempestade terrível. O céu escureceu e soprou um vento assustador que partia ramos das árvores, arrancava as mudas novas e, juntamente com torrões de terra, atirava-as longe no campo. Ergueu-se uma enorme coluna de poeira até ao céu. Poeira, torrões de terra, ramos e folhas misturavam-se numa voragem inimaginável que gelou de terror as raparigas mudas de pavor e derrubou as duas primas perto da fonte, enquanto Vanga foi atirada cerca de dois quilómetros para dentro do campo,

até à localidade de Tarnaka. Quanto tempo durou essa tempestade? Já ninguém se lembra. Mas quando procuraram Vanga, mal a encontraram num campo, soterrada de terra, pedras e ramos. Estava como louca de medo, mas muito mais terrível era a dor atroz que lhe trespassava os olhos cheios de poeira e ela não conseguia de todo abri-los.

Quando a levaram para casa, todos se esforçaram por aliviar os seus sofrimentos, lavaram-na com água, lavaram-lhe os olhos com infusão de ervas, mas nada ajudava. Recorreram a várias benzedeiras e curandeiras, davam-lhe «águas benzidas», faziam-lhe compressas, untavam-na com pomadas, mas também estas não trouxeram alívio. Só até à noite os olhos dela se encheram de sangue e mais tarde, juntamente com as íris, embranqueceram.

O pai desesperado decidiu regressar imediatamente a Strumitsa e procurar um médico. Na verdade, em Novo Selo ficaram muito pouco, cerca de três meses, não estavam assim tão bem e parecia que tinham ido só para Vanga adoecer nos olhos.

No bairro espalhou-se rapidamente a notícia da sua desgraça e durante todo o dia vinham vizinhas que recomendavam várias ervas e pomadas, contavam todo o tipo de histórias de curas com essas ervas, mas na verdade faziam-no só por compaixão, porque ninguém conhecia remédio eficaz para tal doença.

Levaram Vanga ao médico e ele disse que a situação era grave, porque a inflamação aumentava e era preciso operar urgentemente para salvar os olhos. Mas era preciso arranjar muito dinheiro...

Em pouco tempo fizeram em Skopje duas operações – para uma o pai arranjou dinheiro, a outra fizeram-na por pobreza, gratuitamente, mas ambas foram mal sucedidas. Desceu um «véu» nos olhos dela. Recomendaram ao pai uma terceira operação em Belgrado e ele aceitou. Marcaram a data e disseram que para essa operação era preciso pagar 5000 dinares (cerca de 500 levs), soma bastante elevada para a época.

O pai ficou arrasado, porque não sabia donde nem como arranjar esse dinheiro. Era muito pobre e os vizinhos não eram mais abastados do que ele e por isso ninguém lhe podia dar a quantia necessária. Então pediu ajuda à ex-sogra. Esta declarara que uma das herdades a deixaria à neta Vanga. Pande pediu-lhe que vendesse essa herdade prometida e arranjasse o dinheiro para a operação. Mas depois da morte da filha – a mãe de Vanga – as relações entre sogra e genro tinham-se deteriorado muito e a avó recusou categoricamente ajudar.

Então o pai começou a vender, mas o que podia tirar da pobre mobília. Vendeu a máquina de costura que ficara da primeira mulher, vendeu a única ovelha que tinham em casa e mais nada havia para vender. Arranjou não sei

donde mais algum dinheiro e mal juntou metade da quantia, e a data aproximava-se.

Um dia antes da operação enviaram Vanga para Belgrado com um vizinho mais abastado que ia visitar o filho. Apesar de muito querer estar ao lado de Vanga nesse momento difícil, o pai não foi, para não gastar em viagem a quantia já de si insuficiente.

Quando o vizinho, que se chamava Pande Payvanski, senhor arranjado e bem vestido, levou Vanga ao hospital, parecia que um parente rico levava a parente pobre e queria livrar-se dela o mais rápido possível. Com essa impressão ficou também o médico que no dia seguinte faria a operação. Ao ver quanto dinheiro o acompanhante entregava, irritou-se com a avareza dele, chamou Vanga à noite ao gabinete e disse-lhe:

«Menina, amanhã vou operar-te, mas o dinheiro que o teu pai mandou é metade, por isso vou fazer-te uma operação “pela metade”. Quando trouxerem a quantia necessária, opero-te como deve ser!» Penso que estas palavras foram só um acesso momentâneo de raiva.

Quando regressou a casa, Vanga via, embora muito debilmente. O médico disse-lhe que precisava de comida forte, limpeza e tranquilidade para recuperar. Claro que estes conselhos ficaram só no desejo, porque a vida da família continuava como antes, em penúria e miséria. Em 1924 nasceu outra criança – um rapaz a quem chamaram Tome – e o pobre Pande voltou a trabalhar como jornaleiro pelas aldeias para alimentar de alguma forma a família de cinco membros. A mulher, na medida das suas forças, trabalhava no campo e Vanga tomava conta dos dois irmãozinhos e tratava da casa.

As más condições de vida depressa fizeram sentir o seu peso. Voltou a descer o «véu», de nova operação nem se podia falar e pouco depois ficou completamente cega. Desta vez para sempre.

O desespero era total. Noites inteiras Vanga chorava e pedia a Deus que acontecesse um milagre e voltasse a ver, mas o milagre não chegava.

Passaram meses e ela não conseguia conformar-se por ser um peso para a família e não poder ajudar em nada, ficando ali impotente sem saber como sair daquela situação.

Um dia vizinhos aconselharam o pai a fazer diligências na cidade de Zemun, onde havia um lar para cegos, e a mandar Vanga para lá. Se não outra coisa, pelo menos não passaria fome, porque se dizia que lá tratavam bem as crianças infelizes.

Em 1925 receberam notícia do lar de que aceitariam Vanga. Ela já tinha 15 anos. Quando soube que ia partir, não pregou olho até de manhã de tanta excitação. Esperava-a um futuro desconhecido e ninguém podia dizer quanto

tempo ficaria naquele lar. Talvez para sempre! Ao pensar que nunca mais se «veria» com a família, o coração apertava-se-lhe de dor e punha-se a chorar.

Na manhã seguinte Vanga despediu-se da casa. Pequena e magra, estranhamente calada, ela «olhava» a manhã de primavera que chegava. Olhava, claro, de forma muito condicional, mais exatamente escutava o dia que nascia. Assim, escutando, percebia o mundo. Os que veem nem imaginam quantos sons se entrelaçam à volta deles...

Eis que a brisa leve se infiltra pela sebe viva e depois acaricia os gerânios, as begónias e as rosas. Pela erva nova correm patinhas de gato, e o sol balouça-se no ramo mais alto da ameixoeira. Depois desliza pelo rosto dela. Essa imagem gravou-se na consciência e Vanga guardou-a para toda a vida.

No lar para cegos da cidade de Zemun tudo era novo e interessante. Logo vestiram a nova aluna com o uniforme do lar – saia plissada castanha e blusa com gola de marinheiro. Calçaram-lhe lindos sapatos bege. Cortaram decentemente o cabelo loiro. Vanga estava perturbada e muito feliz. Depois, às escondidas, apalpou e alisou longamente as roupas novas e sentia-se como uma rainha, porque nunca até então estivera tão bem vestida.

O regime no lar era rigoroso. Até ao meio-dia os alunos tinham ocupações muito sérias – aprendiam o alfabeto Braille, ensinavam-lhes várias disciplinas, aprendiam música... A nova aluna tinha um ouvido musical incrivelmente apurado e rapidamente aprendeu a tocar piano. As teclas parecia que não emitiam sons, mas lhe contavam a casa – os campos verdes de Strumitsa, o céu azul sobre Novo Selo, o quintal com as begónias e gerânios coloridos, o alegre murmúrio do rio Trakayna, a infância, os entes queridos, a luz... Que pena não haver aula de música o dia inteiro.

Depois começavam as ocupações práticas. Ensinavam as raparigas a tratar da casa – a tricotar, a cozinhar, a limpar, a arrumar. Praticamente não é trabalho muito complicado, mas se a pessoa tem olhos. Aqui as raparigas cegas tinham de aprender a «ver com as mãos» – a adquirir dedos sensíveis e ágeis. Vanga aprendia tudo com facilidade e não havia professor que não ficasse satisfeito com ela.

Impercetivelmente passaram três anos. Vanga tornou-se uma jovem de dezoito anos, com um aspeto muito arranjado e do rosto magro irradiava calma e satisfação. Havia algum tempo que uma alegria interior a iluminava. Aqui entre os educandos do lar havia um jovem – Dimitar, da aldeia de Gyoto, região de Gevgelija – e Vanga sentia que, ao ouvir a voz dele, o coração lhe batia ansiosa e alegremente e todo o rosto se lhe inundava de calor.

O jovem também procurava a voz dela e os dois eram imensamente felizes quando estavam juntos. Um dia ele confessou-lhe que a amava e

propôs-lhe casamento. Os pais dele eram ricos e não se opunham a sustentar os dois.

O dia inteiro Vanga imaginava como ficaria de noiva com um longo vestido branco e véu suave como um sopro. Simplesmente não tocava no chão de tanta felicidade. Mandou recado ao pai e esperou pela bênção dele. Seguiram-se dias de impaciente espera...

VIDA DIGNA DE VENERAÇÃO

Mas um dia de 1928, em vez da esperada bênção paterna para o casamento iminente, Vanga recebeu de Strumitsa uma notícia que a atingiu como um raio. O pai informava-a de que tinha de regressar imediatamente a casa para tomar conta das crianças. Em 1926 Tanka dera à luz uma terceira criança – uma menina a quem chamaram Lyubka – e dois anos depois morrera ao dar à luz a quarta.

Assim Vanga se despediu do primeiro amor, da escola, do casamento e de uma vida melhor. O caminho de regresso a casa foi pesado e doloroso, porque ela tinha perfeita consciência de que os três anos passados no lar para cegos da cidade de Zemun foram os mais belos anos da sua vida e nunca mais se repetiriam.

A partir daqui a vida da rapariga cega é marcada por miséria atroz e muita dor, mas também por uma força de alma infinita que a sustentará para resistir a todas as dificuldades.

Em casa Vanga encontrou miséria terrível. As crianças, cada uma mais pequena que a outra, estavam sujas e doentes de subnutrição. O irmão Vasil tinha 6 anos, Tome 4 e a mais nova, Lyubka, 2. E a cega Vanga tinha de ser tudo para eles – mãe, dona de casa e protetora. Logo que Vanga chegou, o pai voltou a trabalhar pelas aldeias como jornaleiro ou pastor.

Nessa altura deu-se o terramoto de Chirpan, que se sentiu bastante também na região de Strumitsa. Com o forte abalo a velha casa de madeira desmoronou-se e os filhos de Pande ficaram na rua. Alguns dias depois o pai construiu do outro lado da rua uma casinha pequena. Fez-a de caules de canas e rebocou-a com barro. Essa casinha esteve em Strumitsa até há pouco tempo. Lá dentro havia só um quartinho e um pequeno corredor – «alpendre». Depois acrescentaram uma pequena cozinha onde construíram um lar e ali no chão cozinhavam o pão, claro, quando havia farinha.

Mudaram-se rapidamente porque não havia nada para transportar. Mas Vanga, com o seu sentido de ordem e limpeza, esforçou-se por tornar acolhedor também ali. Num lugar bem visível do quarto puseram um baú colorido que ficara do enxoval da segunda mãe, cobriram o chão de terra com

esteiras e num canto colocaram a cama, para a qual Vanga tricotou de fios velhos uma colcha «para ficar bonito», e era toda a mobília que tinham. À frente da casinha cercaram um pequeno quintal e à volta plantaram flores bonitas.

Nessa casinha Vanga e Lyubka viveram longos anos sozinhas, porque os irmãozinhos, embora muito pequenos, foram pelas aldeias trabalhar como jornaleiros ou pastores de ovelhas para ganhar o sustento da família.

Na cidade e nas aldeias vizinhas depressa souberam que a rapariga cega tricotava rápida e bem e começaram a trazer-lhe grandes trouxas para tricotar. Depois, em vez de dinheiro, davam-lhe pequenas coisas ou lãs velhas. Com elas Vanga fez roupa para as crianças porque muitas vezes andavam rotas. Para si não fazia nada porque de qualquer modo não saía de casa. E como soubessem quão pobres eram, quando no bairro morria alguma mulher davam as roupas dela a Vanga para gastar.

Vanga começou também a tecer. Ensinou Lyubka a atar os fios rompidos e a irmãzinha até tarde ouvia o tac-tac do tear ou sentia como se moviam sem parar as agulhas de metal com que Vanga tricotava. Era habitual Vanga tricotar até muito tarde na noite e chorar sem parar de desespero. Durante o dia portava-se com firmeza para não assustar Lyubka e não permitir que as pessoas a tivessem pena, mas à noite dava livre curso a toda a sua dor e era o único modo de aliviar a sua situação pesada.

De manhã levantavam-se muito cedo porque, segundo Vanga, havia muito que fazer. Ela não gostava de estar sem trabalho e não permitia que ninguém à sua volta andasse ocioso. Queria que tudo estivesse limpo e arrumado. Assim, por exemplo, a segunda-feira era dia de lavagem, na terça-feira varriam tudo à volta da casa, na quarta-feira remendavam a roupa. Costurava Lyubka. Embora muito pequena, Vanga ensinara-a a tratar da casa e era muito exigente com a irmãzinha. Apalpava o remendo e se o ponto não lhe agradava desfazia-o e obrigava Lyubka a coser de novo.

Muitas vezes Lyubka chorava porque havia muita roupa para remendar e não podia sair para brincar com as crianças, mas Vanga era inflexível. Tudo tinha de estar como deve ser. Na quinta-feira amassavam o pão. Na sexta-feira iam fora da cidade e cavavam terra vermelha com que rebocavam toda a casinha por dentro e por fora faziam um rodapé vermelho para ficar mais bonito. No sábado iam apanhar urtigas ou azedas para cozinhar. Ao domingo iam à igreja e à tarde vinham as mulheres das aldeias vizinhas buscar as coisas tricotadas, reuniam-se no quintal delas e as vizinhas punham-se em conversa. Vanga era muito comunicativa, tinha um grande sentido de humor e todos gostavam de falar com ela.

Há um costume interessante na região de Strumitsa. Na véspera do dia de São Jorge as raparigas deitavam numa bilha «nishani» (objetos pessoais)

para no dia seguinte, por eles, saberem qual seria a sua sorte. A bilha, costumavam colocar no quintal da Vanga, debaixo de um grande e velho pé de rosa escura que parecia uma bela árvore bem aberta. Muitas vezes, talvez por pena de ela ser cega, escolhiam a Vanga como oráculo e na manhã seguinte ela tirava os nishani da bilha e fazia previsões a cada uma. O curioso era que tudo o que a Vanga predizia se cumpria com absoluta exatidão. Todos se maravilhavam com isso, mas a ninguém passava pela cabeça que a Vanga tivesse o dom de prever.

Também noutro dia festivo, o dia dos Santos Quarenta Mártires, as raparigas colocavam raminhos atravessados no rio e faziam uma «ponte», porque acreditavam que à noite sonhariam com o seu futuro eleito a passar por cima dela. No dia seguinte, porém, quase nenhuma conseguia surpreender a Vanga, porque ela própria lhes dizia o que tinham sonhado durante a noite. Eram manifestações muito estranhas, mas ninguém tentava explicá-las.

Esses ambientes festivos e alegres eram, no entanto, muito raros. A Vanga não se permitia relaxar, porque a miséria perseguia-os eternamente e ela tinha de trabalhar dia e noite. Muitas vezes, muitíssimas vezes, passavam fome. A comida principal era couve brava, pão de milho ou iogurte muito diluído, mas muitas vezes ficavam até sem isso. Um dia informaram o pai de que já não havia donde arranjar farinha. Raramente tinham dinheiro e a Vanga guardava-o para dias especialmente difíceis.

O pai foi ter com um camponês abastado, seu amigo, e pediu-lhe um pouco de farinha. Este disse-lhe que tinha um saquinho, mas que lho dava mediante pagamento. O pai levou o saquinho e imediatamente mandou-o para Strumitsa com um comerciante itinerante. A alegria em casa foi grande. A Vanga amassou logo o pão, ainda quente partiram-no e comeram. Mas apenas meia hora depois as duas irmãs começaram a sentir-se mal, a cabeça a andar à roda e a vomitar. Os vizinhos assustados chamaram o pai do village vizinho para regressar imediatamente a casa. Quando examinou a farinha, percebeu que o «amigo» lhe vendera não farinha, mas erva «piyavets» moída, que crescia entre o trigo e era venenosa.

No fim da cidade, perto do rio Trakayna, tinham uma pequena horta com seis cerejeiras. Quando as cerejas amadureciam, o pai vendia-as a comerciantes de passagem e, quando durante o ano alguma das crianças lhe pedia que comprasse alguma coisa, ele prometia sempre: «Quando vender as cerejas, compro-te!» O dinheiro costumava ser tão pouco que o prometido ficava sempre para o ano seguinte.

Um ano plantaram também um campo de tabaco. Trabalharam de sol a sol e, quando o entregaram ao monopólio do tabaco, pagaram-lhes tão pouco que o dinheiro chegou apenas para uma bilha nova que o pai encheu de boza.

Em 1934 Lyubka entrou para a escola. Era a melhor aluna, mas a mais pobre e a mais esfarrapada. A Vanga alegrava-se muito com o seu gosto pelos estudos, porque, embora por pouco tempo, também ela tocara na ciência no lar para cegos e sabia que riqueza era poder estudar. Apesar de em casa ser muito severa com as crianças e estas obedecerem-lhe e escutarem-na em tudo, a Vanga não conseguiu convencer os irmãos a estudar. Eles nem tinham possibilidade para isso, porque andavam sempre como jornaleiros pelas aldeias, mas mesmo quando tinham tempo recusavam-se teimosamente a ir à escola. O mais velho, Vasil, dizia-lhe que mesmo que tivesse tempo não queria ir à escola.

Em Strumitsa foi criado um clube de esperantistas onde se reuniam quase todas as crianças pobres. Vasil e Tome inscreveram-se e começaram a frequentá-lo regularmente. Supostamente para aprender esperanto. Muitas vezes mandavam a irmãzinha Lyubka levar livros pela cidade e entregá-los a diferentes pessoas. Mais tarde ficou claro que era um clube comunista ilegal e que, a par do idioma, os jovens estudavam intensamente literatura marxista clandestina. Os dois filhos do antigo combatente Pande encontraram naturalmente o caminho para essa escola.

Mas isso são acontecimentos posteriores. Os anos após 1934 são marcados por miséria desumana, muitas humilhações e dor. Mas embora fosse a mais atormentada, a Vanga era a mais firme e a mais lúcida da família. Nem por um instante se permitiu desanimar diante das crianças ou queixar-se a alguém. Era não só o apoio das crianças, mas também do pai, que estava completamente abatido com a preocupação do pão de cada dia e caía por vezes em profundo desespero. A Vanga dava-lhe também coragem e repetia-lhe sempre que viriam dias melhores.

Como não conseguia fazer face às despesas, o pai sonhava muitas vezes em tornar-se caçador de tesouros e um dia encontrar muito dinheiro. Uma vez a Vanga disse-lhe que sabia onde estavam enterradas moedas «antigas» e descreveu-lhe um lugar. Não era muito perto de Strumitsa, havia uma aldeia abandonada, ao lado um rio e um bosquezinho. Entre o rio e o bosque erguia-se uma grande rocha e o dinheiro estava enterrado debaixo dela. O pai ficou espantado com o que a Vanga dizia e depois riu-se com grande incredulidade, mas ao refletir lembrou-se de que tal lugar realmente existia.

A aldeia era Rayantsi, abandonada porque outrora ali grassara a peste e as pessoas tinham-se mudado para outras aldeias, e o riacho era o Rayanski. Realmente havia um bosquezinho e uma rocha. Perguntou à Vanga donde sabia essas coisas e ela respondeu que as sonhara. Um dia o pai propôs que fossem até à aldeia de Rayantsi para ver se o que a Vanga dizia era verdade. Claro que foram a pé. Mas Lyubka lembra-se de que a Vanga se movia com muita segurança pela zona de Rayantsi, como se lá tivesse estado muitas vezes, e tudo era exatamente como ela descrevera ao pai. Ele disse que um

dia viria cavar debaixo da rocha, mas depois caiu, partiu o braço e assim perdeu a riqueza. Mais tarde construíram ali uma barragem e, mesmo que tivesse havido dinheiro enterrado, ficou para sempre debaixo de água.

Pouco depois desse episódio perdeu-se uma ovelha do rebanho que Pande pastoreava. O pai chegou a casa muito zangado, porque, não tendo dinheiro para pagar ao patrão pelo animal desaparecido, supunha que este o despediria e ficaria sem trabalho, e a Vanga disse-lhe: «Não te zangues, a tua ovelha está em casa de Atanas, da aldeia de Monospitovo.» O pai ficou simplesmente atónito, porque não conhecia tal pessoa e muito menos a poderia conhecer a Vanga, que não saía para além do quintal da casinha e não tinha conhecidos daquela aldeia. Surpreendido ao extremo e bastante preocupado, perguntou donde sabia onde estava a ovelha e ela respondeu que a sonhara. Dizia sempre que sonhava coisas várias que depois se cumpriam. Provavelmente foram estes os primeiros sinais da sua vidência. O pai foi à aldeia indicada pela Vanga e realmente encontrou a ovelha no rebanho do homem que ela mencionara.

Antes de cada Ano Novo a câmara municipal elaborava listas dos cidadãos pobres de Strumitsa e concedia-lhes pequenas ajudas monetárias de cerca de 10 levs. Durante toda a semana antes da festa a Vanga e Lyubka esperavam em frente da câmara para receber esse dinheiro. Com grande pena os funcionários passavam pelas duas irmãs, porque a Vanga ficava horas descalça no cimento gelado do corredor e os pés ficavam vermelhos de frio. Lyubka calçava opanci diretamente nos pés nus. Ao vê-las assim descalças e geladas, uma tia delas dizia-lhes: «Se não têm com que se calçar, fiquem em casa ao quentinho!»

Mas também em casa raramente estava quente. Quando era possível, as duas irmãs iam ao limite da cidade, à zona de Cham Chiflik, e ali apanhavam pinhas. Mas o «combustível» acabava depressa e a maior parte do tempo passavam no quartinho ao frio, e ali, como a casa era feita de canas entrelaçadas, soprava de todos os lados e no meio do quarto cruzavam-se todos os ventos.

Apesar disso a Vanga era saudável e não adoecia. Mas em 1939 caiu doente com pleurisia. Durante cerca de 8 meses esteve entre a vida e a morte. Emagreceu tanto que, quando o tempo estava soalheiro, Lyubka punha-a numa tina e levava-a para fora, carregando-a como a uma criança. Quando a situação se tornou crítica, chamaram uma médica da estação antimalárica próxima. Ao entrar, esta olhou com repugnância e mandou Lyubka levantar os cobertores da doente. De tanto estar deitada, todo o corpo da Vanga estava em feridas e a pele simplesmente apodrecia. A médica mandou o assistente da estação trazer pó de talco e solução desinfetante, saiu de casa e disse a Lyubka no quintal que a irmã estava muito mal e em breve morreria.

Esta notícia espalhou-se rapidamente pelo bairro e os vizinhos chamaram um padre para dar à moribunda a extrema-unção, e no dia seguinte, quando os trabalhadores do monopólio do tabaco receberam os seus míseros salários, um deles pôs-se à entrada com um chapéu na mão e anunciou que estavam a angariar dinheiro para o funeral de uma pobre rapariga.

Dois dias depois Lyubka foi buscar água à fonte, que ficava bastante longe de casa, e ao regressar, quando se aproximou do quintal e se preparava para abrir o portão, olhou e deixou cair a bilha de espanto. A Vanga, que todos esperavam que morresse a qualquer momento, levantara-se da cama, saíra para o quintal e varria apressadamente. Não se notava nada que tivesse estado «em artigo de morte». Estava apenas mais pálida do que o costume, mas os movimentos do braço eram fortes e seguros como os de uma pessoa saudável e vigorosa. Ao ouvir a voz de Lyubka, disse-lhe: «Vamos, despacha-te! Temos de varrer tudo, porque brevemente aqui vão começar a vir muitas pessoas.»

1939 passou sob o signo de novas agitações eleitorais. O governo da época seguia uma política de aproximação à Alemanha hitleriana e isso provocou em muitos lugares manifestações de protesto e greves. Entre as pessoas começaram a circular todo o tipo de rumores. Começaram também prisões em massa. Foi preso também o pai da Vanga, porque em público dissera que essa política do governo era ruinosa para o povo. Foi novamente espancado e torturado. Tinha então 53 anos, mas quando regressou a casa parecia já um velho e estava simplesmente destruído pelos espancamentos. Aplicavam nas feridas sangrentas cebola e peles recém-esfoladas, untavam-no com várias pomadas e, ainda não totalmente curado, Pande levantou-se e voltou às aldeias.

No início de 1940 Lyubka adoeceu com meningite. Levaram-na para o hospital de Shtip, ali recusaram-se a recebê-la porque não havia camas livres, mas ao saber quão pobres eram, o médico de serviço aceitou instalá-la no corredor. Durante quase duas semanas a doente esteve na fronteira entre a vida e a morte, mas estava-lhe escrito sobreviver. Trataram-na com fome. Quando regressou a Strumitsa encontrou a Vanga mais magra do que ela. Enquanto Lyubka estivera ausente de casa, ninguém pusera os pés no quintal delas e não havia sequer quem trouxesse água. Mas ela aguentava. Dias a fio aguentava sem comida nem água, mas a ninguém se queixava. Alegrou-se muito por a irmãzinha regressar viva e de saúde.

Do longo adoecer Lyubka ficara anémica e um médico militar a quem a levaram disse que precisava de comida forte para recuperar. Ao ver quão esfarrapadas estavam as duas irmãs, disse que a rapariga poderia fortalecer-se se bebesse todos os dias meio litro de leite de ovelha cru.

O pai decidiu arranjar esse leite e na primavera contratou-se como pastor na aldeia de Hamzali, na exploração da BATA – empresa que produzia sapatos – e chamou para junto de si as duas raparigas. Realmente ali havia leite em abundância e em pouco tempo Lyubka melhorou. Todos os dias com a Vanga iam buscar água a um poço que ficava no campo, longe da aldeia. A Vanga sentava-se numa pedra enquanto Lyubka enchia os recipientes e às vezes ficava ali sentada muito tempo, calada e imóvel, sem prestar atenção a nada à sua volta. Nem ouvia nem reagia mesmo quando Lyubka lhe dizia: «Já enchi tudo, vamos embora!»

Um desses dias estava mais absorta do que o costume e Lyubka simplesmente desatou a chorar de medo. Ficou longo tempo muda ao lado da irmã até que num momento a Vanga, como se despertasse do transe, disse: «Não tenhas medo, não há nada de terrível, estava só a falar com um homem. Era um cavaleiro e veio dar de beber ao cavalo no poço. Disse-lhe para não se zangar contigo por não lhe dares lugar, porque tu não o vês. O cavaleiro disse-me: “Vês aquela ervazinha com florzinhas brancas miudinhas que cresce à volta do poço? Chama-se ‘erva-estrelada’ e ajuda a curar muitas doenças.”»

Lyubka olhou à volta e só então reparou na erva que crescia abundantemente por ali. Era realmente muito curiosa. Tinha um caule fino sem folhas e no cimo brilhavam florzinhas brancas miudinhas como estrelinhas. Lyubka até hoje não sabe o nome dessa planta, porque nunca a vira noutro lugar e ninguém na região conhecia erva com esse nome. Mas então, ao ouvir o que a irmã dizia, assustou-se ainda mais, porque estavam sozinhas em todo o campo e, como se costuma dizer, «nem uma ave voava» enquanto enchia os recipientes de água, quanto mais aparecer um cavaleiro. Quem eram essas pessoas com quem a Vanga falava? Lyubka nunca as viu...

Estava-lhes escrito que 1940 fosse só doenças. No verão, quando estava em Strumitsa, o pai caiu e partiu o braço, e na pele abriu-se-lhe uma grande ferida. Essa ferida infeccionou. Da infeção foram-se contaminando também as incontáveis velhas feridas de tantos espancamentos em esquadras e delegacias. Pouco a pouco a infeção tomou todo o corpo e o pai apanhou uma gangrena grave. Durante todo o verão cuidaram dele a Vanga e Lyubka, por um tempo pareceu melhorar um pouco e todos pensavam que Pande poderia recuperar, mas Lyubka ouvia como todas as noites a Vanga chorava amargamente, donde concluía que ela já chorava antecipadamente o seu destino amargo, porque sabia que o pai em breve morreria e ficariam «órfãos completos», sem qualquer proteção neste mundo.

Em setembro o estado do pai piorou muito e das aldeias regressaram também os dois irmãos para o tratarem por turnos. Agora, depois de tanto tempo, finalmente estavam todos juntos, mas novamente os apertou a fome. Todas as manhãs os dois irmãos saíam para a rua comercial à procura de qualquer trabalho. Vasil esperava em frente da câmara para que alguém o

contratasse como carregador, e Tome passava o dia a lavar tripas numa talho para à noite lhe darem um pouco para levar para casa. Mas muitas vezes os dois não traziam nada.

Um dia, quando já não tinham nem uma migalha de pão, o pai lembrou-se de um amigo e mandou Tome e Lyubka pedir-lhe algum dinheiro emprestado. «Dinheiro assim não se dá», disse-lhes o «amigo» Hristo Tudjarov, que se tornara bastante abastado, «amanhã vão às minhas herdades e apanhem o algodão que ficou nos pés. Depois dou-vos dinheiro.»

Logo de madrugada no dia seguinte as crianças de Pande foram para o campo e o dia inteiro apanharam algodão. Era outubro e fazia muito frio. Soprava um vento forte que parecia querer varrê-los do campo, onde não se via vivalma. As mãos ficaram azuis e gretadas do frio. Quando à noite foram ter com o patrão e lhe entregaram o saco cheio, ele atirou aos pés de Tome dois levs, disse que Lyubka era pequena e não lhe cabiam dinheiro, e fechou-lhes a porta na cara porque lá fora começara a cair neve.

No regresso a casa as duas crianças choravam de dor e ofensa e as lágrimas caíam sobre o pedaço de pão duro que tinham comprado com o dinheiro para o pai doente.

No início de novembro o pai sentiu que se ia embora, por isso reuniu os filhos à sua volta e disse-lhes: «Filhos, eu vou morrer, ficarão sozinhos. Sejam honestos e trabalhadores e ouçam a Vanga. Agora ela será tudo para vocês!»

A 8 de novembro de 1940 o pai morreu com 54 anos de idade. O corpo do defunto, lavado e mudado de roupa, jazia na esteira no chão, mas nem um padre veio rezar por ele nem os filhos sabiam como o enterrariam, porque não tinham dinheiro. Passaram o dia inteiro e a noite inteira sozinhos com o morto. No dia seguinte o vizinho deles, sacristão na igreja católica, contou ao padre a tragédia dos órfãos e este imediatamente ordenou que Pande fosse enterrado gratuitamente no cemitério católico.

No regresso dali, ao ver quão esfarrapadas e desesperadas estavam as crianças completamente órfãs, o padre deu-lhes dinheiro da igreja para comprarem pão.

Seguiram-se dias pesados de beco sem saída e só a infinita paciência da Vanga, o seu estoicismo e forte carácter ajudavam as outras crianças a não caírem em desespero total. Apesar de ser a ela que custava mais, dava o exemplo às outras crianças de como serem firmes, não cederem perante dificuldades nenhumas e terem esperança de que também para eles viriam dias melhores.

Pouco tempo após o funeral do pai os irmãos voltaram a procurar trabalho pelas aldeias.

A Vanga e Lyubka ficaram sós por muito tempo.

O INÍCIO

Uma nova tempestade começava a erguer-se sobre o mundo. As pessoas em Strumitsa falavam de uma nova guerra mundial. Do mercado começaram a desaparecer os bens de primeira necessidade. Os ricos faziam provisões de alimentos. Os vizinhos reuniam-se no quintal da Vanga, conversavam até tarde e as suas vozes ansiosas ecoavam pela rua silenciosa. A Vanga dizia muitas vezes que todos deviam juntar dinheiro e oferecer um kurban na igreja «Santos Quinze Mártires» para que a cidade fosse poupada à destruição, porque dali a um ano haveria guerra. Os vizinhos não a ouviam, porque pensavam que as palavras dela eram apenas em uníssono com a ansiedade e incerteza gerais. A Vanga dizia-lhes que sonhava esses acontecimentos futuros, mas não acreditavam, era para eles um argumento pouco sólido e ninguém estava para aí virado com sonhos.

Assim, em ansiedade e incerteza, passou todo o ano de 1940. E no início de 1941...

«Era alto, loiro e “divinamente” belo. Vestia armadura como um guerreiro antigo que brilhava ao luar. O cavalo agitava a cauda branca e batia com os cascos na terra. Parou em frente do portão da Vanga, desmontou e entrou no quartinho escuro. Irradiava tal luz que lá dentro ficou claro como de dia. Voltou-se paraava para a Vanga e falou com voz grave: “Em breve o mundo vai virar-se do avesso e muita gente se perderá. Neste lugar ficarás e preverás sobre mortos e vivos. Não tenhas medo! Eu estarei ao teu lado e dir-te-ei o que deves transmitir!”»

Lyubka acordou com o empurrão nervoso da Vanga. Sentou-se na cama e viu que a irmã estava muito agitada e tremia toda. Perguntou-lhe: «Lyubke, viste sair daqui um cavaleiro?»

«Que cavaleiro», disse a irmã, «sabes que horas são? Com certeza sonhaste qualquer coisa.»

«Não sei, pode ser que tenha sonhado, mas foi um sonho muito estranho. Ouve...»

A ansiedade da Vanga transmitiu-se a Lyubka e até de manhã as duas não conseguiram dormir. A 6 de abril de 1941, exatamente como a Vanga previra um ano antes, as tropas alemãs atravessaram a fronteira jugoslava. Logo nesse dia de manhã todas as pessoas abandonaram as casas e esconderam-se nos bunkers ou na floresta nos arredores da cidade. Só a Vanga e Lyubka ficaram em casa. De repente as janelas começaram a vibrar e ouviu-se o estrondo de máquinas pesadas. Nas ruas e nas casas não havia

vivalma. Lá para a tarde as duas irmãs ouviram vozes e o ruído de botas – os alemães começaram a percorrer as casas a recolher ovos e galinhas. Um pontapé violento escancarou também a porta delas, na soleira apareceu um soldado. As irmãs estavam de pé no quarto, mudas de medo. O soldado olhou-as, olhou a mísera mobília, deitou um olhar ao quintal vazio e foi-se embora. Desta casa não havia nada a tirar.

Um ou dois dias depois os vizinhos regressaram às suas casas. Safaram-se só com o susto, porque as casas estavam intactas e, exceto os ovos e as galinhas, tudo o resto estava no lugar. Imediatamente se dirigiram a casa da Vanga para ver como estavam as duas irmãs, mas pararam espantados na soleira e não ousavam entrar. Os que vinham atrás acumulavam-se no quintal. Uma mudança extraordinária operara-se na Vanga, tornara-se simplesmente irreconhecível. Eis como a recordam dessa época.

«No quartinho a Vanga estava de pé no canto debaixo do candeeiro aceso e falava com voz grave, forte e categórica. Estava muito magra, mas parecia de alguma forma elevada e muito excitada. O vestido desbotado, remendado inúmeras vezes e ainda assim largo demais, não conseguia esconder a enorme tensão do corpo. Dos olhos cegos emanava vazio, mas o rosto estava tão mudado e espiritualizado que parecia irradiar luz. E falava, falava... Da boca dela saía outra voz que nomeava com precisão impressionante localidades e acontecimentos, nomes de homens mobilizados que regressariam vivos ou a quem aconteceria uma desgraça...» «Isso durou muitos dias e ela quase não dormiu durante quase um ano inteiro. O aspeto da Vanga era tão impressionante que as pessoas sentiam vontade de se ajoelhar. Os homens a quem dizia que regressariam realmente regressavam no prazo por ela indicado.»

A sua fama de vidente espalhou-se rapidamente pela cidade e para o quintal delas começaram a afluir multidões de pessoas. Eis o primeiro caso da sua vidência:

A mulher do vizinho Milan Partenov estava sentada no quintal da Vanga a chorar; do marido não havia notícias há muito tempo e ela lamentava os três filhos, pois pensava que já tinham ficado órfãos. De repente a Vanga disse-lhe: «Não chores, vai depressa para casa preparar o jantar, porque o teu Milan chega esta noite só de roupa interior. Eu vejo-o. Agora está escondido num barranco e não está muito longe da cidade.»

A mulher pensou que a Vanga lhe dizia aquilo por pena, mas mesmo assim foi-se embora cedo. Preparou o jantar e esperou até à meia-noite, mas o marido não apareceu. Zarbou-se muito por ter acreditado nas palavras da Vanga e deitou-se. Pouco depois um leve bater na janela sobressaltou-a e olhou assustada para fora. Quase desmaiou de surpresa. No quintal estava o seu Milan, realmente só de roupa interior. Tinha fugido do cativeiro e andara

escondido muito tempo até conseguir chegar a casa. A mulher espantada correu a casa da Vanga, batia como louca à porta e gritava: «Vanga, o Milan chegou!»

Logo no início da guerra a Vanga disse à mãe de Hristo Parchanov que o filho estava vivo, mas que não regressaria tão cedo. A noiva dele, Pavlina, não acreditou nessa previsão vaga e casou-se com outro. Cerca de um ano depois Hristo regressou vivo e são e, ao atravessar a rua comercial, a primeira a vê-lo foi a antiga noiva. Não aguentou o espanto e desmaiou.

As crianças do bairro correram a dar a notícia à mãe dele e esta, ao ver o filho, o coração quase lhe rebentou de alegria.

Estes dois casos foram muito comentados não só na cidade, mas também nas aldeias vizinhas e provocaram um fluxo contínuo de pessoas à porta da Vanga. Todos queriam saber algo sobre os seus soldados queridos e a Vanga não mandava ninguém embora. Com o tempo, o que ela dizia cumpria-se...

O dom dela estendeu-se a todos os problemas da vida das pessoas que a visitavam. Em pouco tempo ficou também famosa como boa curandeira das mais diversas doenças, recomendando fundamentalmente ervas.

Isto não tem nada de extraordinário, porque o povo comum usa ervas para as suas maleitas há milénios. O curioso era, porém, que no seu tratamento confundia até os mais entendidos em ervas, porque recomendava os meios mais simples ou as ervazinhas mais simples que, segundo eles, não possuíam as propriedades curativas que a Vanga lhes atribuía, ou combinava ervas incompatíveis, mas os seus remédios davam resultados impressionantes e rápidos. Assim, por exemplo, tratou uma mulher doente mental dizendo aos familiares que arrancassem uma erva que crescia na água do ribeiro próximo e a regassem várias vezes com a água dessa erva. A mulher acalmou-se, já tem cerca de 80 anos e ainda se alegra com os netos.

Dizia com absoluta exatidão aos camponeses que a visitavam onde procurar o gado perdido. E eles encontravam-no no lugar indicado.

Noutra ocasião desmascarou um camponês que roubara o porco de uma pobre viúva e, diante de todos, descreveu como se desenrolara todo o roubo. O homem foi-se embora muito envergonhado e na manhã seguinte a viúva encontrou o porco deixado à porta do quintal.

Todos estes casos eram contados longamente por Strumitsa, as pessoas começaram a falar dela com reverência e em pouco tempo a Vanga tornou-se uma autoridade indiscutível na região. Começaram a consultá-la sobre as mais diversas questões e ela ajudava toda a gente. Resolvia com facilidade disputas complicadas de longa data.

Assim nasceu a lenda da Vanga. Alguns tinham medo da sua capacidade profética e atribuíam-lhe as propriedades místicas mais incríveis, acusando-a de feitiçaria e bruxaria. Outros, encantados com as suas visões, exageravam o que ela dizia e atribuíam-lhe «milagres bíblicos». Mas todos os casos falavam de uma coisa – que a Vanga recebera o reconhecimento das pessoas comuns, porque elas sentiam nela proteção e apoio.

Na verdade, esse enorme respeito acompanha-a até hoje. Convidam a Vanga continuamente para ser madrinha de recém-nascidos ou comadre em incontáveis casamentos não só na região de Petrich, mas em todo o país. Convidam-na para todo o tipo de festas familiares. As pessoas consideram que convidar a Vanga para casa e ela honrar com a sua presença significa que o bem-estar e a harmonia entram no teu lar.

«A 8 de abril de 1942», conta Lyubka, «veio ter connosco a avó Tina, velha amiga nossa, e disse à Vanga que nesse dia a visitaria um hóspede muito importante. Não nos disse quem era. Só nos explicou que em 1918 ele ficara alojado em casa dela. Saiu e pouco depois voltou com um homem de estatura média, olhos cinzentos e bigode, careca, vestido com um casaco cinzento e camisola de gola alta. Perguntou à Vanga se podia dedicar-lhe algum tempo. Pedi à avó Tina que me dissesse quem era aquele homem e ela segredou-me que era o czar búlgaro Boris III.

Fiquei muito surpreendida, porque nunca me passara pela cabeça que na nossa miserável casinha pudesse entrar um czar. E a Vanga pôs-se no seu lugar habitual no canto do quarto e, antes ainda de lhe perguntarem o que quer que fosse, falou com voz muito severa: “O teu reino cresce, espalhaste-te muito, mas prepara-te para te recolheres novamente numa casca de noz.” Repetiu-lhe: “Prepara-te!” E acrescentou: “Lembra-te da data 28 de agosto!”

O czar não perguntou mais nada e foi-se embora muito perturbado. Morreu a 28 de agosto de 1943.

Após a morte dele vieram ter connosco três mulheres da Bulgária. Trazia-as uma mulher de Petrich. Disseram que eram próximas dos regentes e pediram à Vanga que lhes dissesse o que aconteceria à família real, e ela respondeu-lhes: «Vão regressar e envolver a cama do czar com uma fita vermelho-escura. Vão trazer um vaso com uma planta e voltarão a vir ter comigo, mas mais cedo.» «Não pode ser», objetou uma das mulheres, «essa fita branca ou cor-de-rosa?» «Não», disse a Vanga, «só vermelha!» As mulheres foram-se embora descontentes e nunca mais voltai. A 9 de setembro de 1944 sobre o palácio ondearam as bandeiras vermelhas da vitória.

TODOS TÊM DIREITO À FELICIDADE

Em 1942 a fronteira com a Bulgária foi aberta e à Vanga começaram a afluir pessoas de Petrich, das aldeias vizinhas e de lugares mais distantes. Todos queriam ouvir pessoalmente da boca dela sobre si próprios, sobre as famílias, sobre o futuro. Vinham também muitos doentes, porque esperavam que só da Vanga receberiam cura.

Um dia chegaram ao quintal dela soldados do 14.º regimento de intendência. Entre eles estava um jovem moreno de 23 anos chamado Dimitar Gushterov, da aldeia de Krandzhilitsa, região de Petrich, que muito queria consultar em privado a Vanga, porque tinha uma grande angústia no coração e estava muito confuso. Malfeitores tinham matado o irmão dele perto da aldeia de Sklave, quando este andava naquela zona, porque era comerciante de porcos. Ficaram três órfãos e uma mulher doente de tuberculose.

De repente a Vanga saiu à porta e chamou-o pelo nome, dizendo-lhe depois: «Sei por que vieste. Queres que te diga quem são os assassinos do teu irmão, talvez te diga mais tarde, mas tens de me prometer que não te vingarás, porque não é preciso. Vais viver e serás testemunha do fim deles.»

A Vanga nunca permite a ninguém vingar-se. Acredita firmemente que o homem nasce só para boas ações e deve esforçar-se por elas, porque todo o mau ato nunca fica impune. É punido da forma mais cruel e, se não atingir o culpado, passa para os descendentes. Perguntei-lhe muitas vezes porque é assim e ela sempre me respondeu: «Para doer mais!»

Lembro-me de um caso. Há anos vinha ter com a Vanga um homem das aldeias de Sandanski a quem tinham morrido 12 filhos, o 13.º viveu só 12 anos e também morreu. Os médicos achavam que a mulher ainda no útero contaminava as crianças com tuberculose e por isso não viviam muito. A Vanga tinha outra explicação. Quando o homem era jovem, a mãe, já idosa, engravidara inesperadamente e em breve teria de dar à luz. Começara a notar-se que estava grávida e o jovem envergonhava-se muito dela, porque já era grande e considerava essa gravidez muito inconveniente.

Um dia zangou-se tanto que espancou a mãe. Passado um tempo ela e a criança que trazia no ventre morreram. O homem esquecera-se dessas coisas e viera perguntar porque era tão infeliz e porque a natureza o privava de descendência, mas a Vanga recordou-lhe o episódio e contou-lho com todos os pormenores, como se tivesse sido testemunha, e depois concluiu: «Deves saber que tu és a causa dessa desgraça, e não a tua mulher.» E repetiu pela enésima vez: «Têm de ser bons para depois não sofrerem!»

Mas voltemos ao encontro com o soldado... Nessa altura em Strumitsa, em 1942, Dimitar Gushterov ficou tão espantado com o que a Vanga disse que nem percebeu como saiu de casa dela. Não conseguia explicar donde ela

sabia o nome dele e muito menos o que guardava no coração e qual era a sua dor. Depois veio ainda várias vezes ter com a Vanga e os dois conversaram longamente no quartinho.

A 20 de abril a Vanga disse à irmã que aquele jovem a queria para mulher e em breve as duas iriam viver para Petrich.

Nessa altura os irmãos não estavam. Vasil era soldado em Dupnitsa e Tome fora levado à força para trabalhar na Alemanha.

A 22 de abril parou em frente da casa da Vanga uma carroça pintada e dela desceu o futuro marido da Vanga, engravatado e emocionado. Enchera a carroça de feno aromático da floresta e por cima estendera cobertores coloridos para as irmãs viajarem mais confortavelmente. A notícia espalhou-se rapidamente pelo bairro, de todos os lados começaram a chegar vizinhos, familiares e conhecidos para se despedirem da Vanga. Alguns diziam-lhe que errava ao abandonar a terra natal. A Vanga não os ouvia, porque se despedia apenas de memórias tristes, miséria e uma vida de pobreza dura.

Na verdade, o futuro delas também era muito incerto, mas esperavam que as aguardassem dias melhores.

O enxoval da noiva era simbólico – a Vanga levou ao ombro um xaile vermelho de lã tricotado por ela, uma panela de cobre e uma bilha de cobre como recordação da casa paterna e era toda a bagagem delas.

Na porta ficou um cadeado enferrujado e ninguém sabia se algum dia alguém o abriria...

Partiram na carroça pelo caminho irregular para Petrich e os três, já futuros parentes, iam calados, oprimidos pela separação de Strumitsa. Chegaram a Petrich nesse mesmo dia ao cair da noite, à rua «Opalchenska» n.º 10. Pararam em frente de uma casinha arruinada que evidentemente antes não servira de habitação, mas de armazém. Os beirais pendentes pareciam prestes a cair sobre os recém-chegados a qualquer momento. À frente havia um quintal grande e desarrumado. Das janelas das casas vizinhas espiavam olhos curiosos, porque a fama da Vanga como vidente já correra a cidade há muito e as pessoas observavam-na da cabeça aos pés. Perguntavam-se apenas como aquela mulher cega poderia ser dona de casa e tratar da casa, esses comentários faziam-se até em voz alta. A Vanga não lhes ligava.

Entraram num corredor escuro, longo e sujo. Dos dois lados havia um quartinho cada e um deles mais tarde tornou-se o quarto do jovem casal, e no outro a Vanga recebia os inúmeros visitantes. «Havia atrás outra divisão acrescentada», lembra Lyubka, «que servia de cozinha, quarto e sala para tudo; havia uma cama feita de tábuas grosseiras colocadas sobre quatro latas de gasolina. Não havia colchão e como almofadas serviam sacos de lã cheios de palha de milho.» Nessa cama dormia a avó Magdalena, mãe do futuro

marido Mitko, com cerca de 70 anos, com os três filhos do filho assassinado e com mais duas crianças dos outros filhos. Estava tudo sujo e muito miserável.

Em duas palavras, a Vanga abandonara uma vida miserável, cheia de privações sem fim, para a trocar por outra – não menos miserável e não menos difícil.

A 10 de maio de 1942 a Vanga casou-se com Dimitar e assumiu o papel de dona de casa. Não lhe foi nada fácil à jovem noiva. A avó Magdalena, com a franqueza própria das pessoas simples, não aprovou a futura nora logo no primeiro momento e, ao recebê-los, disse ao filho: «Eh, filho, era este o teu fado?» Provavelmente esperava que o filho trouxesse uma rapariga do campo saudável que tratasse da casa e cuidasse da família pesada e sobrecarregada, porque além das cinco crianças dos irmãos de Mitko num canto da casa definhava de tuberculose a nora do filho assassinado, e a própria avó Magdalena já era velha e quase nada podia fazer.

A Vanga engoliu a ofensa e muito depressa mostrou do que era capaz. Com o seu carácter forte não se assustava com mexericos, miséria ou quaisquer dificuldades, porque tinha nisso uma rica experiência, pode dizer-se, desde o nascimento.

Dia e noite com Lyubka lavavam, esfregavam, poliam, reformavam e pintavam e em pouco tempo a casa brilhou de limpeza. Naqueles anos de guerra era muito difícil dar conforto, ainda mais com meios escassos, mas a Vanga com a sua inventividade característica fazia literalmente algo do nada. De pano simples fizeram cortinas e Lyubka bordou-as lindamente, de cordel tingido tricotaram colchas para as camas e em todo o lado ficou bonito, tipicamente ao estilo da Vanga, que queria que cada coisa «fosse bonita e arrumada».

A Vanga proibiu os camponeses das aldeias vizinhas de se reunirem no quintal deles para comerciar. Limparam e arrumaram também o quintal, em todo o lado se via que tocava uma mão firme de dona de casa muito organizada.

A família passou a viver como todas as outras famílias da época, mas isso durou muito pouco. As pessoas depressa souberam que Petrich ganhara uma vidente e o fluxo de gente voltou a dirigir-se à casa da Vanga. O marido não estava muito satisfeito com esse desenvolvimento, porque achava que, uma vez casada, a Vanga devia deixar essa atividade e tratar da casa e da família, como faziam todas as outras mulheres. Respeitava-a profundamente, mas sentia-se oprimido porque considerava que também ele era capaz de sustentar a família. A Vanga, por seu lado, amava-o e valorizava-o muito como pessoa e como marido, mas considerava que a sua vocação de servir as pessoas era muito mais forte do que o apego familiar e que a sua vida pessoal devia

subordinar-se à vida dos outros. E além disso o dom não lhe dava descanso e procurava continuamente expressão...

Voltaram a visitá-la as mais diversas pessoas – militares e civis, doentes e confusos – e todos com a esperança de que ela os ajudasse.

Nessa altura havia bastantes jovens da região que se tornaram partisans e foram para a floresta lutar contra o fascismo. Os familiares assustados vinham muitas vezes ter com a Vanga para ela os acalmar e dizer-lhes que estavam vivos e voltariam a ver-se. Assim, o partisan Asen Shapkarov dissera à mãe: «Não tenhas medo! Vais mais vezes à Vanga e ela dir-te-á se estou vivo, se estou de saúde, como estou!»

Essas visitas não passavam, porém, despercebidas à polícia e os dois agentes Dimitar Chuchurov e Boris Lazarov davam voltas diariamente ao quintal da Vanga para ouvir alguma coisa. Atormentavam a Vanga e ameaçavam-na para revelar o que dizia aos familiares dos «inimigos do poder». Mas a Vanga calava-se. Então obrigavam-na a prestar «serviço de trabalho», apesar de ela, sendo cega, não poder cumprir essa ordem. Para se livrar, pediam-lhe muito dinheiro ou que denunciasse alguém. Não a deixavam em paz um único dia.

Começaram a mobilizar os reservistas. Mitko foi parar à Grécia. Ao despedir-se disse à Vanga que, se regressasse vivo e de saúde, lhe construiria uma casa nova e criaria tais comodidades que a Vanga não sentisse a sua desgraça. Tinha «mãos de ouro» e vocação de construtor, embora não tivesse estudado. Cumpriu a promessa em 1947.

Quando o despediu, a Vanga disse-lhe apenas: «Cuidado com a água.»

Realmente passado um tempo os que sobreviveram e regressaram vivos da Grécia estavam todos arruinados pela malária ou por doenças do fígado por causa da água má que tinham bebido nos pântanos de lá.

Em 1942 começou a visitar a Vanga a professora de Sveti Vrach (Sandanski) Maria Gaygurova e as duas irmãs depressa se tornaram amigas dela. Tinha quatro filhas e dois filhos gémeos que nessa altura eram soldados em Bitola. A Vanga dizia-lhe muitas vezes: «Tia Maria, a minha irmã Lyuba vai ser tua nora e casará com um dos teus gémeos.» Passado um tempo Lyubka conheceu Stoyan (um dos gémeos), gostaram um do outro e casaram-se. (Aproveito para acrescentar aqui que se trata da minha mãe e do meu pai e dos pais dele – os meus avós.)

O marido de Maria Gaygurova – Boris – era também professor do ensino secundário, muito culto e muito inteligente. Falava oito línguas, tocava muito bem violino, dedicava-se à pintura e à matemática, lia os clássicos franceses no original.

Como pessoa culta e educada no espírito materialista, não acreditava muito em previsões e numa visita da Vanga a casa deles em Sveti Vrach decidiu pôr à prova o dom dela. Perguntou-lhe: «Sabes o que aconteceu aos ossos do meu pai, que foi morto em 1912 perto de Melnik pelos turcos e depois os ossos nunca foram encontrados?» A Vanga disse-lhe que encontrasse em Melnik um tal Petar que fora testemunha do acontecimento e poderia contar-lhe com pormenores o que se passara. O professor ficou muito impressionado com o que ela disse, mas só passado um tempo pôde ir a Melnik. Encontrou a família de Petar, este já morrera, mas o filho, que sabia do pai o episódio, contou-o com pormenores ao visitante.

O pai de Boris Gaygurov era padre e um dos mais destacados combatentes pela língua búlgara, escola búlgara e igreja búlgara na região de Melnik durante a escravatura turca. Toda a sua vida fora dedicada a essa causa sagrada. Em outubro de 1912 fora preso como simpatizante de Yane Sandanski e juntamente com outros simpatizantes fora barbaramente assassinado. Mas nem então o deixaram em paz. Passado um tempo os ossos foram desenterrados e espalhados pelo barranco e no lugar deles puseram no túmulo ossos de um cavalo morto.

Depois de saber a verdade sobre o pai e de ficar cheio de enorme respeito pelo dom da Vanga, um dia Boris Gaygurov perguntou-lhe também pelo destino dos dois irmãos que emigraram em 1921 para o estrangeiro e ninguém sabia o que lhes acontecera. A Vanga disse-lhe: «Shtiryo está nas colinas e Nikola está vivo. Tornou-se cientista... Agora não está lá. É prisioneiro, num campo. Não te preocupes com ele. Voltará na primavera. Virá com roupas cinzentas e dois malas.»

Era simplesmente incrível. O meu avô não conseguia acreditar que o irmão desaparecido era um cientista soviético e muito menos que estava num campo. Despediu-se da Vanga convencido de que nunca saberia a verdade e duvidando fortemente da previsão dela.

Mas numa manhã de primavera de 1943 um viajante cansado parou em frente da casa de Boris Gaygurov. Estava vestido de cinzento e no chão estavam duas malas. Ninguém o reconheceu. Nem mesmo Boris o reconheceu quando saiu para falar com o desconhecido. Era o irmão Nikola. O irmão mais novo regressara à pátria após 22 anos de ausência. Nikola confirmou inteiramente o que a Vanga dissera sobre ele.

...Após a morte do líder Yane Sandanski em 1915 a VMRO (Organização Revolucionária Interna Macedónio-Adrianopolitana) dividiu-se em duas. Uma fação achava que deviam aliar-se aos comunistas e agir juntos, a outra era contra essa aproximação. Começaram assassínios mútuos entre as duas fações e muita gente foi morta.

Tanto os dois irmãos de Boris Gaygurov como o próprio eram membros da organização (VMRO). Como estudante da Faculdade de Direito da Universidade de Sófia, Shtiryo juntamente com o irmão Nikola fundara em agosto de 1919 em Sveti Vrach e aldeias vizinhas um novo grupo de jovens juntamente com comunistas e fora eleito primeiro secretário. Por causa dos comunistas os dois irmãos foram condenados à morte pela VMRO e foram obrigados a abandonar o país para se salvarem.

Assim Nikola conseguiu emigrar secretamente num navio para Odessa. Após longos anos de miséria, fome e todo o tipo de privações conseguiu estudar e tornou-se engenheiro eletrotécnico. Construiu centrais elétricas por todas as repúblicas da União Soviética. Quando eclodiu a Segunda Guerra Mundial e os alemães invadiram a União Soviética, Nikola foi capturado e levado para trabalhar na Alemanha como prisioneiro de guerra russo.

Sofreu grandes tormentos, mas conseguiu fugir do campo, escondeu-se durante muito tempo e acabou por se juntar a um grupo de búlgaros que trabalhavam em Berlim. Após ainda muitos e longos sofrimentos e medos pela vida conseguiu convencer os alemães de que era búlgaro, e os búlgaros eram então aliados oficiais dos alemães. Após longas averiguações e pedidos de informação à Bulgária e a Sveti Vrach, de onde responderam que fugira para França, recebeu documentos oficiais e decidiu regressar imediatamente à Bulgária.

O próprio Nikola ficou não menos surpreendido do que o irmão com a previsão da Vanga e com a descrição exata da vida dele tanto na União Soviética como depois na Alemanha.

Como está ligado a um caso também daquela tempestuosa 1945 da nossa história, quero propor no texto ainda uma carta-confissão de R. B. a Vanga:

«Grandes torrentes de pessoas passaram por ti desde então, muitas vicissitudes houve também na minha vida. Vi muitos países, conheci personalidades notáveis, mas experiência mais forte do que o encontro contigo não tive e pessoa mais forte e extraordinária do que tu não encontrei.

Vim ter contigo sem acreditar em vidências. Vim depois da terrível tempestade na minha vida, quando a 23 de julho de 1942 num só dia me tornei noiva e viúva, quando ouvi as palavras de despedida mais ternas e os tiros no campo de tiro que me levaram o Anton, o nosso amigo Kolyo (Nikola Vaptsarov – nota do autor) e mais quatro maravilhosos camaradas (Trata-se do grande poeta búlgaro comunista Nikola Vaptsarov e dos seus camaradas, condenados pelo poder fascista no processo do Partido Comunista Búlgaro. Após cruéis torturas os seis comunistas foram condenados à morte por fuzilamento. No grupo estava também o comunista Anton Popov, com quem R. B. casou minutos antes do fuzilamento. – Nota do autor).

Nessa altura eras conhecida como a bruxa de Strumitsa, embora já vivesses em Petrich no teu quartinho modesto. A Bulgária e o mundo ainda não te conheciam.

Enquanto viver não esquecerei a habilidade e a compaixão com que então reproduziste todo o processo contra os colaboradores do Comité Central do PCB. Como te transfiguravas ora no papel do acusador, ora no do presidente do tribunal, como encadeavas as palavras da defesa e dos acusados. Impressionante era o facto de falares na língua deles, no estilo deles. Com que profunda compaixão e dor te referias aos heróis desse drama – jovens, capazes, dedicados ao seu povo!

Senti-te como proteção, como irmã mais velha, quando me envolveste nas palavras: Rossitse, Rossitse, tão jovem és, tão cedo te vestiste de negro (no sentido de viúva – nota do autor). Até o modelo do meu vestido, que estava dobrado na mala, descreveste, viste debaixo dele o saquinho de rebuçados que comprara paraira para os sobrinhos do Anton, a quem ele sempre levava qualquer coisa quando ia a Petrich. (A. Popov era da região de Petrich – nota do autor).

Tu, Vanga, falaste-me mais de uma hora, disseste-me que mais tempo do que eu guardarias o que viste, viste até o próprio fuzilamento e os últimos instantes dos condenados... No fim começaste a erguer os mortos da sepultura e a falar com as palavras do Anton, do Petar Bogdanov... Era indescritivelmente impressionante! E depois disseste: “Levanta-se da sepultura Dimitar.” Foi a primeira vez que te interrompi e disse-te: “Vim ter contigo sem acreditar em vidências, mas falaste-me mais de uma hora, disseste-me coisas que só eu sei, mas parece que já te cansaste e começaste a errar, parente morto com o nome Dimitar não tenho.” Mas insistias que tinha e que me era muito próximo.

E de repente falaste com uma voz que não era a tua, outra voz: “Sou eu, Dimitar... Dimitar Daskala!” Tinha a certeza de que me dizias a verdade, e afinal o que aconteceu? O pai da minha mãe chamava-se Dimitar e era professor, morreu quando a mãe era pequena e ela morreu quando eu era pequena. Talvez alguma vez me tivesse falado desse avô, mas tudo se afundara algures na minha consciência, e tu tiraste-o dali. Fiquei leve como uma pena, sentia-me fora de mim, donde tiraste esse meu avô esquecido, da sepultura, do céu o trouxeste então?

Desde então e até hoje falei de ti em todo o lado, discuti, provei a tua superioridade sobre todos... Afinal viste até o casamento com o meu atual marido, quando eu pensava que nunca mais me casaria. Disseste-me: “Casarás com um homem que escreve...”»

Na primavera de 1944, quando as cerejas já amadureciam, o marido da Vanga regressou da Grécia, mas tornara-se, como se diz, «meio homem». Da

má água que beberam e da malária o fígado aumentara-lhe e, embora lá fora estivesse calor, tremia de frio, não tinha forças para fazer qualquer trabalho. Como prometera à Vanga, em 1945 começou a fazer os planos da casa nova, construiu e fez tudo sozinho, só para os trabalhos mais pesados chamava mestres. E lá fora no quintal as pessoas acumulavam-se cada vez mais e todas procuravam a ajuda da Vanga. Ela levantava-se muito cedo, cozinhava para os mestres, amassava o pão e depois, como todos os dias, punha-se à porta e dava a sua força a todas as pessoas.

Temos ainda outro testemunho da vida e atividade da Vanga daquela época. G. Ch. de Plovdiv conta o seu encontro com a Vanga em 1944.

«Em maio de 1944 fui mobilizado para Serres (hoje na Grécia). Recebemos ordem no fim de setembro para nos retirarmos para Petrich. O meu comandante encontrou-se com um camarada da escola militar, coronel, que chegara à cidade. Fomos juntos à reunião. Tomámos café. A certa altura o colega de curso do comandante disse: “Sabes, aqui há uma adivinha muito interessante que antes de 9.IX previu a tomada do poder pelos comunistas, por causa do que foi presa.”

Ordeneram-me que descobrisse onde morava essa mulher e numa madrugada dos primeiros dias de outubro de 1944 visitámo-la. Mal entrámos no seu quartinho pobre a Vanga entrou em transe e começou a falar ao meu comandante: “És de Ruse, a tua mulher chama-se Maria e é a segunda, é um pouco surda. A casa é à beira do Danúbio, o teu filho chama-se Itsko...” e assim por diante, tudo pormenores da vida e da família do coronel. Ouvi espantado, porque falava de coisas que eu até então desconhecia, apesar de sermos próximos.

Perto do fim do encontro o coronel pediu que dissesse algo sobre o irmão que muito o preocupava. A Vanga mudou imediatamente e começou a ler como num livro: “O teu irmão, chamou-lhe o nome, está na cidade de Bor-do, Bor-do, assim soletrava a palavra, França, e está muito bem, tem tudo o que precisa, tem até um barco, mas sofre muito porque ao deixar a Bulgária não se despediu de ti, tu não foste de acordo que partisse.”

A partir desse dia tornei-me amigo e visitante regular da Vanga. Realmente vinham ter com ela muitas pessoas. Havia visitantes de todo o país, era a época do Tribunal Popular e muitas mulheres e mães vinham saber algo dos seus entes queridos, aos quais respondia imediatamente com dor na alma: “Túmulo, túmulo fresco”, o que queria dizer que fora liquidado, ou dizia-lhes: “Vai-te embora, ele vai receber-te” ou “Vai-te embora, ele chegará depois de ti!” E sei de conhecidos que a visitaram por essas questões que as suas palavras tranquilizadoras se confirmaram plenamente.

A amizade com a Vanga durou nessa altura cerca de 50 dias, mas deixaram em mim recordações duradouras para toda a vida. A Vanga é um super-homem, é um oráculo, que Deus a guarde!»

E eu sei de outro caso, também dessa época. Um dos comandantes do nosso exército que entrou primeiro em Petrich recebeu ordem de liquidar todos os elementos nocivos da cidade – fascistas, elementos degenerados e nesse número também a Vanga, porque com a sua adivinhação semeava superstições entre as pessoas e o novo regime não devia permitir a existência de tais fenómenos nocivos do passado. Enquanto o comandante pensava como cumprir a ordem, aconteceu o seguinte... Um soldado transportava a cavalo uma pasta com documentos secretos de um posto fronteiriço para outro. Do trabalho intenso para estabelecer o poder popular nessa região todos estavam exaustos.

Quando chegou ao posto o soldado viu que algures pelo caminho perdera a pasta com os documentos. Situação horrível! Isso significava a morte para o portador. Prenderam imediatamente o jovem assustado de morte e deviam entregá-lo ao tribunal militar. Mas o soldado pediu que o deixassem um dia para procurar novamente e, para não pensarem que queria fugir, pediu que o acompanhasse outro soldado armado. O comandante opôs-se, porque isso era proibido, mas o jovem implorou tanto para tentar mais uma vez que ele aceitou.

Desceram da montanha e o soldadinho foi imediatamente a Petrich ter com a Vanga. Pediu-lhe que o ajudasse a encontrar os documentos. E ela disse-lhe que fosse à montanha, ao prado onde descansara com o cavalo, e procurasse cuidadosamente na erva alta. Ali, segundo ela, caíra a pasta presa à sela e ainda lá estava, sem ninguém a ver. Os soldados foram imediatamente ao lugar indicado pela Vanga e encontraram a pasta na erva alta intacta. Levaram a pasta, foram ao posto, o soldado entregou-a e disse: «Agora podem julgar-me!» O comandante perguntou-lhe como encontrara os documentos e ao saber que a Vanga o ajudara decidiu que ela era uma pessoa útil e não via porque a liquidar. (O caso foi contado aos meus conhecidos pelo próprio comandante.)

Um oficial de Sófia vinha várias vezes a Petrich com a mulher e todos muito os invejavam porque eram um «casal modelo» em todos os sentidos, e a Vanga dizia: «Não invejem, o futuro dirá o quanto são de invejar.» Após a vitória soube-se que o oficial fora condenado e fuzilado pelo Tribunal Popular.

A esse propósito a Vanga diz por vezes: «Não invejes ninguém antes de lhe veres o fim!»

Outro caso dessa época. Uma mulher das aldeias vizinhas de Petrich perdeu durante uma feira a filha de três anos. Procuraram-na por todo o lado, mas em vão. A mãe inconsolável não conseguia acreditar que a filha não estivesse viva e foi perguntar à Vanga. Esta disse-lhe que a criança fora

raptada por ciganos que estavam na feira e que passariam muitos anos, mas chegaria o dia em que a mãe por acaso ouviria falar da filha e a encontraria.

Esses «muitos anos» foram exatamente 22. Um dia de 1962 a mulher viajava para Blagoevgrad e na paragem da cidade de Kresna ouviu duas mulheres a falar que numa aldeia próxima viviam várias famílias de ciganos, mas a nora mais nova de modo nenhum parecia a mãe porque era loira e de olhos azuis e era de alguma forma diferente dos outros. Algo estremeceu no coração da mulher que durante tantos anos esperara que se cumprisse a previsão da Vanga e um dia ouvisse algo da filha. Decidiu-se e foi imediatamente àquela aldeia, encontrou facilmente a casa e mal entrou viu logo a «nora loira».

Sentiu que o coração lhe saltava do peito de emoção. Começou a falar, a mulher olhava-a espantada e disse-lhe que isso não era verdade porque toda a vida vivera com aquelas pessoas. O marido até quis expulsar a mulher atrevida. Mas a sogra mandou-os calar e disse que se lembrava do que a mãe da nora lhe contara. Realmente aquela criança fora-lhe dada por outros ciganos que estavam numa aldeia de Petrich numa feira há muitos anos, a eles tinham-lha dado uns camponeses quaisquer. A cigana pegara na criança e criara-a. Depois casara-a.

Quando a mulher emocionada continuou a falar e a perguntar sempre «Lembras-te?», a nora ouvia muito atentamente e parecia que algo se lhe aclarava na cabeça. Disse que se lembrava vagamente de um grande quintal e de um poço com uma grande pedra à frente e que um dia ali um galo lhe bicara o pé. Mostrou-lhe a marca. A mulher já não duvidava de que era a filha perdida, por isso propôs que fossem à aldeia dela e vissem tudo no local. Quando lá chegaram, a «cigana» lembrou-se ainda de que tinha um irmãozinho, reconheceu o quintal e orientou-se facilmente na casa. Reuniu-se quase toda a aldeia e o encontro foi tão comovente que todos choraram.

Em maio de 1944 o irmão mais novo Tome regressou da Alemanha e instalou-se em Strumitsa. A 10 de junho o mais velho chegou inesperadamente a Petrich de Lakhana, Grécia, onde nessa altura era soldado. Disse à Vanga que ia para Strumitsa e tornar-se-ia partisan.

Nessa altura, no fim da guerra, na região de Strumitsa formara-se uma brigada partidária e muitos jovens se alistaram nela para combater as unidades do exército alemão em retirada. Em segredo da Vanga, Lyubka e Vasil combinaram ir juntos. Vasil tinha então 22 anos. A Vanga ficou muito triste com a decisão do irmão e com lágrimas nos olhos pedia-lhe que não fosse. Dizia-lhe: «Não vás, matam-te aos 23 anos!» Mas o irmão disse-lhe que não acreditava e nesse mesmo dia foram com Lyubka para Strumitsa, encontraram lá Tome e no dia seguinte os três tornaram-se partisans.

A 8 de outubro de 1944 Vasil, que era comandante de um grupo de sapadores, recebeu a tarefa de explodir a ponte na aldeia de Furka, porque dali se retiravam unidades do exército alemão em retirada. Vasil cumpriu a tarefa com precisão e explodiu a ponte, mas não reparou que, ao tirar do bolso da camisa o fósforo para acender os pavios do explosivo, lhe caíra também o bilhete de identidade. Depois escondeu-se imediatamente em casa de um amigo da aldeia e tencionava regressar ao destacamento durante a noite. Os soldados alemães que chegaram após a explosão vasculharam os arredores das ruínas da ponte e encontraram o bilhete de identidade.

Um lenhador turco que fora capturado não longe da ponte denunciou que vira o jovem da fotografia a rondar por ali. Prenderam imediatamente todas as pessoas da aldeia e fecharam-nas na igreja. Antes ainda de perceber o que se passava, prenderam também Vasil juntamente com toda a gente. Os alemães deram ordem de que, se dentro de uma hora não dissessem onde estava o incendiário, incendiariam a igreja com as pessoas lá dentro. As pessoas viram que Vasil estava entre elas, conheciam-no e sabiam que ele explodira a ponte, mas calaram-se. Percebendo a falta de saída da situação, ele saiu da multidão e disse: «Fui eu!»

Reconheceram-no pela fotografia, levaram-no imediatamente para o adro da igreja, empurraram também as pessoas para fora e diante dos olhos delas torturaram-no bestialmente. Puseram-lhe ferros em brasa nos ouvidos, divertiram-se e por fim, quando já estava meio morto, fuzilaram-no. Deixaram o cadáver desfigurado no chão como exemplo.

Vasil morreu a 8 de outubro, o dia em que fazia 23 anos...

Interessantes são as recordações de P. R. de Sófia de 1945.

«Em março de 1945 fui mobilizado para a cidade de Sveti Vrach (hoje Sandanski). Fui colocado na estação de General Todorov na aldeia de Prepechene. Num domingo, quando o aborrecimento me invadiu, decidi com o combóizinho da linha estreita ir até à cidade de Petrich para me distrair um pouco. Subi para a carruagem e sentei-me ao lado de uma mulher vestida de luto. Comecei a pensar onde iria na cidade e o que veria. Quando o revisor veio verificar os bilhetes, a mulher ao meu lado pediu-lhe que lhe explicasse como encontrar em Petrich a casa da Vanga. Prestei atenção à conversa deles e de repente lembrei-me de que realmente ouvira falar dessa mulher numa sapataria em Sófia. Um amigo do sapateiro contava o seguinte sobre a Vanga:

Um camponês preocupado fora ter com a Vanga para lhe dizer onde encontrar o cavalo. Amarrara-o bem a uma árvore no mercado e depois não o encontrara. A Vanga disse-lhe: “Não te preocupes, no próximo dia de mercado encontrá-lo-ás amarrado no mesmo lugar. Levou-o um homem da aldeia vizinha para transportar para casa os sacos de lã do cardador.” E o segundo caso que me lembrei. Desaparecera a camisa de um homem qualquer. Fora ter

com a Vanga por outros assuntos, mas a propósito perguntou-lhe também pela camisa. E ela disse-lhe: “Preocupaste-te por uma camisa quando tens outras? Quem a levou levou-a por grande necessidade, porque não tem nenhuma. Sei quem é, mas não te direi. E tu, se vires esse homem com a tua camisa às costas, farás de conta que não reparaste!”»

Depois de me lembrar desses relatos, a curiosidade acendeu-se-me e decidi também eu ir ter com a Vanga.

Seguindo as indicações do revisor, encontrei facilmente a ruela. Parei em frente de uma cerca de madeira enegrecida pelos anos. Entrei no quintal e vi uma velha casa arruinada com alpendre, onde estava sentada uma mulher idosa, com os pés descalços cruzados, a pentear o cabelo grisalho. Ao ver-me perguntou-me se vinha ter com a Vanga e depois de eu confirmar disse-me que era domingo e ela não recebia ninguém. Disse-lhe que queria apenas ver a Vanga de perto, porque ouvira coisas muito interessantes sobre ela. Foi perguntar, depois saiu e indicou-me a porta para entrar.

Bati, abri e dei comigo numa sala sombria, coberta de tapetes, mobilada modestamente. E como não tenho o hábito de me deter em pormenores, só me lembro de que a Vanga estava meio deitada num divã coberto com um cobertor e com a palma da mão sustentava a cabeça loira. Sabia que não via, mas olhava-a nos olhos para me certificar. Cumprimentei e disse que vinha apenas testemunhar-lhe o meu respeito e admiração.

Enquanto lhe dizia estas palavras, a porta abriu-se e entrou a mulher que eu conhecia do comboio, de luto. Disse que pedia à Vanga que lhe dissesse algo sobre o filho desaparecido que não sabia onde procurar. A Vanga disse-lhe que viesse no dia seguinte cedo de manhã. A mulher saiu, mas após bater a porta de repente a Vanga deixou cair a cabeça na almofada, encolheu-se, gemeu em convulsões, empalideceu e com voz grossa, de barítono, começou a gritar: «Túmulo, túmulo fresco, ai, doem-me os pés!» Repetiu isso várias vezes. Assustei-me. Lembro-me de que algures no crepúsculo do quarto estava sentada outra mulher, claramente próxima ou parente da Vanga, que me fez sinal para eu me calar. Pensei que aquela cena fora provocada pela mulher de luto que acabara de sair. Um ou dois minutos depois a Vanga ergueu-se um pouco e sentou-se com as pernas dobradas debaixo de si.

Ficou calada e disse-me: «Tens muitos irmãos e irmãs, espera que os conte... Ivan, Nedelya, Rada, Stanka» e assim por diante. Somos nove – confirmei eu. «Essa Rada agora tem grande preocupação, mas será em vão.» Quando depois escrevi à minha irmã sobre isso, ela respondeu-me que nessa altura o filho dela fora preso por alguns dias, mas libertaram-no. A Vanga disse-me que tinha dois irmãos na frente e que um tinha divisas. Respondi-lhe que não tinha irmão com divisas. Tens, tens, lembra-te – insistia a Vanga. Após várias negações lembrei-me de que o meu irmão mais novo mandara uma

fotografia como cabo do corpo fluvial do Danúbio. Nesse meio tempo começou a descrever-me a casa. Disse: casa grande com grade de ferro. Só que agora não há ninguém em casa. Disse-lhe que a minha mulher estava no interior em casa da mulher do meu irmão. Espera que veja onde está – interrompeu-me a Vanga. – Eis um grande rio. Deve ser o Danúbio. Espera que veja em que lugar está, e começou a soletrar – Ru, Ru, Rus, Ruschuk (hoje Ruse – nota do autor), é lá? Sim – confirmei eu. E aqui vê-se um teu muito próximo, alfaiate, quem é?

Disse-lhe que na família não tínhamos alfaiate. Tens, tens, disse a Vanga, homem idoso com bigodes grandes, careca e de óculos. Está sentado debaixo de uma árvore com as pernas cruzadas debaixo de si e cose. De repente lembrei-me de que era o meu pai. Depois de se reformar, ele pegava em roupas de xaire já cortadas, cosia-as e bordava-as com galões. Fazia vários coletes e calças à turca. Reformara-se como contínuo na floresta. Viste que tens alfaiate – disse a Vanga, e depois voltou-se para a outra mulher com as palavras: «Aparecem-me muito claramente.»

A Vanga continuou: «Atrás do teu pai, um pouco de lado, está de pé uma mulher e segura pela mão um rapazinho, quem são?» Não sei, disse eu, mas pode ser a minha mãe, que morreu em 1922, e o meu filho, que morreu há cinco anos. São eles – confirmou a Vanga. Perguntou-me, tu como reservista, porque estás de civil. Expliquei-lhe que para nós não chegaram fardas militares, porque são precisas na frente. Sim, disse a Vanga. Agora os soldados na frente dançam horo, barbeiam-se, lavam, remendam arreios, consertam carroças, enfim estão alegres e em breve partirão para a Bulgária. É isso. E tu, queres que te diga algo sobre ti?

Disse-lhe que não queria, porque não tinha problemas. Sei que quando voltar a Sófia só me espera trabalho. E mesmo assim... – insistiu a Vanga. Disse-lhe que tinha um sonho antigo – construir um dia uma casa como os meus colegas. A Vanga calou-se um pouco e disse: «Construirás, duas casas haverá, duas vezes construirás!» Depois disse, espera que veja o que fazes. Oh, tens uma grande oficina, tens muitos aprendizes. Vejo fogões de cozinha, regadores, alguidares e braseiras ou bicos de gás... Pensei que a Vanga me dissera que construiria duas casas porque me considerava rico, por isso informei-a de que era cooperador numa cooperativa de funileiros.

Em 1952 construí uma casa. Em 1975 ampliámos com meios dos meus filhos e noras. Realmente construí duas vezes e de facto duas casas, o andar de cima para um dos filhos.

Quando me despedi da Vanga, ela disse-me que quando regressasse à unidade me esperaria uma carta, uma notícia. Pensei que seria talvez a minha ordem de desmobilização e muito contente fui-me embora.

Quando regressei a Prepechene, os camaradas perguntaram-me onde andara e eu respondi-lhes que estivera em Petrich com a Vanga e ela dissera-me que me esperava uma carta. Realmente vi um sobrescrito posto na minha almofada. Os camaradas gritaram-me que lhes contasse o encontro, mas eu decidi primeiro ler a carta. Mas eles não me deixaram em paz. Disseram-me que esqueceria enquanto lesse e eu aceitei. Contei-lhes tudo e deixei-os comentar entre si.

A carta era da minha mulher de Ruse. Preparando-me cuidadosamente, informava-me de que o meu irmão morrera. A 14 de maio, após o armistício, 5-6 soldados com um suboficial, limpando a zona perto de Graz, na Áustria, encontraram uma Schmeisser. O suboficial pegou nela para a examinar, a Schmeisser disparou de repente e feriu mortalmente no coração o meu irmão Alexandar. Levaram-no para o hospital, viveu 3-4 horas e morreu. Na mensagem dizia «morreu em acidente».

«Túmulo, túmulo fresco» – gritava a Vanga. Quer dizer que era para mim, porque o meu irmão morreu numa segunda-feira e eu estive com a Vanga alguns dias depois, num domingo.

Comecei a chorar. Os camaradas leram a carta e começaram a consolar-me. Veio também o tenente e, provavelmente para me distrair, pediu-me que lhe contasse, na medida do possível, o meu encontro com a Vanga. Depois declarou que desejava que no dia seguinte o levasse até ela. Mas aconteceu que na manhã seguinte, além dele, havia mais duas pessoas – Pavel e Mincho. Esse Mincho disse-me que tínhamos de ser discretos e não dizer onde íamos, especialmente se houvesse gente por perto. Porque admitia que a Vanga tinha informadores que a mantinham ao corrente.

Paramos em frente do portão do quintal da Vanga muito cedo de manhã, para sermos os primeiros. Estava tudo muito silencioso. Mas quando abrimos o portão ficámos espantados. O quintal estava cheio de gente. Mal conseguimos entrar e espremer-nos atrás do portão.

Decidimos que era inútil tentar vê-la, por isso alguém propôs irmos tomar o pequeno-almoço algures e regressarmos aqui à noite. E estávamos quase a sair quando um homem lá da frente, que assumira voluntariamente o papel de organizador, gritou: «Que entre o Petko!» Arrepiei-me todo, porque esse é o meu nome. Esperei que alguém respondesse, mas ninguém se manifestou. O homem repetiu e repetiu pela terceira vez. Então eu disse que também era Petko, mas acabara de chegar. «Não importa – disse o homem – se a Vanga te chama, entra!» «Mas não estou sozinho, objetei, trago outros.» Ora entrem todos quantos forem! Vamos, que se está a perder tempo! Das pessoas ergueu-se um murmúrio.

Fiquei atrapalhado e dirigi-me à entrada. Não acreditava que a Vanga me chamasse a mim. Os outros vinham atrás. Sentámo-nos nas cadeiras junto às

paredes do quartinho. Eu sentei-me ao lado da Vanga e os outros três em frente de nós. A certa altura a Vanga levantou-se, empalideceu e deslocou-se apressadamente para o meio do quarto, começou a gemer como se quisesse chorar. E desabou no chão. Deitada sobre o lado direito, contorcia-se e com aquela voz estranha de barítono pronunciou as palavras que eu ouvira no dia anterior: «Túmulo, túmulo fresco, ai, doem-me os pés!» Olhámo-nos assustados. Passado um bocado a Vanga ergueu-se e, de costas, foi para a parede onde eu estava sentado.

Agitava os braços como se afastasse algo de si. Chegou à porta do quarto, abriu-a e saiu rapidamente. Apareceu não sei donde um homem, provavelmente próximo dela, disse-nos baixinho que ela provavelmente ia descansar um pouco e voltaria. Realmente voltou. E mal se sentou perguntou quem era Petko. Eu respondi. E a Vanga disse: «O teu irmão (o morto) é muito teimoso. Insiste que te diga para não abandonares o filho dele e que tenhas cuidado com ele.» Aceitei essa incumbência.

Depois a Vanga perguntou qual de nós era oficial. O tenente Urumov respondeu e a Vanga perguntou-lhe porque vestia à civil. Ele respondeu: «Para não chamarmos a atenção.» Vanga: «E eu procuro ver um oficial. Bom. Mas agora é o seguinte. Aqui à tua frente está um teu muito próximo, também oficial. Foi morto em março. Lembras-te quem é?» O tenente confirmou. A Vanga continuou: «Ele quer dizer-te algo muito importante para ti, mas eu não tenho direito de falar de questões políticas.

Mas ele diz assim: tu sabes de que partido ele era. Propõe que sigas o exemplo dele e passes para o partido dele, para estares bem. E outra coisa. Diz para dizeres à mulher dele que tire o luto e se apresse a casar-se enquanto a filha Malinka é pequena, para se habituar ao novo pai. E que vista a menina com o vestidinho branco e lhe ponha o relógio para ele ver como lhe fica bem.» O tenente prometeu escrever à viúva.

A Vanga mudou de tema. Para o tenente: «Antes de vires aqui serviste noutro lugar. Lá desapareceram ferramentas, picaretas, pás e não as encontraram.» O tenente confirmou. Vanga: «Não te preocupes, vão aparecer. Quando as águas do Struma baixarem, os cabos aparecerão sozinhos da água.» O tenente iluminou-se.

A Vanga continuou: «Entre vós houve um caso com uma mala qualquer. Havia lá toucinho e os soldados sem permissão do dono comeram-no. Não os repreendam! Tinham fome e nesse tempo de fome toucinho assim não se pode só olhar. Para ti é tudo.»

Quando saímos para a rua comentámos isto e aquilo, embora estivéssemos todos muito surpreendidos, e eu perguntei ao tenente de que partido era o amigo dele. Respondeu-me que era comunista, ele era agrário e os dois discutiam muito sobre várias questões políticas.

Quando a Vanga perguntou quem era o seguinte, respondeu Pavel. A Vanga disse-lhe que trabalhava num escritório e de um lado via estantes com livros. Na parede oposta também havia livros e em frente da secretária de Pavel trabalhava uma mulher muito bonita. Era viúva e tinha duas meninas muito bonitas. Tu és solteiro, não és? Pavel confirmou. Disse que era funcionário na «Hranoiznos» em Elin Pelin. «Ouve, Pavel», disse a Vanga, «tu vais casar com essa mulher. Ela gosta de ti, mas tem vergonha de te revelar os sentimentos. Por isso tens de dar tu o primeiro passo. E sabe que essa mulher te trará felicidade.» Pavel corou como uma rapariga. A Vanga disse-lhe que o esperava uma promoção e ele ficou muito feliz.

Alguns anos depois encontrei Pavel em Sófia num restaurante onde agora está construído o hotel «Hemus». Perguntei-lhe se se cumprira o que a Vanga lhe dissera. Respondeu que realmente casara com essa mulher, tinha uma família muito boa e já era diretor da empresa.

O terceiro a quem a Vanga olhou foi Mincho. «Para ti nada aparece», disse a Vanga, «está escuro, não se vê nada. Tu não acreditas, por isso está escuro.» Mincho disse que queria saber se teriam um filho. «Vou dizer-te como pessoa a pessoa», disse a Vanga. «Adotem um, e se depois tiverem um vosso, melhor ainda.»

Mincho era o que nos incutia que a Vanga obtinha informação de informadores. Anos depois encontrei-o e perguntei-lhe se seguira o conselho da Vanga. Disse que nem tentara. Estava sombrio.

Talvez alguém se pergunte como me lembro com tanto pormenor dos encontros com a Vanga depois de tantos anos. Não seria estranho se essa pessoa soubesse que relatei estas experiências centenas de vezes até agora e que me impressionaram tanto que é difícil esquecê-las.

Depois de em 1947 o marido da Vanga construir a casa nova, adoeceu gravemente. Desde o tempo em que regressara da Grécia não estava bem, mas após a construção da casa provavelmente cansou-se muito e sentia-se completamente abatido. Teve também fortes dores de estômago e um amigo aconselhou-o a beber menos rakia para passar. Bebia supostamente menos, mas pouco a pouco viciou-se e mudou muito. Fechou-se em si mesmo, passava dias e noites sozinho num quarto, quase não falava com ninguém e só bebia.

Provavelmente também ele tinha algum drama humano próprio, mas não o partilhou com ninguém. Médicos e a própria Vanga aconselhavam-no continuamente a não viver assim, porque ia ao encontro da morte, mas ele não ouvia ninguém. A Vanga andava pela casa como uma sombra, consumia-se de dor e preocupação e chorava noites inteiras. Depois confessou à irmã que sabia que para o marido não havia salvação. Guardava esse facto terrível só para si, calava-se e pedia que acontecesse um milagre.

E as pessoas acumulavam-se dia e noite à porta dela e ela escutava-as, aconselhava e tratava todos os dias e ninguém suspeitava da tragédia que se desenrolava na própria casa dela.

Mitko «tratou-se» assim durante 12 anos até cair de cama. A Vanga estava completamente desesperada. Levaram-no para o hospital porque desenvolvera cirrose no fígado e começara a encher-se de água. A Vanga quis ficar com ele e durante quase uma semana sentou-se numa cadeira no quarto do hospital ao lado da cama do marido. Quando um dia o médico assistente disse à irmã que queria comunicar algo à Vanga, ela disse que não era preciso porque sabia que chegava o fim e pediu para irem para casa. Trouxeram também o doente e ele pareceu relaxar um pouco e adormeceu. No chão, aos pés do marido, adormeceu também a Vanga. Durante todos os seis meses da grave doença dele estivera constantemente ao seu lado, como se quisesse transmitir-lhe da sua força e firmeza, ou talvez fosse um adeus lento e contínuo ao homem amado com quem a Vanga vivera 20 anos.

Lyubka: «Quando Mitko já estava em agonia, a Vanga ajoelhou ao lado da cama dele e dos olhos cegos corriam-lhe lágrimas sem parar. Sussurrava algo. Se pedia que lhe poupassem a vida ou se despedia dele, não sei. Mitko expirou a 1 de abril de 1962. Morreu com 42 anos. Fizemos o que era preciso para o defunto, começaram a chegar pessoas e ela continuava a dormir. Dormiu até ao momento do funeral. Depois disse-me: “Acompanhei-o até ao lugar que lhe estava destinado.”»

Na manhã seguinte saí para as pessoas acumuladas à porta dela, que não suspeitavam do que acontecera, e disse-lhes que se fossem embora porque a Vanga enterrara o marido na véspera e não estava em condições de receber ninguém. Ela ouviu-me e gritou: «Não, não os mandes embora, vou receber todos. Eles precisam de mim!»

A partir desse dia nós, os filhos da irmã da Vanga, Lyubka – Krasimira, Anna e Dimitar –, os únicos sobrinhos da Vanga, somos testemunhas da sua vida de viúva triste e solitária, da sua tragédia pessoal, mas também da sua notável e incansável atividade ao serviço das pessoas. Provavelmente está-lhe destinado assim: não ter felicidade pessoal própria e ser feliz quando a oferece aos outros.

Lembro-me de como ela estava nessa altura – debaixo do lenço preto de viúva, o rosto pálido e como que petrificado, todo o seu ser como que voltado para dentro, tenso e concentrado, longe de tudo o que a rodeava... E as pessoas afluem, afluem, tornam-se cada vez mais, vêm de todo o mundo. Com problemas diferentes, perguntas diferentes, cultos e menos cultos, céticos e crentes, doentes e saudáveis, aproximando-se dela com medo ou troça, com desconfiança ou curiosidade. E ela não mandava ninguém embora.

Proponho um relato dessa época.

«Por volta de 1944 o meu pai, que era médico e materialista convicto, foi ter com a Vanga por curiosidade. Em Petrich em frente da casa dela estava cheio de gente que esperava para entrar. Ela apareceu à porta e chamou o meu pai pelo diminutivo, que nunca era usado fora da família. Lá dentro a Vanga disse-lhe muitas coisas sobre o passado dele – o meu pai casara duas vezes e ela descreveu muito corretamente os casamentos, disse-lhe pormenores, coisas pessoais que nem as duas mulheres sabiam. Depois falou-lhe do futuro. Disse-lhe que morreria 14 anos depois de cancro. Falou-lhe do meu irmão mais novo e de mim. De mim disse que teria um casamento feliz, mas o meu marido morreria pouco depois. Ficaria viúva com uma criança pequena. Depois casaria novamente e enganar-me-ia. Esse casamento seria muito infeliz para mim. Disse ainda que o destino do meu irmão seria ainda mais desgraçado e que morreria num acidente aos 20 anos.

Anos depois o meu pai julgou ter uma úlcera. Fizeram-lhe duas operações. Na segunda só o abriram. Morreu de cancro em 1958 na data prevista pela Vanga.

Eu casei e tive um casamento feliz. Nasceu-nos uma criança. Mas o meu marido adoeceu inesperadamente e morreu. Casei-me novamente, realmente enganei-me muito. Divorcei-me. Há alguns anos o meu irmão corria para apanhar o elétrico, mas não se agarrou bem, escorregou e o elétrico atropelou-o. Tinha 20 anos.

Tudo o que a Vanga previra ao meu pai cumpriu-se.» (Este caso foi descrito em 1970 por Sheila Ostrander e Lynn Schroeder no livro «Psychic Discoveries Behind the Iron Curtain», edição da IMPACT, UNESCO.)

Outro caso. O filho dos nossos vizinhos, um bebé de cerca de dez meses, ardia em febre há mais de vinte dias. Os médicos não conseguiam perceber a causa e tratavam-no com tudo e mais alguma coisa, mas sem qualquer resultado. Levámo-lo à Vanga e ela disse para o banharem com água onde tivessem fervido feno da floresta. Logo no primeiro banho a febre baixou e após o segundo o bebé acalmou e curou-se.

A uma bailarina russa casada com um búlgaro que após o parto tivera perturbações no aparelho motor e os médicos achavam que talvez não voltasse a dançar, disse que se curaria, teria mais dois filhos e levaria a fama do bailado russo pelo mundo inteiro. E assim foi.

F. S. – enfermeira

Há muitos anos a minha mãe foi ter com a Vanga procurar cura para a minha irmã que ficara surda bebé. O senhorio da casa onde os meus pais viviam chegara uma noite bêbado, entrara no quarto deles e batera no bebé. Atingira-lhe algum nervo. A Vanga disse à minha mãe que fosse a um otorrino em Varna, mas que a criança só teria um pequeno alívio e não curaria. E assim

foi. À minha mãe disse que descansasse mais porque morreria assim, a andar. E assim foi. A minha mãe morreu subitamente de ataque cardíaco há cinco anos com 54 anos. Viu também o meu tio, morto há muito tempo, que segurava um copo na mão. O meu tio morrera ao tentar evitar uma colisão frontal entre dois comboios de passageiros. Não conseguira afastar-se a tempo e as duas locomotivas literalmente esmagaram-no. Realmente descobriu-se que antes o meu tio bebera um copo de vinho tinto e por causa desse facto durante longos anos não deram pensão ao meu avô pelo filho, porque consideravam que o acidente acontecera porque estava bêbado. E que salvara a vida a tanta gente dos dois comboios, isso não importava.

Vlado G. – escritor

Há mais de dezassete anos uma parente minha foi ter com a Vanga, falaram de várias coisas e a certa altura a Vanga disse: «O que faz o Vlado, a Casa Velha?» Dora depois ligou-me e disse: «Olha as parvoíces que a Vanga diz – o que faz o Vlado, a Casa Velha?»

17 anos depois escrevi um livro, memórias da minha cidade natal Bansko, e chamara-lhe «O Tulipão Roxo». Entreguei-o na editora «Narodna Mladezh». O editor-chefe era Evtim Evtimov. Disse que não gostava muito do título e propôs mudá-lo. Disse-lhe que tinha outro título – «Memórias da Casa Velha». Isso é melhor, disse Evtim Evtimov. O meu livro saiu com esse título. Uma noite Dora ligou-me a meio da noite muito emocionada e disse que não conseguira dormir uma noite enquanto lia o livro, porque de repente se lembrara de como a Vanga vira esse livro e o seu título. Há tantos anos.

S. P. – jornalista

Contou-mo o presidente da câmara da nossa aldeia (região de Razlog). Desapareceram os cavalos do nosso vizinho. Foi ter com a Vanga e ela disse-lhe: «Os cavalos foram roubados por ciganos e estão na montanha num prado. Estão amarrados. Os ciganos vigiam-nos e alimentam-nos e à noite preparam-se para os levar e vender.» Foram imediatamente ao lugar indicado e viram os cavalos, presos e amarrados, a pastar. Levaram-nos e o homem ficou muito contente porque era o responsável pelos cavalos na exploração.

E. N. – Ruse

Roubaram cavalos aos nossos vizinhos – um par, muito bonitos. A Vanga disse-lhes: «Os cavalos foram levados através da Stara Planina e estão numa aldeia de Gabrovo.» Descreveu com muito pormenor tanto o lugar como a aldeia. Foram e encontraram-os.

K. N. – Centro de Cinema

Após as filmagens do filme «Fogo sobre o Drava» começou o trabalho de montagem. Era uma coprodução de vários países e tinham sido investidos

muitos meios. Os colegas descobriram com horror que faltava parte das bobines. Isso significava um grande escândalo e muitos problemas. Foram ter com a Vanga e ela disse que as bobines tinham sido deitadas fora. Descreveu um pequeno edifício abandonado perto de um depósito de lixo. Os colegas lembraram-se de que perto de Pancharevo o Centro de Cinema tinha realmente um pequeno edifício velho onde deixavam bobines defeituosas ou rejeitadas. Foram lá, vasculharam muito, mas acabaram por encontrar as bobines do filme.

Um oficial da fronteira perdeu a pistola. A Vanga disse-lhe que fosse revistar o lugar onde fora fazer as necessidades. Foi e encontrou-a.

Kr. St. – ouvido de Serafim Severnyak (escritor) A Vanga perguntou-lhe quantos casamentos tinha. Ele respondeu: três. Não serão quatro?, perguntou a Vanga. Eis que a tua irmã se pôs ao teu lado e mostrou-me quatro dedos. S. S. assustou-se muito porque tinha uma irmã que morrera muito pequena. Nem os amigos mais próximos sabiam desse facto.

B. H. A criança dos nossos vizinhos desapareceu sem deixar rasto. Procuraram-na sem sucesso durante vários dias. Os pais foram ter com a Vanga e ela disse-lhes que no sábado a criança seria trazida para casa viva e de saúde por representantes da autoridade. As pessoas espalharam essa notícia e desde manhã de sábado juntámo-nos quase todos em frente do prédio para ver se seria verdade o que a Vanga dissera. Havia também pessimistas que se foram embora, mas os crentes foram recompensados. Quando perto do meio-dia um carro da milícia subiu ao nosso quintal, de todas as gargantas ergueram-se gritos de espanto. Do carro desceu o menino, acompanhado por um miliciano. A cena foi indescritível.

G. Zh. – Há muitos anos a Vanga disse-me que perguntas me calhariam no exame de admissão de língua búlgara. Quando tirei o bilhete diante da comissão, fiquei tão espantada com a coincidência que um dos membros da comissão me perguntou o que tinha. Estava tão pasmada que ganhei coragem e disse-lhe por que ficara tão surpreendida. Ele riu-se e respondeu: «E agora, o que fazemos? Mudamos o bilhete já que a Vanga o acertou?»

G. P. da aldeia de Gega pediu ajuda à Vanga porque as ovelhas do seu rebanho começaram inexplicavelmente a morder-se umas às outras e iam morrer de fome, os animais não queriam comer nada. A Vanga disse para observar de manhã qual ovelha começava a morder primeiro, cortar-lhe um pouco de lã e trazer-lha. Depois de lha trazerem, mandou que cortassem a lã em pedacinhos muito pequenos e a dessem a todas as ovelhas misturada com a comida. As ovelhas acalmaram-se.

Uma jovem grávida chora e explica que está grávida pela sétima vez e tem só filhas. Se agora der à luz uma menina, o marido expulsa-a. «Deixa esse

filho ao meu acaso», disse a Vanga. «Nascerá menino.» Realmente dois meses depois nasceu um menino.

Um rapaz tinha de nascença uma deficiência nas pernas. Decidiu corrigir e operou-se. Após a operação sentiu-se ainda pior.

Comentário da Vanga: «Não devias ter feito a operação. Esse defeito não te impedia de andar. Se Deus nos pôs cornos, temos de os carregar.»

Um jovem com esporões nos pés e quase inválido deles pergunta à Vanga por cura.

Vanga: «Pega num prato velho de cobre, aquece-o no fogão, pega num pano de lã e molha-o em gasolina. Coloca-o sobre o prato quente e pisa-o. Fica até o prato arrefecer. Repete o procedimento quatro vezes.»

Mas então, após a morte do marido em quem a Vanga sentia algum apoio, já não conseguia lidar com os milhares de pessoas que estavam à porta dela, gritavam, imploravam, esperavam, choravam e queriam que lhes dissesse algo. Um dia até derrubaram a cerca do quintal e atropelaram a própria Vanga. Mal se recompôs dessa vez. Após esse episódio conversou com a irmã, a minha mãe Lyubka, e com o meu pai Stoyan e decidiram que nos mudaríamos para Petrich para estarmos perto dela e ajudá-la quanto possível. Acabáramos de construir uma casa nova em Sandanski, mas abandonámo-la e fomos para Petrich. Foi em 1966.

Ouçamos também um relato do meu pai, Stoyan Gaygurov:

Da Vanga falava-se na minha família desde 1942. A minha mãe e o meu pai respeitavam-na profundamente e consultavam-na muitas vezes sobre várias questões. O espantoso é que ela sabia de mim sem me ter visto (quando vinha a nossa casa eu era soldado) e que previra antecipadamente que me casaria com a irmã dela.

Pode dizer-se que ela está diariamente presente na nossa vida não só como parente, mas também como fenómeno. Ainda não consigo explicar como ela, logo ao nascimento dos meus três filhos, previu a vida deles e tudo acontece de acordo com o que ela disse.

À minha filha mais velha previu que estudaria hieróglifos e se dedicaria a línguas estrangeiras. Quando cresceu candidatou-se a filologia búlgara, mas foi admitida em turcologia e realmente estudou hieróglifos e línguas estrangeiras. À minha filha mais nova, Anna, previu que seria uma médica muito boa, e ela até terminar o secundário estudava música e tocava muito bem piano. Não sei como decidiu, mas no último momento candidatou-se a medicina e agora é realmente uma boa médica e adora a profissão. Ao meu filho Dimitar previu que seria um técnico muito habilidoso, e ele realmente é.

Muitos que são céticos em relação ao seu dom consideram ainda hoje que a Vanga tem intermediários através dos quais recolhe previamente informações sobre as pessoas que a visitam. Isso, claro, não é verdade e é impossível, porque chegam até ela milhares de pessoas completamente desconhecidas de todos os cantos do mundo. Além disso fala de recém-nascidos e de crianças ainda não nascidas, vê e conversa com pessoas mortas há 100, 200 e mais anos, das quais nem os mais próximos se lembram, sabe que medicamento ou que erva indicar a uma pessoa gravemente doente e esta curar-se depois de a medicina com a sua prática milenar se ter revelado impotente.

A Vanga realmente não conseguia lidar com as multidões de pessoas que a cercavam de todos os lados dia e noite e procurou ajuda e proteção do Estado. Aqueles que a ouviram avaliaram o seu dom. A 3 de outubro de 1967 a Vanga passou, como se diz, «para o trabalho estatal». Nomearam pessoas para manter a ordem à porta dela e cuidar do seu descanso e tranquilidade. Criou-se um serviço especial junto do conselho municipal para registar por datas todos os interessados. Em duas palavras, finalmente a Vanga foi oficialmente reconhecida e, como referi no início, tornou-se também objeto de investigação científica do Instituto de Sugestologia e Parapsicologia, dirigido nessa altura pelo Dr. Georgi Lozanov.

M. D. – cidade de Ruse

Em 1968 visitei a Vanga duas vezes. Saí do quarto dela maravilhada, mais exatamente – abalada. Tudo o que queria saber ela disse-me. No quarto trabalhavam gravadores, havia aparelhos. O presidente e o secretário do conselho municipal levaram-me a uma comissão médica para me interrogarem. Eram cerca de 30 pessoas, vestidas com batas brancas. Estavam sentados à volta de uma grande mesa. Eram médicos, psicólogos, neurologistas e outros especialistas.

Um ano depois recebi duas cartas do Instituto de Sugestologia para preencher os formulários que me enviaram e responder às perguntas sobre o que a Vanga dissera que se cumprira. Respondi com prazer, porque tudo o que ela antes me dissera se cumpriu com absoluta exatidão.

Infelizmente esse sério trabalho científico foi-se esmorecendo gradualmente e dos numerosos materiais nada foi publicado. Pelo menos as pessoas ávidas de informação queriam ler algo mais credível sobre a Vanga, porque circulavam os rumores mais incríveis, e talvez exatamente a esse interesse tenha respondido o jornal «Pogled» em 1966, quando publicou um material sobre a Vanga.

O artigo chamava-se «A parapsicologia... e Vanga» de Emil Hristov e nele, a par da entrevista com o Dr. Lozanov, fazia-se uma tentativa séria de explicar o fenómeno. Foi a única publicação da época. Nesse período, porém,

no estrangeiro saíram e continuam a sair vários materiais sobre a Vanga. Ela é conhecida em muitos países, como eloquentemente comprovam as numerosas cartas do estrangeiro que continuamos a receber ainda agora.

Já em 1970 saiu nos EUA um livro sobre capacidades paranormais de pessoas nos países socialistas, edição da IMPACT (UNESCO). O título é: «Psychic Discoveries Behind the Iron Curtain». Os autores no primeiro capítulo, intitulado «Vanga Dimitrova – o oráculo búlgaro», tentam através da descrição de casos da atividade da Vanga e entrevistas com visitantes e especialistas explicar este fenómeno e colocam problemas interessantes para discussão.

No fim do capítulo, que tem cerca de 30 páginas, conclui-se que, quando o livro sair, será provavelmente o estudo mais profundo e mais criativo alguma vez feito sobre um profeta vivo.

«EU SOU UMA PORTA PARA ELES»

A manifestação mais espantosa da vidência da Vanga é o contacto que ela estabelece com os entes queridos, parentes e conhecidos falecidos do visitante. Sobre a questão da morte e do que resta do homem depois dela ela tem outras conceções que diferem bastante das do homem contemporâneo. Eis uma conversa gravada em 1983, quando a Vanga diz a um realizador (P. P.):

«Já te disse, o corpo, quando morre, apodrece e tudo o que é vivo, quando morre, apodrece. Mas uma parte do corpo e da alma, nem sei como chamar-lhe, não apodrece. Falais de reencarnação. O que é isso, não sei. Mas isso que não apodrece do homem, segundo eu, é assim: desenvolve-se para atingir um estado superior, mas nós não sabemos o que é. Por exemplo acontece assim: morres simples, depois morres aluno, depois licenciado, depois tornas-te cientista ou ocupas um alto cargo e assim por diante. É assim o superior. Isso é a alma.»

Ela percebe a morte apenas como fim físico e segundo ela a personalidade conserva-se também após esse fim fatal.

À pergunta de um visitante porque lhe fala da mãe falecida e se foi ele que a trouxe com a sua presença, respondeu-lhe: «Não a trazes tu. Eles vêm sozinhos, porque eu sou uma porta para eles.»

«Quando uma pessoa se põe à minha frente, os seus entes queridos falecidos alinham-se à volta dele, fazem-me perguntas e respondem às perguntas, e eu transmito aos vivos o que ouço deles.»

Quero começar este tema com um caso mais recente, porque até para mim, que estou habituada a essas séances da Vanga, me causou grande impressão.

O caso é o seguinte. Dois pais, o marido é engenheiro, têm um filho único. 16-17 anos, estudante. Desde pequeno os dois habituaram-se a levar o filho consigo e depois, quando cresceu um pouco, os três iam juntos a todo o lado. Quando o filho se tornou adolescente, tanto a mãe como o pai permitiam-lhe muito a contragosto sair com amigos e ir sozinho, porque tinham sempre medo de que, não estando com eles, lhe acontecesse algo mau.

Um dia o filho perguntou separadamente aos pais se o deixavam ir para a casa de campo com amigos e estranhamente ambos, contra os seus princípios e sem sequer perguntar quem eram esses amigos, sem quaisquer objeções ou condições permitiram ao rapaz sair. E ele saiu e não regressou.

Encontraram o jovem morto por eletrocussão junto a um poste elétrico.

Esmagados pela dor, tormentos da alma e autoacusações por terem pessoalmente permitido que o rapaz fosse para a morte, os dois pais um dia vieram ter com a Vanga. Dissemos-lhes que trouxessem um vaso com uma planta, porque uma morte recente pode provocar na Vanga um estado psíquico grave e até desmaio.

Quando os pais se puseram diante da Vanga, ela de repente empalideceu e gritou com voz forte e estranha: «Aqui estou eu também! Como está o engenheiro?» O pai por sua vez empalideceu e sentiu-se mal. O rapaz tinha o hábito, quando regressava de fora, em vez de saudação perguntar ao pai de brincadeira assim. Os dois confirmaram que era a voz do filho. A voz continuou: «Amanhã sem falta vão ter com o Lyubcho (amigo dele) e deem-lhe as meias cinzentas (no dia seguinte, 17 de setembro, era o feriado religioso de Fé, Esperança e Amor).

Contem-me como está o Lyudmil. Recebi da Vanya as flores, mas também muitas lágrimas. Não chorem tanto, regam-nos abundantemente com lágrimas e sujam-nos a roupa. Depois não temos como nos limpar. O céu não é azul como vós o vedes, é branco, muito branco. E nós estamos de branco. Quero que vós os dois, quando vierem da próxima vez, façam de prata um adorno de prata, algo como um colar, e o tragam convosco, escrevam nele as letras B e K. Eu voltarei. Voltarei a vir para o vosso meio, mas isso será na nona hora.»

Não lhes era claro o sentido da última frase, mas a mãe, recompondo-se mais rapidamente do espanto geral e ainda sem acreditar, encontrou forças para perguntar à Vanga, falando com a voz dele, se podia descrevê-lo. A Vanga através da voz disse: «Estou aqui, sou aquele de quem perguntais, e para vos certificardes direi-vos como me despedistes. Estou todo de cinzento – calças cinzentas, camisola cinzenta. Não vos espanteis! Quando saí e vos perguntei, vós os dois permitistes-me sair. Fui chamado e ninguém me podia deter! Comigo estão o meu tio (irmão do pai) e o meu avô, de mãos dadas.

Após uma breve pausa: «Vamos, só me foi permitido ligar-vos e falar convosco.»

A Vanga suspirou fundo, reanimou-se e disse: «Pronto, ele retirou-se, voou para o alto como uma roupinha branca como a neve.» E depois resumiu: «É assim, todos – crentes e não crentes, todos partimos na mesma direção. Foi a última hora do vosso rapaz e ele foi chamado para partir.»

Vanga: «Veio ter comigo uma jovem e eu imediatamente perguntei-lhe: "Lembras-te de que a tua mãe falecida tinha uma marca na coxa esquerda", e ela confirmou. Perguntaram-me como vira isso. Muito simples! A morta pôs-se diante de mim. Jovem, alegre e sorridente, de olhos azuis, com lenço branco na cabeça. Estava vestida com um vestido colorido. Ergueu as saias, mostrou a marca e disse-me: "Pergunta se se lembra de que eu tenho uma marca na perna de uma queda?"

A mãe falecida continua: "Diz à Magdalena (a outra filha viva) que não venha ao cemitério, porque não tem joelho. (A visitante confirma que a irmã tem uma prótese no joelho e tem dificuldade em andar.) Diz à minha filha que outrora, quando os turcos queriam incendiar a nossa aldeia de Galichnik, o meu pai deu muito dinheiro ao bei para salvar a aldeia. E depois decidimos construir uma igreja e cortámos todas as amoreiras da aldeia. Transportávamo-las à noite, em segredo, para o lugar destinado à construção. Construímos a igreja. À frente dela fizeram uma fonte com três bicas."»

A filha espantada disse que não sabia tais pormenores, mas que fora a Galichnik e realmente ali não vira amoreiras e à frente da igreja realmente havia uma fonte com três bicas.

A Vanga continua a transmitir: «Há anos o meu filho caiu de cabeça e agora está muito doente.» Sim, confirma a visitante. O meu irmão tem um tumor na cabeça. Foi operado. A Vanga comunica: «Façam mais uma operação, mas só para vosso descanso. Não terá resultado e o teu irmão em breve morrerá.»

Outro caso. Veio uma mãe cujo filho soldado morrera num acidente. A Vanga pergunta: «Como se chamava o rapaz?» «Marko» – responde a mulher. «Mas ele diz-me que se chama Mario.» «Sim» – confirma a mulher –, em casa chamávamos-lhe Mario.» Através da Vanga o rapaz comunica quem é culpado do acidente e diz: «A morte avisou-me ainda na sexta-feira e eu parti na terça-feira.»

O soldado morrera numa terça-feira. O morto perguntou se lhe tinham comprado relógio. A mãe contou que o rapaz perdera o relógio no quartel e ela prometera comprar-lhe um novo, mas depois de lhe comunicarem o acidente não comprara nada. O filho perguntou porque não via a irmã em casa e a mãe explicou que ela terminara os estudos e vivia e trabalhava noutra cidade.

Cinco pessoas de Sófia decidiram ir ter com a Vanga, meteram-se num carro e chegaram a Rupite. Esperaram bastante tempo, mas ela quis receber só um deles. «Chamem o Kiril para entrar» – disse ela. Realmente esse homem tinha o motivo mais sério para visitar a Vanga. O filho dele fora há alguns dias numa excursão a Vitosha e não regressara. E a Vanga disse-lhe apenas algumas palavras: «Neste momento vejo o teu filho sentado numa rocha a desenhar algo num papel. Mais nada te posso dizer. Daqui a dois dias terás notícias dele.»

O homem foi-se embora tranquilo e feliz, porque, pensava ele, se a Vanga o via a desenhar significava que estava vivo e regressaria. Julgou que era mais uma das suas loucuras juvenis. Realmente o pai recebeu dois dias depois notícias do filho, mas da milícia, porque o rapaz fora encontrado morto debaixo da rocha. Encontrara-o um homem idoso, montanhista, que avistara o jovem lá em baixo no barranco. Parecia sentado, mas de alguma forma estranhamente inclinado para a terra. Chamou-lhe várias vezes, mas o rapaz não respondeu. O homem desceu e viu que era na verdade o cadáver de um jovem, todo ensanguentado. Ao lado dele rolava um papel amarrotado no qual estava desenhado como se atirava da rocha.

Trechos das cartas.

M. K., Sófia: «Em 1970 o meu irmão Vasil, então com 49 anos, desapareceu e durante mais de 20 dias não soubemos nada dele. Era contabilista-chefe na SNS. A minha irmã e a minha cunhada foram ter com a Vanga. E ela descreveu toda a aparência dele – a cor da camisa, que tinha mangas curtas, que por hábito olhava para o relógio mas este não estava no pulso (deixara-o em casa), que o via descalço e muito alto na montanha. Descreveu o local, mas não conseguiu dizer qual era. Soube-se depois que o meu irmão morrera ao cair da Rocha Negra em Rila, numa das suas plataformas.

Ela vira também a sua agonia, porque dissera: “Vejo-o descalço, deitado na terra – e após breve silêncio... – não morreu.” Quando disse isso ao investigador, ele assustou-se e disse: “Sim, estava descalço, os sapatos estavam ao lado dele e não morreu imediatamente.” Mas a Vanga despedira a minha cunhada com as seguintes palavras: “Vai-te embora, nora, a autoridade informar-te-á.” E realmente dois dias depois veio um miliciano a casa da minha cunhada dizer que o tinham encontrado. Não é isso um milagre?!»

I. L., Sófia: «Não é preciso, Vanga, recordar-vos todas as palavras que receberam plena confirmação após o meu encontro convosco. Mas não consigo esquecer a emoção que me invadiu quando me chamastes lá de fora pelo nome e quando me pus diante de vós. Dissestes-me: “Eis que o teu pai falecido veio, está aqui diante de ti e vem de muito longe.” Através de vós o meu pai contou e recordou-me coisas espantosas da vida da nossa família e do

seu futuro. Dissestes-me: “O teu pai está descontente, pergunta porque lhe vendeste a casa que foi construída num terreno que lhe foi oferecido por Alexandar Stamboliyski?” Realmente fiquei petrificada, porque realmente esse facto eu há muito esquecera e não julgava que ainda fosse tão importante. Arrependi-me de ter magoado tanto o meu pai, mas a emoção desse encontro incrível guardá-la-ei para toda a vida.»

Vanga diz: «Em breve as pessoas começarão a encontrar os seus mortos nas ruas» (1989).

A incrível capacidade da Vanga de comunicar com os mortos causou também forte impressão ao nosso conhecido crítico literário Zdravko Petrov. No número de 24-30 de julho de 1975 a revista «Sofia News» publicou o seu material muito interessante intitulado «Búlgara que profetiza».

Apresentamos o seu relato com cortes:

«Até ao outono de 1972 dava pouca importância ao facto de uma profetisa viva viver na pequena cidade de Petrich junto da fronteira grega e atrair a atenção dos búlgaros. De madrugada até tarde da noite acumulam-se pessoas à porta dela. Ela diz onde estão pessoas desaparecidas, revela casos criminais, faz diagnósticos médicos, descobre vestígios do passado. O mais espantoso no seu dom é que revela o presente e lança-se no futuro.

Faz as suas previsões sem fatalidade sequencial. A experiência ensinou-a a ter cuidado nas suas previsões. Além disso nem tudo o que é possível se torna realidade. Se usarmos o termo hegeliano «realidade dispersa», usado para explicar a probabilidade como categoria filosófica, é isso que existe no caso da Vanga. Diz algumas coisas com precisão espantosa.

Num «séanse» a que assisti na casa dela fui testemunha de como pediu o relógio de um dos seus «pacientes» (normalmente os visitantes levam um torrão de açúcar) para o apalpar.

Ele espantou-se por ela querer tal objeto. E ela respondeu-lhe com as seguintes palavras: «Dá-me o teu relógio, não é ele que toco, é o teu cérebro.»

...Por acaso fui a Petrich para um curto descanso. Fiquei lá alguns dias. O meu conhecimento dessa mulher do povo de 60 anos, dotada de dom profético e sentido de humor, tornou-se o acontecimento mais notável da minha vida.

Na verdade não tinha intenção de me submeter a séanses nenhuns. Parece que a Vanga sentiu esse meu estado nas primeiras horas da minha estada em Petrich, porque depois disse a um meu amigo advogado: «Ele veio com a sensação de que não lhe diria nada, mas eu disse-lhe.» Depois riu-se com o seu riso característico.

A parte mais interessante desta história começa agora.

O amigo que me apresentou à Vanga tinha carro e propôs que à tarde fôssemos dar uma volta fora da cidade. Aproximámo-nos da aldeia de Samuilovo, perto da qual há muralhas preservadas da fortaleza do czar Samuil, objeto de investigações e restauro arqueológicos. Na carroça estive calado e troquei com o meu amigo apenas algumas palavras. Subimos em pouco tempo à fortaleza e começámos a observar as escavações. A Vanga não podia partilhar o prazer da vista e ficou na carroça com a irmã. Conversavam entre si. Eu passeava pelo prado. A certa altura, quando estava a 7-8 metros dela, a Vanga começou a falar. Claramente as palavras eram para mim. Estupefez-me com a primeira frase: «O teu pai Petar está aqui.»

E eu fiquei como Hamlet diante do espírito do pai. O que podia dizer? O meu pai morrera há 15 anos. A Vanga começou a falar dele com tais pormenores que fiquei petrificado. Não me lembro de como me senti então, mas segundo as pessoas que estavam comigo estava muito excitado e mortalmente pálido. Ela repetiu várias vezes que o meu pai estava diante dela, embora ainda hoje não saiba em que projeção o via: no passado, no presente ou no futuro; chegou mesmo a apontar para ele com a mão. Evidentemente recebia informações de um mundo doméstico há muito esquecido até (mesmo por mim). Para ela o tempo não existia como passado, presente e futuro, mas como um fluxo homogéneo qualquer. Pelo menos essa é a minha impressão.

Entre outras coisas disse-me que o meu pai falava de Domingo de Ramos, que eu tinha nome de flor, que o meu nome era ou Tsvyatko ou Zdravko. Confirmei que o meu nome era Zdravko. Depois disse que o meu pai falava turco. Ele era advogado de profissão, mas trabalhara também como professor de economia política e direito civil no liceu turco em Shumen antes de 9 de setembro de 1944.

Depois a Vanga começou a falar dos meus tios. Nomeou dois deles. Sobre o meu terceiro tio, que morrera em circunstâncias trágicas, fui eu que lhe falei. A morte dele fora muito misteriosa. Ela disse que no fundo do assassínio dele estava uma traição. Outra coisa que me espantou foi perguntar-me quem era Matey na nossa família. Disse-lhe que era o nome do meu avô. Tinha cinco anos quando o enterraram num dia de janeiro. Desde então passaram 40 anos. Que ela soubesse o nome dele espantou-me.

Caracterizou-o como bom homem. Isso corresponde plenamente à verdade, sabia-o dos meus parentes.

A Vanga falou muito dos meus parentes, cerca de 10-15 minutos. Falou da minha sobrinha que fizera má escolha ao entrar na universidade. Mencionou pormenores menores do dia a dia, por exemplo que comprara um radiador defeituoso. Depois aconselhou-me a apanhar mais sol por causa da saúde (é verdade que não gosto muito do sol), caso contrário, disse ela, andarás de bengala. Disse: «Que o sol seja o teu deus.»

Depois disse-me que tinha dois cursos superiores («duas cabeças», como ela se exprimiu), os presentes acrescentaram que me especializara em Moscovo. Ela perguntou-me o que isso significava.

Depois começou a contar que via os soldados de Samuil alinhados diante dela, os soldados desse trágico czar búlgaro que, sabemos da história, foram cegados. Perguntou-me quem os cegara, qual era a nacionalidade dele. Fiquei atrapalhado, nesse momento a memória traíra-me e esquecera completamente a dinastia czarista dele. Depois o meu amigo perguntou-me como pudera esquecer a origem de Basílio, sendo eu tão conhecedor da história bizantina. Provavelmente estava atónito por a Vanga ser capaz de ver tão longe no nosso passado histórico.

Noutras circunstâncias a Vanga perguntou-me que tipo de gente eram os bizantinos. Contava que quando estava na igreja da cidade de Melnik ouvira vozes que diziam: «Nós somos bizantinos.» Via gente vestida de brocado e restos de termas romanas debaixo da superfície da terra. Vários proeminentes bizantinos foram realmente afastados de Bizâncio no passado e enviados para Melnik. Fala também de outras personalidades históricas.

Discutíamos o seu dom de ver o passado e o futuro. Durante todo o tempo decorreu entre nós uma conversa extraordinária. A Vanga começou a falar da Morte. Todos olhávamos fixamente o seu rosto imóvel. Evidentemente tinha visões. Contou vários casos em que sentira a Morte. Contou-nos do próprio marido, a quem vira a hora exata da morte. Depois contou-nos de um dia em que cozinhavam doce de ameixas no quintal e a Morte «sussurrou» entre as árvores. Tudo isso soou-me como uma balada. Falava da Morte como uma mulher de cabelos soltos e belos. Tive a sensação de estar diante de uma poetisa e não de uma vidente.»

A Morte... Essa hóspede terrível e indesejada por ninguém que corta o fio da nossa vida. Mas segundo a Vanga isso é uma projeção do nosso «eu» noutros dimensões, por enquanto incompreensíveis para nós.

Um dia veio ter com a Vanga uma jovem de Sófia. A Vanga virou-se de repente para ela e perguntou: «Onde está o teu amigo?», e a mulher respondeu-lhe que estava morto porque se afogara há alguns anos. A Vanga descreveu-o dizendo que via o morto como vivo e conversava com ele, até ele lhe fazia perguntas: «Ei-lo, pôs-se diante de mim, alto, moreno, tem uma pinta na face e um pequeno defeito na fala.»

A mulher confirmava. Vanga: «E diz-me: ninguém tem culpa da minha morte. Caí sozinho à água. Assustei-me muito porque não sei nadar... E o coração rebentou-me. Dobrou-me ao meio... Pergunta onde está o relógio dele e outras coisinhas (objetos). Diz nomes e pergunta por vários amigos e parentes... Aconselha a amiga a casar-se passado um tempo e assegura-lhe que a escolha será boa.»

...Um cientista espanhol, professor, conta à Vanga quão boa e cuidadosa fora com ele a mãe em vida, mas durante toda a vida fora muito pobre. A Vanga interrompe-o e diz: «Espera, eu conto-te como foi... No leito de morte disse-te: “Não tenho mais nada para te deixar, mas dou-te um velho anel de família. E como ficarás sozinho – que ele te ajude e guie na vida!”»

Espantado, o professor confirmou que fora exatamente assim. «Bom», perguntou-lhe a Vanga, «o que aconteceu a esse anel?» O espanhol explicou que quando já era cientista e famoso, um dia fora descansar fora da cidade, o anel escorregara-lhe do dedo e caíra no rio. Olhara, procurara, mas não conseguira encontrá-lo.

«Que fizeste, homem? Cortaste a ligação com a tua mãe!»

O cientista perturbado reconheceu que por vezes lhe passara pela cabeça tal ideia, porque após a perda do anel muitas vezes nada lhe corria bem, mas ele como cientista materialista afastava esse pensamento da cabeça...

Há anos durante uma inundação em Skopje uns pais perderam o filho único. Logicamente julgaram que a criança se afogara. Foram ter com a Vanga perguntar. E a Vanga (o caso foi-me contado pela própria) disse-lhes: «Não choreis, porque até aqui foram os dias dele. A criança realmente não está entre os vivos. Mas não procurais o corpo onde deveis. Está mais abaixo, depois da grande curva do rio. Há árvores grandes e o corpo enredou-se nas raízes. De um lado sobressai-lhe a mãozinha. Agora se fosse – encontrava-o imediatamente onde está. Ei-lo, vejo-o como vivo. Diz-me: “Vem, levo-te exatamente ao lugar.”»

Passado um tempo parentes da família vieram ter com a Vanga e informaram-na de que o cadáver da criança fora encontrado exatamente no lugar que ela indicara.

Casos destes há milhares, mas aqui não é possível descrevê-los todos, e o tema não é muito agradável.

Mas a Vanga não se move apenas no reino dos mortos. Abrange também a morte e o renascimento de cidades inteiras.

Por exemplo Melnik. «Aqui», diz a Vanga, «cada ervazinha, cada pedrinha, cada palmo de terra é santuário. A este lugar venho com prazer e descanso melhor. Carrego-me de força, de energia e de inspiração. Sento-me numa pedra qualquer e quero ficar assim em silêncio. Ninguém me perturbe. Tudo o que me rodeia fala-me – as pedras, as ruínas, os declives... A cidade conta-me a sua história de tempos há muito idos: vejo gente morta há muito, templos e casas destruídas há milhares de anos.

Um dia viemos novamente com a minha irmã Lyuba e ela trazia o primeiro neto, um bebé de seis meses. De repente como que a alma dele me disse:

“Vês, irmã, Melnik. E tu és como ele.” Fiquei muito perturbada e depois chorei muito tempo.

Porque como Melnik? Deserta e solitária como ele ou com história antiga como a da cidade? Não sei. Ainda hoje não consigo decifrá-lo.»

No início dos anos 70 a Vanga tinha forte desejo de ir todos os dias a Melnik e lá receber os inúmeros visitantes, porque considerava que ali recebia muita inspiração para o seu dom e veria e contaria muitas coisas interessantes. Mas tal atividade numa cidade tão pequena está ligada a muitos problemas de organização do seu trabalho e o desejo não foi satisfeito. Pena realmente, porque quem sabe o que ainda teríamos ouvido da boca dela!

E mais um caso interessante:

Em 1983 o realizador P. P. partilhou com a Vanga que tinha grande desejo e há muito se preparava para fazer um filme sobre Orfeu. A Vanga disse-lhe que não conseguiria, porque a posição dele em relação a esse lendário cantor era errada. Disse (a conversa está gravada numa fita magnética e está comigo):

– O dom de Orfeu não vem do céu, vem da terra. Ele põe o ouvido na terra e canta. E os animais selvagens param e ouvem-no, mas não entendem. Orfeu é terreno. Tocava numa folha de salgueiro, num ramo de salgueiro, com casca de olmo, com casca de faia e carvalho. Deitava-se na terra e a própria terra soava-lhe. Orfeu canta com a terra.

Onde quer que vá, toca em todas as árvores e os passarinhos cantam-lhe, e o céu dá-lhe, e escreve na terra, e ao passar lê-o e torna a cantar.

– Bom – para o realizador –, tu escreves-o esfarrapado, vês-no assim?... Para mim Orfeu é assim: está com roupas rotas, criança muito miserável... Depois passa como rapaz por barbear, cabelo por cortar, unhas grandes... E canta sempre. Todas as vozes lhas dá a terra.

– Não sei porque atrás dele vem Samuil...

– Eu, quando entro em transe, vejo estas coisas, mas ninguém me fez tais perguntas e isso não me interessava. Mas quando estou assim sentada penso sozinha: “Meu Deus, o que não terá havido no mundo!”

Mas é com o maior prazer que a Vanga fala com as flores. Percebe-as como seres vivos e é habitual de manhã muito cedo ver-se alguém a percorrer o seu rico jardim de flores em casa em Petrich. Ou em Rupite como para diante de cada flor, como a acaricia, rega e sussurra algo. Diz que também as flores lhe contam muitas coisas.

E aqui acontece algo muito inexplicável... Se fores ter com a Vanga e muito recentemente morreu algum teu ente querido, do contacto com essa

morte recente ela sente-se mal e pode até desmaiar. Então diz sempre: «Porque não trazem um vaso com uma flor? Essa informação sobre o morto que inconscientemente evocais com a vossa presença é desviada para as flores e elas salvam-me desses estados.» Não gosta de ramos, diz: «É como se fossem mãozinhas cortadas de crianças, a flor tem de estar viva.»

A irmã Lyubka lembra-se de que numa dessas manhãs a Vanga lhe disse para sair para as pessoas lá fora e trazer uma mulher, disse-lhe o nome e que era florista de Sófia. À pergunta da irmã donde sabia que lá fora havia uma florista, a Vanga respondeu-lhe: «Estas “miosótis” acabaram de me dizer. Vem perguntar pelo filho desregrado. Chama-a, dir-lhe-ei!»

Sobre o tema das flores conversou longamente também com o escritor soviético Leonid Leonov em 1980. Disse que lhe invejava o grande jardim; sabia que ele também sabia falar com elas e elas inspiravam-no e ajudavam-no a escrever os livros. Repreendeu-o por ter oferecido um grande filodendro que estava em casa dele à união deles de escritores. Disse-lhe que arranjasse imediatamente outro, porque também dessa planta recebia grande inspiração criativa.

Também sobre flores e ervas conversou com o conhecido pintor e figura pública da Índia Svetoslav Roerich. À pergunta dele sobre as ervas a Vanga disse-lhe: «Isso é outro tema grande de conversa. O mundo começou com as ervas e com as ervas acabará. Mas as ervas de um país curam só as pessoas que vivem nele. Assim está determinado. Cada um deve curar-se com as suas próprias ervas.»

Atividade curativa

Realmente o tema da saúde humana, do diagnóstico e tratamento das diferentes doenças ocupa grande lugar na atividade da Vanga. Considera que quase todas as doenças podem ser curadas com ervas. Afirma que a Bulgária é um país abençoado porque também entre nós há muitas plantas medicinais. Está convencida de que não está longe o dia em que a humanidade se livrará da terrível doença cancro, porque será descoberto um medicamento contra ele.

Diz: «Virá o dia em que o cancro será acorrentado com correntes de ferro!» Ao nosso pedido para interpretar o que isso significa, respondeu que o medicamento que curará as pessoas dessa doença deve conter ferro, porque esse elemento no organismo humano diminui. Segundo ela no futuro será descoberto também outro medicamento muito necessário para restabelecer a saúde humana. Será preparado com hormonas de cavalo, cão e tartaruga. À nossa pergunta porque desses animais, respondeu: o cavalo é forte, o cão é resistente e a tartaruga é longeva.

Nos tratamentos com ervas recomenda sobretudo que as pessoas se reguem com água onde foram fervidas as ervas, porque a ação curativa delas penetra melhor através da pele do corpo.

A Vanga nunca contradiz a medicina oficial e reconhece os seus sucessos em todas as áreas. Nesse sentido as diferentes recomendações que propõe para tratamento, mais ajudam do que negam os métodos tradicionais de tratamento. Mas considera que tomar medicamentos em excesso é prejudicial porque fecham a porta por onde a natureza através das ervas entra e restabelece o equilíbrio perturbado no organismo humano doente.

Alegra-se com as descobertas na área da medicina e considera correto o redescobrimento da acupuntura. Mas eis o que disse há pouco tempo a um médico que a visitou e se ocupa de acupuntura:

Vanga: «O tratamento com agulhas é correto, mas para haver sucessos deveis trabalhar não com agulhas metálicas, mas de barro, como faziam na antiguidade. E essas agulhas aquecer com brasas, não com eletricidade, porque também no homem há eletricidade, assim reforçais essa e isso impede que se atue corretamente nos pontos determinados.»

O médico objetou-lhe que isso significava regressar atrás e a Vanga respondeu-lhe:

– Pois sim, tudo regressa atrás, olha à tua volta!

Poderíamos da toda a sua atividade curativa extrair alguns conselhos mais gerais para tudo?

Sim, poderíamos, embora as ervas e o tratamento que recomenda a pessoas diferentes, embora para a mesma doença, sejam diferentes, porque a Vanga considera que cada organismo é tão individual que requer tratamento concreto. E assim...

E etc., etc.

Bastantes casos curiosos descreve o meu irmão Dimitar Gaygurov. Transcrevo todo o seu relato:

– Estou diariamente junto da minha tia e tive possibilidade de observar diferentes estados e comportamentos dela, de assistir aos seus séanses. Quero contar uma experiência minha incrível com ela no início de maio de 1988.

Três dias antes disso a minha tia calava-se, estava absorta e não queria falar com ninguém nem que ninguém a incomodasse com nada. No quarto dia chamou-me e disse-me para me sentar ao lado dela. Ficámos assim sentados algum tempo e calados. De repente virou-se para mim com uma voz desconhecida que me arrepiou e disse: «Sou o espírito de Joana d’Arc e venho

de muito longe. Parti para a Anatólia porque lá agora derrama-se muito sangue e vou ajudar a que venha a paz.» Fez-se uma breve pausa e depois a voz dela continuou: «Não acuseis em nada esta alma, porque ela não é vossa, não é de ninguém. Há testemunha. É a tua mãe (a irmã dela Lyubka) que a carregou numa tina quando estava em artigo de morte. Então num instante a alma dela saiu e nela instalou-se outra e ela recuperou para continuar a vida terrena. Ela não vos é parente e não vos pode reconhecer.» Fez-se novamente uma breve pausa e pouco depois ouvi: «Ela deve ir a “Notre Dame” passar uma noite em vigília, porque através dela vos serão revelados grandes segredos do mundo e dela em particular.»

A Vanga não pôde ir a Paris e agora a propósito do seu antigo desejo disse: «Quando devia, não me deixaram ir a “Notre Dame” e agora estas palavras ficam em segredo.» Perguntada por uma francesa se ela não seria Joana d’Arc, a Vanga respondeu: «Ah, não, ela foi Joana d’Arc no seu tempo, eu sou Vanga no meu tempo.»

Fez-se um longo silêncio. A minha tia vinha lentamente a si, a forte palidez do rosto começava a desaparecer, mas durante todo o dia ficou abatida e sombria. O que foi esse milagre, simplesmente não consigo explicar. Perguntei, quem sois vós, o que sois? Responderam: Somos espíritos. Vimos do oriente e estamos vestidos de branco. Fomos enviados aqui. Mas aqui não é bom. Queremos muito voltar lá, ao oriente, lá donde nasce o sol, porque lá é muito, muito belo.

Guardei na memória outros casos estranhos com a Vanga, especialmente quanto aos seus métodos de tratamento.

...Tarde uma noite veio a casa o meu amigo B. P. da aldeia de Kolarovo. Traziam-no os irmãos. O meu amigo enlouquecera de repente e pegara no machado para matar os familiares. Era muito forte e violento, por isso os irmãos amarraram-no com cordas e ele estava irreconhecível. Fui, acordei a minha tia a meio da noite e perguntei-lhe o que fazer. Ela disse: «Comprem uma bilha nova, encham-na com água do rio contra a corrente e com essa água da bilha reguem três vezes o doente. Depois atirem a bilha para trás para se partir, sem se virarem!»

Pensei propor aos meus conhecidos adiar o tratamento para de manhã, mas vi que a situação era incontrolável, por isso – vergonha ou não – fui acordar o oleiro que morava perto de nós e fazia bilhas; o homem, embora muito espantado com a minha visita a meio da noite, deu-nos o recipiente necessário.

O rio em Petrich passa pelo centro da cidade e o nosso prédio fica na margem mais alta. Fomos para diante de casa, descemos ao rio e fizemos tudo como a minha tia dissera. Agradeci por ser tão tarde, porque o nosso «ritual» no rio pareceria suspeito a qualquer um. Mas o mais importante é que o meu

amigo relaxou com a água, dormiu durante a noite e no dia seguinte acordou como pessoa normal.

Outro caso.

Veio ter com a Vanga um jovem, operador de escavadora, que arranhara o joelho ao drenar um pântano qualquer. Desde então o pé começara a inchar, a supurar e os médicos disseram que era preciso amputar. Mas o conselho da minha tia foi outro – que encontrassem uma rã, de preferência do lugar onde o homem se magoara, que a esfolassem e colassem a pele no lugar doente. O homem cumpriu as indicações da minha tia, depois dormiu profundamente dois dias e duas noites enquanto antes nem conseguia adormecer, normalmente tomava grandes doses de sonífero. Quando acordou a ligadura caíra e nela havia um fio branco (como um quisto) com cerca de 10 centímetros. Apenas uma semana depois a ferida cicatrizou e o pé foi salvo.

Fiquei muito espantado com esse remédio, mas depois li numa revista de ciências naturais que na pele da rã foram descobertas substâncias tais que se uma rã for mordida pela cobra mais venenosa não pode morrer porque essas substâncias neutralizam o veneno.

Há tempos senti uma dor aguda no ombro do braço esquerdo que muitas vezes à noite não me deixava dormir. Fui ao médico e ele disse-me que era um esporão e o tratamento era difícil e bastante prolongado.

Um dia pedi à tia que me dissesse o que fazer. E ela aconselhou-me a comprar 2 pacotes de incenso, esmagá-lo em pó e misturá-lo com 50 gramas de vinagre de maçã. Depois espalhar a mistura num pano de lã e aplicar no lugar doente três noites seguidas. Desde então a dor desapareceu.

– Um meu amigo de Petrich tinha a mesma dor, mas a ele a Vanga indicou outro remédio: molhar um pano de lã em gasolina, colocá-lo no lugar doente e por cima pôr uma chapa de cobre aquecida – que o calor fosse suportável – e fazer três sessões. E a dor dele também desapareceu.

– M. T. de Petrich tinha uma verruga na mão que a atrapalhava no trabalho e um dia imprudentemente mexeu nela. Apenas uma semana depois começaram a aparecer verrugas por todo o corpo. A minha tia aconselhou a mulher a encontrar a erva raliça, triturá-la em pó e com ela polvilhar e esfregar a primeira verruga que aparecera. Depois todas as verrugas desapareceram.

– K. B. tinha há longos anos hemorroidas internas e não conseguia curar-se. A Vanga disse-lhe que encontrasse a erva visgo branco que cresce no pinheiro (é uma interessante planta parasita cujas sementes se fixam na casca de várias árvores e só ali se desenvolvem; caídas na terra, as sementes morrem). Depois que triturasse raminhos da planta, os pusesse numa chávena de chá com água e de manhã bebesse a água. As hemorroidas desapareceram.

– A. P. de Sandanski curou-se de diabetes em forma inicial com o seguinte remédio da Vanga: vagens de feijão maduro, cerca de três quilos que ele levou à Vanga. Ela segurou-as um pouco nas mãos e depois disse-lhe que fervesse essas vagens e bebesse da infusão uma chávena de chá de manhã em jejum.

E etc., etc.

A irmã dela Lyubka tem quase uma enciclopédia de diferentes casos curados pela Vanga, assim como alguns conselhos dela. Eis alguns:

Andai descalços no verão, aconselha a Vanga. Não interrompais a ligação com a terra. Deixai as crianças nuas e descalças no verão. Que se sujem, que brinquem em todo o lado para depois se protegerem de todas as doenças no inverno. A comida delas deve ser mais líquida. Não castigueis as crianças com comida seca.

– Além do banho obrigatório todas as noites deveis lavar os pés.

Muitas vezes, com a Vanga, organizamos “aulas de botânica”. Eu levo-a pelos prados de Rupite e fico a ouvi-la, enquanto ela, como uma professora paciente, me explica tudo. Não sei como nem o que ela “vê”, mas aponta-me com o dedo para onde e o que devo olhar: «Esta ervinha ao teu lado, sabes qual é?» Sei, respondo eu. «Pois os frutos desta ervinha são um excelente alimento para crianças anémicas, e esta planta grande com três folhas, quem a tiver em casa à noite tem pesadelos, sobretudo quando floresce. Olha, todas elas falam comigo!

Esta flor com flores em forma de sininhos foi trazida de um país onde há muitas revoltas. Agora sinto também o cheiro do quer-vis. Esse também é remédio contra reumatismo. Que haja salada dele em todas as mesas. E a hortelã é boa para males de estômago. A erva que cresce junto ao canal é um ótimo remédio para crianças que se mijam na cama. E esta em que agora estamos a pisar cura feridas que custam a cicatrizar… As plantas falam-me, mas são tantas que só consigo lembrar-me de poucas…»

Curou um jovem médico de erupções cutâneas persistentes mandando-o beber durante vinte dias uma infusão de sementes de funcho.

Vanga: «Para icterícia há um remédio muito simples que cura em três dias sem deixar rasto. Logo que a doença apareça, durante três dias, todas as manhãs em jejum, bebe-se o sumo de um limão misturado com uma colher de chá de bicarbonato de sódio.»

A um jovem doente com leucemia recomendou que bebesse a água da cozedura de grãos de trigo, milho, aveia, centeio e millet. Mais tarde o rapaz telefonou a dizer que se sentia ótimo e que tinha engordado cinco quilos.

A outro jovem com desmaios, que todos julgavam ter epilepsia, Vanga disse que tinha um nervo pinçado na sequência de uma queda. Mandou-o pegar num pano, mergulhá-lo numa mistura de azeite, cera derretida e favo de mel e colar essa manta ao longo de toda a coluna vertebral, do pescoço até abaixo. Os desmaios cessaram.

A outra pessoa a quem tinham feito uma operação mal sucedida aos gânglios linfáticos inflamados por infeção, Vanga disse que não precisava de cirurgião, mas de dentista, porque a infeção era causada por uma prótese dentária mal adaptada.

A uma mulher com inchaço nas pernas propôs o seguinte tratamento: dissolver um pacote de sal grosso numa balde de água fria, depois pegar numa toalha de rosto, molhá-la nessa água e aplicá-la na zona lombar. Quando a toalha aquecesse, voltar a molhá-la. Após essas compressas, a mulher eliminou muita água e nunca mais teve inchaços.

Lyubka: Quando éramos pequenas e tínhamos malária, a Vanga curava-nos assim: ao sol, num recipiente esmaltado limpo, colocava um ovo de galinha fresco e duzentos gramas de vinagre de vinho puro. Até à manhã seguinte a casca dissolvia-se. Então batia bem a mistura e dava-nos a beber o líquido em jejum.

Se alguém se intoxicar com peixe, Vanga recomenda tomar imediatamente uma colher de sopa de mástique dissolvida num copo de água. Uma vez fui eu própria que me intoxiquei assim com carpa recheada e me senti muito mal. Passei a noite a vomitar e na manhã seguinte desmaiei na escada. A Vanga gritou logo para me darem mástique, senão morria. Cinco minutos depois já me sentia melhor e fui recuperando pouco a pouco.

E assim sucessivamente.

Não percebo nada de ervas nem de fitoterapia, por isso fico-me por aqui. Há milhares de casos que comprovam as extraordinárias capacidades curativas da Vanga, mas aqui não podem ser todos descritos, nem são o objeto deste livro. Cabe aos especialistas avaliar as suas competências e descobrir se há ou não um fundo racional nos seus conselhos e recomendações. Os exemplos acima são apenas uma pálida ilustração da sua atividade multifacetada.

A Vanga diz: «Não reconheço tratamentos em que seja preciso tomar vinte ou trinta ervas ao mesmo tempo. Às vezes as pessoas bebem sacos inteiros de plantas diferentes e o efeito é mínimo. Eu recomendo para cada doença apenas uma erva ou apenas um remédio, para a pessoa saber exatamente com o que se curou ou com o que se prejudicou. O segredo está em descobrir qual é a erva certa para cada dor. Não digo que seja grande

conhecedora de plantas, a mim as plantas é que mo dizem. Muitas vezes os nomes que pronuncio são-me totalmente desconhecidos.»

Eu, porém, tenho outras impressões dos seus tratamentos. Não sei como acontece, mas mesmo que as ervas ou outros meios que a Vanga recomenda não sejam curativos por si só, ganham força curativa depois de ela os segurar um pouco nas mãos. É como se, por esse contacto, as diferentes plantas adquirissem uma poderosa carga terapêutica e também sugestiva.

Mas por vezes recomenda outros métodos de cura. São estranhos, ilógicos e inexplicáveis. Foram precisamente esses que provocaram a feroz rejeição do dom de Vanga por parte da medicina oficial, que a rotulou de bruxa e especuladora hábil. Dói-me essa definição, porque, em quase cinquenta anos de prática, nenhum conselho da Vanga jamais prejudicou alguém. Para ilustrar o que acabo de dizer, dou mais alguns exemplos.

Às mulheres que davam à luz crianças mortas recomendava que, na gravidez seguinte, lhe trouxessem uma boneca nova, uma fralda e uma bacia. Segurava-os nas mãos durante um ou dois minutos e depois dava-lhes instruções: na primeira noite a mulher devia enrolar a fralda à volta da cintura, na noite seguinte enrolá-la na boneca. Repetir a alternância três vezes. Depois do bebé nascer, só podia ser banhado nessa bacia. Normalmente, após estes procedimentos, essas mulheres tinham filhos vivos que se desenvolviam normalmente.

A um visitante adulto que se mijava à noite, Vanga mandou trazer-lhe um rim de porco. Depois de o segurar um pouco nas mãos, deu-lhe instruções: atar o rim à cintura, pegar em duas garrafas vazias de casa, enchê-las com água da torneira do quintal, deitar essa água no jardim longe da torneira, tirar o rim e enterrá-lo numa pradaria distante. O homem curou-se imediatamente.

A uma criança com o mesmo problema propôs tratamento semelhante, mas em vez de deitar a água, a criança devia ser levada à floresta para urinar sobre o rim de porco e depois enterrá-lo.

A uma mulher com perturbação nervosa pediu que lhe trouxesse uma pequena almofada cheia de feno seco da floresta e um litro de água de casa num garrafão. Depois mandou-a lavar apenas os olhos com essa água e dividir o feno em três partes; durante três noites seguidas ferver cada parte em bastante água e banhar-se com ela dos ombros para baixo.

A uma criança que ia perdendo a visão progressivamente pediu e segurou nas mãos duas rodinhas de massa cozida em forma de olhos e um litro de água de casa. Recomendou que as rodinhas de massa ficassem uma noite na água e depois fossem colocadas nos ramos de uma árvore que não dá fruto (choupo, salgueiro, etc.), e que com a água se lavassem os olhos da criança. A cegueira progressiva parou.

A um visitante que não conseguia casar-se ajudou do seguinte modo: pediu-lhe que recolhesse num recipiente a água da primeira chuva da primavera e lha trouxesse. Depois devia ir a um lugar limpo (montanha, campo), banhar-se com essa água e ir-se embora sem olhar para trás.

Um aluno do curso técnico de eletrónica, assustado com as exigências da escola e sem vocação para a área, caiu em depressão profunda e teve uma crise nervosa. Vanga pediu aos pais que lhe trouxessem terra recolhida debaixo do cocho onde comem as ovelhas e um espelho pequeno novo. Não sei o que fizeram depois com esses objetos, mas o rapaz, que já andava violento, acalmou-se e curou-se após a visita à Vanga.

Aqui está outro diálogo sobre o mesmo tema que registei literalmente:

Vanga: Esta jovem que está à minha frente é casada, não é?

Sim, confirma uma senhora mais velha que a acompanha.

Vanga: Porque vêm ter comigo porque não têm filhos?

Sim, confirma a visitante.

Vanga: Quando estavas grávida levantaste um balde cheio de água e o feto ainda não estava bem fixado. Abortaste aos três meses?

Sim, confirma a visitante.

Vanga: Vais ser mãe! Mas tens de coser uma almofadinha de bebé, de um lado seda cor-de-rosa com renda, do outro branco. Enche-la de algodão e oferecê-la à igreja de São Cosme e São Damião. Vais ser mãe! Quando engravidar outra vez, tem cuidado e não levantes nada pesado. (Para a senhora mais velha:) Esta rapariga é muito bonita, olha que dentes brancos tem. Diz-me lá, antigamente doía-lhe o olho esquerdo?

Sim, confirma a mãe.

Vanga (para mim): Hás de ver o que eu vejo! Vejo tudo o que uma pessoa tem, por dentro e por fora!

A outra mãe cujo filho se mijava, Vanga mandou apanhar uma abelha, matá-la, pô-la dentro de um pedaço de pão e dar ao menino para engolir.

A uma mulher com psoríase, Vanga aconselhou: Vais procurar cera e sândalo. A cera levas à igreja, o sândalo pões dentro da tua almofada. Ainda a caminho da igreja com a cera, a mulher sentiu alívio. Curou-se.

Também vieram ter com a Vanga pais de Burgas cujo filho de dez anos estava doente sem diagnóstico estabelecido. Vanga ficou calada bastante tempo, depois disse: «O que querem eles desta criança?» Pensou mais um pouco, rodou o torrão de açúcar nas mãos e acabou por dizer: «Finalmente descobri o que procuram. No dia do aniversário da criança tragam-me o

primeiro fruto que amadurecer no vosso jardim.» Os pais trouxeram uma maçã. Vanga mandou a criança dar uma dentada e o resto dar a uma ovelha ou outro animal herbívoro para comer. Pouco tempo depois os pais voltaram agradecidos com a criança calma e curada.

A. N., da aldeia de Levunovo, região de Petrich, também tinha uma criança doente sem diagnóstico. Vanga mandou trazerem-lhe um prego de casa e um pão cozido pela mãe. Segurou-os um pouco nas mãos, depois pediu que partissem o pão por cima da cabeça da criança e lhe dessem um pedaço para comer. O resto do pão seria comido pelos animais domésticos e o prego pregado na porta do quintal. A criança curou-se.

A propósito de maldições, Vanga diz: Os pais não se arrependem, por isso a maldição que um pai lança ao filho culpado persegue até sete gerações. Portanto, pais, muito cuidado!

Uma criança de onze anos sofreu perturbações psíquicas após um acidente e foi internada duas vezes em psiquiatria. Vanga disse que a criança estava inquieta porque não era batizada e «não tinha anjo da guarda». Os pais aceitaram batizá-la com a condição de a Vanga ser madrinha. Ela aceitou e pouco depois a criança recuperou a consciência, acalmou-se e hoje é estudante universitário.

Um solteirão casou-se na primeira semana depois de a mãe lhe levar à Vanga um fuso com o seu peso (o disco que se coloca na ponta inferior para segurar o fio).

V. P., de Smolyan, não tinha filhos há mais de sete anos e foi perguntar à Vanga se alguma vez teria. Vanga mandou trazer um litro de água de casa, uma pulseira e um vestido novo. Segurou-os um pouco nas mãos e depois disse: «Lava-te com essa água, usa sempre a pulseira e o vestido, quando o lavares, lava-o à parte das outras roupas!» Um ano depois a Vanga recebeu a notícia de que a mulher tinha dado à luz um menino.

N. V., de Chirpan, trabalhava no campo quando rebentou uma tempestade terrível e até ao fim do dia ficou com o braço direito e a perna direita paralisados. Chegou à Vanga literalmente carregado pelos familiares. Vanga disse: «No dia em que a tempestade te apanhou, vais ao mesmo sítio e recolhes terra equivalente a um copo. No lugar da terra deixas deixar a mesma quantidade de açúcar. A terra trazes-ma.» Quando a segurou nas mãos um pouco, mandou o homem deitar essa terra num rio. Ele fez tudo e curou-se.

Tenho registados muitos outros casos semelhantes. Aqui vão mais algumas “receitas” estranhas.

Aos pais de uma criança com olhos doentes pediu que fizessem dois olhos de cera e lhos deixassem.

O remédio de outra criança muito inquieta e que chorava sem parar foi uma camiseta de flanela usada da criança e duzentos gramas da água em que a tinham banhado. Depois de os segurar um pouco, mandou vestir a camiseta à criança e com a água molhar-lhe os pezinhos.

Uma grávida de seis meses que vomitava sem parar foi curada assim: Vanga pediu-lhe que, depois de almoçarem em casa e lavarem a louça, a enxaguassem outra vez com água limpa e trouxessem essa água. Depois mandou-a beber um pouco e os vómitos cessaram.

Uma criança de cerca de onze anos parou de crescer. Vanga ajudou-a com este conselho: pediu ao pai que fizesse uma escadinha de madeira com tantos degraus quantos os anos da criança e a oferecesse ao mosteiro de Bachkovo.

Outra mulher assustou-se muito e adoeceu porque, trabalhando no campo, viu um lobo. Vanga mandou-lhe trazer um vestido novo, depois disse-lhe para embrulhar nele um pedaço de madeira atingida por um raio. Após vinte e quatro horas com a madeira embrulhada, a mulher devia vestir o vestido durante três dias e deixar a madeira debaixo da cama.

Uma criança gostava muito de comer terra da rua, do chão, de todo o lado. Os pais preocupados pediram ajuda à Vanga e ela curou-a dizendo para pesarem numa balança um torrão de terra e depois oferecerem-no à criança para comer. A criança lambeu uma ou duas vezes e nunca mais quis comer terra.

A balança aparece também noutro caso de uma criança cleptomaníaca. Vanga recomendou pesar num balança novo um objeto roubado pela criança e trazê-lo. Depois de deixado entre as coisas da criança, esse objeto acabou completamente com a vontade de roubar.

E mais um caso de criança que roubava dinheiro: Vanga mandou trazerem secretamente uma moeda roubada por ela. Após o seu toque, a moeda foi colocada de novo no bolso da criança, que de repente perdeu a vontade de roubar.

No geral, toco mais em problemas infantis. Outra criança com doença mental curou-se quando trouxeram à Vanga, a seu pedido, um vestidinho vermelho novo à medida da criança e um garrafão de água da fonte em frente à igreja antiga da aldeia. Com a água lavaram a criança e vestiram-lhe o vestido durante alguns dias.

A uma criança que se deslocava com dificuldade, o remédio foi comprar no dia do aniversário um par de sapatos e oferecê-los à igreja.

E agora um caso muito invulgar: aos pais de uma criança com cólicas muito fortes, Vanga mandou trazerem-lhe três varinhas de salgueiro. Depois de as segurar um pouco nas mãos, aconselhou-os a enterrá-las fora da povoação.

Paro aqui com os exemplos, porque não são menos numerosos do que as receitas de ervas da Vanga e dariam outro livro inteiro. Não sei mesmo o que pensar nem como classificar todos estes casos, por isso proponho voltarmos à Vanga e perguntarmos-lhe juntos como preservar o dom mais precioso, a saúde.

«Como?», responde-nos ela. «É muito simples. Não tenho recomendações especiais e cada um de vós sabe o que não deve fazer. Antes de mais, nada de excessos à mesa; a comida já está estragada pelos muitos adubos e todos os órgãos do corpo humano ficam sobrecarregados quando passa comida a mais. Se fosse preciso comer tanto, a natureza ter-nos-ia dado dois estômagos e não um… Digo muitas vezes aos responsáveis agrícolas: «Têm de semear muito centeio, as pessoas devem comer pão de centeio para conservar a saúde e sobreviver. Nos tempos de hoje o centeio tem grande importância.»

Comam mais alimentos brancos. Bebam chá da floresta com frequência. Reduzam as gorduras. Quem estiver são deve ir diminuindo a carne até a abandonar completamente. Comam pelo menos uma vez por semana trigo cozido e bebam a água para terem força.

Não fumem.

Podem tomar antes das refeições apenas vinte a trinta gramas de rakia, para desinfetar. Mexam-se mais e trabalhem. Deitem-se cedo, às vinte e duas horas, e levantem-se cedo, às cinco ou seis; é a melhor hora para descansar e não andarem nervosos e tensos.

Elejam a limpeza como valor supremo. Não tomem banho com água muito quente, usem mais sabão caseiro. Tenham cuidado, porque (registei estas palavras dela em 1981) aparecerão muitas doenças desconhecidas. As pessoas cairão nas ruas sem razão aparente nem doença visível anterior, e isso ainda é evitável, porque está nas vossas mãos…

Não abusem dos adubos e dos químicos, porque a natureza já está sem fôlego. Chegará o dia em que desaparecerão da face da terra várias plantas, legumes, animais, primeiro a cebola, o alho e a pimenta; depois as abelhas, e o leite tornar-se-á prejudicial.»

O SER HUMANO E A SUA SAÚDE MENTAL

O tratamento com ervas ocupa grande lugar na prática da Vanga, mas ela considera que nem as ervas nem o modo de vida natural podem produzir o efeito necessário se a pessoa não se esforçar por manter elevada a saúde da alma. Segundo ela, a vida do ser humano é uma cadeia de processos e relações interações e a rutura de um só elo pode destruir a harmonia da natureza. Perguntámos-lhe o que entende por saúde da alma e como preservá-la, e ela responde-nos sempre assim:

«Todo o ser vivo, toda a Terra e todo o universo obedecem a um rigoroso ritmo e ordem cósmicos. Violar essa ordem traz erros pelos quais depois todos pagamos muito caro.»

Muito bem, e como nos movermos dentro dessa ordem?

Não violando a harmonia!

E como viver em consonância com ela?

Procurando ser bons!

O que dá tanta certeza à vidente cega Vanga de que a bondade é a base da preservação da vida em todas as suas manifestações? Será essa segurança alimentada pela sua incrível capacidade de transcender o tempo e o espaço, ou de ver o invisível que é impensável até para a pessoa mais clarividente? Ou será esta a sua filosofia de vida pessoal, formada nos anos de pobreza órfã? É difícil responder, porque o comportamento quotidiano da Vanga e o seu fenomenal dom profético entrelaçam-se de tal modo que é quase impossível separá-los e caracterizá-los.

Ela é uma personalidade de elevadíssimo nível moral e talvez tenha de ser assim. Porque não podes ensinar as pessoas a serem boas e a amarem-se se tu próprio não as amas, não podes abrir o coração a todos os que procuram a tua ajuda se não compreendes que só podes ser feliz dando felicidade aos outros, não podes viver plenamente a tua vida se não a sacrificares pelos outros.

Vamos agora ver qual é a opinião de Vanga sobre os diferentes traços e comportamentos humanos que afastam as pessoas da bondade tão desejada por todos. Comecemos pela relação com as crianças e pela sua educação.

Vanga diz: «Quando têm filhos, devem saber que já não pertencem a vocês próprios, mas a essas crianças. Dão uma vida pela qual são responsáveis.»

Uma mulher chora diante de Vanga: «A minha filha bate em toda a gente lá em casa, é insuportável.» Vanga: «Pois vocês é que deviam ter-lhe batido quando era pequena. Essa criança está farta até dizer basta de tudo o que

fizeram por ela e já não está bem da cabeça. Vocês agora têm um filho, mas na verdade já não o têm.»

«Sou uma mãe infeliz», diz outra mulher. «Um dos meus filhos é reincidente e já entrou várias vezes na prisão, o outro é infeliz no casamento e a minha filha tem uma doença nervosa.» «Arma-te de paciência», diz Vanga, «os teus filhos vão cumprir o castigo que lhes foi imposto e vão endireitar-se. Assim é o destino humano, que nenhum de nós conseguiu ainda decifrar.»

Noutro caso semelhante, Vanga conclui: «Deixem as pessoas sofrer e lutar para se darem conta, senão nada resulta. Só quando adoece é que um bêbado percebe o que fez, mas já é tarde…»

«Do teu filho não vai sair nada», disse Vanga a um ministro. «Dás-lhe tudo de mão beijada, sem ele fazer o mínimo esforço. Aos quatro anos já lhe compraste apartamento e o carro está pronto. Que erro tão grande cometes com essa educação. Com os tijolos do teu filho não se constrói parede nenhuma e tudo irá pelo vento.»

Um ou dois anos depois soubemos que o filho desse homem se tornara toxicodependente e que o pai colheu a terrível ceifa do que semeara.

«A minha filha também se porta muito mal comigo», disse uma antiga professora, «agora casou e tem um filhinho, mas a criança está doente. O que hei de fazer?» Vanga responde: «Pois é, ensinaste os filhos dos outros, mas o teu próprio ficou ao abandono e afastou-se de ti. Já não te sente próxima. Mas não faz mal! Pelo comportamento dela vai pagar enquanto se atormentar com o filho.»

Um casal jovem com uma criança de cerca de três anos. A criança está ao colo da mãe, choraminga sem parar e pede tudo. Com voz autoritária e que não admite réplica, a mãe ordena ao pai que traga isto e aquilo, e ele vai e vem inúmeras vezes do carro. Com o seu ouvido aguçado e infalível, Vanga, sentada lá fora no jardim, ouve o choramingo e percebe a situação. Irritada, pergunta de quem é aquela criança e manda chamar os pais.

«Tu, mulher, não sabes criar filhos, estás a educá-lo muito mal, fica a saber: um dia, quando for grande, essa criança vai levantar-te a mão e querer matar-te. E tu, por causa dele, zangaste-te com o mundo inteiro como se fosses a única a ter filho!»

«É verdade, tia Vanga», intervém o marido. «Somos sete irmãos e eu sou o mais novo, mas não ouso levar o menino a casa da minha mãe porque, segundo a minha mulher, ela não sabe tratar dele.»

«O que fazes tu?», pergunta Vanga.

«Sou investigador científico e a minha mulher é educadora de infância.»

«Meu Deus, meu Deus! É assim que se educam crianças?», exclama Vanga.

«Dos filhos dos outros já não nos sobram nervos para os nossos», justifica-se a mãe.

«Isso não é verdade», zanga-se Vanga. «A razão é que tu não sabes educar. Dá a criança à tua sogra. Ela criou sete filhos e pode não ter lido tantos livros, mas tem o instinto certo da prática da educação das crianças.»

«Nunca!», corta a nora. «Não sou capaz de entregar o meu filho para o campo para andar a rebolar no pó com os animais.»

«Pois é lá convosco», diz Vanga. «Mas peço-te que guardes bem esta nossa conversa, porque há de vir o dia em que te vais arrepender amargamente e ninguém poderá ajudar-te.»

A propósito de outro caso idêntico, Vanga diz: «A lei no nosso país tem de mudar. Como? Quando julgarem crianças mimadas e desregradas que cometeram crimes, devem mandar para a prisão os pais, não as crianças.»

E mais: «Todas as crianças são iguais. Quer a mãe seja branca ou negra, quer seja rainha ou mendiga, alegram-se do mesmo modo com o que lhes é mais próximo: os filhos. As mães tremem quando os filhos estão a exame, mas tudo na vida é exame, prova. A essas mulheres cheias de amor junto as que conseguem ter e criar filhos mesmo sem os não tendo gerado.»

«Adota uma criança», disse Vanga a uma jovem, «porque são muitas as mães indignas que voluntariamente se privam da alegria materna. A natureza recompensa com a mesma generosidade tanto os que são pais biológicos como os que criaram uma criança. A grandeza da mãe adotiva não é menor do que a da que deu à luz; a tua até será maior, porque o teu coração está aberto para dar amor e levarás o nome de “mãe”.»

Um pai desesperado pergunta o que aconteceu à filha já adulta que emagreceu mais de quarenta quilos e está em muito mau estado de saúde. Quer saber como e com que a tratar. Vanga pergunta-lhe: «Tu o que fazes?» Sou mineiro, trabalho debaixo da terra, responde o homem. Vanga vira-se para ele com dureza: «Tu, homem, alguma vez mostraste os calos das mãos à tua filha?»

O homem responde: Trabalho para que ela esteja bem, para que estude! Vanga: E ela, em vez de estudar, meteu-se numa seita religiosa qualquer (não te sei dizer qual), deixou de comer e olha-a agora: vejo-a sem forças, nem se levanta da cama. Homem, homem! Educar não é só dar dinheiro, é sobretudo exigir das crianças, educá-las no trabalho e na responsabilidade. O que fizeste do teu filho? A culpa é tua como pai. Se puderes, trá-la cá que eu falo eu com ela. Vou ajudá-la a voltar à vida normal.»

Outra mãe aflita entra a correr e diz que o filho foi detido pela polícia e que veio logo para aqui sem saber porquê. «Ah, estás a mentir-me!», zanga-se Vanga. «Podes negar que não sabes que o teu filho, com outros rapazes, assaltou uma loja? Quantos eram? Com ele está detido outro jovem. Para que vens tu ter comigo, mulher? Roubou e vão condená-lo. Deixaste-o sem vigilância.»

Sobre as crianças abandonadas nos lares «Mãe e Criança»: «Se for possível, o Estado devia era procurar as mães irresponsáveis e devolver-lhes os filhos, dando-lhes os subsídios. Para que hão de essas mulheres tornar outras pessoas infelizes adotando os filhos deficientes que elas próprias abandonaram?»

Há outro tema de que Vanga gosta de falar muitas vezes: o tema da retribuição. Diz ela: «Que todos saibam que neste mundo nada fica por pagar. As pessoas cometem crimes e pensam que ninguém as viu. Não é verdade! Tudo se vê e chega a hora em que o culpado tem de pagar!»

E ainda: «Não há espertalhão, nem o maior de todos, que consiga enganar o seu destino. Vai enganar o quanto Deus lhe permitir. Depois não tem direito a perdão!»

Duas mulheres esperaram cerca de vinte dias para serem recebidas por Vanga. Eram tecedeiras de tapeçaria manual e, enquanto aguardavam, sentavam-se no chão à porta dela a tricotar. Quando entraram, Vanga contou com tanto pormenor a história da família delas que é impossível esquecer. Perguntou: «Quem é essa figura sagrada que está ao vosso lado?», e uma das mulheres respondeu: «Não me apetece falar dele. Viemos por causa do nosso irmão, que foi atropelado por um comboio.» «Mas o fio do vosso sofrimento vem exatamente dessa figura», insistiu Vanga. «Eu sei», disse a irmã. «Então porque vêm ter comigo?», perguntou Vanga e contou a seguinte história:

Quando a mãe era jovem e muito bonita, foi em peregrinação a um mosteiro. Um monge viu-a, apaixonou-se pela sua beleza, abandonou o hábito e casou com ela. Nasceram três filhos e depois a mãe ficou paralítica. Esteve de cama mais de treze anos. O pai, convencido de que era castigo por ter quebrado o voto monástico, voltou ao mosteiro para rezar pelo perdão. A mãe morreu e os filhos ficaram entregues à própria sorte.

O filho tornou-se alcoólico, uma filha enlouqueceu, a outra casou duas vezes e duas vezes enviuvou porque os maridos morreram subitamente. Um dia, depois de grande bebedeira, o irmão atirou-se para debaixo de um comboio e a irmã, viúva, ficou completamente só. Agora estava diante de Vanga a chorar desesperada e ao mesmo tempo assustada com o poder de Vanga, que vira em pormenor a tragédia da família. «Isto é que é castigo de Deus», disse Vanga. «Mas não chores, porque já sofreste muito e para ti haverá salvação.»

Um pai criminoso cometeu inúmeros delitos até idade avançada e ficou impune. Mas os filhos pagaram por ele: ficaram loucos, epiléticos e também eles bandidos, causando grandes males ao próprio pai. Assim o progenitor foi testemunha e vítima de tudo o que ele próprio fizera durante anos.

Uma enteada veio queixar-se a Vanga do pai, que deserdara os filhos do primeiro casamento só para agradar à segunda mulher. Deste segundo casamento nascera uma menina deficiente com grande corcunda. O pai, apegado ao segundo casamento, passou tudo para o nome dessa criança e satisfazia todos os seus caprichos. Quando a menina cresceu, por ser rica, até arranjou marido. Vanga aceitou ser madrinha do jovem casal e casá-los. Mas depois de dar à luz o segundo filho, a jovem morreu. Deixou por sua vez dois filhos sem mãe. «Eh, rapaz», disse Vanga ao genro precocemente viúvo, «o teu sogro abandonou os dois filhos do primeiro casamento para dar tudo à tua mulher. Mas o destino quis que os filhos dela ficassem sós. Aqui falaram as lágrimas e suspiros das crianças esquecidas.»

A irmã de Vanga, Lyubka, recorda outro caso de há muitos anos: um homem teve três filhos varões, um atrás do outro, todos paralíticos da cintura para baixo. Foi ter com Vanga perguntar por que razão de tal castigo. Vanga respondeu: «Estão agora a pagar pelos crimes do vosso avô, que, para roubar os muçulmanos que fugiam da Turquia após a guerra russo-turca, matava e aleijava velhos e crianças. Vocês agora são ricos, usufruem do ouro roubado, mas também carregam as maldições dos mortos. Não há cura para os vossos filhos e vão tê-los assim enquanto viverem.»

Há muitos casos assim de pessoas que sofrem por crimes cometidos pelos antepassados.

Mas há também esta outra história: um homem foi ter com Vanga e disse: «Vim que me digas: nasceu-me o quarto rapaz. Mas se este for como os outros três, vou para casa e mato-o.» «Como hás de matá-lo», sobressaltou-se Vanga, «estás louco?» «Não sou louco, disse o homem, mas os meus três outros rapazes são surdos-mudos e as minhas três filhas ouvem mas não falam.» «Eh, homem, para os teus filhos serem assim também tu tens grande culpa, porque ofendeste gravemente uma pessoa inocente que vos amava.» «É verdade», disse o homem e chorou, e depois contou:

Quando se casou, convidaram para madrinha uma mulher próxima e muito boa, mas na véspera do casamento decidiram que ela não prestava por ser pobre e, sem lhe dizerem nada, convidaram gente rica. No dia seguinte, a caminho da igreja, passaram pela casa da primeira madrinha, que esperava toda arranjada com a família, e ignoraram-na. A mulher, profundamente chocada com o desrespeito que tomou por gozo, não se conteve e lançou terrível maldição: «Que Deus faça com que, se nascer menino, seja surdo-mudo, se for menina, seja como andorinha!» (isto é, que voe, que fuja, que não

fique em casa). E tudo se cumpriu. «Ouve», disse-lhe Vanga, «deixa esse menino ao meu cuidado, eu batizo-o e sou-vos madrinha e ele não será surdo-mudo.» E assim foi. O rapaz é completamente normal, fala, ouve, tem família e é exímio construtor.

Os divórcios e as famílias desfeitas são outro aspeto da vida humana que entristece profundamente Vanga. Não tem qualquer complacência com quem se divorcia, por mais alta que seja a sua posição social. Já a ouvi dizer: «Virá Sodoma e Gomorra para vocês, gente sem honra, fogo e enxofre cairão sobre as vossas cabeças. Ai deste género humano!»

Uma jovem noiva pede conselho a Vanga se deve divorciar-se porque está desiludida com o marido. «Não», disse Vanga. «Não devias ter casado se antes não tinhas percebido que o teu marido não é a tua mãe, que até hoje te serviu. Agora és tu que serves o marido. Casasses cinco vezes, o teu fado seria o mesmo.»

Um rapaz levou a Vanga uma linda rapariga de olhos pretos e disse que queriam casar mas os pais eram contra. «Mas vocês não são um para o outro», disse Vanga, «e além do mais estás no início da carreira e vais cometer grande erro com esse casamento.» «Mas eu amo-a», insistiu o rapaz, e Vanga repetiu: «Não são um para o outro!» Os jovens saíram desiludidos e, casaram apesar do aviso de Vanga, mas a felicidade durou cerca de um ano até se separarem de vez. Ficou no meio da estrada um menino de dez anos que só se apegou à avó que o criou.

«Os maridos de hoje já não são aquele tronco forte em que as mulheres se podem apoiar», diz Vanga. «São como raiz de girassol: tão duradoura é a sombra deles como duradouro é o seu carácter.»

Um homem mandou a mulher trabalhar para o estrangeiro para ganhar dólares; quando ela voltou pediu logo o divórcio. Vanga disse-lhe: «Para que vieste ter comigo? Não sabes que mulher e espingarda não se emprestam? Pois tu deste a tua mulher de boa vontade. Até estavas todo contente por ela te trazer muito dinheiro. Vieste em vão! Ela não volta para ti.»

Uma estrangeira, consumida pela saudade da pátria, confidenciou a Vanga que se sentia muito só e infeliz na Bulgária e pediu-lhe conselho se devia voltar para os pais. Vanga calou-se um pouco e cortou: «Não, casaste com búlgaro e ficas aqui. Cá temos um ditado: Com a mãe e o pai até ao mar, com o marido para além do mar! Se vos afogardes, afogai-vos juntos! Ouve-me! Mais um tempinho e acalmas-te, resolves todos os problemas. Um dia vais agradecer-me por não teres destruído a família e não teres partido.»

Um homem levou para casa segunda mulher que o roubou e abandonou. Desesperado, o marido abandonado perguntou a Vanga o que fazer. Vanga respondeu: «Nada vais fazer, lembra-te só de como há anos abandonaste a

primeira mulher sem ela ter a mínima culpa. Vês agora a dor que lhe causaste. E a ela doía ainda mais porque ficaram sem pai duas crianças.» O homem disse que essas crianças lhe deram muitos dissabores e não aguentou e foi-se embora. «Pois, mas a culpa é tua porque és mau homem. Agora bebe o que preparaste.»

Outra mulher, muito maquilhada e vestida segundo a última moda, perguntou a Vanga por que não conseguia casar. Vanga respondeu: «Olha como estás pintada, os homens têm medo de ti porque não veem a tua cara verdadeira. Para eles és extraordinária porque nada em ti é verdadeiro.» «É a moda», cortou a mulher. «Pois se é a moda», disse Vanga, «ficarás solteira. Gente como tu serve só para amante, nunca para esposa. Meu Deus, que mulheres jovens! Até os teus pais já estão doentes de ti. Vai para casa e pensa bem em tudo o que te disse.»

A uma mulher muito fria e arrogante que contava a Vanga que já tinha corrido mundo, disse: «É só o que tens. Há de vir o dia em que ficarás só como cogumelo no prado.»

Com maior antipatia ainda Vanga trata quem não trabalha e sonha gastar dinheiro fácil. Porque para ela o trabalho é a maior virtude humana:

«Ensinem os vossos filhos a trabalhar desde pequenos. Dão-lhes mau exemplo porque vocês próprios já não trabalham. Dão-lhes tudo pronto, satisfazem todos os caprichos e assim os aleijam, e depois os “gratos” filhos levam-vos para o lar de idosos.»

Um jovem foi ter com Vanga por um problema juvenil qualquer e ela viu logo que ele decidira ser «estudante eterno» e logo à entrada atacou-o: «Que andas a fazer, rapaz? O teu pai já não tem forças. Até quando pensas meter a mão no bolso vazio dele? Vejo que não estudas, andas metido em coisas inúteis.» «Tenho namorada», interrompeu o rapaz. «Ah, não é uma só», continuou Vanga. «Estás a desperdiçar a vida. Da tua árvore não sai flauta! Não és boa pessoa. Olha quantos exames em atraso tens e não passaste nenhum. Não te justifiques que te calham sempre perguntas difíceis. Essas desculpas não colam comigo. Simplesmente não lês. Vai-te embora! Não tenho nada a conversar contigo.»

Visitante da Jugoslávia: «Uma noite, tia Vanga, dormi no campo com a cabeça numa pedra. Sonhei que havia dinheiro enterrado debaixo dela. Será verdade?» Vanga perguntou o que ele fazia no campo e ele respondeu que tinha vinha e lá foi cavar.

«A vinha deu pouco este ano, é verdade que eu também não a cavei como devia, mas não sei por que não deu mais uvas.»

«Homem, homem», disse Vanga, «não cavaste, não trabalhaste e ainda queres fertilidade e abundância. E procuras dinheiro enterrado para, sem

grande esforço, ficares rico. És muito preguiçoso e não percebo que ajuda queres de mim. Vai-te embora!»

A outro visitante: «Tu o que estudaste? Filosofia. Filosofia? E qual é a tua filosofia: de mulher em mulher. Assim não se faz filósofo. É preciso muito trabalho. Se quiseres saber mais, aproxima-te da igreja. Lá há pessoas misericordiosas, boas, cultas e livros valiosos.»

Outro visitante escreve livro muito sério e pergunta a Vanga se conseguirá terminá-lo. «Que livro escreves, sobre o céu? Sabes quão alto é isso que queres descrever? Espaços imensos nos separam até lá chegar.»

Um dos atos humanos mais indignos para Vanga é o roubo. Uma velha, no dia do seu casamento há muitos anos, recebeu do sogro um colar de noiva com vinte e quatro moedas de ouro. Guardava-o como lembrança querida da juventude. Mas um dia o neto já adulto pediu-lho para a noiva tirar fotografias no dia do casamento. A avó deu-lho e nunca mais o viu. Na manhã seguinte o neto disse que tinham deixado o colar em cima da mesa e desaparecera.

Muito magoada, a avó perguntou a Vanga como recuperar as moedas. «Explica-me uma coisa», disse Vanga. «Quando te puseram esse colar como noiva, porque mandou o teu marido tirá-lo à noite, guardá-lo e nunca mais o usar?» «Não sei», disse a avó, «mas ouvi dizer que o colar foi roubado pelo meu sogro.» «Pois foi», confirmou Vanga, «e foi tirado à bisavó da rapariga que casou com o teu neto. Chegou a hora de o colar voltar ao sítio de onde veio. Mesmo que os jovens não o tenham ficado com ele, mesmo que outro o tenha levado, essas moedas não te pertencem porque foram ganhas desonestamente.» «Bem, se é assim, não o procuro mais», disse a avó e foi-se embora.

A um jovem roubaram o carro. Fez tudo para entrar logo que chegou e passou à frente de muita gente. «Roubaram-me o carro», disse a Vanga, «é novo e muito bonito.» Vanga ralhou-lhe por passar à frente de crianças doentes e velhos que vinham em grande necessidade e depois perguntou: «Mas tu de onde tens tanto dinheiro para comprar carro tão bonito?» «Juntei», disse o homem.

Vanga: «Onde arranjaste tanto dinheiro para comprares um carro assim tão caro? Roubaste, homem! Assaltaste uma velha infeliz. E porque a trazes também aqui?» De facto, atrás do visitante estava uma mulher de cerca de setenta anos, enquanto o homem não teria mais de quarenta. Do diálogo percebeu-se que o jovem, depois de investigar que a mulher vivia sozinha mas era rica, casara com ela e, na prática, roubara-a, pois tornara-se dono de tudo o que ela possuía.

«Eu amo-o», interveio a mulher, «por isso dou-lhe tudo e agora até me dói que ele esteja zangado.» «Mulher, mulher, disse Vanga, se visses o que este

homem faz pelas tuas costas, seguramente morrias! A velhinha ouvia mal e perguntou várias vezes a Vanga: «O que disse? O Petărcho vai encontrar o carro?» «A ladrão nada lhe é devido», respondeu Vanga, «por isso não o vai encontrar!» Envergonhado, o marido pegou na velha pelo braço e saíram rapidamente.

Um homem de cerca de cinquenta anos esperou mais de dez dias para entrar. «Porque vieste ter comigo», disse-lhe Vanga, «não vejo doença nenhuma?» «Tinha cinco moedas de ouro e roubaram-mas», respondeu o homem. «Escondia-as.» «Mas tu de onde as tiraste, essas moedas?», cortou Vanga. «Comprei-as antigamente para os filhos», balbuciou ele, «tenho quatro raparigas e dois rapazes.» «Ah, não, não», elevou a voz Vanga, «não foste tu que as compraste!» «Bom, sim, foi o meu pai que as comprou.» «E tu porque lhas tiraste?», perguntou Vanga. «Porque ele já não precisava delas», murmurou o homem. «Pois a ti também não te fazem falta.

Com essas moedas só irias provocar grandes brigas entre os filhos. Assim está melhor, já não as tens. Senão ias andar em discussões com a mulher porque achas que foi ela que as escondeu. Os teus filhos, quando casarem, vão trabalhar e ganhar bastante dinheiro. Não precisam desse ouro.»

Um jovem faz tilintar as chaves do carro nas mãos e Vanga pergunta-lhe onde está o carro. «Castigaram-me por infrações e não o posso conduzir durante algum tempo.» «Não foste só castigado pela brigada de trânsito», disse Vanga, «nessa viatura andas constantemente a transportar mulheres devassas.»

Outra jovem mulher deixara em cima da mesa, à frente de Vanga, um embrulho em papel branco. Estava muito bem vestida e usava joias bonitas. «O que me trazes?», perguntou Vanga. A mulher disse que fizera um bolo muito bom e o trazia para Vanga comer. «Leva-o de volta», disse Vanga. «De ti nunca aceitaria comida. Olha-me para o tamanho dessas unhas, tenho nojo de donas de casa assim. E afinal para que vieste?»

A mulher: «Tinha uma joia de ouro que a minha sogra me deu e perdi-a. Será que a encontro?» «E onde está a tua sogra?», perguntou Vanga.

A visitante: «A casa era muito pequena e nós mandámo-la para um lar de idosos.» Vanga enfureceu-se: «Não percebes porque perdeste a joia de ouro? Pois tu não mereces nenhum presente. Como foi possível a tua sogra guardar tantos anos essas joias para, quando entrasses em casa dela, te enfeitar com elas? E tu, em agradecimento, mandaste-a para um lar. Vai-te embora, mulher! A ti faltam-te os primeiros sete anos de vida, aqueles em que a tua mãe não te educou. Se o ser humano não aprender virtudes nos primeiros sete anos, nunca mais poderá ser humilde e bom. A humildade é uma grande coisa.»

E Vanga começou a contar uma espécie de fábula que nos fez a todos refletir:

«Um homem rico e muito rico e orgulhoso estava sentado no seu jardim a descansar. À volta dele floresciam belas flores e soprava uma brisa fresca. De repente, uma serpente aproximou-se a rastejar, enrolou-se rapidamente no corpo dele e começou a sufocá-lo. O homem tentou libertar-se, mas era impossível. Suava todo com os esforços inúteis e com medo, até que, a certa altura, tentou encolher-se, fazer-se pequeno para escapar. Encolheu-se, encolheu-se, até ficar tão pequeno que deslizou facilmente do abraço de ferro do réptil e respirou fundo.»

«Para cada pessoa chegam períodos de dificuldades», resumiu Vanga. «Até para os mais ricos e poderosos. Por isso o ser humano deve procurar ser humilde, para não morrer nos braços do mal.»

E ainda: «Se na vossa alma não perdoardes a ninguém, não sois nada. Sereis como papéis levados pelo vento que nunca encontrarão lugar na terra.»

Um homem idoso queixa-se de que já lhe assaltaram a casa sete vezes e pede a Vanga que diga quem são os ladrões. «Não são estranhos, homem, ninguém de fora sabe o que tens em casa. Mesmo que sejam estranhos, foram familiares teus que lhes disseram o que possuis.» «É verdade», disse o homem. «O meu filho é muito falador. Quando se junta com os amigos a beber, conta tudo.» «Pois então o que hei de eu dizer-te? Não guardes nada valioso em casa e os ladrões deixam-te em paz!»

São muitos os que querem que Vanga lhes diga que números vão sair no totobola ou na lotaria no próximo sorteio para comprarem bilhete e ganharem. Mandam fichas até do estrangeiro. Vêm caçadores de tesouros com saquinhos de terra para Vanga dizer onde está enterrado algum tesouro. Alguns até prometem dar-lhe metade quando o desenterrarem. Vanga indigna-se muito com essas pessoas: «Ah, que estúpidos que são», diz-lhes ela. «Se eu precisasse de dinheiro, comprava eu própria o bilhete ou preenchia a ficha do totobola, ou descobria onde há ouro.

Mas eu não preciso de dinheiro, porque para mim ele não tem valor. E vocês também não precisam! E depois, porque pensam que são precisamente vocês que merecem tal favor? Se precisam de dinheiro, trabalhem! Que ele seja fruto das vossas mãos e da vossa cabeça! Mas ouro não precisam! Há de vir o dia em que os tesouros enterrados virão à superfície da terra, mas a água esconder-se-á. Podemos beber ouro em vez de água? Qual é, para vocês, o mais valioso?»

Um visitante não se conformava de saber se no quintal da casa, debaixo da torneira, havia um tesouro enterrado. Morava numa antiga casa turca e alguém lhe dissera que os antigos donos, antes de partirem para a Turquia,

tinham enterrado muito dinheiro debaixo da torneira. Até lhe vendera um mapa antigo por quinhentos leva. «Ó homem», ralhou-lhe Vanga, «pode lá ser-se tão parvo? Assim vos enganam os burlões. Ali não há dinheiro nem nunca houve. Gastaste dinheiro à toa naquele mapa. De caçador de tesouros não enriquecerás. A riqueza virá apenas do trabalho das tuas mãos.»

«A avareza», diz Vanga, «tem de desaparecer da face da terra. É uma qualidade muito feia de que nos devemos guardar por todos os meios. Não é preciso andarmos a acumular riquezas, na terra há sol e bens para toda a gente.»

Uma velhinha, ao cavar no jardim, encontrou um pote com moedas de ouro. Tornou a tapar o buraco e, sem dizer nada a ninguém, veio perguntar a Vanga o que fazer com elas. «Não digas a ninguém», disse Vanga. «Porque esse do grande topete com quem vives é muito avarento e será o primeiro a matar-te.»

Um dia pedi à minha irmã, conta Lyubka, que recebesse uma amiga minha que, na minha opinião, estava muito doente. Mas Vanga cortou: «Não, não está doente, é muito má! Quer que tudo neste mundo seja só dela e dos filhos dela. Que ela te conte em que barraca cresceu e agora vive bem, mas o desejo de carros, apartamentos e vivendas é sem medida e a avareza vai destruí-la. Essa é a doença, e eu não conheço cura para ela.»

Uma mulher muito gorda veio perguntar a Vanga se lhe iam dar apartamento, porque há muitos anos vivia muito apertada numa divisão pequena com os filhos. Vanga bateu com o pé no chão e, muito zangada, disse: «Porque procuras outra casa? Tu já levas duas casas às costas. Nega-me que não é assim! Eu vejo! Vendeste e comeste as casas dos teus dois maridos, de que casa te queixas agora? Se dependesse de mim, não te dava apartamento nenhum, porque não tens direito a mais.»

E agora outro caso interessante.

Um casal idoso das aldeias de Pleven veio consultar Vanga sobre as suas doenças. A certa altura Vanga virou-se para o velho e perguntou: «Avô, porque é que, para onde quer que vás, arrastas sempre uma corda atrás de ti?» O velho não sabia o que isso queria dizer, mas a avó lembrou-se e contou… Quando eram jovens e saudáveis, tratavam de muitos meloais e com as melancias vendidas no mercado ganhavam bom dinheiro. Um dia, quando o avô levava a mercadoria para o mercado na carroça, uma criança trepou atrás e levou uma melancia. O avô ficou tão furioso que pegou numa corda e bateu cruelmente na criança. A avó mal o conseguiu afastar do velho enfurecido. «Vais pagar por esse pecado, avô», disse Vanga. «Era assim tanto o que ias ganhar com uma melancia?»

Uma mulher traz embrulhada em papel uma erva e diz a Vanga que uma conhecida lha deu afirmando que era medicinal. «Se é assim», disse Vanga, «porque não a levas a um instituto para a analisarem? Se for medicinal, vão tratar doentes com ela. Mas eu vejo que esta erva não cura e tu queres que te diga se cura ou não para depois a venderes aos doentes. Não tens medo de oferecer a erva sem sequer saberes o que tens nas mãos? Não vês que podes prejudicar muita gente? Deita fora essa erva e vai-te embora. Nem toda a gente serve para curandeira!»

«Até o louco foge do bêbado!», diz um provérbio nosso e Vanga concorda, porque o abuso de álcool traz às pessoas desgraças não menores do que qualquer outro infortúnio.

Um jovem, antigo médico que já não exerce, barrigudo e bastante embriagado, mal encontrou a maçaneta para entrar no quarto de Vanga. «Porque vieste», disse-lhe ela, «olha o estado em que estás!» E ele: «Diz à minha mulher que sou insubstituível!» «Sim, és insubstituível», confirmou Vanga. «Perdeste tudo o que tinhas de humano. De que serviu teres estudado tanto, teres lido tantos livros? Nada sobrou em ti das tuas ciências. Não percebeste nada, nada! As garrafas não te vão deixar-te envelhecer!»

Uma rapariga jovem inclina-se preocupada para Vanga e confessa que o pai está muito deprimido e doente e os médicos não descobrem a causa. Vanga diz-lhe: «Porque fumas tu tanto? O que fazes?» «Sou jornalista», responde a rapariga. «E porque fumas? Se fosse preciso fumar, Deus tinha-nos posto uma chaminé na cabeça. Ainda vais fumar dois anos e depois vais arrepender-te amargamente desse vício. Nem a palavra “tabaco” vais querer pronunciar. E a doença do teu pai é só de ciúme. Ele não tem o direito de tratar tão mal a tua mãe, porque ela não tem culpa nenhuma. Ele vai dar-se conta e superar a crise, mas pensa tu em ti própria. A tua doença é muito mais grave.»

Dificilmente haverá problema humano que não tenha batido à porta de Vanga. A propósito, gosto muito da frase de um dos seus admiradores: «Mesmo que não te prediga nada, basta ir ter com Vanga pedir conselho, porque ela lê no livro da vida.»

Se perguntarem a Vanga com que pessoas mais gosta de falar, ela responde-vos:

«Para mim todas as pessoas são iguais.»

Frequentemente apoia esta afirmação com uma parábola:

«Chegou o tempo em que Deus ordenou que abrissem todos os túmulos da terra e enviou um anjo para ver o que lá havia. Quando o anjo voltou ao céu, Deus perguntou-lhe: Diz-me o que viste? Viste quem era soldado, quem era simples e quem era juiz? Não, Senhor, respondeu o anjo, só vi ossos brancos debaixo da terra!»

Perguntam muitas vezes a Vanga: «Não te cansas de todas estas pessoas que te visitam todos os dias?» «Não», responde ela, «só me canso quando vêm velhinhas que não ouvem bem. Falo, falo, e elas voltam várias vezes e gritam “diz outra vez!”.

«E as que mais me cansam são essas mulheres que andam atrás de homens: “Diz-me se hei de arranjar namorado?” Não, digo eu, fica em casa e atura o marido.

«Mas eu não o consigo aturar, também tenho direito à felicidade!…”

Que sentido dão elas à palavra “felicidade”, não consigo perceber… Provavelmente entendem por felicidade que tudo lhes corra bem, que não tenham problemas. Mas assim não pode ser. Não há pessoa que tenha nascido só para a felicidade. Um nasceu ótimo trabalhador mas não tem sorte na família, outro tem as duas coisas mas não tem saúde, um terceiro é saudável mas os filhos estão doentes, e assim por diante. Em cada pessoa há bem e mal. Assim é feito o mundo.

Para mim a felicidade está enraizada na paciência do ser humano. Perguntam-me: «Mas porque tem de haver também o mal, porque não o podemos evitar?» Porque sim! Porque a terra exige tributo por termos vindo e vivermos nela. À terra pagamos impostos como pagamos renda das casas… Até pelos apartamentos do Estado, que o Estado dá, pedem renda. É assim. Todos pagamos… há tantos anos que vejo como é o mundo.

Mas os melhores são aqueles que vivem lá em cima nas montanhas. A mulher pega na roca e fia. Leva as ovelhas a pastar e canta. Encontra-se com o marido e amam-se. Criam os filhos e vivem… Nas cidades é que é terrível. Passam pessoas à minha frente pessoas e cada uma traz uma placa ao pescoço onde está escrito: «Sou hipócrita», «Sou ladrão», noutra «Sou mentiroso», noutros «Sou vigarista», «Sou canalha» e sabe-se lá mais o quê. Por isso muita gente começou a voltar para as aldeias e esse processo vai intensificar-se.»

«Mas será assim tão insignificante o ser humano?», exclamei eu um dia.

«Sim», respondeu Vanga. «Visto da altura do universo infinito, o homem é nada. Uma ínfima partícula de pó perdida no infinito. Ser vaidoso que se investiga constantemente, procura-se e nunca se encontra. Mas o homem está carregado também com a “faísca divina” que muitas vezes lhe permite ultrapassar a sua própria estatura, procurar, arriscar, decifrar os segredos do universo, fazer descobertas espantosas. Já olha decidido para o céu e não teme os seus desafios.

Lembra-te! Daqui a duzentos anos o homem estabelecerá contacto com irmãos de razão de outros mundos. Um aparelho húngaro captará primeiro sinais inteligentes do cosmos… E a verdade sobre esse cosmos deve procurar-

se nos antigos livros sagrados!» (Esta conversa com Vanga foi em 1979 – nota da autora.)

O SER HUMANO E O TEMPO ATUAL INQUIETO

Vanga prediz categoricamente o estabelecimento de contactos inteligentes com seres de outros planetas. Mas esse tempo ainda está muito longe. O que acontecerá até lá com a humanidade?

«Até lá a humanidade viverá muitos cataclismos naturais e sociais e acontecimentos turbulentos. Pouco a pouco também a consciência humana mudará. Virão tempos difíceis, as pessoas dividir-se-ão em grupos segundo a fé. Voltará ao mundo o ensinamento mais antigo. Perguntam-me: “Esse tempo está próximo?” Não, ainda não. A Síria ainda não caiu!» (Esta frase foi registada em 1980.)

De facto, somos testemunhas de acontecimentos incríveis. Mudanças violentas em todas as áreas da vida abalam a terra. Caem doutrinas e ditadores, desmascaram-se velhos mitos, mudam-se conceitos, liberta-se o pensamento conservador, cada dia que passa está saturado de novidades até ao limite. Será acaso? São arbitrárias estas convulsões sociais quase universais, como nasceu esta mudança tão súbita?

«Não é acaso, nada é acaso», diz Vanga. «Por isso digo a toda a gente que a nossa consciência tem de mudar para a bondade. E não é apenas um desejo. A Terra entra num novo tramo de tempo que podemos caracterizar como o tempo das virtudes. Este novo estado do planeta não depende de nós, vem quer queiramos quer não. O tempo novo exige pensamento novo, outra consciência, pessoas qualitativamente novas, para que a harmonia do universo não seja perturbada. Muita gente agora tenta adaptar-se às mudanças de hoje, mas isso não os ajudará a entrar no futuro. Foram necessários para o tempo que se vai e cumpriram a missão que o céu lhes confiou. Outras pessoas, boas, servirão agora o futuro e a preservação e desenvolvimento da vida.»

De que não se preocupa o ser humano de hoje. A par de todas as inquietações e esperanças que deposita no tempo futuro, o inquieto espírito humano procura respostas também para muitas outras questões que até hoje não tiveram resposta. Mas Vanga tranquiliza todos os curiosos: «Chegou o tempo dos “milagres”, muitas coisas misteriosas serão desvendadas!»

No início de 1968 Vanga caía muitas vezes em transe e gritava: «Lembrem-se de Praga! Lembrem-se de Praga! Grandes forças pairam sobre a cidade e gritam: “Guerra! Guerra!” Praga transformar-se-á num viveiro de peixes, onde pescarão peixe!…»

Embora não percebêssemos o sentido dessas palavras, era assustador ouvi-las. Há bastantes pessoas que as ouviram, porque ela as repetiu muitas vezes. Depois fomos mesmo testemunhas dos acontecimentos na Checoslováquia, mas o que Vanga queria dizer com Praga se transformar num viveiro de peixes, ainda hoje não percebemos. Normalmente ela não explica e raramente interpreta o que diz, sobretudo quando se trata de coisas grandes e decisivas do destino, porque diz que ela própria não as compreende.

Normalmente Vanga evita falar de política e tem os seus motivos, porque as suas palavras podem ser interpretadas de formas muito diferentes. Mas, ainda assim, por vezes, embora muito parcamente, fala de temas semelhantes. Eis um interessante diálogo que teve em 1981 com o jornalista libanês Abdel Amir Abdala, que partilhou as suas impressões desse encontro no semanário político «Al Kitab al Arabi», publicado em Beirute. O relato chegou-nos traduzido do italiano na revista «Bulgária», n.º 2 de 1982. O jornalista era hóspede da «Sofia Press». Transcrevemos com cortes:

«Com Vanga.

Uma divisão como tantas outras. No centro, um aquecedor elétrico, Vanga sentada num divã coberto com tapete de riscas azuis e laranja. Concentre todas as minhas forças espirituais para não cair sob a influência daquela mulher. Tirei os óculos e olhei para os rostos das outras três mulheres sentadas num canto da sala. Tudo se gravava na minha consciência.

Reinava o silêncio. Vinha do rosto de Vanga. Depois ela ergueu a cabeça e disse com voz forte e segura, que exprimia vontade inabalável:

Livanês jornalista, aproxima-te e senta-te aqui! O motorista que saia!

Foi o primeiro sinal que me revelou a força de Vanga. Como soube que o motorista estava na sala?

Tirei o torrão de açúcar do bolso e deixei-o na mesinha, para ver como o apanhava. Sem esforço estendeu a mão e pegou nele. Começou a apalpá-lo. A mão era segura.

Virou-se para mim, parecia observar-me por dentro, e disse:

Tu usas óculos, que pões sobretudo em encontros importantes e noutras circunstâncias. Porque os tiraste agora?

Foi o segundo golpe que Vanga desferiu na minha incredulidade.

Ouve, o teu pai e a tua mãe estão vivos e estão no Líbano. Neste momento a tua mãe está em casa, o teu pai não, talvez esteja lá fora, no campo. Tu vives na cidade e fazes jornalismo há doze anos. Escreves sobre serviços, mas podes escrever também sobre política. Mas a tua contribuição nessa área não é grande, escreves pouco sobre política. Em 1982-1983 terás

grandes sucessos no trabalho. Terás sete filhos e quando fizeres 42 anos serás testemunha de uma grande guerra, mas não te digo quem a fará.

Seguiram-se palavras desconexas, em que se misturavam tons ora de ordem, ora de admiração.

Tu és muçulmano e respeitas as festas do calendário muçulmano. Tendes um grande texto sagrado – o Corão. Tens de o ler todo e com mais atenção os capítulos 9, 10, 11 e 12.

Vanga continuou:

Em 1984 a Síria fará uma grande guerra, porque as coisas se complicarão muito. Já estiveste em Jerusalém? Agora vejo Bagdade. Que é Bagdade? Tu vais lá.

Continuou a falar sem me dar possibilidade de fazer perguntas.

O Líbano terá problemas do norte e do sul, do leste e do oeste. Vejo o Nilo. Que é isso o Nilo? Tu vais lá. Diante de ti há muitos caminhos.

Ouve, jornalista, tens de honrar muito a tua mãe. Tens de te lembrar que ela quer alguma coisa de ti.

O Líbano está cercado de chamas. Há muitos frutos vermelhos e muita água. Mas no vosso país não há nem haverá petróleo.

Depois Vanga perguntou-me:

Quem te falou de mim?

O redator-chefe Walid Al-Husseini queria falar contigo.

Vanga calou-se um momento e depois voltou a mexer o torrão de açúcar entre os dedos e disse: Agora no Líbano há muitos carros armados. Em maio de 1982 o vosso céu escurecerá. Depois continuou: No Líbano há muitos comités, mas não são capazes de fazer nada. As trincheiras ficarão abertas e as barricadas não serão destruídas.

Quem foi o vosso profeta? Aquele que pregava e via três planetas? Vejo a alma dele entrar no meu quarto.

Quem é Elias Sarkis? O vosso presidente, cristão, solteiro de origem árabe. É bom político. Mas agora no Líbano há muitas tropas.

As vossas relações com a Síria devem ser sempre muito boas. No futuro serão ainda melhores.

Vanga calou-se um instante e depois acrescentou:

Estás a ouvir, neste preciso momento em Beirute há guerra.

Depois disse:

Tu aprovas essa guerra?

Respondi:

Não, não aprovo.

A senhora Vanga disse-me isto no dia 2 de dezembro de 1981 às 8h45.

Quando regressei ao Líbano, procurei nos arquivos e encontrei materiais que confirmavam que nesse mesmo dia, na parte ocidental de Beirute, houve um confronto armado entre duas organizações.»

Normalmente Vanga não fala de política. Toda a gente me dizia isso. Mas porque falou comigo sobre política? Talvez porque eu estava preocupado com a situação política e o destino do meu país. Pensei nisso antes do encontro com Vanga e na noite anterior, antes de adormecer, para gravar os meus segredos no torrão de açúcar que Vanga depois traduziu, através da química das sensações, em palavras.

De regresso a Sófia, pensei longamente nesta mulher cujas capacidades são reconhecidas pelo Estado. Quando cheguei ao hotel, decidi não publicar nada do que dizia respeito a mim pessoalmente, nem aquilo que nos afeta a todos e, em primeiro lugar, à minha pátria, o Líbano.

Porquê? Porque tudo o que Vanga disse, se se confirmar, é terrível!

Queria acreditar que eram apenas palavras. Bem-aventurado o Líbano se tivéssemos de acreditar em Vanga!

Sobre a situação política e o futuro da Nicarágua, Vanga também falou com um alto representante desse país em 1978. O visitante expressou a esperança de que a situação lá talvez se normalizasse, pelo menos em parte, e Vanga respondeu-lhe:

«Não, ainda vai correr muito sangue lá. Rios de sangue hão de correr. O que vos espera ainda, nem imaginam!»

Quero contar-vos outra experiência pessoal com Vanga na Noite de Consoada, véspera do Natal de 1981. É uma santa festa familiar e nesse dia reunimo-nos todos, estejamos onde estivermos. Vanga cumpre com grande rigor e respeito todos os rituais religiosos e exige que todos nós nos preparemos seriamente para a festa.

Estamos em Rupite, na sala grande, onde na lareira arde um fogo vivo e alegre. Lá fora faz frio, a escuridão envolveu toda a vizinhança e está tudo tão silencioso como se houvesse um metro de neve no quintal. Mas não há. Aqui neva muito raramente, para grande pena das crianças, mas isso não estraga nem um pouco o nosso entusiasmo pela festa. Já preparámos a mesa festiva. Segundo a tradição, devem estar na mesa treze pratos magros e, no centro, exala o seu aroma o pão quente com a moedinha escondida dentro. Daqui a

pouco Vanga vai parti-lo e quem calhar o pedaço com a moeda será feliz todo o ano. Já somos adultos, mas ainda hoje esperamos esse momento com a mesma emoção de antigamente. Só mais um pouco de paciência. Antes de começarmos o jantar, as crianças saem para o quintal com uma velinha acesa, o pão e o turíbulo com incenso e convidam Deus a vir cear connosco. Depois incensamos a mesa, rezamos a oração e só então começamos a comer. Durante esse tempo o fogo vai-se apagando lentamente e as brasas ficam com um belo brilho vermelho.

Há outra crença na nossa terra: pela maneira como a lenha queima e pela brasa que produz, adivinha-se como será o ano seguinte. Normalmente essa responsável profecia cabe ao membro mais velho da família. O nosso "patriarca" e autoridade indiscutível é, claro, Vanga, por isso, quando chega esse momento, todos prendemos a respiração. Ela não vê o fogo que se extingue, mas "lê" os sinais com a sua incrível capacidade.

«Em 1981 o planeta esteve sob influências muito más, mas o ano seguinte será povoar-se-á de novos "espíritos". Deles emanará bálsamo e muita esperança. 1981 nada deu às pessoas, mas tirou muito a todos, a cada um de nós…

1991 será um ano inquieto e pesado. Muitas cidades e aldeias serão destruídas por terramotos e inundações, os cataclismos naturais abalarão a terra, os maus prevalecerão, e ladrões, bêbados, delatores e prostitutas não terão conta.

Entre as pessoas criar-se-ão ligações frágeis e duvidosas que se desfazem logo no início. Os sentimentos desvalorizar-se-ão fortemente e só a paixão falsa, ou melhor, a ambição e o egoísmo, servirão de estímulo às relações.

1982 é um ano que brilhará com uma nova luz boa. A terra será povoada por novas almas e algumas delas serão vistas. Uma luz mais forte acender-se-á em Jerusalém. Virão pessoas não com cultura, mas com conhecimento. Virá a palavra "Volga" e ela engrandecer-se-á sobre o planeta.

1982 trouxe infelicidade a muita gente, levou muitos líderes. 1982 é bom para a cultura, mas há de vir o dia em que as pessoas que trabalham nessa área serão peneiradas e limpas como trigo do feijão. 1982 trará muitas coisas novas e muita bondade. A sua força começa a 22 de março. Será um ano de jejuns, reino e poder e começa na primavera, quando a flor diz: "Estou a brotar" e as aves chegam do sul.

Haverá muitas mudanças, virão pessoas novas, outras serão afastadas, muitas mulheres ocuparão cargos, mas esse novo posto não será a sua vocação. Muitos reformar-se-ão por medo, outros serão varridos como com vassoura. Esperem mudanças para melhor.»

VANGA

TENTATIVA DE RETRATO DE PERTO

Com os olhos não se vê tudo, só o coração é que vê.

A. de Saint-Exupéry

Quero descrever-vos o dia a dia de Vanga, porque, apesar das suas capacidades fenomenais, ela é uma pessoa como nós e na sua vida quotidiana não há nada de extraordinário.

A casa de Vanga em Petrich, na rua “Opalchenska” n.º 10, não vos chamará especialmente a atenção. É modesta, de dois andares, caiada de branco por fora e com uma pequena varanda no segundo piso virada para a rua. Aninhada entre outros edifícios grandes e modernos, dificilmente atrairia o olhar se não fosse o grande e bem cuidado jardim florido, cujo perfume inebriante se espalha ao longe. É realmente lendária a paixão de Vanga por flores, árvores, toda a natureza. Muito atrás da casa erguem-se os suaves montes da montanha Belasitsa.

Uma escada em caracol liga os dois andares e em cada andar há dois quartos opostos separados por um corredor. O que vos impressionaria aqui é a limpeza imaculada que reina em todo o lado e a preferência da dona da casa pelo branco. Alguém poderia pensar que esta obsessão pela limpeza é maníaca, mas Vanga tem outra explicação: «Todos os dias me visitam pessoas diferentes. Eu ajudo-as, mas elas deixam em mim as suas doenças, as suas más intenções. É um fardo pesado para os meus ombros, por isso limpo e assim me alivio.» Tudo é branco – as cortinas engomadas de um branco imaculado, as colchas das camas e das mesinhas.

Na casa de Vanga não há muitos nem móveis caros. Apenas o indispensável. O único luxo são os inúmeros souvenirs, presentes de amigos e visitantes de longa data, que estão por toda a casa. Há muitos brinquedos, objetos de madeira e metal, candelabros, cavalinhos, bonecas, gôndolas e sabe-se lá mais o quê. Para nós essas coisas não têm grande valor, mas Vanga preza muito esses objetos porque lhe recordam determinada pessoa e porque ela avalia as coisas não pelo preço, mas pela beleza e pelo trabalho nelas investido. Esse reino de brinquedos era, quando éramos pequenos, o lugar mais fascinante do mundo.

Mas Vanga não nos deixava tocar nos objetos, só olhar e alegrar-nos à distância. Tive muitas vezes vontade de brincar às escondidas com alguma boneca, mas o respeito por Vanga era tão grande que nunca ousei desrespeitar as suas proibições. Mas no jardim brincávamos à vontade, embora Vanga quase sempre combinasse o útil ao agradável. O maior crime para ela era as crianças não aprenderem a trabalhar desde pequenas e serem deixadas apenas aos seus desejos. Isso, para ela, é um grande erro que aleija

a criança para toda a vida, tornando-a preguiçosa e irresponsável. Os nossos jogos estavam sempre associados a varrer os caminhos, apanhar folhas, limpar ervas e silvas, regar…

Vanga vigiava rigorosamente que tudo fosse feito e não admitia negligência. Qualquer tentativa nossa de varrer por cima ou deixar alguma folha desencadeava o seu descontentamento e éramos imediatamente mandados voltar para fazer o trabalho como deve ser. Era como se Vanga visse melhor do que todos nós, pois apontava com o dedo onde tínhamos esquecido algum canto. Tínhamos tempo suficiente para as nossas brincadeiras de crianças, mas também tínhamos outras obrigações. Muitas vezes limpávamos feijão, lentilhas ou arroz na grande mesa da cozinha e depois Vanga guardava-os em recipientes de porcelana para estarem prontos quando precisasse.

Enrolávamos fios e linhas em novelos bem apertados que ficavam num cesto bonito e com eles Vanga tricotava-nos todo o tipo de roupas. As compras eram tarefa exclusivamente nossa. Vanga gostava de nos contar: «Não pensem que a nós, quando éramos crianças, nos deixavam dormir até tarde como a vocês ou brincar sem trabalhar. A nenhuma criança passava pela cabeça semelhante coisa. Na nossa rua toda a gente plantava tabaco e de madrugada, lá para as duas ou três da manhã, as pessoas saíam para apanhar as folhas.

Levavam lanternas porque estava escuro. Nos burros, com cestos vazos pendurados dos dois lados do arreio, punham as crianças ainda a dormir para também ajudarem na apanha. Depois nesses cestos traziam o que tinham apanhado e as crianças vinham a pé. O tabaco apanhava-se no máximo até às sete ou oito da manhã. Depois as folhas perdiam qualidade.

Nós não plantávamos tabaco, só um verão o pai plantou um pequeno talhão, mas todo o verão enfiávamos folhas para os vizinhos. Lá para as dez, quando já tínhamos enfiado rapidamente as folhas que nos cabiam, os donos davam-nos uma melancia – era o nosso pequeno-almoço. Nessa mesma época passava na nossa rua o “iurteiro” (o homem que vendia iogurte) e gritava “iurte, iurte”. Quem podia comprava, dava um ovo ou dois dinares e o homem mergulhava na bilha e servia uma concha cheia. Depois passava o halva.

Por uma cara cortava halva do tamanho de uma caixa de fósforos. A vossa mãe (a irmã dela, Lyubka – nota da autora) às vezes, às escondidas de mim, tirava um ovo da nossa galinha e comprava halva. Mas éramos quatro crianças e, quando a dividíamos, cada um recebia um bocadinho mínimo, e a Lyubka lambia o papel.»

Não me lembro de termos dinheiro à nossa disposição. Aos domingos Vanga dava-nos uma pequena quantia para irmos ao cinema infantil e comprarmos algum doce. Depois de cada compra devolvíamos o troco até ao

último cêntimo. Deixar as crianças dispor de dinheiro é tão prejudicial como não as ensinar a trabalhar, porque se habituam a gastar dinheiro que não ganharam. Mas, apesar dessa severidade, o tempo passado com a nossa tia continua a ser um dos períodos mais felizes da minha vida. Porque ela sabia comunicar com as crianças e fazê-las ser obedientes e cumpridoras.

Além disso, em casa dela nunca era aborrecido.

Visitavam-na muitas pessoas, participávamos em várias festas e à noite Vanga contava-nos, de forma muito cativante, episódios da sua infância em Strumica, histórias variadas de há muitos anos.

De manhã, o mais tardar às cinco horas, Vanga já está de pé. Lavada, cabelo bem penteado e preso numa rede, vestido limpo e bem passado e avental de casa, tem um ar muito asseado e dela emana limpeza, frescura e energia. É assim que a recordo desde a mais tenra infância.

Normalmente Vanga veste-se de cores escuras não só por já ter idade ou ser viúva. «Um dia», conta ela, «vesti uma blusa vermelha linda que uma americana me oferecera. Mas logo uma “voz” me gritou: “Não seduzas com a tua roupa!” Tirei-a imediatamente, guardei-a no saco e assim está no roupeiro até hoje.»

O dia de Vanga começa com um ritual que nunca altera, nem mesmo quando está doente. Logo que desce do quarto no andar de cima, dirige-se ao seu pequeno oratório. É uma divisão pequena, com flores na janela e, na parede oposta à porta, um grande quadro da Última Ceia. Ao lado, à esquerda, está colocada uma imagem milagrosa da Virgem com moldura de prata, oferta de Jerusalém. Há outras imagens e um candeeiro que arde noite e dia. Debaixo do grande quadro está a cama, coberta com linda colcha branca, onde há anos morreu o marido. É exatamente ao lado dela que ela se ajoelha e reza a oração matinal a Deus.

Já referi no início que Vanga é religiosa, mas quero aqui deter-me mais na sua religiosidade, porque para ela não é hábito ou tradição, mas profunda convicção. A fé de Vanga em Deus é grande e podemos dizer que é uma das cristãs mais fervorosas. Exige idêntico respeito pela religião de todos os seus próximos. Quando éramos pequenos íamos com Vanga a todas as igrejas da cidade e aldeias vizinhas, visitámos muitos mosteiros. Vanga sabia de cor todas as liturgias e assistia à missa do princípio ao fim. Dizia que, se formos à igreja temos de assistir a todos os ritos do princípio ao fim, senão a ida ao templo de Deus não tem sentido.

Lembro-me de muitas vezes repreender os fiéis à volta dela que conversavam e não prestavam atenção ao que o padre dizia. Dizia-lhes: «Porque não ficam em casa a cozinhar, mulheres, em vez de estorvarem quem quer ouvir a palavra de Deus.» Quando voltávamos do culto, muitas tardes

eram dedicadas à leitura da Bíblia. Enquanto nós dormíamos a sesta, a minha mãe lia em voz alta e Vanga escutava com grande entusiasmo; ainda hoje adora que lhe leiam as revelações dos profetas, onde se fala do sofrimento do mundo. Depois as duas comentavam longamente o que tinham lido.

Vanga diz: «Não vos queixeis do sofrimento que viveis. O sofrimento é meio de purificação, como uma roupa suja que, se não for lavada, não fica limpa.»

Todos os dias, para Vanga começam com uma oração a Deus pedindo-lhe força e inspiração para poder ajudar todos os que sofrem. É uma cena comovente, digna do pincel de um grande pintor. Nunca vi ninguém rezar com tanto fervor e de toda a alma. O rosto dela parece iluminar-se, os lábios murmuram orações só dela, que vêm das profundezas da alma. Às vezes, nesses momentos mais íntimos de comunhão com Deus, ouvi-a chorar – tão grande era o seu pedido de ajuda, inspiração e força. Outras vezes as orações terminam com uma pergunta que lhe vem do coração: «Qual é o meu destino, Senhor, e a quem sirvo? Será para edificação do mundo ou para fortalecer a fé?»

Muitos cientistas tentam agora explicar a que se deve o dom profético de Vanga, mas ela tem a sua própria explicação: «Quando, depois da grande tempestade, fiquei cega e privada da visão, chorava dia e noite e pedia a Deus que não me deixasse assim desamparada e peso para a minha pobre família, e Ele ouviu as minhas súplicas. Este dom foi-me dado por Deus! Ele tirou-me a visão humana, mas deu-me outros olhos com que vejo o mundo inteiro, visível e invisível, e aconteceu que eu, que fiquei inválida e mais precisava de ajuda, comecei a ajudar todos os que sofrem e tornei-me para eles apoio e esperança.»

A propósito desta força do Altíssimo, diz muitas vezes: «Se Deus não quiser, nem um cabelo da cabeça podes tirar.»

Recordo a resposta cortante que deu a um visitante culto com doença incurável a quem ela tranquilizava dizendo: «Pois se Deus castigou a mim e a ti, temos de sofrer!», ao que ele respondeu: «Deus não existe!», e Vanga replicou: «Deus existe! E se vocês se calarem, até as pedras falarão de Deus. Assim como os cegos sabem que há luz e os aleijados sabem que há pessoas sãs, assim os sãos devem saber que Deus existe!»

Apesar do seu amor pela Igreja, porém, não poupa críticas nem descontentamento com algumas manifestações negativas dos seus servos – padres, monges, altos dignitários eclesiásticos. Lembro-me de um dia em que expulsou um padre por ter trocado a batina por roupa secular, o que para ela é blasfémia contra a Igreja. Quem se consagrou não pode andar como cidadão comum. Também censurou duramente os monges do mosteiro de Rojen por terem deixado o mosteiro sujo porque a mulher da limpeza estava ausente.

Para ela, não manter limpeza imaculada na casa de Deus é crime: «Não gerem bem este mosteiro», disse-lhes Vanga, «e serão castigados. Vejo daqui a algum tempo aqui um grande incêndio. Este convento arderá até aos alicerces porque a vida que levam não é digna de Deus a quem se consagraram.» Devemos todos os dias procurar livrar-nos dos nossos pecados, dizia Vanga.

Após a oração matinal, Vanga dedicava-se às lides domésticas. Quando acordávamos, o pequeno-almoço já estava pronto e servido. Observei-a muitas vezes a cozinhar e sempre me admirei da sua habilidade e mãos ágeis. Cozinhava num fogão a lenha sempre tão limpo e polido que brilhava como espelho. Podíamo-nos mirar nele. Sempre me perguntei como, não vendo, conseguia acender a lenha com um fósforo sem nunca provocar incêndio nem se queimar. Quando cozinhava algum prato e o mexia, punha a tampa da panela debaixo da colher para não cair uma gota no fogão. Depois de cozinhar, o fogão ficava tão limpo como se nunca tivesse sido usado.

Tomávamos o pequeno-almoço com saborosos pãezinhos ou banitsa de leite ou outra coisa qualquer. Talvez porque são memórias de infância, mas parece-me que os pratos dela eram os mais saborosos do mundo. Normalmente cozinhava pratos da famosa e picante cozinha macedónia, mas não raro aplicava receitas próprias, combinando produtos que eu julgava incompatíveis. Mas o que ela fazia tinha sempre um sabor excelente. Para o jantar servia sempre algo leve, porque, segundo Vanga, devemos comer boa comida, mas pouca. Comer demais, para ela, é doença e traz outras doenças. Depois lavava impecavelmente toda a loiça e nós limpávamos a mesa e a cozinha.

«A vida pobre de órfã ensinou-me a ser inventiva e a ter jeito para os produtos e o sabor dos pratos», contava-me Vanga. «O nosso quintal era grande e cheio de urtigas. De dois em dois dias cozinhávamos urtigas. As crianças (a irmã e os irmãos – nota da autora), embora soubessem como éramos pobres, cansavam-se de comer sempre o mesmo e eu tinha de inventar combinações para variar um pouco a comida. A carne era raríssima na nossa mesa. Lembro-me que depois da morte do pai criámos um porquinho pequeno e tivemos de vendê-lo.

Deram-nos as orelhas, os pés e o rabo. Era essa a nossa carne de porco. Normalmente comíamos sopa e pão de milho, mas nem isso havia todos os dias. Quando estava quente, o pão comia-se, mas quando arrefecia ficava seco e difícil de engolir. Os meus irmãos molhavam-no em água e assim o comiam. Às vezes apanhavam no rio peixinhos muito pequenos a que chamavam “tsirionki” e assávamo-los na grelha com um pouco de farinha. Quando a vizinha, a tia Tena, via o que comíamos, dizia: “Ai, crianças, não sei como vivem.”»

Agora Vanga já é idosa e não cozinha, mas quem quer que se ocupe dessa tarefa tão responsável tem de ser muito preciso.

Deus nos livre de usar panela errada ou que não esteja impecavelmente lavada. Temos a sensação de que ela segue atentamente cada movimento nosso e à mínima falha corrige-nos imediatamente.

Para nós, Vanga era como todas as tias do mundo – carinhosa e amorosa, mas muitas vezes descontente com o nosso mau comportamento. Não se pode negar que nos educava com rigor e "mão de ferro". Mas éramos extremamente felizes quando, à tarde, sobretudo no verão, saíamos todos da cidade ou subíamos a algum prado próximo em Belasitsa, ou visitávamos Melnik e o mosteiro de Rojen. Desde muito pequenos percebemos que a nossa tia era, na verdade, extraordinária. Sentava-se num canto e ficava em silêncio. Os adultos não nos deixavam incomodá-la porque diziam que era assim que ela descansava.

Depois de descansar, começavam as nossas experiências mais interessantes. Vanga contava-nos histórias e lendas incríveis sobre aquele lugar, sobre a vida das pessoas dali desde os tempos mais antigos, sobre os seus costumes, sobre as batalhas travadas por os mais diversos motivos. Isso sempre me encheu de espanto porque não me lembro de alguém em casa lhe ter contado essas histórias. Eram relatos dela, infinitamente cativantes, seguramente nascidos das imagens que Vanga via com a sua visão sobre-humana. Um dia, muito espantada com tudo o que ouvira, perguntei-lhe de onde sabia tantos pormenores e ela respondeu-me: «Essa história acabou de ma contar aquela árvore velha, ali no fim do prado.» Como não ficar pasmada.

Lyubka recorda a seguinte história: «Estávamos em Sandanski e a minha irmã disse-me: "Leva-me à igreja de São Jorge", que ficava perto da nossa casa. Fomos, era domingo à tarde e não havia ninguém. Sentámo-nos num banco no jardim da igreja. Há tempos Vanga esteve doente e ficou com as duas pernas presas, depois só ficou um, por isso custou-lhe sentar-se no banco e disse que não conseguia levantar-se de maneira nenhuma.

A certa altura pediu-me: "Inclina-te e arranca-me uma ervinha do chão debaixo do banco." Qual erva hei de arrancar, perguntei-lhe eu. "Não importa", disse Vanga, "dá-me qualquer uma." Entreguei-lhe um raminho e ela esfregou-o no joelho. Pouco depois levantou-se ágil e disse-me para irmos embora porque já não lhe doía nada.»

Por volta das nove horas, quando terminava as lides domésticas, Vanga ia para a salinha especialmente preparada e começava a receber os seus inúmeros visitantes. Depois dessas sessões, infinitamente cansada, pálida e exausta até ao limite, regressava lentamente a casa, almoçávamos e depois descansava. Agora já não recebe em casa em Petrich, mas à mesma hora

parte para a localidade de Rupite, onde desde cedo a espera grande número de pessoas.

Rupite é uma zona selvagem, virgem e bela que conhecemos há muitos anos. Quando Vanga adoeceu com reumatismo, foi ela própria que descobriu a força curativa das águas termais que ali brotam e o poder do silêncio, e desde então esse lugar tornou-se-lhe muito querido e precioso. No fim de agosto e início de setembro carregávamos a bagagem numa carroça e partíamos devagar. Viajávamos quase o dia inteiro, apesar de a distância de Petrich ser apenas cerca de vinte quilómetros. Para nós era uma experiência incrível. Quando chegávamos, os adultos armavam a tenda e faziam fogueiras onde cozinhavam.

Sentíamo-nos como índios na pradaria. No dia seguinte cada família cavava na areia um grande buraco que se tornava uma pequena piscina e cercava-o com canas ou arbustos que cheiravam a uma fragrância forte e agradável. Ali as pessoas tomavam diariamente os seus banhos terapêuticos e muitos doentes sentiam alívio. Para nós o mais interessante era à noite, quando as pessoas se juntavam para contar histórias, ou quando cantavam belas canções da região, ou quando dançavam horos vigorosos no prado. Que alegria era então! Claro que todos se reuniam à volta da tenda de Vanga, porque ela sabia contar histórias de forma muito cativante e as pessoas ouviam-na com enorme prazer.

Não sei porquê, talvez pelo ambiente, mas dessas noites guardei especialmente as histórias de Vanga sobre a sua terra natal, Strumica. Contava com grande emoção uma lenda…

A cidade, dizia Vanga, tem o nome da bela filha de um senhor local que vivia num grande palácio no alto do monte. Lá em baixo, no vale, noutro belo palácio, vivia a filha dele, Strumica. Um dia a cidade foi atacada por numeroso exército tártaro, mas os valentes cidadãos não se renderam e defenderam corajosamente as portas da cidade. Strumica subiu ao telhado da sua bela casa para observar a batalha e avistou o jovem chefe dos tártaros. Apaixonou-se imediatamente por ele e quis vê-lo de perto. Saiu da cidade por uma passagem secreta e aproximou-se do comandante tártaro.

De perto pareceu-lhe ainda mais belo, por isso, quando falaram, sem pensar, revelou-lhe rapidamente a passagem secreta por onde viera e em poucos minutos os tártaros invadiram a cidade e conquistaram-na. Muitos habitantes foram massacrados e o senhor local feito prisioneiro. Quando soube o que a filha fizera e que, na prática, ela traíra milhares de inocentes ao massacre, amaldiçoou-a: quando morresse, que a terra não aceitasse o seu corpo e o rejeitasse sete vezes, e que a sua alma nunca encontrasse paz. Vanga contava que, de facto, na extremidade da cidade, no monte, há desde tempos imemoriais sete degraus escavados de que as pessoas da terra dizem

que são marcas do túmulo de Strumica, que a terra rejeitou sete vezes. Mas contava esta lenda para ligar ao tema da traição e da responsabilidade individual, que deve ignorar os sentimentos pessoais quando estes não servem o bem de todos. Anos depois, continuava Vanga, durante a dominação turca as pessoas viam à noite no céu um anjo de enormes asas que lhes dizia em voz forte que aguentassem e não desesperassem, porque a liberdade estava próxima. Esse anjo, segundo os velhos, era o espírito da amaldiçoada Strumica, que assim expiava o pecado da horrível traição e realmente não tinha descanso.

Lembro-me também de outra história dessa época. Vanga recordava que os velhos lhe contavam que no monte os avós deles por vezes viam enorme coluna de fogo. Segundo eles, naquele lugar, ainda durante a dominação turca, tinham sido martirizados quinze defensores da fé cristã. Ali existia então o templo de São Jorge Vitorioso, mas os turcos destruíram-no até aos alicerces. Vanga contava que em 1941, em visão, vira um enorme templo sustentado por quinze santos-oficiais.

Quem eram e de onde vinham, só ela os via. Quando mais tarde fizeram escavações, exatamente naquele lugar descobriram colunas do antigo templo de São Jorge. Depois os cidadãos de Strumica construíram grande igreja a que chamaram «Santos Quinze Mártires de Strumica». Mas a descoberta da verdadeira igreja de São Jorge ainda está para vir. A própria Vanga ainda deseja encontrar esse templo, porque uma voz lhe diz: «Vem e abre as portas. São de ferro e pesadas, mas dentro a luz é imensa.»

Depois dessas conversas nem dávamos pelo tempo passar e deitávamo-nos, adormecendo ao som doce dos grilos.

Agora em Rupite já não há tenda. Vanga construiu pequena casa e muitos dos visitantes habituais daquele lugar seguiram-na, mas a beleza selvagem permaneceu quase intocada. A casinha de Vanga vê-se de longe. Um belo jardim florido cerca-a por todos os lados. Quando todas as flores desabrocham, o perfume é tão agradável que não apetece ir embora. Um pouco mais ao lado, silenciosas e emocionadas, as pessoas esperam que as chamem para entrar. Essas pessoas sempre me impressionaram muito.

Cada uma é diferente – com o seu problema, a sua dor, as suas perguntas –, mas ali, diante da porta de Vanga, à espera do encontro com o extraordinário, com o fenomenal, parece que todos se tornam iguais. Em cada um nasce o desejo de ser melhor, mais tolerante, mais solidário e de não ligar às incomodidades. Há quem espere mais de vinte dias pela consulta com Vanga, dormindo em hotéis, pensões ou até ao relento no próprio prado, mas ninguém se queixa; sente-se que veio em peregrinação. Tenho a certeza absoluta de que não há pessoa que tenha estado naquele lugar e depois tenha partido sem se sentir mudada.

Visitam-na também personalidades conhecidas – figuras públicas, altos funcionários, gente das artes. Pelo meu trabalho, mais ligado às pessoas da escrita, sei de encontros de Vanga com escritores como John Cheever, William Saroyan, John Colombo, Eddie Brown do Canadá, Sergei Mikhalkov, Rasul Gamzatov da URSS e de outros países, muitos dos nossos criadores artísticos. Mas o mais emocionante, há anos, foi o encontro de Vanga com Indira Gandhi. Encontraram-se numa tarde em Sófia. Infelizmente, na reunião só esteve presente o intérprete, e Vanga costuma ser discreta e não fala do que trocaram. Só recordo o breve comentário de Vanga sobre Indira: que era uma grande mulher e que toda a sua vida dedicada ao bem do povo indiano merecia respeito e admiração.

Mais tarde Vanga recebeu em Petrich outro indiano. Infelizmente esqueci-lhe o nome, mas era professor e figura pública, muito próximo de Indira Gandhi. O encontro foi muito interessante. Vanga disse-lhe: «Agora, diante de ti está a tua mãe espiritual, cujo retrato trazes na pasta. É a Mãe Índia. Foi mulher muito virtuosa, quase uma freira civil. Era francesa de nacionalidade, mas dedicou a vida ao progresso espiritual dos indianos. É a tua educadora espiritual. Mas está descontente contigo porque não cumpriste um desejo dela. Prometeste-lhe, mas não fizes-te-lo.»

O professor ficou tão espantado que se ajoelhou e disse: «Perdoa-me, mãe!» Antes de morrer, a Mãe Índia pedira-lhe que construísse uma escola e até àquele momento ele não o fizera. «Mas vieste aqui por tua vontade?», perguntou Vanga. «Fui enviado», respondeu o professor, e Vanga continuou: «Diz àquela que te enviou que agora está em desgraça, mas voltará a sentar-se no seu trono. Só que tenha cuidado e não partilhe tudo com a nora – a viúva. Mantenha distância dela.»

Pouco depois voltaram emissários da Índia e Indira, em sinal de respeito e reconhecimento, enviara-lhes um sari indiano de tecido verde-transparente muito belo. As indianas envolveram Vanga nesse tecido e quiseram pôr-lhe na testa o ponto vermelho, mas ela não quis. Vanga ficou cheia de satisfação pelo respeito e bons sentimentos que Indira Gandhi lhe testemunhava.

Interessantes foram também os encontros de Vanga com o escritor soviético Leonid Leonov. A amizade datava de mais de vinte anos, mas os sentimentos mútuos permaneceram inalterados até hoje. Logo no primeiro encontro, ainda distante, Vanga vira o fim do romance que Leonid Leonov apenas começara a escrever e ele ficara infinitamente admirado com a força do seu dom. Depois Leonid Leonov escrevia-lhe com frequência e ela ajudava-o a resolver os seus problemas. Hoje o escritor já faleceu.

Nos últimos anos escrevia obra global sobre a humanidade. Começara-a há mais de trinta anos e não conseguia terminá-la. Um dia Leonid Leonov pediu-me que perguntasse a Vanga qual seria o destino desse trabalho de

tantos anos e ela respondeu-me o seguinte: «O livro deve ter fim daqui a três anos (conversa em 1989 – nota da autora) e terá quatro imagens (quatro temas): homem, universo, Deus, demónio. Escreve também sobre os povos antigos. A alma da falecida mulher dele, T. M., está contente porque Leonid Leonov voltou a ter em casa um filodendro. Ela está muitas vezes lá, ajuda-o, apoia-o e depois repousa nessa planta. Leonid Leonov ainda tem vida. Ainda viverá. Não deve abandonar o ambiente de casa, apenas de vez em quando respirar ar de montanha. Mas a visão ficará como está agora. Não melhorará.

O romance deve sair daqui a três anos e será revisto (provavelmente editado) por uma mulher, mas tem de ser pessoa de absoluta confiança. O livro terá enorme sucesso e será bem recebido por toda a gente, até pelos jovens. O destino deste escritor na literatura é difícil, mas feliz. Falarão muito dele mesmo depois da morte. Agora apreciam-no, mas invejam-no muito pelo talento e pelos temas de que trata. O romance será traduzido no estrangeiro – Alemanha, Índia, Brasil, América e muitos outros países do mundo. Tem inimigos?

Teve, mas já não estão vivos, por isso não vale a pena falar nisso. Não deve ter medo dos vivos. Publicará três livros (talvez três edições?) que percorrerão o mundo inteiro. Leonid Leonov é abençoado. Aos nove anos foi abençoado por Deus para predizer à humanidade através da palavra escrita. Tem espírito muito forte. Infelizmente ninguém da família herdará nem o talento nem a inteligência dele. O seu dom foi abençoado pelo céu, mas também por Maxim Gorki, que acreditava que Leonid Leonov seria “grande homem”.»

Infinitamente admirado com tudo o que Vanga dissera, Leonid Leonov escreveu por sua vez: «Infantilmente simples e ao mesmo tempo genial, o dom profético de Vanga merece o mais profundo, minucioso e respeitoso estudo de todos os seus parâmetros. Isso aproximaria as pessoas da descoberta do ainda rejeitado com ceticismo continente misterioso do globo da eternidade.

Neste caso concreto, em vez do habitual instrumental do velho navio – bússola, instrumentos de observação, mosquetes – e das qualidades naturais – vontade e abnegação, podem usar-se computadores, mas ainda assim é necessária radical reestruturação do pensamento em relação à metodologia, sem a qual é melhor nem começar.

Quem se lançar nesse mundo imenso deve deixar à porta todos os tesouros de conhecimentos acumulados, tal como em alguns países se deixam os sapatos à entrada dos templos. Porque, aconteceu muitas vezes – apesar de pilhas de volumes de biblioteca, ao sábio foi difícil enxergar o futuro e a realidade, porque estes não têm designação verbal em língua terrena.

A predição dos grandes e decisivos acontecimentos facilitaria a passagem da humanidade para estágio mais pleno de existência, que já é o nosso presente. Curvamo-nos diante do dom clarividente da profundamente

respeitada Vanga e desejamos-lhe, em nome de todos os contemporâneos, longa vida e saúde firme.»

Mas a atitude de Vanga não era assim tão lisonjeira para com todos os escritores. Vejamos, por exemplo, o encontro com o poeta soviético E. E. Logo à entrada Vanga disse-lhe: «Tu o que és?» Escritor, respondeu o poeta. «Pois que escritor és tu, cheiras a barril. Fica longe de mim.» E depois: «Sabes muito e és capaz, mas não é aí que devias estar. Porque bebes tanto e fumas tanto? Trata dos dentes e cura o estômago. À noite não escrevas. Levanta-te cedo e trabalha então. Escreve das três às oito da manhã – é quando tens mais inspiração.» «Estou a escrever um livro», interrompeu o poeta. «Sobre mulher?», perguntou Vanga. «Sim, e sobre mulheres.» «Sobre a guerra?», voltou a perguntar. «Sim.» «Bem. Escreve, mas aprofunda mais o tema. Agora saltas como pega de ramo em ramo.»

A. Ya., escritor italiano. Vanga: «Ah, tu és admirador de mulheres e não és boa pessoa. E és muito agarrado, como “castanha de Smolyan”. Vais encontrar outra mulher (o escritor tem vários casamentos), mas fica sabendo: és cão para envenenar! Quando procurares esposa, procura ou muito inteligente ou muito burra. Mas como isso existe em toda a gente, não sei se desta vez terás sorte.»

O famoso cantor de ópera N. G. visitou Vanga em 1982 e confessou-lhe que estava muito assustado porque, a meio de uma ária, ficara subitamente mudo. Achava que era coisa muito grave. «Não é o que pensas», disse Vanga, «mas no momento de cantar saltaste de propósito uma frase em que se falava de Deus e a tua voz parou imediatamente. Aliás, não só sentiste a voz parar, como viste algo.» «Sim», confirmou o cantor, «vi uma mão a fazer-me sinal para parar.» «Agora», disse Vanga, «farás o seguinte: um dia antes de voltares ao palco compras uma cestinha de flores brancas e deixas-a diante do altar de alguma igreja. Depois podes cantar descansado.»

À cantora A. T.: «És muito inteligente e muito dotada. Presta muita atenção e respeito ao teu marido, porque ele trabalhou dia e noite para que tu pudesses estudar e tornares-te famosa. Quando fores a Itália, vai à catedral de Roma, compra um passarinho de brincar que canta e deixa-o lá, sem ninguém ver, para teres sucesso.»

A dois irmãos cantores: «Um de vós é muito asseado, o outro muito preguiçoso. Um casará com grande devassa, o outro com rapariga muito boa que o amará muito.»

Interessante foi também a conversa com uma atriz da URSS – L. S. Vanga disse-lhe: «Tens dois maridos.» Não, não tenho nenhum, respondeu a atriz. Vanga: «Tens, sim. Tiveste e tens. O teu marido está vivo e existe e tu sabes isso muito bem, mas vives como se não existisse. O que agora está contigo não é teu marido e está muito doente, o sistema excretor dele não

funciona. Vais levar daqui erva-oregão vermelho e dar-lha a beber. Quanto ao teu marido é assim: quando partiu para a frente disse-te que, se sobrevivesse mas ficasse mutilado, andaria à distância, em segredo, a ver-te, mas não apareceria nesse estado.» A atriz contou que, antes de vir ter com Vanga, um conhecido lhe dissera: «Acho que vi o teu marido. Informei-me e soube que não tem pernas e vive num lar de inválidos e nunca se encontrará contigo.»

Um famoso físico nuclear veio ter com Vanga porque o filho se perdera completamente e não sabia o que fazer com ele. Vanga: «Como assim, estudaste tanto e não ensinaste nada ao teu filho!» O físico: «Estudei muito tempo no estrangeiro e quando regressei a criança já estava perdida.» Vanga: «O teu filho entrará na linha quando for à tropa, por ele não perguntes, mas tu aí onde trabalhas, sabes a desgraça que podem causar às pessoas? Se são cientistas, se são capazes, se sabem, façam por que as pessoas se orgulhem de vós. Têm consciência de toda a responsabilidade que carregam perante a humanidade?»

A minha irmã estudava em Moscovo e lá conhecera a famosa Djuna Davitashvili – a maior sensitiva da URSS. A minha mãe decidiu ir ver a irmã, mas disse a Vanga que gostaria também de conhecer Djuna. Vanga respondeu: «Cumprimenta-a da minha parte e diz-lhe que se lembre sempre dos seus 13, 16, 19 e 21 anos.» A minha mãe transmitiu o recado e Djuna, espantadíssima – nunca se tinham visto –, contou algo realmente incrível:

«No campo, o meu irmãozinho de seis anos caiu num poço. Eu tinha treze anos. Juntou-se gente, gritavam todos. Não pensei muito, juntei as mãos e atirei-me ao poço. Agarrei a criança que se afogava e empurrei-a para cima; as pessoas apanharam-na. Sentia à volta de mim uma força incrível que me permitiu, com as minhas mãozinhas de criança, atirar o rapaz para cima e ainda me mantinha à tona de água. Fiquei lá em baixo. As pessoas assustaram-se por mim. Lançaram ganchos de ferro que prenderam-me o vestido. Nesse tempo fiz incrível passeio subterrâneo. Quando me tiraram do poço, disse que me sentia perfeitamente bem e não tinha na boca uma única gota de água. Puseram-me de cabeça para baixo, mas foi completamente desnecessário.

Aos 16 anos, voltando da escola, passei por uma casa onde estava escrito “Cuidado, a casa vai ruir”, mas entrei e começaram a cair-me em cima vigas pesadas. Duas cruzaram-se por cima da minha cabeça e assim fiquei ilesa. Demoraram mais de seis horas a desimpedir a casa e encontraram-me debaixo das vigas sem um único arranhão.

Aos 19 anos, passando um dia por uma rua, vi numa casa um incêndio e numa das divisões em chamas um homem debatia-se e pedia socorro. As chamas eram enormes e as pessoas tinham medo de entrar. Estendi os braços, parti o vidro da janela, lancei-me lá para dentro, agarrei o homem em

chamas e trouxe-o para fora. Mas nada de grave me aconteceu. Só as mãos cortadas pelo vidro e o cabelo chamuscado.

E aos 21 anos, antes da Páscoa, voltando do trabalho, decidi passar pela igreja acender uma vela. Tinha o cabelo comprido. Ao entrar no templo prendi-o atrás, mas não sei porquê ele incendiou-se imediatamente. E eu estava a uns nove metros das velas.»

Também outros "hóspedes importantes" visitavam Vanga. Enviados de Brejnev, Andropov, Chernenko e outras figuras do passado próximo também a honravam com a sua presença e perguntas. As conversas organizavam-se geralmente em Sófia, em local desconhecido de olhos e ouvidos curiosos, mas Vanga não destacava essas reuniões como algo especial. Para ela todas as pessoas eram iguais e se alguém estava "vestido" de poder, era simplesmente alguém a quem fora confiada maior responsabilidade e devia trabalhar mais do que os outros, porque o poder lhe fora dado por Deus com determinado fim e era responsável perante o Criador se não compreendesse a sua importante missão e não servisse o bem de todos.

Também famosos curandeiros e sensitivos vinham ter com Vanga. Tornara-se quase tradição. Essas pessoas, tal como os colegas búlgaros, submetiam-se a uma espécie de "exame" da altura das suas capacidades. Chegavam com enorme autoconfiança e sentimento de "missão divina" na terra. Cada palavra boa que Vanga lhes dizia era inflada e exagerada na imprensa como "diploma de mestre", como reconhecimento da sua exclusividade.

A verdade, porém, é outra. Muitos desses "eleitos de Deus" saíam da casa de Vanga completamente desmascarados e envergonhados. Vanga não tinha boa opinião dos sensitivos. Repetia constantemente que eram os falsos profetas dos "últimos tempos" da terra. Não podem ajudar o ser humano, apenas tentam-lhe a alma, confundem-no. O maior curandeiro, para ela, era Deus e o homem devia procurar os remédios dele para viver bem tanto na terra como no além. Lembro-me do embaraçoso encontro de Vanga com o sensitivo e curandeiro Georgi Grabovoi.

A imprensa anunciara com pompa a chegada do famoso "homem-raios-X". Escreveram-se muitos superlativos. Organizaram-se encontros com doentes no Clube Militar em Sófia, onde Grabovoi realizou sessões coletivas. Não ouvi ninguém que se tenha curado depois dessas sessões, mas o espetáculo antes de começarem era bastante deprimente. Juntaram-se centenas de doentes – aleijados em cadeiras de rodas e muletas, deficientes mentais trazidos pelos familiares. A pequena sala destinada às sessões não os cabia todos e muitos ficaram de fora nas escadas – na esperança de que a força do dom do curandeiro os alcançasse mesmo de mais longe. Mas depois do "tratamento" todos ficaram desiludidos.

Georgi Grabovoi encontrou-se com Vanga em Rupite no fim de outubro de outubro de 1995. Tendo ouvido falar da grande fama do sensitivo, Vanga submeteu-o a prova peculiar. Chamou da fila de espera um jovem de Sófia que viera procurar cura para o filho doente. Vanga disse-lhe que a criança tinha dois anos, tumor na cabeça e já com metástases. O "diagnóstico" foi que já era muito tarde para fazer o que quer que fosse e que a criança morreria tal como o outro filho deles, falecido alguns anos antes. Claro que Vanga não o disse assim tão diretamente.

Compreendia bem a enorme dor que causaria ao destruir a última esperança do pai, por isso disse-lhe que era uma prova, mas que rezasse a Deus e um dia Ele daria à família criança saudável. Georgi Grabovoi, presente na conversa, discordou do diagnóstico de Vanga. Aconselhou o pai a dar à criança ervas para limpar os intestinos e isso ajudá-lo-ia a curar-se. A reação de Vanga foi terrível. O curandeiro foi expulso como charlatão com as palavras mais grosseiras de que Vanga era capaz.

Todos os presentes nos sentimos muito constrangidos, e nem quero imaginar o que sentiu o curandeiro. Ainda assim tentou "salvar" a honra e organizou sessão improvisada num restaurante de beira de estrada, não esquecendo de cobrar 20 leva de entrada aos curiosos, mas o "espetáculo" não teve sucesso, porque o veredito da profetisa já o precedera.

Também Alan Chumak e Kashpirovsky se encontraram com Vanga em Rupite. Dessas reuniões ela falava sempre com alguma ironia. Kashpirovsky visitou-a na primavera de 1990. Sentou-se ao lado dela e logo disse que sentia "frio a emanar de Vanga". Vanga ouviu e provavelmente não gostou muito da observação, mas nada disse. Só quando começou a falar pormenorizadamente da família e dos problemas de Kashpirovsky é que ele se esqueceu completamente do "frio" e se aproximou dela. Tal como todos os outros, ficou estupefacto com as incríveis capacidades dela, ao contrário de Vanga, que não se impressionou com as dele. «Diz que é capaz de aquecer água num copo», comentava ela com ironia e incredulidade, e depois, abanando a cabeça, voltava ao tema dos falsos profetas.

Também Tamara Globa, astróloga russa que predizia o futuro pelas estrelas, visitou Vanga. Graças à imprensa, tornara-se conhecida também na Bulgária. O grande desejo de Globa era encontrar-se com Vanga e conseguiram-no, mas não sei como Tamara se sentiu depois, porque a minha tia era totalmente cética quanto às sessões astrológicas. A conversa tomou direção muito íntima. Vanga fez revisão detalhada da vida íntima da visitante e não lhe poupou críticas duras ao comportamento dela. Por fim, como que para confirmar de vez as suas reservas quanto à capacidade da astróloga, Vanga pediu-lhe que lhe dissesse algo sobre o futuro, e Tamara Globa desculpou-se dizendo que «não havia estrelas». «Assim teria sabido algo sobre mim

também», ria-se Vanga, por vezes sem maliciosamente, «mas não havia estrelas para mo dizerem.»

Não quero ser mal interpretada. Vanga não odiava os sensitivos – pelo contrário, tinha pena deles pelas ilusões e pelo perigo de prejudicarem as próprias almas. Por isso aconselhava muitos a voltarem-se para a igreja, para compreenderem os riscos a que se expunham.

Não precisava da avaliação nem do reconhecimento deles. Em vida, títulos não lhe interessavam. Em 1993 e 1994 o presidente da Calmúquia, Kirsan Ilyumzhinov, visitou-a. Os nossos jornais deram grande destaque a esses encontros. O presidente entregou a Vanga decreto que a nomeava «Cidadã Honorária da Calmúquia» e uma faixa honorífica com lótus delicadamente bordado.

Sabendo que Vanga há muito merecera, pelo seu trabalho e amor ao próximo, o título de «cidadã honorária do mundo», duvido que esse galardão lhe tivesse grande significado. Penso que se alegrou muito mais com os encontros com esse presidente, como com qualquer pessoa, porque falaram da beleza da terra dele e da vida das pessoas lá; tenho a certeza de que ficou feliz ao apalpar o primoroso trabalho manual da faixa, feito pelos dedos hábeis das mulheres da Calmúquia – e esse foi o único contentamento que sentiu com a distinção.

Tenho a certeza de que sentimentos diferentes a emocionaram quando, na Bulgária, proclamaram Vanga «pregadora número um» de 1995. Ela não entendia bem essa classificação nem percebia quem a avaliava e por que critérios. Por isso nunca falou comigo desse reconhecimento.

Mas há algo que teria dado a Vanga imensa felicidade se estivesse viva. Mesmo agora, enquanto escrevo estas linhas, sinto que me observa de algum lado com satisfação…

Dias após a sua morte, chegou à redação do jornal sofiótico «Nochen Trud» uma carta da cidade de Pskov, Rússia. Dentro havia dois livrinhos de poesia de bolso e algumas linhas pedindo que me fossem entregues. Os poemas eram de Galina Prostokishina, engenheira de formação, que já tem netos. É autora de mais de dois mil poemas e, como a própria poetisa escreve, deve o seu dom poético a Vanga. Algo nela se libertou quando leu sobre o dom de Vanga no jornal «Pskovskaya Pravda em 1991. No seu livro de poemas «Versos sobre o Amor», Galina Prostokishina conta:

«Lia sobre Vanga, refletia sobre cada palavra e esperava ansiosamente o número seguinte do jornal. Admirava o seu dom, a sua missão humanitária missão de servir o bem, de estender a mão aos perdidos e desesperados.

Um dia, passeando pelo belo parque “Verbinka”, de repente, inesperadamente, começaram a soar na minha cabeça versos sobre Vanga. Até então nunca escrevera um poema; não só isso – comecei a falar em verso.

A vidente búlgara Vanga revolucionou a minha consciência em poucos dias, elevou-a e deu-me conhecimentos que eu nem suspeitava ter. Graças a eles comecei a compreender a essência da clarividência e de outros fenómenos inexplicáveis. Vanga encheu-me, iluminou-me com o dom poético, deu-me força, energia e inspiração.»

Vanga encontrava-se também com outro conhecido poeta de Moscovo – Valentin Sidorov. Nos nossos círculos literários era famoso não só pelos belos poemas, mas pela paixão pelos ensinamentos espirituais e esotéricos. Fora amigo da falecida Lyudmila Zhivkova. Os encontros dos três organizavam-se geralmente em Sófia, onde Vanga era levada de carro para algum apartamento ou residência estatal, longe de olhos e ouvidos curiosos. Sei pouco sobre as conversas desses encontros, mas recordo que Vanga falava com carinho de Valentin Sidorov porque ele dedicava a obra ao aperfeiçoamento espiritual do homem. Um dia confidenciou-me que, logo ao entrar Sidorov, vira belíssima imagem do «Leningrado espiritual».

Vanga disse que as milhares de almas que morreram por aquela cidade rezam incessantemente a Deus pelo seu progresso e pelo bom futuro dos seus habitantes terrestres. Afirmou que essas orações saturam o espaço de grande pureza e de força muito boa e que chegará o dia em que o mais antigo ensinamento espiritual – aquele que ensinará as pessoas a atingir a perfeição sem pertencerem a religião determinada – começará a renascer precisamente de Leningrado, porque possui enorme carga espiritual. Outras vezes dizia-me que o maior protetor espiritual da Rússia é São Sérgio e que ele não permitirá que a Rússia pereça.

Sobre esses encontros marcantes fala o próprio Valentin Sidorov numa edição do jornal «Reporter» de 1995.

Nos encontros com Sidorov, Vanga desenhava o futuro assim:

«Tudo se derreterá como gelo, só uma coisa ficará intocada – a glória de Vladimir (o príncipe que outrora batizou a Rússia), a glória da Rússia. Ninguém pode parar a Rússia. Não só se preservará, como se tornará “senhora” do mundo.»

Por «senhora» entendia unicamente a ascensão e superioridade espiritual da «velha» Rússia, ou seja, o regresso ao princípio espiritual profundo. «Como águia a Rússia voará alto sobre a terra», dizia Vanga, «e cobrirá toda a terra com as suas asas. Todos reconhecerão a sua superioridade espiritual, inclusive a América.»

Mas, segundo ela, isso não acontecerá imediatamente, mas daqui a sessenta anos (conversa em 1980). Esse processo será precedido da aproximação de três países – China, Índia e Rússia.

Sidorov partilha que, para Vanga, passado, presente e futuro existem como um só instante e por vezes era-lhe difícil distingui-los. Um dia falaram do instituto onde ele trabalhava, situado na antiga casa de Herzen, no bulevar Tverskoi. Vanga disse-lhe que ao lado havia mosteiro. Sidorov pensou que Vanga se enganara, mas depois lembrou-se de que antes da revolução, perto do instituto, existira mesmo mosteiro – o mosteiro da Paixão, destruído durante o poder soviético.

Surpreendia-o repetidamente ao descrever com exatidão a sua terra natal de Voronezh. Descrevia exatamente os lugares onde ele se isolava para escrever os poemas. Um dia viu o rio Don, o monte ao lado e o próprio Sidorov a passear nele. Depois perguntou-lhe pelo monumento no monte e, ao saber que era dedicado a pilotos militares, quis saber por que via também cosmonautas à volta dele. Sidorov explicou que na inauguração estivera presente o cosmonauta Beregovoi. Vanga voltou a dizer que na Rússia há muitos lugares santos e que aquele monte também o era, porque ali estivera três vezes São Sérgio e três vezes o abençoara, erguera cruz naquele lugar.

Por isso quem ali vai deve sentir-se como na igreja e receber a força de São Sérgio. Explicou que no sopé do monte corre pequeno manancial de que ninguém suspeitava. Alguns anos depois começaram escavações no monte e a expedição deparou com restos de antiga fortaleza russa. Supunha-se que eram vestígios da antiga Voronezh, cujos traços se julgavam perdidos. O chefe da expedição queria continuar as escavações porque previa descobrir muitas coisas desconhecidas e, para grande surpresa de Sidorov, um dia encontraram mesmo, no sopé do monte, o manancial de que Vanga lhe falara anos antes.

Valentin Sidorov partilha ainda que o que mais o impressionava era a clareza e precisão das predições de Vanga, que podiam ser verificadas mesmo a curto prazo.

Logo no encontro de 1979 Vanga predissera-lhe que, daqui a dois anos, haveria viragem nas relações sociais e seria mais fácil transmitir os seus pensamentos às pessoas. No outono de 1981 começou a escrever a novela «Sete Dias nos Himalaias». Arriscou conscientemente, porque o livro era dedicado a temas espirituais-religiosos, coisa então oficialmente proibida. Mas aconteceu exatamente como Vanga dissera: o livro foi publicado, e em grande tiragem, na revista «Moscovo».

Sidorov sentia-se encorajado pelas previsões globais de Vanga. Ela afirmava que não haveria guerra num tempo em que a confrontação nuclear atingira o ponto crítico. «Daqui a seis anos o mundo começará a mudar radicalmente», repetia Vanga em 1979, no auge da era Brejnev. «Os velhos

líderes irão embora. Virão novos.» Aliás, eram previsões que ela partilhara comigo várias vezes e que eu publiquei.

Uma francesa que criara em França cursos para videntes e já formara mais de vinte e cinco mulheres visitou Vanga: «Porque vieste ter comigo? Eu não preciso de professora. A mim dizem-me lá de cima o que hei de transmitir às pessoas. Mas diz-me: quem é esse velho que está ao teu lado?» É o meu pai, respondeu a mulher. Vanga: «Ele manda-me dizer-te que todo o dinheiro que te deixou e que tu ganhaste se foi pelo vento. Que aconteceu?» A mulher: «Sim, tive um amante, mas ele abandonou-me depois de me comer todo o meu dinheiro!» Então foi por isso que vieste, disse Vanga. Mas diz-me mais uma coisa: tu compraste-me algo e não mo trouxeste. A mulher respondeu que comprara um robe branco mas o deixara com conhecidos em Sófia.

Como é sabido, Vanga recebe muitos presentes, mas guarda apenas os que lhe recordam alguém. A maior parte oferece-os – a igrejas, mosteiros, pobres. Ouvi-a muitas vezes dizer: «De graça recebestes, de graça dai.»

Chama-me também a atenção outra coisa a este respeito. Quando oferece algo, no dia seguinte recebe o dobro. Vanga tem muitos admiradores, amigos, mas há também quem procure a sua proximidade com fins interesseiros. Alguns querem aproveitar-se, usando o nome dela ou exibindo o conhecimento com ela.

A essas pessoas diz: «Não queirais beneficiar-vos com os meus objetos, o meu nome, autoridade e dom, porque foram obtidos com a desgraça alheia e quem vem ter comigo com coração impuro e interesseiro, a dor alheia persegue-o e castiga-o cruelmente. Vinde ter comigo como verdadeiros amigos, por mim mesma, para que eu vos retribuir com a minha amizade. E estão sempre a perguntar, perguntar.

Porque não me perguntam como estou, se me pesa a cruz que carrego, se tenho desejos. De onde hei de tirar tudo o que me pedis? Eu própria nada tenho além de mim mesma. Que vos posso dar? Posso dar-vos conselho e ensinamentos, mas não compreendeis nem vos emendais. E de vós próprios nada tendes para me dar. Só preciso de alimento espiritual e isso poucos mo podem dar, porque todos sois pobres de espírito. Só a avareza vos guia, e dela tenho nojo.»

«És forte, querida, vais dar a todos da tua força!» (réplica de uma visitante)

Vanga: «Darei, mas que valha a pena!»

Não são só os visitantes que se interessam por essa força. Vêm cientistas, jornalistas, perguntam-lhe como cegou, como começou a predizer. Vanga não gosta desse tema sobre o seu infortúnio e muitas vezes despacha-os. «Não aticem a cinza da minha ferida, porque lá há uma brasa que nunca se

apaga, não metam o dedo nessa chaga ardente. Não posso falar desses assuntos com qualquer curioso. Poucos são os que me compreenderiam.»

Conservei uma entrevista dela com jornalistas sobre o dom, em que diz: «Mais nada vos posso dizer além disto: uma voz me fala, uma voz me diz, uma voz grita, mas dizer-vos que vi Cristo ou a Virgem – não! Só sei umas orações… Quando o meu marido estava muito doente, punha-me diante do ícone e dizia: “Ensina-me, Senhor, a suportar também este sofrimento e a engolir também este veneno.” E então respondeu uma voz respondeu: “Pega num copo. Corta-te o coração e ainda aguentarás.” Mas agora ele está em análise (Vanga não percebia o que essa palavra significava naquela situação), no domingo parte. No domingo, 1 de abril, às 12h20 (1962), Mitko (o marido de Vanga) morreu.

Depois chorei como toda a gente e disse: “Senhor, como vou ficar agora?” Porque choras! Chegou o tempo de porem à tua porta um poste de ferro e esse poste proteger-te-á. Passou-se um ano ou dois, puseram guarda, sentinelas à porta, e há muitos anos que é assim.»

Pergunta: Falas com espíritos?

Vanga: Vêm muitos e muito diferentes. Alguns não consigo entendê-los. Mas aqueles que vêm e estão à minha volta, compreendo-os. Um vem, bate à porta e diz-me: “Esta porta não presta, troca-a!”

Pergunta: Lembras-te quando entras em transe?

Vanga: Não. Quase nada me lembro. Depois do transe sinto-me muito mal o dia inteiro.

Pergunta: Tentam enganar-te?

Vanga: Muito raramente, a maior parte das pessoas não ousa.

Pergunta: Tomas medicamentos?

Vanga: Não.

Pergunta: Nunca?

Vanga: Não, nunca. Só há tempos, para a tensão, um médico deu-me uns comprimidos, mas quando comecei a tomá-los a boca secava-me, simplesmente não conseguia mexer a língua. Dá-me sono. Bebo água e não sabe a nada, e deitei fora os comprimidos.

Pergunta: E o que fazes?

Vanga: Nada. Só desejo muito, quando chegar a minha hora, ficar em silêncio.

Pergunta: Como descansas?

Vanga: Em silêncio. Fecho-me no meu quarto e não quero ver ninguém. Deito-me de costas e calo-me. Só isso me salva.

A propósito destes descansos, quero dizer mais uma coisa. Já referi que Vanga dorme muito pouco e recupera rapidamente. Perguntei-lhe várias vezes porque não conseguia dormir e ela respondeu-me: «Como hei de dormir? Quando me deito para descansar, todas as tragédias humanas de que ouvi durante o dia voltam a passar-me pela consciência. Há tanta dor no mundo! Mas há outra razão. No silêncio, sobretudo à noite, ouço todos os sons celestes. Ouço os sinos do céu tocar a cada hora e como tudo o que vive responde a esse ritmo. Por isso a flor sabe quando abrir o cálice e o galo nunca se engana na hora de cantar. Como hei de dormir? Se pudesse contar tudo o que vejo, seria milagre. Os segredos do mundo que sei, mas não vos posso dizer, já são quase um reservatório cheio. Falta pouco para rebentar a barragem, mas então que Deus nos ajude!»

A irmã de Vanga, Lyubka, recorda ainda que, nos primeiros anos da clarividência Vanga ficava horas em transe, calada, ausente do mundo que a rodeava. Depois contava-lhe que estivera com a consciência em prisões, campos de concentração, aldeias desconhecidas, assistira a morticínios, a todo o tipo de catástrofes naturais.

Aliás, essa deslocação mental no espaço continua ainda hoje. É assim que explico os longos silêncios de Vanga, quando parece observar algo com atenção. A irmã Lyubka conta o seguinte caso:

«Antes do grande terramoto em Skopje, há muitos anos, fomos com Vanga visitar em Strumica o nosso velho amigo Pande Ashkanov. Estava muito preocupado porque a casa dele em Skopje fora quase destruída pela água e perguntou à minha irmã se devia apenas repará-la ou juntar dinheiro e construir casa nova. Vanga respondeu-lhe: “Casa nova, homem! Foge de Skopje, porque lá em breve haverá tragédia terrível. Fica aqui, em Strumica!” Pouco depois aconteceu o grande terramoto em Skopje, com destruições catastróficas e muitas vítimas.»

Conheço outro caso, contado pela própria Vanga há muito tempo. Eu devia ser pequena, quando numa primavera as águas do rio Struma cresceram e inundaram as margens, os campos próximos e até as pontes por onde passava o comboio – havia então linha de bitola estreita. Vanga viajava com familiares de Sandanski para Petrich. Quando o comboio se aproximou da ponte depois da estação General Todorov, ouviu à sua volta as vozes alarmadas dos outros passageiros que olhavam os campos alagados e comentavam assustados que a ponte podia ruir com o peso do comboio nas águas furiosas. «A certa altura», contava Vanga, «as mulheres e as crianças desataram a chorar e ouvi do vagão ao lado um homem gritar: “No vagão ao lado está Vanga, vamos ter com ela, porque ela pode salvar-nos!” Fiquei

assustada também. Para o nosso vagão começaram a chegar pessoas fora de si de medo. Como hei de ajudá-las? Se elas se afogarem, afogo-me eu também? Juntei todas as minhas forças e pedi: “Deus, preserva a vida destas pessoas!”, e depois gritei-lhes: “Não tenham medo, nada de mal nos acontecerá.” Disse-lhes isso só para dar coragem, sem saber o que ia suceder. Mas aconteceu mesmo um milagre. Lenta e cuidadosamente o comboio passou a ponte e todos chegámos a Petrich sãos e salvos.»

A pequena casa de Vanga em Rupite guarda muitas lágrimas e muitas tragédias humanas. Mas a maior tragédia é a da sua dona, a profetisa Vanga, que guarda no coração a dor dos homens e oferece a todos esperança e cura.

Já é meio-dia. A sala onde Vanga recebe os visitantes ainda está carregada da tensão das angústias dos que ali passaram. Na lareira acumula-se, em montinhos, cinza fria, e as cortininhas brancas como a neve da janelinha baloiçam como asas de pássaro cansado. No meio da sala há grande mesa coberta de ofertas à vidente e de inúmeros torrões de açúcar embrulhados em papelinhos. O açúcar é também um dos segredos do dom de Vanga, porque ela exige que quem a visita traga torrão de açúcar que tenha estado pelo menos alguns dias em casa dele.

Quando o visitante entra, ela pega no açúcar, segura-o nas mãos, apalpa-o e começa a ler o destino. Porque açúcar? O que fica gravado nos cristais de açúcar para Vanga ler infalivelmente a sorte da pessoa? Ninguém conseguiu até hoje responder a essa pergunta. Nem a própria Vanga consegue. Contou-me que nos primeiros anos, quando começou a predizer, era preciso ter uma vela acesa diante dela. «Mas como sou cega e não vejo e podia acontecer desgraça, uma voz disse-me para substituir a vela por torrão de açúcar, porque é puro.»

Atrás da mesa carregada senta-se Vanga. Está pálida e tão cansada que mal respira. Não tem forças nem para falar. Às vezes ouvi-a murmurar qualquer coisa e, se escutarmos, é algo como: «Senhor, fui eu a maior pecadora para me castigares com cruz tão pesada? Muito me deste, mas muito me pedes?» Depois levanta-se lentamente da cadeira onde esteve sentada mais de três horas, despe a roupa de cima e dirige-se devagar para o quartinho onde repousa. Com a sua brancura fresca e o aroma a limpeza e frescura, acolhe-a carinhosamente para breve descanso.

Mas, como já se sabe, ela não dorme. Fica deitada algum tempo, calada, e muitas vezes repousa a tricotar. Adora essa ocupação e com o rápido tilintar das agulhas e o alinhar dos pontos vai-se-lhe todo o cansaço. Vanga é exímia tricotadeira. Tricota depressa e firme e as peças que faz refletem toda a sua inspiração. Tem muitos modelos lindos que inventa sozinha. São incontáveis os coletes, saias e blusas que tricotou. Satisfeita com a obra, depois oferece muitas delas e alegra-se se os presentes agradam.

Sobre a paixão de Vanga por tricotar, Lyubka recorda o seguinte caso:

«Um dia Vanga mandou-me comprar dois quilos de lã que tingimos de azul-elétrico. Foi há cerca de vinte anos, antes da Páscoa. Durante toda a Quaresma até Sexta-Feira Santa Vanga tricotou e fez um grande e belo xaile. Depois chamou os padres de Sandanski e disse-lhes: "Este xaile tricotei-o quarenta dias e noites, por cada ponto rezei oração por todas as pessoas. As orações nasceram no meu coração e a minha alma atormentada ditava-mas. Peço-vos encarecidamente: consagrem este xaile com orações na Páscoa e que fique na igreja. Cubram com ele os que sofre de insónias e dores de cabeça. Que todos os que tocarem nele encontrem paz."»

Mas o sossego de Vanga à tarde é breve. Por volta das cinco horas o silêncio é quebrado pelas pessoas que se voltam a juntar. À tarde Vanga não recebe consultas, mas há quem tenha estado com ela de manhã e não tenha entendido ou não se lembre do que ela disse. A esses, porém, raramente consegue ajudar, porque não é capaz de repetir o que já foi dito. O que sai da boca dela naquele instante tem de ser guardado na memória; até as palavras aparentemente mais banais devem ser recordadas, porque não são ditas por acaso e têm de ser interpretadas…

Sempre me impressionou que, nas sessões com Vanga, a memória humana não seja prestável e o visitante retenha muito pouco do que ela diz. Isso não acontece apenas com os visitantes – é compreensível: o contacto com o "o sobrenatural" deixa as pessoas aturdidas e bloqueadas. Mas acontece também connosco, os seus familiares, que estamos ao pé dela e supostamente já nos habituámos ao seu dom. Quando assistimos a algumas sessões, verifica-se que, por regra, cada um de nós recordou coisa diferente – e pouca.

Quero, a este propósito, contar dois casos.

O escritor Leonid Leonov, numa das suas visitas a Vanga, decidira gravar em cassete tudo o que ela dissesse para depois o tradutor lho traduzir. Queria ter esse registo para ouvir em paz. Trouxera de Moscovo o seu próprio gravador, ajustou-o pessoalmente para gravação e pediu que ninguém passasse perto dele para não estragar nada. Nesse dia Vanga estava muito inspirada e falou de acontecimentos decisivos para o país dele. Fez ligação com uma vidente russa há muito falecida – Helena Blavatsky – e ouvimos realmente coisas espantosas.

Leonid Leonov saiu da sessão extremamente satisfeito e feliz por possuir registo verdadeiramente único. Mas quando chegámos ao hotel em Sófia, tive a sensação de que o escritor ia ter um ataque cardíaco. Na fita não havia absolutamente nada gravado – nem um som, nem uma palavra do que Vanga dissera. Confiando no gravador, também nós, que o acompanhávamos, não nos esforçámos por memorizar tudo. Apesar de todos os esforços, conseguimos recuperar muito pouco do que tínhamos ouvido. Leonid ficou

desesperado. Telefonámos a Vanga a perguntar se podíamos voltar, mas ela disse que não podia repetir o que já dissera. O instante voara!

Caso semelhante aconteceu com outros conhecidos nossos – P. Ts. e L. G. – que também, numa visita a Vanga, também gravaram. Vanga falou de grandes e importantes acontecimentos. Mas quando chegaram a casa e ligaram o gravador, os dois, espantados, ouviram apenas alegres canções populares, embora não houvesse rádio, transístor ou gravador ligado por perto.

Claro que existem gravações das predições de Vanga; em 1974 até fizeram um filme sobre ela. É documental e achamos muito interessante, mas Vanga não aprova nem o filme nem as gravações, porque considera que se gravou o acessório e que até a aparelhagem mais sensível deixou escapar o que é verdadeiramente essencial no seu dom.

Aliás, o filme também não agradou a muitos espectadores. Durante longos anos, até 1989, esteve praticamente proibido e só era exibido à porta fechada para pessoas escolhidas. Como a ciência oficial negava totalmente o dom de Vanga, também esse documento fotográfico objetivo, na minha opinião, era tabu. E nele não há nada de comprometedor. O filme, intitulado «O Fenómeno», divide-se convencionalmente em duas partes. Na primeira mostram-se sessões de Vanga com várias pessoas, com acertos mais fortes e mais fracos. A segunda parte são discussões dos nossos cientistas e especialistas sobre o fenomenal em Vanga. O comportamento dos nossos especialistas provocou grande onda de indignação e desacordo entre o povo.

Voltemos ao dia a dia de Vanga. Por volta das cinco da tarde é habitual ela passear pelos seus “domínios”. Vigorosa, descansada, bem arranjada, começa por dar a volta às flores. Tem flores que desabrocham quase todo o ano. Seja porque o solo aqui é fértil – as casinhas ficam no antigo leito do rio Struma e acumularam sedimentos durante séculos – seja porque cuida delas com tanto esmero, há plantas que ultrapassam a sua altura. Vanga é baixita, já um pouco cheia com a idade e muitas vezes perde-se na vegetação exuberante. São os seus momentos mais felizes. Nesse contacto com a natureza bela sente-se verdadeiramente no paraíso. Apalpa cada vaso, cada folha, sabe qual a flor que precisa de água, qual quer adubo ou mudança de terra.

Muitas vezes me admirei com os seus profundos conhecimentos de jardinagem, mas ela diz que são as plantas que lhe dizem do que precisam. Lembro-me de uma mulher lhe perguntar o que fazer porque em casa tinha arbusto que começava a morrer – por descuido tinham ferido o caule e abrira-se grande buraco. «Vão buscar tinta de óleo», disse Vanga, «e tapem o buraco. Assim o caule salva-se e a tua flor não morre.» «Pode tinta de óleo ser remédio?», perguntou a mulher. «Não sei», respondeu Vanga, «mas a tua flor disse-me qual é o remédio.»

Vanga vive realmente muito perto da natureza e o seu modo de vida dela desperta em nós nostalgia de tempo que passou e de sensações quase esquecidas do viver patriarcal. Além de flores, está rodeada de animais – cães, gatos, uma ou duas cabras, galinhas, por vezes cuidam de outro animal doméstico qualquer. Nesta zona há águias, aparecem raposas, coelhos, todo o tipo de répteis. Para não falar dos passarinhos. E como o lugar é abençoado para caçadores, na época da caça andam por ali homens de espingarda, sequiosos de matar. Mas encontram sempre a feroz resistência de Vanga. Com toda a sua autoridade proíbe quem quer que seja de destruir plantas ou animais.

E talvez graças a ela este cantinho se conservou quase intocado apesar da proximidade das cidades de Sandanski e Petrich e das aldeias vizinhas. Vanga verifica se está tudo limpo, se o quintal foi varrido, se os animais foram alimentados e recolhidos, se tudo está no seu lugar. As pessoas que agora a ajudam nas lides domésticas – uma mulher das aldeias próximas e um guarda nomeado pela câmara – sabem que Vanga é muito exigente e esforçam-se por não provocar a sua ira, porque ela é implacável com os negligentes e preguiçosos.

Atrás das casinhas há campos lavrados da cooperativa da aldeia vizinha, onde se semeiam diversas culturas que dão boa colheita. Aqui o clima é quente e crescem muito bem amendoins, sésamo, algodão; por vezes semeiam também trigo. É muito bonito, sobretudo na primavera, quando os talos verdes ondulam ao vento leve e os campos parecem tapete verde.

As pessoas consultam muitas vezes Vanga sobre o que semear e como alternar as culturas. Ela conversa com gosto sobre assuntos agrícolas e discute os problemas da terra como se fossem pessoais. Interessa-se vivamente por tudo o que se faz não só em Rupite, mas em toda a região. Ainda bem que as pessoas procuram os seus conselhos e os seguem, porque ela ajuda-as a tomar a decisão mais acertada. E não se trata apenas de agricultura.

Vanga participa ativamente na vida pública da região. Dá conselhos sobre construção de edifícios, pontes, postos de trabalho, nomeação de pessoal, abertura ou fecho de empresas, arranjos urbanísticos. Pode parecer exagerado, mas acho que o belo aspeto da Petrich atual se deve em grande parte à intervenção ativa de Vanga.

Ela contava com grande emoção sobre os vários especialistas e responsáveis de Sófia que a visitavam e como lhes pedira que trouxessem candeeiros de rua, materiais de construção ou equipamento para as fábricas da cidade. Fruto desses inúmeros encontros de trabalho são as amizades com muitos arquitetos e técnicos de fábricas de todo o país. Com que satisfação ouve Vanga dos visitantes da cidade dizerem que Petrich mudou muito e está bonita. Ela ama muito esta cidade, porque foi nela que passou a vida e está

ligada aos seus mais queridos recuerdos. Aliás, o amor é mútuo, porque as pessoas desta cidade oferecem-lhe veneração e respeito, e ela retribui com amizade e ajuda.

Nesse sentido não me parece exagerado o gesto de uma nossa velha amiga de Belgrado que, quando escreve a Vanga, endereça sempre assim: Bulgária, Vangagrad, porque captou muito bem essa ligação recíproca.

Esta região é rica. Aninhada entre as nossas duas fronteiras, com a Jugoslávia e a Grécia, é abençoada com clima maravilhoso e gente trabalhadora. Mas as pessoas, segundo Vanga, são a maior riqueza. Ela conhece muitas delas; a amizade com famílias inteiras data de 1942. Conhece o destino de muita gente, acompanha com interesse o futuro deles, a vida dos descendentes.

É precisamente a eles que dedica as horas da noite. São momentos difíceis de descrever; é preciso estar presente.

Sobre Rupite o sol extingue-se nos altos cumes da montanha Kozhuh. O silêncio envolve lentamente a natureza que adormece. Vanga senta-se no banco no banco no meio do jardim que tanto ama e repousa como dona de casa trabalhadora que terminou as lides. Na pequena cozinha algo cozinha devagar. Vanga come muito pouco, mas sabe que à mesa, nessa noite também, haverá hóspedes queridos e ela há de alimentá-los com prazer. Esses hóspedes são a sua grande família e ela não consegue existir sem a presença deles. Não me lembro de uma única noite, mesmo no inverno, mesmo com mau tempo, em que Vanga ficasse sozinha.

Vêm pessoas de todo o lado – das aldeias próximas, das cidades vizinhas, até de mais longe. Vêm simplesmente para ver Vanga, conversar sobre problemas atuais ou acontecimentos passados. Há algo muito terno e comovente nesses encontros. Gostava especialmente quando é inverno, faz frio lá fora e na sala onde chegam os hóspedes de Vanga arde fogo vivo na lareira. O calor agradável não vem só da lenha a crepitar, mas do bom ambiente que esses encontros criam. É o parlamento mais alegre do mundo. Às vezes algum dos presentes é bom cantor e, feliz pelas horas bem passadas na companhia de Vanga, quer cantar. Parece-me que foi ali, na modesta sala de Vanga, que ouvi as mais belas e autênticas canções populares da região.

Mas isso costuma acontecer no fim. Antes, todos discutem animadamente os mais variados assuntos. Falam das famílias, dos próximos. As pessoas partilham com Vanga impressões de algo que ouviram ou leram. Ela interessa-se por tudo, ouve com atenção. É boa ouvinte, mas também ótima conversadora. Adora perguntar às mulheres: «Conta lá, fizeste a limpeza da Páscoa, como arranjaste a casa, o quintal, o que plantaste na horta, o que cozinhaste?» Lembro-me de uma mulher lhe contar que tinham matado cordeiro e não sabia o que fazer com as vísceras. «Como o quê», disse Vanga,

«espera que eu te ensino: vais fazer kukurech (não sei como se chama este prato noutras zonas). Pegas em tripa de cordeiro, tripas, cebola verde, hortelã. Escaldas a tripa e as tripas com água quente até embranquecerem. Depois cortas as tripas em pedaços de uns vinte centímetros – olha que fiques com eles iguais para o prato ficar bonito; é nisso que se vê a boa dona de casa. Cortas a tripa em pedaços do tamanho da palma da mão. Picas a cebola verde e a hortelã muito miudinho e temperas de sal a gosto.

Depois pões meia colher de sopa dessa mistura verde num pedaço de tripa – fica do tamanho de um rolinho. Enrolas a tripa à volta bem apertadinho. Vais colocando os rolinhos à volta de um tabuleiro, bem juntinhos, até encher. Fica parecido com banitsa enrolada. Regas com uma colher de sopa de azeite e colorau. Assas cerca de uma hora em forno médio até secar o líquido e corar. Depois», ria-se Vanga, «manda as crianças embora e come tu.» Conheço mais alguns tipos de kukurech; esses aprendi com o meu pai quando era pastor nas aldeias; ele sabia fazer coisas muito saborosas com carne de cordeiro. Mas, no geral», continuava Vanga, «cozinho com receitas inventadas por mim e quem prova diz que ficam boas.»

E é a pura verdade. Ainda hoje me lembro do sabor das sarmas magras, pimentos e curgetes recheados, beringelas, sobremesas que ela fazia. Infelizmente não tenho jeito para culinária e agora arrependo-me de não ter anotado essas receitas. Porque cada vez Vanga cozinhava de forma diferente.

Mas, segundo Vanga, qualquer prato que faças tem de ser feito em recipientes impecavelmente lavados, em cozinha limpa e com produtos muito bem lavados. À limpeza em todos os sentidos, como já escrevi, ela liga extremamente. «Esse grande amor pela limpeza», contava um dia Vanga, «quem sabe se não o herdei da minha avó Kata, que era famosa em Strumica por ser exímia dona de casa e limpa ao extremo. Quando começava a tecer lençóis no tear, punha pano limpo no colo para não sujar o tecido. Tudo em casa dela era bordado, engomado, branqueado, resplandecente de limpeza. Por algum tempo ela e o avô tiveram sericicultura e criavam muitos bichos-da-seda. Muita gente na cidade se dedicava a isso, porque em Strumica havia muitas amoreiras.

Com os fios de seda a avó tecia lençóis tão finos e belos – “birindjiklii” de primeira qualidade – que todas as mulheres tinham inveja.»

Uma noite, em Rupite, uma mulher das aldeias próximas trouxe a Vanga colete tricotado por ela para lhe mostrar o belo trabalho. Vanga apalpou-o de um lado e do outro e disse-lhe: «Não o fizeste bem. Se fosses minha tricotadeira, nem pão te dava. O ponto pode ser interessante, mas com estes nós grosseiros do avesso e as malhas desiguais só serve para ires trabalhar no campo. És jovem e deves saber: qualquer coisa, por pequena que seja, tem de ser feita com amor e cuidado. Só assim o trabalho traz proveito e beleza. Por

exemplo: compras ou mandas fazer lençóis. Mas eu não gosto desses lisos. Nada impede a dona de casa de lhes coser ou tricotar renda bonita. Fica completamente diferente. Dá gosto dormir neles. Ou as janelas: têm de ser lavadas todas as semanas – o teu esforço é generosamente recompensado, porque nelas se reflete o sol e os raios entram mais em casa. E os cortinados devem lavar-se todos os meses. Assim é bonito e saudável.»

Na casa da minha tia havia sempre algo a ser lavado, cosido, batido ou arrumado. Aliás, isso continua até hoje.

Contam também que leram no jornal que uma mulher deu à luz quintuplétes. Comentavam que a mãe devia estar felicíssima, acontecimento assim não é comum. Vanga ouviu e depois disse: «Pensaram por que razão ultimamente nascem tantos gémeos? Como que em grupos, grupos chegam essas crianças. E não é por acaso. São almas do “exército celestial” que vêm em massa à terra porque se avizinha grande batalha espiritual. São arautos do tempo novo que exige gente nova. Não repararam como as crianças de agora são inteligentes desde que nascem? Desde muito pequenas falam de técnica, carros, aviões, computadores, aparelhos, coisas que as gerações anteriores nem sonhavam – nascem simplesmente geniais. Muitos acontecimentos interessantes estão para vir, mas é preciso ter paciência para esperarmos.»

Uma noite falava com um amigo nosso de Sófia, o escritor P. M., sobre o significado dos nomes das localidades. O hóspede era homem culto, ligado às artes, e o tema era-lhe extremamente interessante. «Sabes o que significa o nome da aldeia Slepcha? (aldeia na Macedónia) Ali viveram soldados cegos do exército de Samuel e toda a aldeia cuidava deles. Daí Slepcha, dos cegos.

E Vadoche? Sabes de onde vem esse nome? De vadi-ochi, arrancar olhos; foi perto dessa aldeia que cegaram os soldados de Samuel. E Klyuch? Ali foi onde se “desfez” a derrota de Samuel. Talvez não saibas o que significa Ohrid (cidade na Macedónia)? Antigamente, na extremidade da cidade, havia muro alto no monte onde as mulheres iam chorar as suas mágoas. Os lamentos começavam muitas vezes assim: Oh, monte! Oh, monte! E ficou Ohrid.»

Para mim era tão interessante como para o hóspede. Como Vanga contava bem! De onde saberia ela essas coisas? Anotei dessas noites de visitas a conversa de Vanga com uma búlgara, M. D., que vivia na Suécia, em 1968. Parece-me interessante e quero partilhá-la com o leitor.

Hóspede: Tanto ouvi falar de ti, Vanga, e agora estou feliz por finalmente te ver.

Vanga: Porque andam três homens atrás de ti? És casada?

H: Divorciei-me de um e agora vivo com outro.

V: Porque o deixaste? Era bom para ti. Era engenheiro?

H: Sim. Era engenheiro químico.

V: Onde está agora?

H: No Irão. Representante de uma empresa. Muito rico.

V: Tem dois filhos. De casamento anterior?

H: Sim. Já são grandes. Nunca tive problemas com eles.

V: Mas agora tem outra mulher.

H: Sim. Mas se são casados, não sei.

V: Porque o deixaste? Era o adequado para ti.

H: Havia grande diferença de idades. Estávamos muitas vezes separados porque ele viajava muito e eu ficava sozinha noutra cidade.

V: Faças o que fizeres, até aos quarenta anos terás terceiro marido e depois ficarás sozinha até ao fim da vida. Aí os tens! Ainda quando entravas na sala vinham atrás de ti. O que faz o homem com quem vives agora? Escreve, às vezes pinta.

H: Sim, gosta de pintar e coleciona quadros. Escreve. Trabalha em jornalismo. Mas tenho problemas com ele. Não temos contactos nenhum, apesar de me amar.

V: Pois, está doente, por isso não te procura. Se se tratar melhora um pouco, mas depois volta ao mesmo, não se cura.

H: Como posso ajudá-lo?

V: Não podes. Mas daqui a dois ou três anos vais deixá-lo, por mais que te agarres a ele, porque és jovem. Nós, velhas, já não nos inflamamos… Esse homem até pode ser bom, mas o primeiro marido era mais adequado para ti. Lamento que o tenhas abandonado. Mas também este com quem vives agora tem filho. De casamento anterior?

H: Sim, divorciou-se há muito e o filho não está com ele. Mas a mãe dele quer muito que fiquemos juntos.

V: Porque não adotas uma criança?

H: Ainda não decidi.

V: Fizeste uma operação, não foi?

H: Sim.

V: Feridazinha no útero.

H: Sim, exatamente. Fiquei muito assustada.

V: Não é cancro.

H: Sim, os médicos confirmaram.

V: O que fazes tu? Também pintas. Pintas em tela.

H: Desenho modelos de roupa para revista de moda, faço fotografias, digo como deve ser.

V: Porque vives noutra casa?

H: Vivo na casa do meu noivo.

V: Mas na tua casa agora vive jovem mulher, porque lha deste?

H: É sobrinha do meu ex-marido. Não tinha onde morar.

V: Porque fizeste a casa assim? Parece estalagem.

H: Sim, deitei abaixo parede e ficou grande espaço.

V: Pois, parece mesmo estalagem. Mas não faz mal. Faças o que fizeres, não dês a casa a ninguém e vai juntando uns leva para “dias negros”. Mas esse homem vais deixá-lo. A tua profissão é bem paga?

H: Às vezes ganho muito, às vezes menos. Agora sou freelancer.

V: Fumas muito?

H: Não muito.

V: Não é verdade! Fumas muito. Reduz os cigarros. Vais ter grandes problemas na garganta e pulmões. Não uses sapatos altos! Tens esporões nos pés.

H: Sim, nos dois.

V: Mas o pé esquerdo está mais afetado.

H: Sim, é verdade. Opero?

V: Sim. Onde estão os teus pais? Porque está a tua mãe deitada?

H: Faleceu.

V: O teu pai também está deitado. Aí o tens!

H: Também faleceu.

V: Quem é Maria? A tua mãe. De quê morreu? Nefrite purulenta. Morreu dos rins.

H: Sim.

V: O teu pai pergunta pela mais nova. És tu?

H: Sim, sou eu.

V: Quem te criou?

H: O meu pai e eu amava-o muito.

V: E a outra criança?

H: É minha meia-irmã, de outro casamento da minha mãe.

V: Manténs contacto com ela?

H: Não muito.

V: Porquê?

H: Parece-me muito egoísta.

V: Não é egoísta. A vida também a baralhou e virou para direção que não queria.

(…)

H: Quero perguntar-te se o trabalho por que vim à Bulgária terá sucesso.

V: Muito difícil. Tens de envolver gente importante. Para que queres esse trabalho?

H: Quero fazer projeto conjunto com revista de moda. Trago tecidos…

V: E pensas que fazes trabalho para búlgaro e ele te diz “obrigado”? Nunca! Mas tu guarda a tua casinha, vai juntando uns leva e não saias da Suíça para lado nenhum. Queres ir à América e Itália?

H: Quero.

V: Mas porquê? Turismo ou trabalho?

H: Antes trabalho, fazer alguma coisa.

V: Volto a dizer-te: faças o que fizeres, não abandones o país e o teu destino é viver também com terceiro marido.

Mas o mais interessante é ir ter com a Vanga quando há alguma festa. Por exemplo, o Anunciação, a 25 de março. Nesse dia a Vanga faz anos onomásticos, o nome dela, Vangélia, significa «portadora da boa nova», e ela presta uma especial devoção a essa festa. Reúnem-se convidados de todos os lados que vêm cumprimentá-la. O prado de Rupite enche-se de gente vestida a preceito e torna-se muito alegre. Cantam-se canções. Até há pouco tempo a Vanga gostava imenso de cantar com a irmã Liubka. As duas são muito musicais, têm vozes bonitas e interpretavam maravilhosamente canções da Dalmácia. As pessoas ouviam-nas com grande prazer. Depois, lá fora,

formava-se um coro em várias filas. Outro dia muito querido para a Vanga é o Domingo do Perdão. Aliás, é uma grande festa para todos os búlgaros, porque nesse dia as pessoas perdoam mutuamente todas as ofensas e mágoas que, voluntária ou involuntariamente, se causaram durante o ano que passou. É o dia do perdão geral. Então, além dos familiares e dos convidados, acorrem a casa da Vanga muitos pais que tiveram filhos graças à ajuda dela. Ela é madrinha de muitas outras crianças e já é «mãe espiritual» de mais de dez mil criaturas. Que mãe se pode gabar de tamanha riqueza!

O curioso é que a Vanga se lembra de muitas dessas crianças e dos respetivos pais, lembra-se de quando vieram ter com ela pela primeira vez, quando e como batizou as crianças, se foi na igreja ou ali mesmo em Rupite, qual era o padre, etc. Sempre me admirei da memória prodigiosa dela. Continua a interessar-se por essas crianças, pergunta como estudam, como vivem, quais são os seus problemas. Essas crianças, por seu turno, já têm filhos e vêm à festa. Também lhe beijam a mão com respeito e reverência e chamam-lhe «Madrinha». São encontros muito comoventes, porque se juntam centenas de pessoas unidas pelo amor ao próximo que a Vanga demonstra e pelo carinho e respeito que lhe têm. Que bom seria se houvesse mais festas assim!

Segundo a tradição, põe-se na mesa banitsa, halva branca, halva de tahini. Um dos homens pendura num rolo da massa um ovo preso com um fio e depois um pedaço da halva branca e anda à volta dos que estão sentados à mesa. Quem conseguir morder o ovo ou a halva, claro, sem ajudar com as mãos, terá sorte todo o ano. Depois tocam com um carvão em todos os presentes para que queime tudo o que há de mau à volta deles. E o mais interessante acontece lá fora, no prado, porque ali arde uma grande fogueira e todos saltam por cima dela para terem saúde e para que o fogo queime todas as forças malignas.

A Vanga adora muito a festa das Flores, assim como o Sábado de Lázaro, talvez porque está ligada às flores. Agora entre nós esta festa já não se celebra como antigamente, mas a Vanga lembra-se de como era honrada em Strumitsa e gosta de contar com entusiasmo: «Toda a semana antes do Sábado de Lázaro as raparigas colhiam várias ervas comestíveis – lapas, crista-de-galo, urtigas – num cestinho e no dia de Sábado de Lázaro faziam com elas uma banitsa chamada zelnik. À noite as moças enchiam os cestinhos com tulipas de Strumitsa e enfeitavam a cabeça com flores bonitas e verdura. Vestiam belos trajes populares e tornavam-se lazarovki. Andavam de casa em casa a cantar:

A moça varre, mãe, os pátios lisos com dois raminhos, mãe, de manjericão branco. E passou um rapaz novo e doido e disse à moça, e falou-lhe: Dá-me, moça, um ramalhete de manjerona, um ramalhete orvalhado, para eu me enfeitar.

A Vanga entusiasma-se tanto com as recordações que primeiro começa a recitar as palavras e depois, levada pelo entusiasmo, canta-as. A irmã Liubka acrescenta: «No dia seguinte, no Domingo de Ramos, toda a cidade e todos os alunos saíamos para fora da cidade e levávamos raminhos de salgueiro. O padre, montado num burro, cantava: "Comunhão, ressurreição…" A nós, os alunos, davam-nos um sininho pequeno preso numa fita que pendurávamos ao pescoço e que tilintava muito agradavelmente a cada movimento nosso. Íamos para o lugar chamado Sofilar. Depois, com os salgueirinhos fazíamos grinaldas e colocávamo-las no iconóstase.»

Sempre senti admiração pelo entusiasmo com que a Vanga fala ou organiza festas. Guardo recordações muito queridas das celebrações do Natal, da Páscoa, da Epifania, da Exaltação da Cruz. A atitude dela para com elas é muito respeitosa e de uma pureza infantil. Esta entrega total aos rituais religiosos não é casual. É a vida dela e o modo de se libertar do peso do seu quotidiano difícil. São dias em que a Vanga se entrega inteiramente a Deus e tudo o que faz nesses dias é uma profunda homenagem a Ele.

Mas não nos desviemos e voltemos às conversas da noite em casa da Vanga. Um dos convidados conta: «Eu, tia Vanga, já prestei contas à minha família. Ganhava muito dinheiro e dava-lhes. Os filhos acabaram os estudos, têm emprego, carros, apartamentos, portanto já não tenho problemas.» Espera, disse a Vanga, agora vais vender a casa e depois para onde pensas ir? «Ora, para casa de whichever dos filhos me convidar.» E ela disse-lhe: «Kocerinovo está à tua espera, homem!» (Uma aldeia depois de Blagoevgrad onde há um lar de idosos – nota da autora.) E assim aconteceu depois. O homem morreu sozinho num lar de idosos, longe de todos, apesar de achar que tinha garantido uma velhice tranquila. Trabalhara a vida toda para acabar num lar de idosos.

«Há quem pense, diz a Vanga, que tendo dinheiro pode comprar também amor, mas isso é conversa fiada. O amor não se compra com dinheiro. Ou então acha que sendo rico tudo lhe correrá bem, mas também isso não é verdade. Trabalha, trabalha o homem, acumula dinheiro e bens e depois morre e deixa tudo aos outros. Quem muito junta nunca aproveita. Outro colhe os frutos do seu trabalho. Por isso é mais acertado assim: não acumules, o dinheiro é meio de vida, usa-o todos os dias.»

Outra convidada contou que tinha estado num serviço fúnebre por uma mulher próxima e partilhava como os familiares enlutados tinham preparado uma quantidade enorme de comida, e a Vanga disse: «Não aprovo esse desperdício, essa ostentação não é ditada por grande amor ou dor pela falecida, mas apenas para mostrar aos outros, essa dor não é verdadeira, porque os sentimentos não se medem em quantidades de comida. Os meus próximos sabem quanto eu amava o meu marido, mas quando faço serviços fúnebres pela alma dele, distribuo apenas um prato de trigo cozido, algumas azeitonas e um copo de vinho. Para o morto o importante é o respeito e os

sentimentos dos vivos, não a comida, ele não precisa dela. Tomemos por exemplo Melnik. Antes da cidade há uma placa comemorativa dos nossos heróis nacionais mortos pelos turcos em 1912. Os descendentes fizeram-lhes um monumento e já acham que cumpriram o dever para com eles. Que mais podem fazer? O morto é morto, foi-se embora, nós é que devemos cuidar dos vivos. Mas também isto não é verdade, porque os mortos continuam a viver. Estão entre nós, amam-nos e ajudam-nos a compreender as verdades eternas da vida. Por isso devemos honrá-los com o coração.»

Começa-se a falar dos insucessos da equipa de futebol local, da deceção dos adeptos com o mau trabalho dos treinadores e dos jogadores, e a Vanga conclui: «Assim continuará enquanto os especialistas de futebol não começarem a escolher para jogadores crianças que tenham no máximo seis anos, como fazem com as meninas pequenas na ginástica rítmica. Em vez disso escolhem para este desporto rapazes já grandes que andam atrás de mulheres. Assim o futebol nunca se reerguerá.»

Já é tarde. Começou-se a falar da radiação e do perigo que representa para o homem e para a natureza. A Vanga encerra as conversas dizendo: «Comam mais urtigas, porque a radiação nenhuma lhes pega.» O modesto jantar já terminou, os pratos foram cuidadosamente lavados, a mesa limpa, o chão varrido para que no dia seguinte esteja tudo em ordem.

Chega o carro do conselho que a vem buscar para a levar a casa, em Petritch. Acompanham-na apenas até à porta do pátio. A Vanga não tem medo de nada e gira tranquilamente a chave. Depois dirige-se com segurança para casa. Claro que em lado nenhum se acendem luzes, porque ela não precisa delas. Alguém poderia pensar que ela se deita logo para dormir e descansar, mas eu sei que não será assim.

Já que falamos do quotidiano da Vanga, quero apresentar mais um relato da irmã Liubka:

– A Vanga não tem medo. Na casa dela em Petritch, não sei como, uma cobra entrou no jardim e enroscou-se como uma roda no tapete felpudo. A Vanga pisou-a, mas não se assustou e a cobra não a mordeu, simplesmente saiu para qualquer lado. Procurámo-la muito tempo, mas não a encontrámos em lado nenhum e nunca mais apareceu.

Embora viva sozinha e seja cega, a Vanga desce a meio da noite do segundo andar, anda pelo jardim e rega as flores. Tem um sistema nervoso forte e é muito resistente. Admira-mo-nos como durante tantos anos recebe, escuta, orienta, desmascara e aconselha milhares de pessoas quase sem mostrar cansaço. Há anos havia com ela um rapaz jovem que fazia de caixa, e uma vez ela ordenou-lhe que emitisse senhas às pessoas sem as limitar, porque ela receberia enquanto aguentasse – para que não ficassem tantos visitantes à espera lá fora.

E aconteceu uma coisa terrível: uma fila interminável de pessoas, uns entravam, outros saíam, não tinha fim. O rapaz ficou encharcado em suor, simplesmente não conseguia escrever as senhas. A certa altura disse-lhe: «Tia Vanga, deixo entrar mais? Já vou na centésima senha?» Só quando percebeu que à porta já não estava ninguém é que lhe disse para parar. Todos nós estávamos exaustos do movimento de tanta gente e do que ouvíamos de e sobre cada um, mas ela nada. Animada, bem-disposta, pronta a começar a fazer outra coisa qualquer… Sim, possuía uma força inesgotável: até há três anos era muito forte, sozinha conseguia deslocar o roupeiro de um canto ao outro do quarto.

Antigamente comprara um pequeno rádio transistor «Sokol» e onde quer que fôssemos ligava-o. Só nós ouvíamos, porque ela voava com os pensamentos para sabe-se lá onde. Esse rádio estava sempre na mala de viagem.

Há anos, não sei porquê nem por ordem de quem, funcionários invadiram a casa dela e inventariaram todos os objetos, todos eles presentes de visitantes agradecidos. Dessa ação feia a Vanga adoeceu e esteve um mês inteiro internada num hospital de Sófia. Mas durante esse tempo a casa ficou aberta e funcionários pouco escrupulosos, a pretexto do inventário, levaram o que lhes apeteceu.

Quando regressou do hospital, ela não quis entrar em casa e ficou em Rupite. Disse: «Não quero andar nas pegadas de ladrões!»

Pintámos tudo de novo, lavámos, limpámos e arrumámos exatamente como estava antes, mas ela guardou na alma uma grande dor que até hoje não desapareceu.

Uma vez perguntou-me se eu não via o rádio em lado nenhum. Disse-lhe que o tinha procurado mas não conseguia encontrá-lo, e ela respondeu-me: «Não faz mal, ele próprio mo trará.»

Como caixa trabalhava com ela um homem idoso que adoecera gravemente. Um dia veio já muito doente e confessou-lhe, depois de 15 anos, que tinha sido ele a levar o rádio e outras coisas, porque pensara que ela estava muito doente e já não voltaria do hospital. Entregou-me o rádio e pediu perdão. Ela nem tocou no objeto, apenas lhe disse: «Bem, pagaste o teu tributo por me teres roubado esta coisa. E ainda vais sofrer muito por esse ato.»

Pouco depois o homem morreu em terríveis sofrimentos.

Não sei se ela lhe perdoou, nunca mais falámos desse caso, mas admiro-me com a atitude dela – durante todos aqueles 15 anos soube onde estava o seu rádio querido, mas nunca deu a entender quem era o ladrão nem o insultou de forma alguma. No fim, todos os que se portaram mal acabam por bater à porta dela a pedir perdão, mas o que ela guarda na alma, só ela sabe.

Muitas vezes sentamo-nos a conversar e a refletir sobre a vida. A Vanga disse-me várias vezes:

– Vivemos tempos difíceis. As pessoas já nada têm em comum umas com as outras. As mães dão à luz filhos, mas não têm leite para os amamentar. Dizem que é porque estão nervosas. Não é isso. Simplesmente as crianças nada têm a ver com as suas mães, apenas vieram ao mundo através delas. As crianças nada recebem das mães: nem leite, nem calor. Entregam-nas ainda muito pequenas às creches, à noite põem-nas a dormir separadas, raramente veem o sorriso do rosto materno.

As mães estão descontentes porque os maridos não as respeitam o suficiente. Os maridos acham que se casaram apenas porque «tinha de ser». Os mais velhos estão descontentes porque os jovens não os respeitam. Ninguém é próximo de ninguém. As pessoas agora só se interessam por dinheiro. Acham que se tiverem dinheiro tudo lhes correrá bem. Não sabem que um dia esse dinheiro não lhes servirá para nada…

Há uma história muito antiga: houve um tempo em que um camelo custava 10 groschen e era considerado muito valioso. Depois veio um tempo em que havia muitos camelos e um deles custava uma aspra, mas já não havia compradores. Reflitam sobre esta história, porque chegará o dia em que as pessoas terão tudo, mas não poderão comprar nada daquilo que realmente tem valor e constitui uma riqueza inestimável – a amizade, a camaradagem, o amor, a solidariedade…

Um dia chegou-nos uma carta de uma Espanha longínqua. Escrevia uma mulher a quem tinha chegado a fama da Vanga. Talvez se tivesse interessado por ela, porque sabia muitos pormenores da sua vida. Lembro-me deste trecho da carta: «Admira-me o teu dom, Vanga. Ou, como hei de dizer com mais exatidão: contigo não há misticismo. Mas eu compreendo-te e sei como te é difícil. Vendo as coisas como à palma da mão, és obrigada (e acredito que o faças!) a dar coragem a cada um que se apresente diante de ti em busca de ajuda, mesmo vendo o fim trágico dele…»

É muito significativa esta observação da desconhecida espanhola, porque caracteriza com grande exatidão uma das principais características do caráter da Vanga – a sua nobreza e o seu humanismo inesgotável.

Todos sabemos, e eu melhor que ninguém, que a Vanga de facto não vê. Mas uma manhã, quando estava a sair de casa para Rupite, verificou-se que faltava a rede preta para o cabelo com que ela prendia o cabelo há muitos anos. Estávamos quatro mulheres no quarto e todas começámos a procurar afincadamente. Até acendemos a luz. Mas da rede nem sinal.

De repente a Vanga estendeu o pé direito e com os dedos mostrou-nos onde estava a rede:

– Quatro pares de olhos a olhar e não veem nada.

Uma minha amiga, Z. B. de Sófia, conta com grande prazer a seguinte experiência:

«Foi no inverno quando fui ter com a Vanga. Recebeu-me num quarto muito arrumadinho onde ardia um fogo vivo na lareira. A Vanga estava sentada defronte dela num pequeno divã a fazer malha. As mãos moviam-se rápidas e hábeis como as de uma tricotadeira experiente. Fiquei pasmada. Como tricotava tão depressa e tão apertado, sem falhar um único ponto, se não via! Enquanto olhava admirada e maravilhada, de repente ela virou-se para mim e disse:

– Vai dizer à mulher que está a cozinhar lá ao fundo que tire e prepare a frigideira em que fritamos o peixe.

Fui logo, mas como também queria fazer algo pela Vanga, perguntei-lhe se não me deixava limpar o peixe. E ela riu-se e disse:

– Não o podes limpar porque o peixe não está aqui, está agora a caminho de mim. Daqui a pouco trá-lo um homem da aldeia de Prepechene.

Fiquei sem palavras. O que a Vanga disse era simplesmente espantoso. Decidi a todo o custo ficar para ver se o que a Vanga dissera se confirmava. Passadas cerca de duas horas chegou um jovem e a primeira coisa que disse depois de cumprimentar foi: «Tia Vanga, apanhei peixe fresco e trago-te um pouco para comeres!»

São inúmeros os casos de manifestação da vidência da Vanga e abrangem todos os aspetos e problemas da vida humana. Mas voltemos à questão principal: que tipo de pessoa é a Vanga? Vivi toda a minha vida ao lado dela e posso responder com convicção: vive como toda a gente e não há nada de especial na sua existência. Mas vive em completa harmonia e em sintonia com a natureza, é realmente «parte dela» no pleno sentido da palavra. Por isso toda a natureza lhe ressoa e lhe fala tão claramente e ela capta os seus sinais com os seus sentidos perfeitos.

Ela consegue receber as mensagens de tudo o que a rodeia: das ervas e das árvores, das pedras e dos pássaros, dos objetos, do cosmos, do passado e do futuro. A montanha e as suas cordilheiras revelam-lhe segredos milenares, e o rio – lendas de cidades e pessoas há muito desaparecidas. Segundo ela «tudo vive» e não existe «natureza inanimada», tudo obedece a uma organização e inteligência superiores.

Há momentos em que ela não quer falar com ninguém e se alguém chama do pátio zanga-se e diz que a deixem em paz, porque está obrigada a ouvir durante horas, sozinha, os mais diversos acontecimentos e pessoas do passado e do futuro:

– Não é bom virem ter comigo quando estou assim concentrada, isso perturba-me, embora vocês não vejam com quem estou a falar…

Às vezes estou rodeada de altos dirigentes, outras vezes dos seus funcionários subordinados, mas todos são do cosmos. Quando falam, colocam-me nos ouvidos algo parecido com auscultadores, porque as vozes deles vêm de muito longe e soam como eco.

Por isso preciso de calma e de silêncio…

Às vezes estou muito nervosa e as pessoas pensam que sou má. Mas eu vejo o ambiente e o círculo que pouco a pouco se aperta à volta da terra, sofro as dores de todas as pessoas e não posso, nem ouso explicá-lo, porque uma voz muito severa avisa-me continuamente que não tente explicar seja o que for, porque as pessoas merecem a vida que levam. Como ajudar estas pessoas que cada vez respeitam menos quem quer que seja, que competem para adquirir dinheiro e bens…

Como se o objetivo do homem fosse espezinhar tudo o que é luminoso e sagrado a que chega, a custar tão caros sacrifícios…

Nesse dia, 30 de maio de 1988, a Vanga disse-me que à volta dela andava uma mulher muito bonita, vestida de branco, que estava diante das pessoas que se preparavam para entrar. Observara-a durante bastante tempo com prazer, porque o vestido da mulher brilhava como prata. Claro que ninguém via a mulher. Quando o funcionário começou a deixar entrar as pessoas, a mulher «prateada» elevou-se a cerca de dois metros do chão. Era extraordinariamente bela. «Nunca vi tanta beleza reunida numa “figura humana”, quando tinha vista e via como vocês» – disse-me a Vanga.

Aproxima-se o meio-dia. A cidade já dorme, mas a Vanga ainda está acordada. Lavada, limpa e refrescada, exatamente à meia-noite ajoelhará diante do ícone milagroso para a sua oração da meia-noite e rezará pela saúde, pela vida e pelo sucesso de toda a humanidade.

ENVIADOS CELESTES

Entramos numa parte muito delicada do nosso relato, que condicionalmente poderíamos intitular «Enviados». Parte destas conversas mais íntimas e invulgares com a Vanga já mencionei no primeiro capítulo do livro. Continuemos.

1979. Vanga:

– Vejo-os há cerca de um ano. São transparentes. Parecem-se com o reflexo de uma pessoa na água. Vestem roupas como armaduras que brilham como escamas de peixe. Parece que entre eles também há mulheres. Os cabelos parecem algas e são macios como penugem de pato, envolvem-lhes a cabeça como uma auréola – por vezes têm algo como asas nas costas. Muitas vezes, quando regresso a casa em Petritch, encontro-os sentados nos quartos. «Falo» com eles. Às vezes, ainda longe, antes de chegar ao portão do pátio, oiço sons lentos e prolongados, algo como uma melodia, como se um coro cantasse salmos.

Dizem-me que vêm da terra Vamfim, ou pelo menos é assim que eu oiço, e que ela é a terceira a contar da Terra.

– Terceira a contar de onde?

– Não me dizem, e eu também não consigo entendê-los. Não me dizem com que finalidade vêm cá. Às vezes um deles pega-me na mão e leva-me à terra deles. Vou. Ando por uma terra «semeadura de estrelas». Parece que piso sobre elas. Os que me guiam movem-se muito depressa, aos saltos. Vão e regressam. Na terra deles tudo é muito, muito bonito, há uma natureza maravilhosa, simplesmente não se pode descrever… Mas não sei porquê, não vejo casas em lado nenhum.

Estes seres ou extraterrestres, não sei como chamá-los, são muito severos. Quando falam, as vozes deles ressoam como eco. Às vezes colocam-me nos ouvidos algo parecido com auscultadores. Lá, na terra deles, tudo é muito organizado e trabalha-se muito. Estes seres dizem-me que eu sou a ligação mais direta deles com a Terra. Comunicam com muito poucas pessoas do nosso planeta. Controlam-nos.

Não me permitem falar sobre aquilo que ouço nem sobre o que vejo na terra deles.

Às vezes alguns deles dizem-me:

– Vimos por pouco tempo e temos de regressar imediatamente. Não nos peças muito nem nos faças perguntas, porque nos é proibido dizer…

Um dia dois deles colocaram duas esculturas de homens que, pelo visto, são muito famosos lá. Sei exatamente o lugar, mas não vos posso dizer onde

fica. Uma das esculturas é de um homem sentado, pensativo, como se apoiasse a cabeça na mão. A outra é de um homem de pé que segura na mão direita um aparelho qualquer, que muito vagamente posso comparar a uma pistola…

Quando colocavam as esculturas, um destes seres disse ao outro:

– Não será melhor afastá-las um pouco para o lado, para que as pessoas não as vejam?

E o outro respondeu-lhe:

– Não tenhas medo, não vês que eles são cegos?

Vários anos depois, ao regressar de Rupite para Petritch, a irmã da Vanga, Liubka, contava qualquer coisa e depois, sem querer, fechou com força o portão do pátio, e a Vanga disse-lhe:

– Não fales alto nem faças barulho, porque dentro de casa há muita «gente»!

Naturalmente, segundo a irmã, não havia lá ninguém, pois a casa da Vanga estava às escuras, silenciosa e deserta, como sempre está quando a Vanga não se encontra lá.

Mas segundo a Vanga:

– Entrei em casa e sentei-me no meio da sala do andar de baixo, e eles sentaram-se em círculo à minha volta. Eram todos homens idosos, mais propriamente anciãos, vestidos com roupas brilhantes. Brilhavam tanto que a sala parecia iluminada pelo sol. Disseram-me: «Levanta-te e ouve, que nós vamos contar-te o futuro. Não tenhas medo de nada, porque à tua porta há um guarda – “poste de ferro” (?).» Disseram-me que ainda não chegou o tempo de vos contar tudo o que partilham comigo. Mas posso citar-vos isto: «O mundo sofrerá muitas mudanças. Subirá e descerá. E o equilíbrio só chegará quando nós começarmos a falar com as pessoas!»

E outra declaração dela de há um ano:

– Vocês não veem, mas agora no céu há um grande movimento de máquinas voadoras. Dentro costumam voar três pessoas e há aparelhos muito especiais. Dizem-me: «Prepara-te para um grande acontecimento», mas não me explicam o que é.

Liubka: «Maio de 1989. Estamos sentadas com a Vanga a conversar. De repente o rádio parou. Vanga: Lá vêm eles, chegaram. Pararam lá em cima e o rádio parou.»

Recebe pessoas, vê, vê e de repente para. Diz: «Estou cansada e depois aquele que me fala retira-se de repente e eu não consigo transmitir. Quando

falo, falo, falo, de repente retira-se. Tudo o que diz nunca se alterou. O que foi dito não se anula, mesmo que tenha sido dito há 20 anos.»

Vanga: Agora vêm ter comigo golfinhos e falam-me e eu entendo-os. Dizem: «Já está muito quente debaixo de nós. Não conseguimos aguentar.»

Disseram-me um dia que Gagarin não queimou nem morreu, mas foi levado. Por quem, porquê, para onde – não me explicaram.

A definição de tempo da Vanga é: há «grande tempo», tempo e tempos.

– Observei com grande interesse os cosmonautas da Terra que primeiro pisaram a Lua. Mas eles não vos contaram nem o equivalente a um grão de mostarda daquilo que realmente viram lá…

Que seres são estes que comunicam com a Vanga e frequentemente povoam a casa dela? Segundo ela, entre eles existe uma hierarquia qualquer, porque há «chefes» que vêm mais raramente e geralmente quando têm de anunciar acontecimentos excecionais ou quando se aproximam grandes cataclismos.

Nesses momentos ela fica pálida, desmaia e da boca começa a sair uma voz que nada tem a ver com a dela. É muito forte e com um timbre completamente diferente. As palavras e frases que saem da boca dela nada têm a ver com as palavras que a Vanga usa no seu vocabulário quotidiano. Como se um intelecto estranho, uma consciência estranha se instalasse nela para anunciar através da boca dela acontecimentos decisivos para a humanidade.

Para estes seres com quem comunica, ela usa mais frequentemente os termos «a grande força» ou «grande espírito», mas isso não deve provocar os nossos sorrisos céticos; esses nomes devem ser tomados de forma totalmente condicional. Na verdade ainda nem temos termos para eles. Simplesmente ela escolheu palavras que são as mais próximas das suas conceções e compreensões.

Esta «voz» que lhe transmite também deve ser entendida de forma condicional. Soa dentro dela mesma, «na minha cabeça», como diz a Vanga, e ela compreende-a, ouve-a e responde-lhe mentalmente. Como acontece isso, ela própria não consegue explicar, mas essa comunicação é fácil e natural, embora não possa interrompê-la nem evitá-la.

A Vanga explica que estes «pontos» ou «forças» (uso novamente os nomes dela porque não sei como chamá-los de outra forma) costumam flutuar no ar, porque «a terra é impura». Provavelmente há uma explicação completamente diferente, mas segundo as conceções dela esta é uma razão perfeitamente válida.

Mais uma vez quero sublinhar que o leitor não deve tomar à letra estas explicações elementares da Vanga – sobre «incorporação de espírito», sobre «forças» que pairam no ar ou sobre «vozes» que ela ouve e compreende. Não devemos relacionar estes estados dela com superstições, misticismo ou manifestações patológicas. O facto de uma mulher iletrada, já idosa, tentar enquadrar estas sensações em moldes geralmente aceites ou em palavras que lhe são familiares não diminui nem torna elementar o problema. Temos o dever de tratar com atenção cada palavra dita por ela e procurar explicações científicas razoáveis.

O jornal «Narodna Mladej» no seu número de 11 de agosto de 1988 publicou em três partes um artigo sobre uma mulher de Plovdiv que, tal como a moscovita Djuna, adquiriu a capacidade de curar com as mãos. Na primeira parte desse artigo havia o relato da própria mulher sobre a sensação de ter sido visitada por certos «seres extraterrestres» que examinavam ou faziam algo no cérebro dela. Achei isso muito interessante e pedi à minha mãe que, quando fosse a Rupite, lesse o texto à Vanga. A Vanga ouviu o que foi lido e depois fez um comentário muito breve: «Porque se admiram? Eles já andam entre nós!»

Sob o título «Onde fica o planeta X» o jornal «Rabotnitchesko Delo» no seu número de 23 de setembro de 1988 publicou a seguinte notícia: «Moscovo, 22 de setembro (BTA). O conhecido cientista do Turquemenistão Odek Odekov propôs hipóteses interligadas que explicam alguns fenómenos naturais da Terra com a influência de civilizações extraterrestres, comunica a TASS de Ashkhabad.

Segundo o cientista, aproximadamente de 3600 em 3600 anos cria-se uma posição favorável da Terra para voos e sondagem do planeta X. Sobre este planeta enigmático falam desenhos e anotações de astrónomos da civilização suméria. Segundo as conceções antigas, o Sistema Solar é composto por 12 corpos celestes – o Sol, a Lua e 10 planetas.

Os cientistas continuam à procura deste planeta – o planeta X, que gira numa órbita inclinada e por isso é difícil de descobrir. Tendo em conta que com a terceira velocidade cósmica – 17 km/seg – o voo dele até à Terra duraria apenas 18 anos, a possibilidade de visitas de seres extraterrestres é totalmente real.

As tradições sobre anomalias atmosféricas na antiguidade, que nos chegaram em sinais hieroglíficos, lendas e mitos bíblicos, coincidem aproximadamente com períodos de visitas extraterrestres há 7600 e há 3600 anos…»

Imaginemos por um instante que este planeta de difícil descoberta já foi «descoberto» pela Vanga em 1979 e que os extraterrestres com quem ela comunica e a quem deve o seu dom profético são precisamente habitantes

desse planeta. Será verdade? Segundo as palavras da Vanga teremos de esperar 200 anos até captarmos sinais do cosmos de outros seres inteligentes ou até começarmos a comunicar-nos mutuamente, para que se confirmem as nossas previsões por enquanto ainda demasiado fantásticas.

Mas, ao contrário da Vanga, eu não sou capaz de fazer qualquer comentário sobre um acontecimento espantoso que vivi há oito anos e que ficou para sempre gravado na minha memória.

E então.

À Vanga vêm todo o tipo de pessoas com as perguntas, pedidos e problemas mais incríveis. Vêm até aqueles que querem que ela lhes diga quais os números que vão sair no próximo sorteio da lotaria para ganharem muito dinheiro, caçadores de tesouros vários que insistem que ela lhes diga onde estão enterrados os tesouros para os encontrarem. Alguns trazem documentos e mapas, pensando que se ela os segurar nas mãos a Vanga se orientará mais facilmente e dirá exatamente onde fica o lugar. Essas pessoas a Vanga despacha-as com indignação, porque não reconhece a obtenção de dinheiro sem trabalho honesto.

Um dia veio ter com a minha mãe em Rupite um homem baixinho com o pedido de interceder para ser recebido pela Vanga. Mostrou-lhe uma folha de papel amarrotada com cerca de dez linhas escritas, ou melhor, muito desajeitadamente copiadas com sinais que pareciam hieróglifos.

Por cima havia uns rabiscos como se desenhados por mão de criança, que o homem disse que representavam um mapa.

Não acredito nem levo a sério este tipo de experiências, ouvia com meio ouvido e com crescente aborrecimento, porque muita gente nos incomoda com pedidos de intermediação, e além disso tínhamos de ir a Petritch.

O homem explicava-lhe longamente que tinha levado aquele mapa a vários professores em Sófia, mas ninguém conseguira decifrar-lhe a escrita, até lhe disseram que eram disparates, porque segundo eles ali estavam simplesmente alinhados sinais que não se pareciam com nenhuma escrita conhecida. Por isso o homem viera ter com a Vanga para que ela lha «lesse» e dissesse onde estava o dinheiro.

Como a minha mãe sabia muito bem que a Vanga não gosta de receber esse tipo de pessoas, resolveu convencê-lo a desistir do encontro e, como é muito solícita com os problemas de todos os visitantes da Vanga, para minha maior (e confesso, desagradável) surpresa, ouvi-a dizer que a filha dela, ou seja eu, estudara e se ocupara de hieróglifos e talvez conseguisse decifrar-lhos.

Como toda a mãe, naturalmente ela sobrevalorizara-me muito.

O homem veio ter comigo – eu estava sentada no banco junto à casinha da Vanga – e contou-me novamente tudo com o maior pormenor.

Já completamente atrapalhada, nem o ouvia e apenas olhei de relance a folha amarrotada que me estendeu. Onde já se viu! Como havia eu de a decifrar, se os meus antigos conhecimentos universitários de escrita hieroglífica árabe e antigo-turca são, para dizer o mínimo, escassos. Era uma tarefa acima das minhas capacidades. Além disso, os «professores de Sófia» pareciam ter razão. Realmente muitos dos sinais pareciam hieróglifos árabes, mas entre eles havia outros completamente incompreensíveis para mim, que mais pareciam pequenas figuras geométricas do que hieróglifos.

Compreendi que os meus esforços eram inúteis, mas como já fora declarada pela minha mãe «capacidade em hieróglifos», propus ao homem que me deixasse copiar aquele texto e em Sófia mostrá-lo a alguns especialistas e tradutores, talvez eles conseguissem desvendar a misteriosa escrita.

O homem concordou e, depois de combinarmos que mais tarde telefonaria à minha mãe para saber o resultado, foi-se embora.

Eu, claro, esqueci-me imediatamente dele e da conversa que tivemos, porque desde o início estava convencida de que toda aquela história era uma invenção ou fruto de uma imaginação doente.

Fomos com a minha mãe a Petritch, fizemos compras, despachámos o que tínhamos de urgente e à tarde voltámos a Rupite. A certa altura a Vanga chamou-me ao quarto onde descansava e, depois de conversarmos, verificou-se que ela ouvira toda a conversa que eu tivera com aquele homem. Contei-lhe do mapa e dos hieróglifos que examinara e tornei a concluir categoricamente que era uma tolice de que não valia a pena falar.

A Vanga ouviu-me em silêncio o tempo todo, depois calou-se um pouco e disse:

– Sim, mas não é tolice! Aqui trata-se de algo imenso que não é para a boca daquele homem, nem para a tua, nem para a de qualquer outro por agora. Este texto e este mapa foram copiados muitas vezes e há muitos anos. Mais de várias gerações. Mas ninguém consegue decifrá-los. E aqui não se trata de um tesouro escondido, mas de uma escrita até agora desconhecida no mundo. Está escrita no lado interior de um sarcófago de pedra que foi escondido profundamente na terra há milhares de anos. Mesmo que encontrem esse sarcófago – não conseguirão ler a escrita. E ela é muito importante! Porque nela está registada a história do mundo – dois mil anos para trás a partir do nosso tempo e dois mil anos para a frente no futuro.

Este sarcófago foi colocado e escondido nas nossas terras por pessoas que vieram do Egito. Viajavam em camelos. Havia escravos, guerreiros e altos chefes. Numa noite de escuridão total e em silêncio absoluto o sarcófago foi

descido e coberto com enormes quantidades de terra, e as pessoas que participaram nesse trabalho foram todas mortas no local. Assim o segredo foi selado com rios de sangue inocente, para esperar o tempo em que será descoberto, trazido à luz do dia e decifrado pelas pessoas. É uma mensagem milenar de valor inestimável.

Ouvi a Vanga admirada e atónita e não acreditava nos meus ouvidos. Seria possível existir tal maravilha – uma escrita até agora desconhecida, endereçada às pessoas do futuro milénios à frente? Não tenho qualquer razão para não acreditar no que a Vanga disse até agora, mas isto pareceu-me mais do que incrível.

Quando regressei a Sófia mostrei a cópia aos meus colegas – especialistas e tradutores –, mas todos concluíram que aquele texto não podia ser decifrado e provavelmente era uma coisa sem sentido. Como continuei a achar que toda aquela história era incrível e impossível, um dia simplesmente rasguei a folha e destruí-a. Mais tarde, quando voltei a Petritch, inesperadamente voltámos a falar com a Vanga sobre o mapa e o «tesouro» escondido de que nele se trata. A Vanga achava interessante conversar sobre esse tema. Tive a sensação de que ela própria se admirava com as palavras que dizia. Perguntou-me se eu tinha mostrado a cópia aos especialistas e eu disse-lhe que sofrera um fracasso total. Ela respondeu:

– Sim, não podem descobri-lo nem decifrá-lo. Ainda não chegou o tempo!

Disse-lhe que era uma pena, porque eu tinha partilhado o que ela dissera com alguns amigos entusiastas que imediatamente se mostraram dispostos a ir para onde fosse, bastasse ela dizer-nos para onde.

A Vanga não respondeu nada, depois vieram outras pessoas e ela conversou com elas. Observava-a e parecia-me que por momentos se punha à escuta de algo e depois como se visse certas imagens, porque as pálpebras descaídas abriam-se e os olhos moviam-se por baixo delas como se seguissem qualquer coisa.

Quando voltámos a ficar sozinhas, de repente, sem qualquer ligação com a conversa do momento, a Vanga voltou ao tema anterior. Muito devagar e distintamente, muito imageticamente e como se lesse num livro – começou a descrever-me pormenorizadamente uma certa zona na montanha. Tive a sensação de que ela própria lá estava e me pintava com os mais pequenos detalhes aquilo que via: não lhe escapavam nem a vegetação miúda, nem as pedrinhas, nem os trilhos quase invisíveis. Por fim falou de uma grande rocha e disse que tínhamos de ir ao local no dia 5 de maio. Perguntei-lhe por que exatamente a 5 de maio, mas ela limitou-se a dizer:

– Por causa dos corpos celestes. Têm de observar os primeiros raios do Sol e a Lua.

E deu-me a entender que não queria falar mais sobre o assunto.

De maneira nenhuma entendi o que significava a última frase dela, mas em casa estamos habituados a não fazer perguntas desnecessárias e contentei-me com essa explicação vaga.

Fomos para a montanha ainda no dia 4 de maio. Parecíamos «rastreadores» que procuram uma pista invisível. Não sou montanhista e não sou grande coisa em orientação. Esse vaguear pelos montes mais me incomodava do que me dava prazer. Por momentos era tomada por sérias dúvidas sobre o sucesso daquela busca e várias vezes propus que desistíssemos e regressássemos à cidade. Para minha maior surpresa, porém, perto do meio-dia encontrámos o lugar.

Tão exata e pormenorizadamente mo descrevera a Vanga que era impossível admitir que nos tínhamos enganado. Vimos também a rocha que se estendia na extremidade norte de uma pequena clareira. Examinámos cuidadosamente toda a zona, mas não notámos nela nada de especial. Cheirava muito bem a ervas e plantas aquecidas pelo sol, no ar puro da montanha perseguiam-se borboletas e mosquitos, tremiam à luz do sol as folhas de grandes árvores de copa aberta.

A certa altura da tarde o céu escureceu e pouco depois caiu um aguaceiro. Procurámos abrigo sob as copas das árvores, mas ao cabo de cerca de uma hora estávamos todos encharcados até aos ossos. Num lugar plano e cómodo tínhamos montado uma tenda onde deixáramos os casacos e a comida, mas nem o oleado resistiu aos fortes jatos de chuva e a água infiltrou-se nos sacos. Tudo ficou molhado. A chuva durou cerca de duas horas, depois parou, mas o céu continuou nublado e sombrio. Escureceu. Acendemos uma grande fogueira para nos secarmos e decidimos passar a noite junto dela.

Isso parecia-me bastante imprudente, até porque éramos apenas cinco pessoas na escuridão total, não havia ninguém por perto e tudo o que trazíamos estava ensopado. Os meus amigos, porém, insistiram que não parássemos a meio do caminho, que fizéssemos um esforço para esperar ali pelo dia seguinte, para vermos se acontecia alguma coisa. Roía-me constantemente a ideia de que a nossa vinda àquele lugar completamente desconhecido era em vão, porque o céu permaneceu nublado toda a noite, não se via uma única estrela e eu sinceramente duvidava que no dia seguinte víssemos o sol.

Recebemos a manhã a conversar junto às brasas fumegantes da fogueira. O céu tinha-se limpado das nuvens e preparava-se para receber os primeiros raios de sol.

Imediatamente atravessámos a clareira e fomos colocar-nos ao pé da rocha. Não sei porquê decidimos ficar exatamente ali à espera de algo, não

sabíamos de quê, assim que saíssem os primeiros raios de sol. Provavelmente pesou nessa decisão a descoberta do dia anterior por um dos amigos de que no bordo superior da rocha havia – provavelmente escavados há muito tempo – três círculos «solares», como lhes chamam os arqueólogos, do tamanho de um pires de chávena de café, que formavam um triângulo cujo vértice agudo apontava para a terra.

Meia hora não aconteceu nada. Mas depois um raio de sol brincou no cimo da rocha, desceu mais abaixo até aos círculos solares e começou a mover-se por eles da esquerda para a direita, desenhando um triângulo de luz. Observámos esse jogo de luz durante cerca de vinte minutos e depois quase toda a rocha ficou iluminada pelo sol.

Sem sermos especialistas nem arqueólogos, sem sabermos se aquele jogo de luz era casual ou se tínhamos sido testemunhas de algum fenómeno interessante, o simples facto de a Vanga me ter dito para observarmos os primeiros raios do sol exatamente naquele dia – 5 de maio – e isso nos ter dado a sua estranha prova (se foi dito – veremos!) – tudo isso nos encheu de uma excitação e emoção estranhas.

Durante todo o dia comentámos o que acontecera, examinámos a rocha e os círculos em forma de triângulo que a «marcavam» e esperámos que caísse a noite para vermos o que nos mostraria a irmã gémea do sol – a lua.

A história do dia anterior repetiu-se. Por volta das três horas, antes de escurecer, voltou a cair um aguaceiro e mais uma vez ficámos encharcados até aos ossos. O céu continuou tapado e nublado. Pouco depois anoiteceu. Parámos diante da rocha sem acreditar que poderíamos ver algo mais, mas depressa constatámos que as nuvens se iam dissipando gradualmente e, ao cabo de cerca de meia hora, vimos a primeira estrela no céu.

Então um raio de lua, nem percebemos como surgiu, repetiu o jogo de luz do raio de sol da manhã.

Eram cerca de 21 horas.

Tudo à volta estava escuro. O raio tocou o cimo da rocha e depois, tocando várias vezes os círculos solares da esquerda para a direita, durante cerca de quinze minutos desenhou o triângulo que já nos era familiar, com o vértice agudo apontado para a terra. Em seguida o raio desapareceu. Ficámos imóveis na escuridão, a dois ou três metros da rocha escura, e ninguém ousava dizer uma palavra, mas provavelmente os cinco pensávamos o mesmo: seria casual este jogo de luz na rocha ou haveria alguma regularidade entre eles?

Mas o mais inacreditável começa agora.

Minutos depois, a face sul lisa da rocha, diante da qual estávamos, iluminou-se de dentro para fora como se fosse um ecrã de televisão e, no meio da escuridão da montanha, destacou-se num cinzento claro. E um instante depois apareceram, num branco bem nítido… duas figuras. Eram enormes e ocupavam quase todo o espaço iluminado – a parede lisa tinha pelo menos cinco metros de altura e cerca de 3-4 metros de largura; as figuras viam-se tão nitidamente e destacavam-se de forma tão relevada que eu tinha a sensação de que a qualquer momento se poderiam desprender da parede e vir na nossa direção. Foi tão impressionante que ficámos literalmente petrificados – pelo que víamos com os nossos próprios olhos e (porque hei de escondê-lo?) – pelo medo…

Tenho essas figuras tão bem gravadas na memória que não as esquecerei enquanto viver. À esquerda da rocha, em primeiro plano, em pé e de corpo inteiro, estava um homem idoso, mais propriamente um ancião, com uma túnica comprida até ao chão e cabelo comprido até aos ombros. O braço esquerdo pendia ao longo do corpo e na direita, estendida para a frente, segurava um objeto qualquer – algo como uma bola, redondo, mas não era uma bola, antes um aparelho desconhecido.

Mais ao fundo, mas mais acima e à direita, estava a segunda figura. Não sei porquê, a mim pareceu-me um faraó. Era um homem jovem sentado numa espécie de cadeira, com as pernas juntas e descidas e os braços colocados nos apoios do assento. Na cabeça tinha um toucado alto, do qual saíam de ambos os lados, acima das orelhas, saliências como antenas.

As figuras permaneceram na rocha tempo suficiente para que as pudéssemos observar e memorizar bem. Depois a rocha «apagou-se», voltou a ficar escura e tudo à volta se cobriu de uma escuridão impenetrável. De lado nenhum vinha a mais pequena luz que nos fizesse pensar em efeitos luminosos.

Quando nos recompusemos e iluminámos os relógios com a lanterna, verificámos que tínhamos observado o que vimos durante cerca de vinte minutos.

Em seguida fomos rapidamente para as tendas e, por uma ordem tácita, em questão de minutos recolhemos a bagagem às apalpadelas no escuro e, iluminando o trilho apenas com a lanterna, tropeçando em raízes e pedras, em silêncio e com uma rapidez que nem suspeitávamos ter, descemos a encosta e ao cabo de cerca de duas horas vimos as primeiras luzes da cidade.

Sentimo-nos seguros com a proximidade das pessoas e começámos a falar. Verificou-se que os cinco tínhamos observado as mesmas figuras e as nossas descrições não diferiam umas das outras…

Talvez uma psicose coletiva? Mas nós não sabíamos por que tínhamos de estar diante daquela rocha e nunca nos passou pela cabeça que veríamos algo nela. A frase da Vanga fora: «Têm de observar os primeiros raios do sol e da lua.»

Devido ao meu parentesco com a Vanga, alguém poderia pensar que eu fora avisada e preparada psicologicamente para algum acontecimento, mesmo sem saber qual era. Está bem, mas e as outras pessoas? Éramos de idades, formações e convicções diferentes. E quanto às visões da Vanga sobre a colocação por certos seres de duas esculturas invisíveis para nós, na altura nem me ocorreu. Nem me ocorreu até hoje, quando comecei a escrever sobre a Vanga e retirei das minhas pastas as anotações deixadas na minha biblioteca desde 1979. Portanto não podemos falar de sugestão. O que foi então? E por que nos mandou a Vanga para aquele lugar?

No dia seguinte fui imediatamente ter com a Vanga e contei-lhe tudo pormenorizadamente. Achou muito interessante, mas não quis fazer qualquer comentário.

Mas aquilo que vi então não me deixa em paz até hoje. De que figuras se trata – das que a Vanga viu ou de outras quaisquer? Será aquele o lugar que ela sabe mas não diz, ou será outro lugar qualquer? Que figuras são estas, quem as coloca ali e porquê, com que finalidade?

Mais tarde fomos várias vezes àquele lugar, de manhã e à noite, mas nunca mais vimos nada.

Decidimos não partilhar com ninguém essa experiência extraordinária, porque soaria a conto de ficção científica. Lembrei-me das palavras da Vanga: «Chegará o tempo dos “milagres” e a ciência fará grandes descobertas na área do imaterial. Até 1990 seremos testemunhas de descobertas arqueológicas espantosas que mudarão radicalmente os nossos conhecimentos sobre o mundo desde tempos antigos.

Todo o ouro escondido virá à superfície da terra, mas a água esconder-se-á. Está determinado!»

Acredito profundamente no que a Vanga disse sobre as futuras descobertas da ciência moderna. Espero que um dia ela descubra a chave para este estranho enigma que marcou as nossas vidas com o toque de «algo sobrenatural» e mudou tão categoricamente as nossas ideias sobre muitas coisas…

Não sei se algum dia poderei responder a estas perguntas. Não sei se algum dia compreenderei o que representa o fenómeno Vanga.

Mas voltemos agora das estrelas e ouçamos o que mais nos poderia dizer ela sobre a nossa terra, sobre o nosso tempo.

Liubka:

«O ano era 1948. A Vanga disse-me: “Guarda bem as minhas palavras, agora nos Balcãs está inquieto, mas chegará o dia em que todas as capitais balcânicas se darão as mãos para ajuda e amizade. Grandes líderes de Sófia e Bucareste, de Belgrado, Atenas e Ancara reunirão-se e discutirão, movidos pelo desejo de amizade e entendimento.”»

Realmente muito interessante esta previsão da Vanga, pronunciada há 40 anos. E começou a cumprir-se. Quando me sentei para escrever este livro, começava uma reunião dos ministros dos Negócios Estrangeiros dos países balcânicos, realizada em Belgrado, onde as conversas eram conduzidas pelo desejo de relações de boa vizinhança e paz.

Ela diz muitas vezes: «Lutar pela paz não significa necessariamente estar com uma espingarda na mão. Se inspirares nas pessoas pensamentos bons – isso é um passo sério para alcançar a paz. Muitos dirigentes de diferentes países dirigiram os seus esforços precisamente nessa direção. Não temos outra escolha. Temos de ser bons e amar-nos para nos salvarmos. Se não o compreendermos com a razão – impor-nos-ão as leis implacáveis do cosmos, mas então será tarde e custar-nos-á muito caro…

Aqui, vejo às vezes esta imagem: terra enegrecida e queimada, e sobre ela movem-se um punhado de pessoas como sombras… Não devemos permitir que a vida na terra pereça devido à nossa miopia. Chegou o tempo de fazermos o máximo esforço e livrarmo-nos de inimizades, inveja e ódio. Está determinado. Mesmo que não queiramos, a vida tem de evoluir para a frente.»

Vanga, 1978:

«Aqui, inventam-se novas leis. Tece-se um novo tipo de roupa com que vestir as pessoas. Mas ainda passará tempo até fazermos um tecido forte. Precisamos não de roupa artificial, mas de uma que nos dê calor. Passará bastante tempo, aparecerá um homem alto, um estrangeiro, e ele será bom alfaiate e bom costureiro…»

1981:

«Dar-se-ão grandes mudanças na vida das pessoas. Espera-as uma vida maravilhosa. As pessoas mudar-se-ão até ficarem irreconhecíveis. O novo tempo está marcado com muitos sinais que se manifestarão em 1990.»

Vanga, janeiro de 1988:

«Assistimos a acontecimentos decisivos na terra. Os dois maiores líderes do mundo apertaram as mãos e assinaram para provar que deram o primeiro passo para alcançar a paz universal. Mas ainda passará muito tempo. Ainda correrá muita água. Virá o Oitavo e ele assinará a paz definitiva no planeta.»

Deixando de lado, por agora, as frases cujo sentido não nos é muito claro, só podemos admirar o dom da Vanga de se expressar como poeta. Imaginemos por um instante o que nos poderia contar ela se fosse uma pessoa altamente culta e erudita.

Mas talvez tenha de ser assim…

A IRMÃ DA VANGA CONTA AINDA MAIS:

Nós, eu e a Vanga, somos irmãs de sangue. Somos filhas do mesmo pai, mas de duas mães diferentes. E a Vanga ficou órfã aos dois anos, tal como eu. A mãe dela, Paraskeva, morreu em terríveis sofrimentos ao dar à luz o segundo filho e foi enterrada com ele. A minha mãe também morreu durante o parto de uma criança que devia nascer depois de mim. Nós as duas, porém, sobrevivemos e, graças a Deus, chegámos à velhice. Juntas estivemos nos momentos alegres e nos difíceis.

Lembro-me, quando era pequena, de observar às escondidas a minha irmã Vanga quando chorava e dos seus olhos para sempre apagados caíam grossas lágrimas. Não dizia nada, apenas chorava e seguramente na alma revivia as imagens dos nossos infinitos sofrimentos. Apesar disso acreditávamos que a nossa miséria teria fim.

Nunca esquecerei um infeliz episódio daquela época. A Vanga andava pelo pátio e não percebeu que diante dela estava um caldeirão deixado ali. Bateu com o pé com muita força e abriu-se uma ferida profunda. Andou com ela muito tempo, mas não sarava. A Vanga não punha nada – nem remédio, nem ligadura. Os vizinhos olhavam-na e tinham pena, mas ninguém lhe propôs tratamento. Um dia acordou-me cedo. Certamente não pregara olho a noite toda de dores.

Disse-me: «Vai à vizinha Maria e pede-lhe um pouco de pedra-azul.» Fui ter com a mulher e, quando percebeu o que eu queria, pensou que a Vanga decidira envenenar-se e disse-me que traria pessoalmente o que precisávamos. Até veio comigo a casa. A Vanga disse-me: «Vai ao pátio, mói a pedra-azul até fazer pó, junta-o num papelinho e traz-mo! Depois vais salgar-me bem toda a ferida com ele.» A tia Maria assustou-se e disse que era perigoso porque a pedra-azul é venenosa, mas a Vanga insistiu.

Depois de lhe ter salgado bem a ferida, ela pegou imediatamente nas agulhas e começou a tricotar. Tricotava muito depressa, provavelmente para abafar a dor da ferida salgada. Certamente doía-lhe muito, mas não disse uma palavra. Só as agulhas tilintavam cada vez mais rápido e eu mal conseguia seguir-lhes o movimento com os olhos. A certa altura a ferida começou a ferver. Borbulhava e escorria do sítio doente durante bastante tempo e depois parou. A Vanga perguntou-me o que via e eu disse-lhe que já não escorria

nada, mas que o sítio ficara branco. A Vanga pareceu acalmar-se. Na manhã seguinte a vizinha veio a correr cedo para ver o que acontecera à Vanga. Estava preocupada que tivesse acontecido alguma desgraça, mas a minha irmã disse-lhe que pela primeira vez em muito tempo dormira como um anjo. Em poucos dias a ferida fechou e a Vanga curou-se rapidamente. Alegramo-nos muito na altura, porque éramos tudo uma para a outra e não conseguíamos imaginar que pudéssemos existir uma sem a outra.

Ela, de maneira igualmente estranha, curou também o pai. Ele fora muito espancado nas prisões de Edikule pelos turcos e o corpo estava todo marcado de cicatrizes. Ao mais pequeno golpe a pele inflamava-se e infetava. Um dia batera com qualquer coisa e a ferida não sarava há muito tempo. Então a Vanga fez-lhe um unguento de estopa moída e banha de porco fresca. Nenhum vizinho ouvira falar de tal unguento, mas resultou e em cerca de vinte dias o pai curou-se completamente.

Éramos dos maiores pobres e não tínhamos absolutamente nada – nem roupas, nem sapatos – e por isso davam à Vanga as roupas de mulheres falecidas para gastar. Lembro-me de uma vizinha chamada Veselina. Morreu de tuberculose e todas as roupas dela foram gastas pela minha irmã. As pessoas tinham medo de ir a casa delas porque sabiam que a doença era contagiosa, mas isso não se aplicava a nós, porque estávamos de qualquer modo condenados.

Quando viemos para a Bulgária, também não nos foi muito fácil. O meu cunhado, marido da Vanga, fora mais uma vez mobilizado no Egeu. As autoridades de Petritch viam a Vanga como adivinha e charlatã. Mandavam-lhe do conselho avisos para cumprir trabalho comunitário de 15 dias por mês. E se não fosse capaz, o que toda a gente sabia muito bem, então que pagasse dinheiro. O dinheiro que as pessoas lhe deixavam eram sempre tostões. Eu juntava-os numa caixa e todos os dias levava-os à repartição de finanças. Lá os funcionários zangavam-se comigo por não os trocar por notas maiores e terem de contar as moedas o dia todo.

Impunham à Vanga impostos elevados. Vigiaram quantas pessoas a visitavam e o que lhe deixavam, por isso os impostos eram sempre diferentes.

Quando o meu cunhado regressou da mobilização, pouco a pouco, com as suas duas mãos, começou a construir uma casa em Petritch, mas partiu muito jovem deste mundo – com apenas 42 anos. Depois a Vanga terminou-a e deixou-a tal como está agora em Petritch, mas também a abandonou e enfiou-se nos pântanos de Rupite. Por que o fez, ainda hoje não me é claro.

Visitavam-na muitas personalidades importantes. A Vanga era obrigada a recebê-las a qualquer hora. Ninguém se preocupava com ela – se estava cansada, se dormia, se comia, nada disso importava. O «grande senhor» não devia nem podia esperar. O favor fazia-se na hora. Mas também não poucos

dignitários locais lucraram com os serviços da Vanga. Se alguém tinha algum problema – com mercadorias ou materiais de construção, ou para um filho entrar na universidade – imediatamente se sabia de quem dependia a resolução do problema e levavam-no à Vanga para que lhe lesse a sina e previsse o futuro. Depois, claro, a pessoa agradecia da forma devida àquele que lhe arranjara o encontro com a Vanga. Aliás, ainda hoje é assim apesar do grave estado de saúde da minha irmã. Alguns poderosos mostravam interesse pela saúde e problemas dela, mas só enquanto estavam com ela. Depois as promessas eram esquecidas.

Apenas o Dr. Georgi Lozanov e mais tarde Venko Markovski (que a terra lhes seja leve) cuidaram realmente dela e a defenderam. Mas enquanto não se tornou «funcionária do Estado», as autoridades locais atormentavam-na e perseguiam-na por causa de várias denúncias. Era objeto de zombaria. Uma vez mandaram um polícia prendê-la e levá-la para a esquadra. A Vanga estava sozinha em casa e disse-lhe que esperasse até o marido voltar do mercado para a acompanhar. Mas o polícia respondeu-lhe: «Não posso esperar por ti! Vais ouvir o som dos meus passos e seguir atrás de mim. Assim orientar-te-ás para onde vou.» A Vanga chorou muito depois desse episódio e o meu cunhado ficou muito infeliz.

A Vanga é um centro de atração para muitas pessoas. Visitam-na por razões diversas. E apesar dos conhecidos, a Vanga repete há anos: «Estou sozinha, sozinha e um dia ficarei completamente sozinha numa tenda.» Ela percebe muito bem que quase todos os que se dizem seus amigos ou próximos vêm por interesse próprio e não por amor a ela mesma.

Agora jaz gravemente doente em Rupite na casinha pequena, quase não fala e seguramente folheia incessantemente as páginas da sua vida trágica.

Às vezes, quando estou sentada ao lado da cama dela, lembramo-nos de episódios da infância. Às vezes rimo-nos, mas mais frequentemente entristecemo-nos. Mas eu esforço-me sempre por lembrar ou contar-lhe coisas mais alegres, para lhe desviar a atenção com qualquer coisa, para a distrair um pouco. Ela anima-se com as recordações e quer sempre que lhe conte algo que só nós duas sabemos. Mas as nossas recordações são muito mais amargas.

Lembro-me da época em que chegou a autoridade sérvia a Strumitsa. Os velhos não entendiam a língua deles. O meu professor era de qualquer lado da velha Sérvia. Todos os dias, quando terminávamos as aulas, repetia-nos: «Aprendam primeiro a língua!»

Uma vez o nosso pai esmagara tabaco seco e saíra para a rua. Era um fumador apaixonado, mas não tinha dinheiro para comprar cigarros prontos. Na rua pararam-no funcionários da repartição de finanças e perguntaram-lhe em sérvio que cigarros fumava. O pai não percebeu nada e ficou quieto na rua,

sem dizer palavra. Então revistaram-no e encontraram o tabaco esmagado e papelinhos cortados de jornais para enrolar cigarros. O pai não lia jornais porque não entendia a língua, mas cortava-os em papelinhos para os cigarros. Enquanto estava na rua, os funcionários escreveram algo num papelinho e conseguiram explicar-lhe que tinha de ir à câmara municipal pagar uma multa porque era proibido fumar tabaco não processado. O pai, claro, não tinha dinheiro e então castigaram-no por esse terrível crime a partir pedra durante 15 dias na estrada para a aldeia de Dabilja. Ia todas as manhãs, com fome, sem ter comido uma migalha de pão, e como aguentou aquele trabalho pesado, não sei. Talvez no estaleiro lhe dessem algo para comer.

Os nossos irmãos também andavam esfarrapados e com roupas remendadas, a ponto de não se perceber qual era o tecido original. Mas eram rapazes muito bonitos – brancos e rosados, como se tudo lhes corresse bem.

Em Strumitsa o dia de mercado era sábado. As vizinhas iam regularmente ao mercado, mas nós raramente. De vez em quando a minha irmã mandava-me comprar um pouco de sal grosso com que os camponeses faziam pastirma. Quando o sacudiam da carne já salgada, juntavam-no e vendiam-no novamente, sobretudo a pobres como nós, mas já ao dobro do preço, porque o sal absorvera o cheiro da carne. E nós, quando às vezes cozinhávamos feijão, salgávamos com esse sal para a comida cheirar a carne.

Pela nossa rua passava um homem com uma bilha ao ombro e uma concha pendurada. Vendia leite, mas metade era água. Por dois dinares dava-nos uma concha de leite.

Em casa também lhe acrescentávamos mais água e, quando esfarelávamos nas tigelas pão seco de milho e o regávamos com esse leite, a papa cheirava muito bem. Tínhamos apenas uma galinha e um galo. A galinha punha um ovo todos os dias e com alguns ovos comprávamos às vezes pimento – se houvesse mais ovos, comprávamos até um pouco de açúcar, mas isso acontecia muito raramente.

Quando a Vanga começou a prever com açúcar, eu ficava muito contente porque gostava de comer açúcar. Apesar de a Vanga não aprovar, já podia preparar algo doce para comer, como faziam nas casas vizinhas. Isso foi em 1942, mas depois a Vanga casou-se em Petritch e acabou-se a nossa «idília culinária». O nosso irmão Vassil foi soldado para Dupnitsa e foi colocado na 7ª companhia de intendência. O irmão mais novo, Tome, foi para a Alemanha, na verdade foi levado à força com muitos outros jovens. Tinha apenas 17 anos.

Quando regressou dois anos depois, estava irreconhecível. Emagrecera tanto que as roupas mal lhe assentavam no corpo. Alegramo-nos por pelo menos ter voltado vivo. Depois também ele foi soldado para Suholod, perto de Sófia. Regressou a Strumitsa e depois constituiu família na Sérvia. Morreu em 1981.

Em 1947 constitui eu também família. Os meus três filhos eram muito apegados à tia Vanga porque cresceram ao lado dela. E ainda hoje é assim. Nos últimos anos, na nossa família até então unida, infiltraram-se pessoas estranhas, moralmente pouco escrupulosas, que tentam sempre separar-nos da Vanga. Tornámo-nos vítimas de intrigas e calúnias. Os meus filhos vivem muito mal esta situação anormal. Será possível apagar tantos anos de vida em comum com a Vanga? E em nome de quê? Às vezes exprimo amargura, mas os filhos repreendem-me e não me permitem a mais pequena crítica à Vanga. E é natural: os seus melhores recuerdos – os da infância – estão ligados à Vanga!

«Em breve verás o que vai acontecer – diz muitas vezes a Vanga. – O tempo está próximo!» Provavelmente será assim: tudo acabará por encontrar o seu lugar e ver-se-á claramente que papel desempenha cada uma das pessoas que rodeiam a Vanga.

Escrevem-se livros sobre ela, mas são poucos os que tentam realmente tocar na sua essência verdadeira. Mais frequentemente o autor procura destacar o quão inteligente é, o quanto percebe destas coisas e o quão próximo foi da Vanga. Na verdade, ninguém a conhece nem sabe nada sobre o seu mundo interior, sobre a sua vida autêntica. Quanto tempo mais viverá, só Deus sabe, mas o enigma à sua volta permanecerá.

Alguns tentam encontrar o caminho para o seu dom, folheiam o livro da sua vida, mas só encontram páginas em branco. Vieram cientistas e pseudocientistas, sensitivos, adivinhos vários, mas não entendem nada do que ela lhes diz. A Vanga zanga-se e muitas vezes responde-lhes: «Eh, se soubésseis o que vos pisa os calcanhares e o que os vossos ouvidos vão ouvir, não ficariam aqui nem um minuto!» Veio ter com ela um homem culto que trazia um gravador. Provocava a Vanga, gravava-a. Queria que ela lhe abrisse o céu para ele espreitar e depois escrever um livro. Pois bem, o livro saiu, mas não tem nada de substancial.

Vinham frequentemente também uma mulher que pensava que tudo lhe era claro sobre a Vanga e que podia explicá-lo. Mas a Vanga dizia-lhe que nem todos têm direito a conhecer os segredos celestiais e quem não foi escolhido lá de cima, por mais que faça, por mais que ouça ou grave, ficará lá em baixo, onde sempre esteve.

Aliás, esses caçadores de sensações e de pseudociências ainda hoje aparecem, mas a Vanga já não pode, ou talvez já nem queira recebê-los. O seu grave estado de saúde obriga-a a ficar deitada e há quanto tempo está absorta em si mesma, calada, a refletir, algures muito longe de nós.

Já aconteceu outras vezes a Vanga adoecer gravemente. Quando há pouco tempo fomos a Petritch, a Vanga ficou muito doente e as pernas paralisaram-lhe. Não conseguia mexer-se. Fomos às termas de Marikostinovo,

mas em vez de melhorar, a Vanga piorou ainda mais. Então pediu que a levassem a um lugar onde houvesse colmeias. Sentou-se junto a uma colmeia e as abelhas acumularam-se nas pernas dela. Começaram a picá-la. Imagino a dor enorme que a Vanga sentiu, mas não soltou um único gemido, não mexeu um músculo do rosto. Se foi dessa terapia ou do tempo, pouco depois as pernas melhoraram.

Em Strumitsa teve ainda outra doença. As pessoas chamam-lhe «vento vermelho» e mais tarde um médico disse que era herpes. Aproximadamente de quinze em quinze dias o rosto inchava, inflamava-se e a Vanga ficava irreconhecível. Em Strumitsa havia um curandeiro. Para a tratar, cortava-lhe o rosto com uma navalha afiada, depois salgava com qualquer coisa e colava por cima papelinhos finos de cigarros. Esse procedimento repetia-se duas vezes por mês, muitas vezes. Depois, quando viemos para Petritch, isso desapareceu e nunca mais voltou.

Realmente a Vanga contacta de muito perto com a natureza. Na primavera precoce, quando as rolas começam a arrulhar e estamos no pátio, a Vanga ouve-as e diz: «Olha, vem mais frio.» Pergunto-lhe como soube e ela responde-me que foi a rola que o disse. E de facto poucas horas depois o tempo muda.

Em Rupite tínhamos três cachorrinhos. Cada um parecia saber qual era a sua tarefa ali. O macho ia ao encontro do carro com que a Vanga vinha de Petritch. Todos os dias esperava num lugar determinado, longe da casinha dela, e assim que via o carro corria à frente dele e guiava-o até parar no pátio. Ali esperava que ela saísse e, quando ela entrava em casa, então retirava-se para o prado. À noite, quando regressávamos a Petritch, o cachorrinho voltava a ir à frente do carro e acompanhava-nos até ao lugar onde nos esperava de manhã. Isso repetia-se todos os dias – no inverno e no verão. Uma vez o cachorrinho acompanhou-nos novamente até à estrada, mas não voltou a Rupite; continuou a ladrar e a correr atrás de nós.

Disse ao motorista que parasse porque claramente o animal queria qualquer coisa. Abrimos a porta do carro e o cachorrinho saltou para o colo da Vanga. Ladrava e não descia. Ela disse: «Está bem, está bem!» O cachorrinho desceu do carro, mas não voltou; ficou deitado à beira da estrada. Verificou-se que a Vanga esquecera as chaves da casa de Petritch em Rupite. Descemos do carro para esperar e o motorista voltou sozinho para as ir buscar. Viu que o cão ainda esperava na estrada. Quando viu o carro, regressou a Rupite e ficou a guardar a casinha da Vanga.

Agora há muitos oportunistas à volta da minha irmã que se proclamaram «filhos» e «filhas» dela. Isso é muito desonesto. Os verdadeiros filhos dela são os meus filhos, porque os criámos juntos. Os verdadeiros filhos dela fomos eu e os meus irmãos, porque quando adoecíamos ela velava noites inteiras ao

nosso lado e aliviava as dores e os medos com um amor que só uma mãe pode ter pelos filhos. Depois ajudava-me da mesma forma quando os meus filhos adoeciam.

Quando era pequeno, o meu filho teve uma bronquite grave. Estava sempre muito agasalhado, tomou muitos medicamentos, xaropes, mas não passava. Um dia fui com as crianças a Petritch ter com a minha irmã (na altura vivíamos em Sandanski). Lembro-me que viera uma companhia de teatro. Representavam «O Candeeiro de Ferro». O meu cunhado decidiu comprar bilhetes para eu e a Vanga irmos ao teatro. Mas o meu filho teve um ataque e eu não ousava deixá-lo. A minha irmã disse: «Liubka, dá-lhe uma colherzinha de mostarda moída misturada com mel.» Dei ao menino o que a Vanga mandou, deitei as crianças e fui com a Vanga ao teatro. Estávamos sentadas tranquilamente e, quando acabou o espetáculo, regressámos.

Quando abríamos a porta, a Vanga pôs-se à escuta. Tem um ouvido extraordinariamente apurado. Perguntou-me: «Ouves algum som de batidas?» Disse-lhe que não ouvia nada, mas quando entrei no quarto onde as crianças dormiam assustei-me. O meu menino dormia, mas o coração batia-lhe tão forte que se ouvia. Perdi a cabeça. E a minha irmã gritou-me: «Não tenhas medo, não é nada grave. Agora dissolve uma colher de açúcar num copo de água e dá ao menino para beber.» Em muito pouco tempo as palpitações pararam e a criança adormeceu tranquilamente. Graças a Deus, desde então nunca mais teve bronquite.

A minha filha mais velha tinha dois anos quando agarrou com a mãozinha numa travessa quente. A mãozinha inchou como um bolo. Fiquei muito assustada e corri imediatamente para os correios para telefonar à Vanga. Junto à casa dela em Petritch viviam funcionários dos correios que tinham telefone em casa. Quando precisava, ligava para eles e eles traziam a minha irmã ao telefone. Quando, muito aflita, expliquei à Vanga o que acontecera, ela disse-me imediatamente para pegar numa gema de ovo fresca e numa colher de manteiga fresca. Derreter a manteiga e misturar com a gema até fazer um creme. Depois envolver a mãozinha numa gaze limpa como se fosse uma luva. Quando fiz o que a minha irmã mandou, a criança parou de chorar de dores, acalmou-se e adormeceu. Na manhã seguinte desfiz a ligadura e pasmei: não havia bolha, não havia queimadura – havia uma mãozinha branca e sã.

Não há mãe que não possa contar pelo menos cem histórias sobre as doenças dos filhos, e eu não sou exceção, mas conto tudo isto agora porque está ligado ao dom curador da Vanga.

Quando a minha filha mais nova era bebé de 20 dias, apareceu-lhe do lado esquerdo do peito uma protuberância do tamanho de uma ameixa. Estávamos novamente em casa da minha irmã em Petritch porque em Sandanski não havia água – houvera uma grande avaria na canalização e eu

não podia banhar o bebé. Acordámos de manhã e o bebé chorava muito. A minha irmã disse imediatamente para irmos à policlínica. Quando mostramos a criança à pediatra, ela disse que tinha de ser operada imediatamente e insistiu que a levássemos no dia seguinte, quando estaria lá o cirurgião.

A Vanga indignou-se: «Por que logo cirurgião? Não se pode ajudar com algum unguento?» A médica disse que só a operação era o único método eficaz para remover o caroço. A Vanga empurrou-me imediatamente para irmos embora. Em casa disse-me: «Pega no almofariz e mói um pouco de centeio até fazer farinha. Pega num pouco de leite fresco e manteiga fresca, junta à farinha e coze uma papa bem espessa. Põe dessa papa num pano limpo ou gaze e faz uma ligadura na criança de modo a cobrir bem o caroço.»

Fiz tudo muito rigorosamente, depois jantámos e deitámo-nos. A meio da noite o bebé gritou muito. Saltámos as duas da cama, desembrulhámos as fraldas e ficámos pasmadas. Do peito até à barriga o bebé estava encharcado de sangue e pus. Limpei bem a criança e a Vanga mandou-me ligá-la outra vez. Eu tinha medo porque no lugar do caroço havia um buraco grande, mas a Vanga insistiu. Pus novamente da papa de centeio, liguei o sítio doente e voltámos a deitar-nos. De manhã a criança dormiu até tarde. Perto do meio-dia desembrulhámos e vimos que do buraco não havia vestígio.

As receitas da Vanga são infalíveis, mas um dia veio ter connosco o professor Atanas Maleev e proibiu a Vanga de indicar às pessoas ervas ou unguentos para tratamento, porque poderiam processá-la. Havia médicos especialistas suficientes na Bulgária que tinham estudado anos a fio e podiam curar qualquer doença.

Oxalá fosse assim, mas não é. Um ano depois de ter tido sarampo, ao meu menino de 5 anos apareceu um grão na extremidade do olho esquerdo. Levámo-lo ao médico, mas ele não ousou propor nada nem fazer diagnóstico e sugeriu que levássemos a criança ao hospital distrital de Blagoevgrad, onde havia especialistas melhores. Liguei imediatamente à Vanga em Petritch e ela disse: «Está bem, amanhã vamos juntos, mas venham buscar-me agora. Durmo esta noite em vossa casa e de manhã vamos a Blagoevgrad.» À noite, porém, disse-me: «Derrete um pouco de cera, faz uma torta e quando arrefecer põe no sítio doente.

Fixa com adesivo.» De manhã levantámo-nos cedo porque o comboio para Blagoevgrad saía às 6 horas. Quando acordei a criança e tirei o adesivo, o grão colara-se à cera juntamente com a raiz, comprida como meia cabeça de fósforo. No sítio doente havia apenas um buraquinho. A Vanga disse que já não era absolutamente necessário ir ao médico porque a criança estava curada. Alegramo-nos todos muito e eu improvisei uma mesa com o que tinha para celebrar a saúde da criança. O meu sogro disse: «Olhem, isto sim é tratamento – ajuda imediata e segura.»

Quando o meu sogro acumulou muitos anos e adoeceu e caiu de cama, a Vanga veio visitá-lo. Contou-lhe histórias engraçadas e ele animou-se. Quando saímos do quarto, a Vanga disse à minha sogra: «Tia Mario, prepara-te! Todos os seus familiares falecidos estão à volta dele e esperam-no. Não tens tempo!» A minha sogra, apesar de muito religiosa, assustou-se e chorou, e o meu sogro morreu realmente dois dias depois.

À Vanga é-lhe realmente dado o direito de contemplar e saber o que espera cada um e repete sempre: «Se as pessoas soubessem o que as espera, não quereriam ficar na terra nem mais um instante.» Eu pergunto-lhe sempre o que é isso, mas ela diz-me que ainda não chegou o tempo de interpretar essas palavras e, quando chegar, cada um o sentirá e compreenderá por si. Se será bom ou mau, só ela sabe.

Não sei porquê, alguém tentou mudar a data de nascimento da Vanga – de 31 de janeiro para 3 de outubro. Realmente não estive presente no nascimento da minha irmã porque ela é 15 anos mais velha do que eu, mas quem mais poderia saber quando nasceu a Vanga senão eu? 3 de outubro na sua biografia, e isso em 1967, é a data em que a Vanga foi declarada funcionária do Estado e contratada com salário pelo Instituto de Sugestologia. Se falarmos de nascimento nesse dia, podemos falar do «nascimento» de alguma mudança, de algum ponto de viragem na sua biografia, mas isso é outra coisa. A data de nascimento da Vanga é 31 de janeiro de 1911.

Lembro-me muito bem desse ano de 1967. A Vanga já era oficialmente reconhecida como fenómeno. Começaram a chegar pessoas de todos os lados. Os hotéis enchiam-se e alguns visitantes dormiam nas mesas do mercado. Pois bem, um dia visitou-a (já falecido) o professor Jankov. Conversaram a sós durante muito tempo. Lá fora a multidão crescia continuamente, o tempo passava e eles a conversar, a conversar. A certa altura o professor saiu e, para minha grande surpresa, dirigiu-se às pessoas. Disse que realmente a Vanga era um fenómeno extraordinário e que a natureza concedera uma grande graça naquele dia. Precisamente ali, naquela casa comum, entre pessoas comuns, e não num palácio qualquer. E o mais espantoso era uma mulher completamente cega dar os seus conselhos e intuições tanto a gente simples como a pessoas cultas, sendo ela própria analfabeta.

Por isso o professor declarou que esse dom só podia vir de cima e apontou com o dedo para o céu. Não teve medo de fazer esse gesto apesar de ser um cientista.

Lembro-me também de outro caso daqueles anos. Uns parentes nossos de Parvomai, no distrito de Petritch, de quem a Vanga era madrinha, mandaram-nos um carro e convidaram-nos para sua casa porque iam matar um porco. Fomos, mas não fomos sozinhos. Antes disso houvera um concerto

de Stefka Berova e Jordan Marchinkov no salão cultural de Petritch. Tinham-nos convidado e fomos ouvi-los um pouco. Depois do concerto, Stefka e Dancho ofereceram-nos um disco com as suas canções e a Vanga convidou-os a vir connosco a Parvomai. Foi muito agradável para todos. A Vanga adora canções. Antes, quando éramos mais novas, cantávamos muitas vezes juntas e fazíamos um belo dueto. A canção preferida da Vanga é «Escurece, montanha, escurece, irmã». No grupo dos cantores estava também a irmã de Julieta Shishmanova – Veska. Era atriz. A certa altura, à volta da mesa onde estávamos sentados, começou a tocar música.

As pessoas levantaram-se para dançar o horo. A minha irmã perguntou-me: «Quem está sentada ao meu lado?» Disse-lhe que era a Veska. A Vanga chamou-a: anda, Veska, levanta-te para dançar. E a coitada (que a terra lhe seja leve) estava encolhida ao lado dela e muito atrapalhada disse-lhe: «Tia Vanga, diz-me só “sim” ou “não”. Acredito muito em ti, obedecerei e compreender-te-ei.» A Vanga disse muito alto «sim». Todos ouvimos, mas naturalmente não percebemos do que se tratava. A Vanga não nos explicou nada e fez bem. A Veska perguntara-lhe algo muito íntimo e a minha irmã não revela segredos.

Mais tarde soube pela própria Veska que queria saber se a irmã estava viva. Trata-se de Julieta Shishmanova. Todos sabemos da catástrofe aérea de 1978 em que, a caminho da Polónia, morreu toda a nossa seleção nacional de ginástica rítmica, juntamente com a treinadora. A Veska não acreditava que a irmã tivesse morrido porque circulavam rumores de um grande crime, de manobras, em consequência das quais as crianças estariam vivas e raptadas. Esses rumores não lhe davam paz e, enquanto viveu, tentou incessantemente descobrir qual era afinal a verdade. Na realidade essa verdade ainda hoje não veio à luz do dia. Como foi exatamente e o que aconteceu, só Deus sabe. Na verdade também não sei com certeza a que se referia esse «sim» que a Vanga pronunciou. A Veska levou a pergunta para a sepultura e a Vanga desde então nunca mais falou sobre o assunto.

Quando éramos mais novas e fortes, íamos passear perto do restaurante «Yavonite» em Petritch. Ali nos bancos já nos esperavam as nossas amigas de longa data Iorda, Vera, Marika. Viamo-nos frequentemente até a minha irmã ir para Rupite. Ali nos bancos havia conversas de todos os tipos. A Vanga descansava verdadeiramente porque não a obrigavam a «ver».

Desde pequena ficou-me o hábito de me levantar de madrugada. A minha irmã não permitia que o sol nos encontrasse na cama. Dizia sempre: «Assim que amanhecer, põe-te a trabalhar. O dia é para o trabalho, a noite para o sono e o descanso.» Ordenava-nos que nunca nos deitássemos à noite sem sacudir bem os cobertores. «Os pesadelos que sonhaste na noite anterior não devem ficar nos cobertores» – explicava-nos.

Quando regressávamos à noite de Rupite, a Vanga ia imediatamente para a casa de banho, lavava-se muito bem e depois limpava tudo até brilhar. Só então subia para o quarto para dormir. Nunca alterou essa ordem, por mais tarde que chegássemos. Tinha uma disciplina maravilhosa na cozinha e nas refeições. Fosse o que fosse, exatamente às 12 horas o almoço estava pronto e servido na mesa – todos os dias diferente. Lamentava os homens de hoje porque as mulheres não cozinham, para não engordarem, e os seus fortes maridos tomam ao pequeno-almoço pastéis frios, ao almoço sandes e café e à noite mais ou menos o mesmo.

E que preparativos fazíamos antes das festas… Antes da Páscoa, na Quinta-feira Santa, levantávamo-nos antes do nascer do sol para pintar ovos; para Santa Maria fazíamos pão de grão-de-bico; para o Natal, baklava. A Venetka, a filha adotiva criada pela Vanga, inventava sempre coisas para decoração e em casa era muito alegre e festivo.

Os habitantes de Petritch celebram o dia de São Jorge como dia da cidade. Ainda no dia anterior amassávamos e cozíamos deliciosos simits e outros doces, preparávamos muitos pratos. No dia seguinte íamos para as alturas da montanha Belassitsa acima da cidade. Estendíamos mantas limpas e fazíamos uma rica mesa na relva. A Vanga contava às crianças inúmeras histórias, ensinando-as ao mesmo tempo e dando-lhes exemplos de como na terra são recompensados tanto o bem como o mal que o homem faz.

Num desses piqueniques veio connosco uma conhecida jornalista de Belgrado. Perguntava pelos problemas do seu país e pela possibilidade de os resolver. E a Vanga disse-lhe que a impiedade dos sérvios trazia e traria ainda problemas mais graves ao seu país. O encontro, claro, foi antes da guerra na antiga Jugoslávia. «Não dás conta por que será assim? – perguntava a Vanga à jornalista. – Vocês todos, em vez de “bom dia” ou “boa tarde”, a cada palavra praguejam e até inventaram pragas com que insultam Deus. Que misericórdia, que bem esperam então dele? Cada pessoa faz a sua escolha e depois carrega as consequências.»

Uma noite, ainda quando o pai era vivo e vivíamos em Strumitsa, levou-nos às duas à aldeia de Pogolevo. Ali havia uma igreja dedicada à Virgem, construída no meio do campo, bastante longe da casa da avó Velika – a mulher que cuidava do templo. Ela recebera esse privilégio porque, a grande profundidade no mesmo lugar, encontrara e desenterrara uma pedrinha branca em forma da Santa Mãe de Deus com o Menino. Essa pedrinha estava num lugar bem visível na igreja, colocada num pequeno caldeirão de prata branca.

O pai levou-nos ali porque se falava da ajuda que a Virgem dava às pessoas doentes que lhe pediam auxílio. O seu maior sonho era que a Vanga voltasse a ver. Por isso decidimos passar uma noite as duas na igreja a rezar pela cura dela. Quando escureceu, a avó Velika trancou-nos por fora e foi para

casa. Eu e a Vanga deitámo-nos numa esteira e enroscámo-nos uma na outra. Provavelmente adormecemos depressa, mas à meia-noite acordámos as duas com um ruído. Olhei à volta. Estava assustada com o ambiente invulgar. Não vi ninguém, mas por cima de nós, por toda a igreja, começou a circular um ponto luminoso do tamanho de um carvão. Rodava de parede em parede durante cerca de vinte minutos e depois desapareceu. Até de manhã não tornámos a dormir.

Quando a avó Velika veio abrir a porta, já estávamos levantadas. Sussurrávamos sobre o que eu vira e ela disse-me que a luzinha era a Virgem. Fiquei ainda mais admirada com a avó Velika. Assim que abriu a porta, disse-nos imediatamente: «Viram que a Mãe de Deus vos visitou esta noite. Devem estar muito contentes.» Estávamos emocionadas e esperávamos sempre que a visão voltasse à Vanga. E foi-lhe dada, mas não para ver o nosso mundo pecador e limitado, mas as moradas infinitas de Deus.

Há anos, enquanto ainda estávamos em Petritch, chegavam à Vanga muitas cartas do mundo inteiro. Respondíamos, porém, raramente. Eu vivia o que estava escrito nas cartas e os sofrimentos de todas as pessoas como se fossem meus, lia à Vanga todas as cartas, mas ela raramente me mandava responder a alguma. Porquê – não sei. Talvez o contacto pessoal tenha grande importância.

Um dia, ainda muito cedo, bateram à porta duas pessoas – um casal da Checoslováquia. A filha deles, de 8 anos, deixara de falar de repente. Tinham escrito várias cartas à Vanga mas não receberam resposta e por isso decidiram vir pessoalmente. A mãe explicou à Vanga que na escola um rapaz dera uma bofetada à menina, esta ficara muito assustada e desde esse momento deixara de falar. Quando queria dizer algo, escrevia num papel. A Vanga disse-lhe que a criança falaria de forma totalmente inesperada. Enquanto falávamos com os pais, a menina estava lá fora no pátio. Já se tinham reunido cerca de 200 pessoas.

Todos queriam passar à frente. Houve grande confusão. Provavelmente alguém quis impedir a multidão que avançava e, ao tentar impor ordem, sem querer prendeu a mão da menina na moldura do portão do jardim. De repente ouvimos alguém gritar lá dentro e os checos correram para fora. Por mais incrível que pareça, era precisamente a filha deles que gritava. Corri, peguei-lhe na mão e pus o dedinho esmagado debaixo do jato da torneira do jardim. Atrás de mim vieram a correr os pais e a menina, da forma mais natural, como se nunca tivesse tido problema nenhum, começou a contar-lhes o que lhe acontecera. Fora um milagre, e ali mesmo, naquele lugar. Eis por que razão aquelas pessoas tiveram de vir da Checoslováquia até aqui e não esperar por cartas. Não consigo descrever a alegria daqueles pais quando voltaram a ouvir a voz da filha.

Em Petritch, eu e a Vanga íamos à igreja em todos os feriados e, obrigatoriamente às sextas-feiras, ao pequeno mosteiro de Santa Petka, nos arredores da cidade, independentemente de o tempo estar bom ou não. A minha irmã era muito saudável e fisicamente forte. Quando começávamos a andar pela estrada, caminhava tão depressa que eu mal conseguia acompanhá-la, mesmo conduzindo-a pelo braço. Depois de 1967, o conselho nomeou-lhe um guarda e ele acompanhava-nos para todo o lado. Chamava-se Atanas, era um funcionário aposentado do Ministério do Interior.

Apesar de ele supostamente estar treinado e ter trabalhado muito, quando a Vanga se dirigia ao mosteiro, não conseguia alcançar-nos e ia a correr atrás de nós. Mas a Vanga não o fazia de propósito. Ela simplesmente era muito enérgica e caminhava rápido e com passo firme. Aquele mosteiro era muito bonito, rezávamos e descansávamos maravilhosamente na tranquilidade e na paz. Mas um dia os responsáveis da igreja desentenderam-se por qualquer motivo e, depois, um raio atingiu o mosteiro e deixámos de lá ir.

Quando começámos a passar mais tempo em Rupite, tornou-se claro que precisávamos de arranjar água fria de alguma forma. Em todo o lado onde se escavasse, saía imediatamente água mineral quente. Mas quem não precisa dela não deve bebê-la e, além disso, não podíamos cozinhar com ela. Os alimentos ficavam com um sabor completamente diferente, nada agradável. Um dia, a Vanga disse-me: «Pega-me na mão, eu mostro-te onde há água fria.»

Caminhámos um pouco, de repente a Vanga parou e, com o pé, indicou o lugar. Disse: «Aqui por baixo há água fria boa.» E era verdade. Fizeram uma sondagem e, a cerca de seis metros de profundidade, encontraram a água.

Nos últimos anos, surgiram muitos materiais sobre Nostradamus. Um dia fui ter com a Vanga e li-lhe um artigo de jornal sobre as profecias dele. A Vanga ouviu com muita atenção e depois disse, muito sucintamente: «Realmente é interessante, mas nem tudo o que Nostradamus escreveu é verdade.» Pode ser que tenha razão. Já passaram quase quinhentos anos desde a época em que ele escreveu os seus versos.

Há dois anos, a minha filha mais nova, juntamente com o marido, esteve de férias na ilha grega de Samotrácia. Quando regressou, veio visitar-me a Sandanski e, nesse mesmo dia, ao fim da tarde, fomos ver a Vanga. A minha filha contava, muito emocionada, a beleza impressionante da ilha e a atmosfera especial que envolvia todos os visitantes. Referiu que sentia constantemente à sua volta uma presença invisível e que, quando adormecia, sonhava sem parar com sonhos extraordinários, fantásticos. O marido dela e também amigos deles tinham tido as mesmas experiências. A Vanga disse-lhe: «Realmente, é uma ilha fantástica, habitada por almas que viveram naquele lugar maravilhoso há milhares de anos e que saturam o ar com uma sensação especial, mas

agradável. No entanto, as pessoas de hoje ainda sabem muito pouco sobre ela. Perto da costa da ilha, mas a maior profundidade, há coisas muito interessantes para os arqueólogos. Vejo-as: são fragmentos de colunas de mármore trabalhadas com grande mestria. Faziam parte de grandes templos e palácios. Ainda não foram descobertas, mas chegará o dia em que serão retiradas do mar e causarão grande sensação. Passados muitos anos, porém, a ilha já não fará parte do Estado grego, mas passará a pertencer a Itália. Infelizmente, também esta ilha já não foi poupada às influências negativas das paixões e vícios modernos.

Vejo por vezes uma imagem assim: a Bulgária também não escapará, as pessoas tornar-se-ão tão depravadas que começarão a fazer amor nas ruas. Eh, se soubessem a que preço se entregam aos seus sentimentos mais baixos, nunca ousariam cometer adultério. Mas lembrem-se: ninguém ficará sem castigo.

Um dia, a minha irmã disse-me: «As pessoas não compreendem o sentido das palavras. Ora vejam, anunciaram-me nos jornais como “santa viva”, profetisa e sei lá mais o quê. Por acaso existem santos mortos? Mas eu não concordo com essas definições e não as aceito. Penso em mim mesma como uma mártir, mas neste mundo ninguém tem a vida fácil, eu simplesmente sigo o destino que Deus me reservou. Só Ele pode determinar quem é quem.»

AS PROFECIAS DE VANGA

«… a profecia não é para os que não acreditam, mas para os que acreditam.» (1 Cor 14,22)

Dito em 1971: «Haverá grandes mudanças na vida das pessoas. Elas mudarão até ficarem irreconhecíveis.»

Não corresponde isto ao caos social e espiritual que vivemos hoje? A Vanga parece tê-lo pressentido já há vinte e cinco anos.

1981: «Haverá grandes mudanças na vida das pessoas.» «O novo tempo está marcado por muitos sinais e acontecimentos que se manifestarão em 1990.» «1991 será um ano de ansiedade e dificuldade. Muitas cidades e aldeias serão destruídas por terramotos e inundações, cataclismos naturais e sociais abalarão a Terra.» «Prevalecerão as pessoas más, e os ladrões, delatores, bêbedos e prostitutas serão incontáveis.» «Entre as pessoas criar-se-ão ligações frágeis e duvidosas que se desfazem logo no início.

Os sentimentos serão fortemente desvalorizados e apenas a paixão falsa, a ambição e o egoísmo servirão de estímulo às relações.» «Haverá muitas mudanças, virão novos líderes, outros serão afastados dos seus cargos.» «Esses novos cargos serão ocupados por mulheres, mas esses novos lugares

não serão a sua vocação.» «Muitas pessoas aposentar-se-ão por medo, outras serão varridas dos seus postos como com uma vassoura.»

Agora não podemos negar que a Vanga nos deu um quadro absolutamente preciso e concreto da nossa vida nos últimos anos, que ela viu há quinze anos. «Em 1981 o planeta esteve sob signos muito maus, mas no ano seguinte será povoado por novos espíritos. Deles virá bálsamo e muita esperança.» «1981 nada deu às pessoas, mas tirou muito a todos.» «1982 é um ano que brilhará com uma nova luz boa. Novos espíritos povoarão a Terra e alguns serão vistos.» «Uma luz mais brilhante brilhará em Jerusalém.» «Virão pessoas não com cultura, mas com conhecimento.» «Virá a palavra "Volga" e ela será glorificada sobre o planeta.»

Sei pela Vanga que, ainda antes de partir, Lyudmila Zhivkova ouviu com grande emoção estas previsões e sonhava com esse tempo. Perguntava-lhe: «Vai chegar depressa esse tempo?» Não, não é já – respondia a Vanga. – A Síria ainda não caiu!

Que Síria é essa, não compreendo, o tempo nos dirá, por isso continuo… «1981 trouxe desgraças a muitas pessoas, levou muitos líderes.» «1982 é boa para a cultura, mas chegará o dia em que as pessoas que trabalham nessa área serão examinadas e limpas como o trigo do feijão.» «1982 trará muitas coisas novas e muita esperança. A sua força começa a 22 de março, quando as flores brotam e as aves chegam do sul.» «Esperai mudanças para melhor.»

Falar de "melhor" nestes tempos inquietos parece um pouco absurdo, mas a Vanga pressentiu, já em 1981, o nascimento de influências melhores sobre o nosso planeta, provocadas por novos espíritos – portadores de luz, bondade e esperança. É com isso que explicamos o otimismo inesgotável da Vanga, que ainda hoje não cessa de afirmar: «A crise no plano espiritual passou. Falta que se realize também na Terra. Esperai mudanças para melhor.»

Ainda em nome desse bem, já em 1948 partilhara com a irmã: «Lembra-te do que te digo! Agora nos Balcãs está inquieto, mas chegará o dia em que todas as capitais balcânicas se darão as mãos em ajuda e amizade. Os grandes líderes de Sófia e Bucareste, de Belgrado, Atenas e Ancara reunirão-se e discutirão o tema da preservação da paz e da cooperação mútua.» Notícia na imprensa: a 7 de julho de 1996, por iniciativa da Bulgária, convocou-se uma reunião dos ministros dos Negócios Estrangeiros dos países balcânicos para a paz e a cooperação mútua.

E aqui está outra previsão muito interessante de 1978: «Estão a inventar novas leis. Estão a "tecer" um novo tipo de "veste" com que "vestir" e "aquecer" as pessoas. Mas ainda passará muito tempo até fazermos um "tecido" resistente. Precisamos não de "veste artificial", mas de uma de que as pessoas

sintam calor e segurança.» «Passará muito tempo. Aparecerá um homem alto, um estrangeiro, e ele será um bom “alfaiate” e bom “costureiro”.»

Aqui quero escrever algumas frases a propósito do trecho acima. Quando saiu o livro biográfico sobre a Vanga, alguns políticos, antigos e atuais, de alto escalão, diziam aqui e ali que esta profecia da Vanga se referia precisamente a eles. Com o risco de os desiludir, direi que dificilmente a Vanga se referia à estatura física do futuro líder e salvador da nação. Antes, por “alto” entendia a altura moral do futuro líder. Mas como, segundo a sua escala moral, ainda não temos um líder assim “alto”, ela mencionou a palavra “estrangeiro”. E há mais…

A propósito da visita de Simeão II e da mulher ao nosso país, o trecho acima voltou a ser objeto de acesas discussões em certos círculos sociais. Devo sublinhar categoricamente que não me recordo de a Vanga ter identificado o “estrangeiro alto” com Simeão. Se é ele ou outro, dificilmente saberemos pela Vanga. Esperemos que o tempo no-lo indique, desde que sejamos suficientemente inteligentes e moralmente elevados para decifrar as suas mensagens.

Quanto às leis que “tecemos” ainda agora, não devemos esquecer um importante aviso proferido pela Vanga já em 1978: «Não devemos permitir que a vida na Terra pereça por causa da nossa miopia. Chegou a hora de fazermos o máximo esforço para nos livrarmos das inimizades, inveja e ódio. ASSIM ESTÁ DETERMINADO! Mesmo que não queiramos, a vida tem de avançar. Se não o compreendermos com a razão, impor-nos-ão as implacáveis leis do cosmos.»

Tenho dito muitas vezes e continuo a afirmar que a Vanga nunca diz o que quer que seja se não estiver ligado a algum acontecimento, se não quiser dar-nos alguma indicação. Refiro-me a uma parábola das páginas anteriores, quando a Vanga conta que Deus enviou um anjo para ver o que havia na Terra depois de ter ordenado que se abrissem todas as sepulturas. Quando o anjo voltou ao céu, disse que não conseguira distinguir quem tinha sido juiz, soldado ou simples, porque só vira ossos brancos debaixo da terra. Que sábia é esta história. Ela mostra-nos que todos os seres humanos são iguais. A própria vida no-lo prova de forma eloquente.

Grandes figuras que recentemente se “divinizavam” no poder revelaram-se absolutamente insignificantes e mesquinhas. Há cerca de três anos contei à Vanga como estava agora o mausoléu de Georgi Dimitrov, sem omitir que no verão não se conseguia passar perto dele devido ao cheiro insuportável que se espalhava, porque as pessoas usavam o mausoléu como casa de banho. A Vanga ouviu-me atentamente e disse-me: «Viste agora qual é a moral? Georgi Dimitrov era uma pessoa como todas as outras. Mas não! Expuseram-no num mausoléu para as pessoas se curvarem diante dele como se fosse uma

divindade. É como se quisesse dizer: “Görüm beni (turco – vejam-me) quem eu sou!” Então, quem és tu? Chegou a hora de Deus nos mostrar quem ele é, agora toda a gente lhe urina no “grande”. Não há grandezas assim na Terra. Todos nós somos pessoas e todos erramos.»

O nosso tempo atual a Vanga ilustrou-o com outra história de que provavelmente o leitor se lembra: houve um tempo em que um camelo valia 10 groschen e era uma mercadoria muito valiosa. Depois veio o tempo em que o mercado se encheu de camelos, já valiam menos, mas não havia compradores. Comentário da Vanga: «As pessoas pensam que, se tiverem muito dinheiro, tudo estará bem, mas não é assim. Um dia podem ter tudo, mas não poderão comprar nada do que tem verdadeiro valor – amizade, amor, solidariedade e misericórdia.»

Realmente, hoje em dia quase não há “compradores” de tais mercadorias, mas isso não ficará sem castigo. A Vanga sublinha: «A vida do homem é uma cadeia de processos e fenómenos interligados. A violação de um dos elos pode levar à perturbação da harmonia na natureza.»

Aqui está outra previsão interessante de 1981: «Aparecerão muitas doenças desconhecidas. As pessoas começarão a cair nas ruas sem causa aparente e sem terem estado doentes antes. Chegará o dia em que desaparecerão da face da Terra diferentes plantas, legumes, animais – primeiro a cebola, o alho, a pimenta; depois as abelhas, e o leite tornar-se-á prejudicial.»

Suponho que há anos esta profecia tenha provocado bastantes sorrisos céticos nos nossos especialistas. Mas hoje temos de reconhecer que a Vanga tinha novamente razão. Sobre a “doença desconhecida” SIDA começou-se a falar no nosso país alguns anos depois. E a Vanga não diz doença, mas “doenças” – o que mais nos espera? Depois de sabermos de várias novas pragas e bactérias assassinas, devemos estar alerta, porque a Vanga prevê futuros “milagres” em todas as esferas da nossa vida. Quanto às abelhas, já ouvi de apicultores experientes que estão a diminuir; sobre os legumes não sei, mas sobre o leite prejudicial tanto a nossa como a imprensa mundial fazem continuamente revelações.

Lembro-me agora apenas de uma notícia de abril de 1994, em que se dizia que se descobrira um pasto sob o qual estavam enterradas toneladas de resíduos radioativos. Os especialistas recomendavam que não se usasse o leite das vacas que pastavam lá, porque era prejudicial. Mas dificilmente será só o leite a tornar-se prejudicial. Há mais de vinte anos a Vanga recomendava aos responsáveis agrícolas que semeassem mais centeio nos campos, para que as pessoas pudessem comer mais pão de centeio. Tinha grande importância para a saúde das pessoas de hoje, que estão sujeitas a toda a espécie de venenos na água e no ar.

Não bastasse isso, na mesma altura previu que «a água se esconderá», e que o ouro escondido debaixo da terra viria à superfície. Que «a água se escondeu», sentimos muito bem há alguns anos, então realmente a valorizámos e compreendemos que é mais preciosa do que o ouro. E este também começou a aparecer. A imprensa mundial e a nossa publicam frequentemente materiais sobre importantes descobertas arqueológicas, insuspeitas para o homem contemporâneo. Provavelmente assistiremos a achados ainda mais grandiosos, porque a Vanga sublinha muitas vezes que «chegou o tempo dos milagres e muitas coisas secretas serão reveladas».

Uma das maiores revelações para mim é que a consciência humana começará a mudar. A Vanga fala deste importante ato também há cerca de vinte anos: «A humanidade ainda passará por muitos cataclismos naturais e sociais, será testemunha de muitos acontecimentos turbulentos, mas eles começarão a mudar a consciência humana. Os tempos difíceis que se aproximam dividirão as pessoas em grupos segundo a fé. E depois virá ao mundo "o ensinamento mais antigo".»

Sobre a divisão religiosa das pessoas já temos prova cabal também entre nós. É difícil perceber quem professa que fé, quem se junta ou separa de alguém em nome do quê. Será que não seríamos mais tolerantes, mais virtuosos, mais elevados, se conseguíssemos compreender o que a Vanga queria dizer-nos com «virá ao mundo o ensinamento mais antigo».

Pensei muito tempo nesta frase. Li muitos livros sobre diferentes religiões e correntes religiosas e, no fim, parece-me sempre que a Vanga queria dizer-nos que por "ensinamento mais antigo" devemos entender aquele que ensinará o homem a alcançar a perfeição sem pertencer a uma religião específica. Mas isso é um problema de um futuro muito longínquo e inconcebível. Não tenho dúvidas de que esse tempo chegará, porque a Vanga está firmemente convicta de que os acontecimentos empurrarão a consciência humana a mudar para os verdadeiros valores da vida, aqueles de que a Bíblia diz que «não enferrujam».

Até lá, porém, voltemos a uma profecia de 1988. «Assistimos a acontecimentos fatídicos na Terra. Os dois maiores líderes do mundo (Reagan e Gorbachev – nota da autora) apertaram as mãos e assinaram um documento importante, marcando o primeiro passo para a conquista da paz universal. Mas ainda passará muito tempo. Muito água correrá. Então virá o Oitavo e ele assinará a paz definitiva no planeta…»

Aqui devo fazer uma importante confissão. O que a Vanga disse terminava assim: «Então virá o Oitavo e ele assinará a paz definitiva no planeta, mas isso será o início do fim!» Primeiro, o final da frase parecia-me muito assustador, mas o mais importante era que eu não compreendia quem era esse "Oitavo". Muitas vezes diferentes pessoas perguntaram-me o que a Vanga queria dizer, mas eu também não sabia. Em casa fazíamos todo o tipo

de suposições. Revirávamos a história, contávamos reis e acontecimentos, mas não chegávamos à verdade. Isso atormentava-me muito, até que um dia, depois de muito tempo, deparei com uma obra apócrifa, o chamado “Coletâneo de Beloslav” – cópia do final do século XVII-XVIII, onde está escrito: «E o que é Oito? – Aquilo que desde o início permanece nos séculos. Indicação do nosso Senhor Jesus Cristo.» Depois encontrei ainda esta definição em vários locais da nossa literatura medieval como designação de Jesus Cristo. Portanto, não foi por acaso que a Vanga recomendava procurarmos a verdade nos livros sagrados antigos. Mas o que queria ela dizer-nos?

Ela viu a possível imagem do apocalipse na Terra, por isso pregava sempre: «Amai-vos uns aos outros, para nos salvarmos!» «Lutai pela paz, mas não necessariamente com uma espingarda na mão. Inspirar bons pensamentos também é um passo muito sério para alcançar a paz.» A mensagem da Vanga tem para mim também este sentido: ainda temos possibilidade de mudar o curso dos acontecimentos mundiais para um bom fim, e não para a catástrofe, porque a chave da direção está nas nossas mãos. Foram dadas também as indicações necessárias sobre como chegar à salvação. Basta boa vontade, pensamentos puros, vida virtuosa, para que seja alcançada.

Quanto ao caminho salvador para a Bulgária, a Vanga definiu-o há três anos, numa conversa com um padre, assim: «É preciso um só Deus, um só governante, um povo búlgaro uno.»

Não podemos deixar de acreditar na Vanga que este é o caminho. Sabemos que ela é muito parcimoniosa em previsões políticas, mas mesmo o pouco que declarou em diferentes anos fala eloquentemente de que não se engana, até porque muitas já se cumpriram. Recordemos brevemente algumas delas: o início da Segunda Guerra Mundial, a invasão alemã da Jugoslávia, a data da morte do czar Boris, a chegada dos comunistas ao poder no nosso país a 9 de setembro de 1944, os acontecimentos em Praga em 1968, a vitória de Indira Gandhi nas eleições parlamentares antecipadas de 1969, os prolongados derramamentos de sangue na Nicarágua, a guerra na Síria em 1984, etc.

E aqui está uma nova, dos últimos anos: «Se até julho não se reconciliarem e não se derem as mãos pelo bem deste povo – o fogo vos queimará!» – foram palavras da Vanga a um já ex-deputado que foi a Rupite felicitá-la pelo 8 de Março de 1994. Não estive presente nessa conversa, mas testemunhas contaram-me que o deputado saiu bastante perturbado e vermelho do encontro. Porque até julho? Não sei, e a Vanga dificilmente me diria. Mas certamente foi um momento importante para a Bulgária, caso contrário a Vanga não o teria indicado.

Mas, como sabemos, os nossos representantes eleitos não conseguiram cumprir a recomendação de Vanga e, longe de se reconciliarem, começaram a

atacar-se ferozmente nas páginas dos jornais. Os acontecimentos caminhavam para novas eleições e cada um deles lutava por mais votos numa futura batalha eleitoral.

Mas, como diz Vanga: «Como é Deus, ninguém é»: a importante mudança no consciência do búlgaro que ela pressentira tinha de realizar-se e realizou-se de uma forma muito invulgar – através do futebol.

Aqui já posso ser acusada de alguma fantasia, mas foi a própria Vanga quem mo sugeriu. Como adivinham, refiro-me ao Campeonato do Mundo de Futebol nos Estados Unidos em 1994. Por mais que nos lembremos agora, por mais que comentemos, não podemos negar que com a nossa seleção vivemos um «milagre». Não foi por acaso que um dos nossos comentadores desportivos qualificou as vitórias da nossa equipa como algo «sobrenatural». Não sei se ele se dava conta de quanto estava certo.

Lembro-me de como, na altura, corriam rumores sobre as previsões de Vanga: que na final ficariam as duas seleções mais fortes, cujos países começavam com a letra «B». Hacho Boyadzhiev – então diretor da nossa televisão nacional – chegou a anunciá-lo no ar a partir de Nova Iorque. Se Vanga realmente o tinha dito, nunca consegui confirmar. Telefonei muitas vezes para Rupite, mas não consegui falar com ela. Só mais tarde, quando nos encontrámos, conversámos sobre o assunto. O seu breve comentário foi muito interessante para mim: «Vê agora o que acontece quando Deus decide manifestar a sua proteção. A pequena Bulgária, desconhecida para muita gente no mundo, recebeu uma graça superior como David e venceu Golias – países grandes, com elevado amor-próprio.»

E não foi mesmo assim? Poucos verão um «sinal divino» nas nossas vitórias futebolísticas. Tudo se atribuía ao bom jogo, à técnica, ao acaso e à sorte. Mas mesmo que tenha sido assim. Não havia até então acontecimento que tivesse provocado uma alegria tão massiva e sincera em todos os búlgaros sem exceção. Até as avós nos mercados falavam de futebol. E se pudéssemos espreitar para dentro das nossas almas naqueles dias, veríamos o efeito da influência superior: os pensamentos negativos tinham recuado perante a alegria, e as pessoas cumprimentavam-se e amavam-se.

Amavam-se da forma mais sincera e elevada. Perguntei então a Vanga qual fora o objetivo dessa influência superior, e ela respondeu-me que devíamos esperar mudanças para melhor; que, no plano espiritual, a crise para a Bulgária já tinha passado e faltava que passasse também na Terra, e que o mês de julho nos mostrara que tínhamos de nos amar e confiar em Deus para que as coisas começassem a correr positivamente para a Bulgária e se cumprisse aquilo que Ele nos destinara como destino nacional.

«NÃO VÊS QUE ELES SÃO CEGOS…»

Com esta definição tão pouco lisonjeira, mas, infelizmente, verdadeira, que o homem da visão de Vanga aplicou ao género humano, quero introduzir o leitor num tema doloroso relacionado com os últimos anos da vida de Vanga. Não tinha intenção de escrever sobre este assunto, mas existe maior escritor e cronista do que a própria vida? Ela escreve rapidamente os seus capítulos e quem quiser refletir fielmente terá de acompanhar as mudanças e colocá-las no lugar certo com a devida rapidez. Caso contrário, os testemunhos ficam incompletos e legam às gerações futuras coisas não ditas e não compreendidas.

Quanto a Vanga, isso já não pode voltar a acontecer – já nem sequer compreendemos a essência do seu fenómeno, por isso devemos pelo menos lembrar rigorosamente aquilo que se vê, para que um dia quem procure encontre também nisso informação e tire as conclusões corretas.

Fruto da cegueira humana foram também os últimos acontecimentos relacionados com Vanga…

Voltemos um pouco atrás no tempo…

Há mais de vinte anos, Vanga propôs ao conselho municipal de Petritch fazer uma doação com os seus próprios meios para construir um jardim de infância. Queria, quando um dia partisse deste mundo, deixar uma recordação aos seus conterrâneos.

Sabemos pela sua biografia que, a partir de 3 de outubro de 1967, o Estado legalizou a sua atividade de vidente e fixou-lhe um salário de 200 levs. Era exatamente desse dinheiro, acumulado no banco durante sete ou oito anos e nunca usado por Vanga, que ela queria construir o jardim de infância.

Este desejo, tão natural e nobre para qualquer pessoa, provocou grande pânico nas autoridades municipais. E como não! O reconhecimento oficial de Vanga, como se verá mais adiante, era completamente aparente. Como era possível que uma bruxa, uma feiticeira, cuja atividade era renegada pela filosofia marxista e pela «moral comunista», fizesse uma doação? Alguém se atreveria a assumir tamanha responsabilidade satisfazendo o seu desejo? Claro que não. O assunto arrastou-se, nunca chegou uma resposta dos funcionários, até que Vanga se decidiu e um dia pediu uma audiência com Todor Zhivkov.

Foi com a irmã Lyubka. Ele recebeu-as na residência de Boyana. Estava vestido de forma algo descuidada – à vontade, em casa – e de bom humor. Conversou com as visitantes de forma amável e com o seu tom íntimo e jovial sobre coisas sem importância. Quando, porém, Vanga expôs o seu desejo e pediu ajuda, Todor Zhivkov calou-se e depois disse: «Isso nem eu posso

decidir sozinho. Somos muitos. Terei de submeter a questão a discussão no Bureau Político e depois dar-te-ei uma resposta.»

Vanga depositara muitas esperanças nessa reunião, mas, tal como antes, a resposta à sua súplica demorou muito tempo a chegar. Começava a perder a esperança quando, um dia, mais de um mês depois, o presidente da câmara de Petritch informou-a oralmente, de forma completamente não oficial e com a devida dose de desdém, que não lhe era permitido fazer a doação.

Vanga ficou profundamente magoada e durante longos anos não conseguiu conformar-se com essa recusa. Aliás, não foi só ela – todos nós lá em casa não conseguíamos compreender porque era igualmente mau dar como receber do Estado. Mas a moral era essa.

Parece-me que foi exatamente num desses dias que Vanga chegou a uma conclusão puramente humana: se não podia doar às pessoas aquilo que elas, por sua vez, lhe doavam, então devolveria o que recebera de Deus, de quem, na verdade, tudo provinha.

Agora, à distância do tempo, é mais fácil explicar o que realmente aconteceu…

Sabemos que, em meados dos anos sessenta, o professor Georgi Lozanov, então diretor do Instituto de Sugestologia, foi o primeiro cientista a declarar que o dom de Vanga não era charlatanice e que ela devia ser objeto de observação e investigação científica. O professor tinha a nobre ambição de publicar as suas conclusões científicas e torná-las conhecidas em todo o mundo. A sua atitude positiva para com Vanga desempenhou um papel decisivo na sociedade, porque começou a mudar a tradicional opinião pública negativa para positiva.

Até então, a imprensa servil ao regime publicava de vez em quando artigos sobre Vanga, sublinhando sempre que ela era um personagem negativo. Os caricaturistas desenhavam-na com grande decote e colares, saia curta e rabo-de-cavalo, segundo a moda da época, com um grande cigarro na boca. Em todas as caricaturas desenhavam inevitavelmente aos seus pés um gato preto – o eterno atributo das feiticeiras – e os «luminares» científicos qualificavam-na como «mulher cega, subdesenvolvida e descarada».

O professor Lozanov, porém, não desistiu da sua posição. Arriscando todo o seu prestígio científico e social, conseguiu na altura superar a resistência dos seus colegas ateus, materialistas e opositores de qualquer pensamento não ortodoxo e obter das autoridades oficiais a possibilidade de Vanga manifestar livremente o seu dom, sem ser perseguida nem insultada.

Aliás, devo notar que, apesar da negação oficial do dom de Vanga, os poderosos da altura iam ter com ela às escondidas! Algumas esposas de «camaradas» do alto escalão nem se davam ao trabalho de ir a casa de

Vanga, mandavam os motoristas com ordem de não regressarem a Sófia sem ela. E Vanga viajava de um lado para o outro como se fosse uma mala. Ninguém se importava com o facto de ela ser inválida, idosa, de adoecer frequentemente ou de, por exemplo, não ter vontade de se encontrar com alguém e fazer-lhe previsões. Ela simplesmente tinha de o fazer! Muitas vezes Vanga regressava dessas «visitas» meio morta de cansaço, de angústia, de fome e sede.

Confidenciava-me: «Não te consigo descrever o medo que sinto. Não sei para onde me levam, com que pessoas me põem em contacto, o que me vão perguntar…» Houve anos em que eu pensava que o prestígio deste país se devia ao prestígio de Vanga, e não é exagero: todos os estrangeiros ilustres, personalidades públicas, estadistas ou artistas que vinham ao nosso país eram primeiro levados a Vanga. Ela era a maior atração no programa dos convidados. Assim, a fama da Bulgária espalhava-se pelo mundo também graças à vidência de Vanga.

Era ingénuo pensar que o Estado reconhecera o dom de Vanga por motivos nobres. Os cálculos dos governantes eram completamente diferentes: se Vanga procurava a proteção do Estado, se a sua fama crescia, receberia o seu patrocínio, mas teria de o pagar com milhares, milhões de levs. Assim, Vanga transformou-se numa «máquina de fazer dinheiro». O mecanismo era simples. O professor Lozanov recomendara-lhe que não recebesse mais de quatro ou cinco visitantes por dia, para poder descansar mais e preservar-se por mais tempo. Os seus adversários, porém, conseguiram convencer os poderosos da altura de que as suas investigações no domínio da parapsicologia eram coisa pouco séria, porque tal ciência não existia.

Pouco depois de Vanga começar a trabalhar já como «vidente estatal», o professor foi afastado e proibido de se ocupar dela. Para a execução do genial plano nascido na cabeça de algum «grande estratega» já não havia obstáculos. Em vez de quatro ou cinco, Vanga passou a receber em média cem pessoas por dia. Em pouco tempo transformou-se numa empresa bastante lucrativa, sem quaisquer custos de amortização etc. Como já referi, ela recebia um salário de 200 levs por mês. Os seus visitantes, porém, pagavam no conselho municipal uma taxa de 10 levs por sessão.

Hoje, nas condições atuais, estas quantias parecem ridiculamente pequenas, mas vejamos se o são realmente se fizermos uma conta simples: Vanga começou a receber a 3 de outubro de 1967. Já passaram quase trinta anos. Multipliquem por 364 dias em cada ano, depois por cem visitantes por dia, que pagavam 10 levs de taxa, e verão que, mesmo com a inflação de hoje, o dinheiro não é nada pouco. Toda a soma ia para qualquer orçamento republicano e só Deus sabe em que foi gasto…

Por causa desses rendimentos, fizeram-lhe uma vénia asfaltando dois ou três quilómetros de caminho de terra que ligava a estrada principal à localidade de Rupite, e isso não tanto para conveniência de Vanga, mas para que os camaradas de escalão superior viajassem mais confortavelmente quando algum deles decidisse visitá-la.

E, em agradecimento, fizeram-lhe uma busca à casa em Petritch e levaram-lhe tudo.

Ainda hoje não sabemos que tempestades, furacões e intrigas giravam pelos corredores do alto poder partidário e estatal naqueles tempos. Quanto a Vanga, é claro que tinha lá não só adversários, mas também defensores. A sua mais apaixonada defensora era Lyudmila Zhivkova.

Não sei nada com certeza, apenas suponho: é possível que, em nome de certos objetivos, o «grupo» dos adversários do dom de Vanga quisesse «esfregar o nariz» ao grupo dos seus defensores, desferindo um «golpe» através de Vanga. De nenhuma outra forma consigo explicar o sinistro espetáculo que se desenrolou em casa de Vanga numa manhã perfeitamente normal de um dia de semana no início dos anos setenta…

Não estive presente na busca, mas foi-me descrita de forma tão viva pela minha mãe, irmã de Vanga, que é como se lá tivesse estado…

Era uma manhã de outono. Na dependência ao lado da casa, Vanga recebia os primeiros visitantes. Lá fora, no pátio, esperava uma grande multidão de pessoas, ansiosas por serem recebidas pela vidente. Havia também estrangeiros. De repente, por trás da multidão, surgiu um grupo de milicianos que empurrou bruscamente as pessoas e, sem dizer uma palavra, sem mostrar qualquer documento, invadiu a casa. Lá dentro, distribuíram-se rapidamente pelos quartos dos dois andares e começaram febrilmente a remexer e a espalhar coisas por todo o lado.

Para maior comodidade, alguns pisavam com os sapatos as camas impecavelmente arrumadas, a roupa branca espalhada impecavelmente limpa. Havia os ainda mais práticos – alguns, enquanto remexiam nos roupeiros e nas gavetas, comiam os bombons de chocolate oferecidos a Vanga – como se tivessem de se cerimoniar com uma simples bruxa – e depois esmagavam-nos com o pé nos tapetes que brilhavam de limpeza.

Nesse momento, Vanga continuava as suas sessões com os visitantes. A irmã Lyubka recorda que, desde a manhã desse dia, Vanga estava inquieta e nervosa, mas Lyubka atribuía-o a um mal-estar passageiro. A própria Lyubka observava paralisada as ações dos milicianos e não ousava dizer-lhes seja o que for, nem informar Vanga do que se passava em casa. A certa altura, a vidente interrompeu as sessões e disse à irmã que a levasse para casa. Logo à

entrada, tropeçou em objetos atirados para fora de casa, ouviu vozes lá dentro e desmaiou…

Nessa mesma tarde, a minha mãe levou-a para o hospital em Sófia em estado grave. O desmaio dela não perturbou minimamente os milicianos que remexiam, os quais carregaram todas as coisas num grande camião e partiram para destino desconhecido. Até hoje não consigo explicar o que aqueles milicianos procuravam em casa de Vanga e porque lhe levaram as coisas, quando todas elas, sem exceção, tinham sido oferecidas pelos seus «pacientes».

Logo no dia seguinte ao incidente, interveio Lyudmila Zhivkova, a ação da milícia foi considerada um erro e o seu chefe punido com transferência para um cargo de maior responsabilidade em Sófia. Foi ordenado que devolvessem a casa de Vanga todas as coisas, mas muito tempo depois da busca as esposas, filhas e amantes de alguns milicianos passeavam-se por Petritch com joias e bijutarias que reconhecíamos sem erro como sendo de Vanga.

Como já sublinhei várias vezes, Vanga avalia os objetos não pelo seu valor monetário, mas pelo trabalho e pelo amor com que foram feitos ou oferecidos. Depois de regressar do hospital, ela nunca mais quis tocar naquelas coisas, porque tinham sido «profanadas» pelas mãos impuras e pelos pensamentos impuros daqueles que as tinham tirado de sua casa. Distribuiu tudo por várias pessoas e o seu único comentário sobre o sucedido foi: «Eu não tenho o direito de julgar ninguém, porque só Deus vê quem tem razão e quem está errado!»

Na mesma altura, jornalistas americanos publicavam pelo mundo artigos sobre os seus encontros inesquecíveis com Vanga, nos quais, com inveja mal disfarçada, partilhavam que os búlgaros eram favorecidos pelo destino por lhes ter dado um «profeta vivo» que vivia os problemas de todas as pessoas e as ajudava a resolvê-los… O comentário é completamente desnecessário!

Penso muitas vezes numa frase da Bíblia que diz que Deus envia mais provações àqueles de quem mais gosta. Nesse sentido, Vanga deve ser mesmo uma grande «favorita» dele, porque a sua vida terrena está semeada continuamente de obstáculos.

Mas voltemos ao antigo sonho de Vanga – construir uma igreja. Ele já é uma bela realidade. Se agora forem a Rupite, ainda de longe verão a cúpula de cobre do templo, que Vanga chamou de Santa Petka – a sua protetora e defensora da família. O edifício não é grande, mas tem uma arquitetura muito interessante e foi construído com uma nova tecnologia nunca antes usada na construção ortodoxa.

Do exterior, por desejo de Vanga, foi rebocado com uma argamassa branca brilhante de pó de mármore, para ser visto de longe. Esta igreja foi

construída em muito pouco tempo – menos de dois anos. Vanga começou a obra com o dinheiro que tinha poupado, mas depressa se viu que não chegaria. Então pediu que abríssemos uma conta bancária para, por sua vez, pedir ajuda às pessoas e realizar o seu sonho. Responderam centenas de milhares de pessoas. Cada um enviava ou entregava diretamente ao caixa o que tinha. Vanga obrigava os funcionários por ela designados e responsáveis pela obra a emitir recibos e a inscrever o nome de cada doador num caderno especial, independentemente do valor.

Fui testemunha de um desses episódios: uma senhora idosa dera ao caixa 0,50 levs para a igreja e ele veio perguntar a Vanga o que fazer com essas míseras moedas. Vanga zangou-se e disse que aquele dinheiro tinha muito mais valor do que a maior quantia, porque fora dado de coração por uma pessoa pobre, e ordenou ao caixa que emitisse à senhora um recibo de 0,50 levs e a inscrevesse em lugar bem visível no livro dos doadores.

Na verdade, lá em casa já vivíamos há muito com a ideia da igreja. Ainda antes da primeira pá de terra, Vanga consultava várias pessoas e discutia com elas longamente todos os pormenores do seu interior. Há mais de dois anos debatiam-se as candidaturas de padres mais jovens e mais velhos que poderiam servir em Rupite. Vanga tinha uma ideia muito precisa de como devia ser o servo daquele templo, que qualidades devia possuir, que elevado nível moral e que grande fé o deviam guiar para ser um verdadeiro pastor dos fiéis que o visitassem.

Já nessa altura estava decidido de que cor seriam os diferentes véus e coberturas, como seriam os objetos litúrgicos, de que material seria feito o batistério para o santo batismo. Claro que também se dedicou muita atenção ao material, forma e tamanho do sino, que, segundo Vanga, devia ter exatamente um som doce e melodioso, capaz de emocionar o ouvido e a alma de quem se pusesse a escutá-lo.

A propósito do sino, lembro-me de uma história contada por Vanga. Há dezasseis anos, quando em Sófia foi construído o memorial «Os Sinos», dedicado à primeira assembleia internacional das crianças, Lyudmila Zhivkova visitou Vanga e esta perguntou-lhe: «O que puseram no topo? – Sinos – respondeu Lyudmila. Porque sinos – perguntou Vanga –, vocês não são ateus, não acreditam?

Tinham posto espingardas, também fazem som, disparam…» Não sei o que Lyudmila respondeu, mas a propósito desse encontro Vanga concluiu mais tarde: «Vês, nenhum regime consegue calar a voz dos sinos, porque eles transmitem os sons dos mundos divinos.» Mas por mais que escreva aqui, um observador externo não conseguirá sentir a enorme emoção de Vanga com o início da construção da igreja «Santa Petka» em Rupite, nem o impacto que esta obra teve nas pessoas. Para que ele tenha uma ideia correta, teria de ter

estado na festa de Petkovden, que Vanga organizava e na qual oferecia um kurban pelo seu saúde e pela saúde de todas as pessoas. Por isso, tentarei descrever uma dessas festas.

NO PETKOVDEN EM RUPITE – 1993

Desde muito cedo, começaram a chegar à localidade centenas de pessoas de perto e de longe. Os locais, das aldeias e cidades vizinhas, vinham de carro, de autocarro ou em carroças puxadas por cavalos, alguns a pé. Instalavam-se em grupos pela relva perto da casinha de Vanga. Os conhecidos alegravam-se com o encontro, e muitos desconhecidos conheciam-se e depois ficavam amigos para toda a vida. A maior parte dos convidados eram pessoas que celebravam o Petkovden com Vanga há anos. Não precisavam de convites especiais. Sabiam que nesse dia tinham de estar ali, em Rupite, para homenagear Vanga e a sua protetora Santa Petka, para agradecer o dom de Vanga que os ajudara a resolver algum problema.

Para muitos dos convidados, a festa de Santa Petka e o kurban de Vanga em sua honra fundem-se num só, por isso, desde o início do dia, sentia-se em todo o lado uma solenidade e uma alegria pelos momentos emocionantes que se aproximavam.

Que festas se faziam em Rupite.

Era como se uma luz qualquer inundasse todas as pessoas e elas parecessem belas e boas, relaxavam, deixavam os maus pensamentos algures longe, para além da localidade. A própria localidade parecia transformada pelo seu bom humor.

Até cerca das dez da manhã, juntaram-se vários milhares de pessoas. Enquanto esperavam que Vanga chegasse de Petritch, muitos dirigiram-se ao local da construção da igreja. Perguntavam pelo andamento das obras, tiravam fotografias para recordação. Outros cobriram o andaime de madeira e todas as cavidades com dinheiro, ofertas e flores. Nunca tinha visto tal maravilha, mas um homem disse-me que nisso não havia nada de estranho, porque eles sabiam que Santa Petka já há muito estava presente na consciência das pessoas da região como protetora daquele lugar e que, na verdade, a sua igreja já funcionava há muito nos seus corações.

Pouco depois das dez horas, chegou de Petritch a Vanga e sentou-se no seu lugar habitual – o banco de madeira em frente ao pátio da casinha. Imediatamente, muitas pessoas se juntaram à sua volta, porque cada um queria beijar-lhe a mão em sinal de respeito e felicitá-la pelo dia do nome. Também diante dela se acumularam muitos presentes. As donas de casa hábeis tinham cozido belos pães rituais coloridos e os doces e outros pratos saborosos eram incontáveis.

Cerca de uma hora depois, chegaram sacerdotes de Sandanski e Petritch. Veio também um de Varna, perfazendo cinco. Celebraram ao ar livre, na relva em frente à casinha de Vanga, uma solene bênção da água e do óleo, leram os sete evangelhos. Toda a multidão de pessoas que rodeava Vanga, virada para leste e de frente para a construção da igreja, segurava velas acesas e escutava com grande atenção as palavras dos sacerdotes. Não sei se todos eram fervorosamente crentes, mas a devoção com que assistiam à improvisada liturgia campestre, a humildade e a comunhão que irradiavam dos seus rostos eram sentimentos dignos de serem captados e pintados pelo pincel de um grande artista. A cena era muito impressionante.

Pensei então que não há atualmente nenhum acontecimento político ou social, no nosso agitado dia a dia, que reúna espontaneamente multidões de pessoas como aqui, e em nome de fins nobres e elevados, de bondade, ajuda mútua e fé, como faz a personalidade e o prestígio de Vanga.

Logo após a leitura dos evangelhos, seguiu-se a bênção do cordeiro que Vanga destinara para o kurban e, minutos depois, o seu sangue tingiu a terra. Seguiram-no outros quatro, ofertas de outras pessoas. Cerca de uma hora depois, atrás das paredes da obra, começaram a ferver dois grandes caldeirões cheios de pedaços de carne e couve fresca – assim como se prepara o kurban nesta região. As pessoas dispersaram-se pela relva e prepararam-se para festejar…

Ao mesmo tempo, Vanga batizava juntamente com os sacerdotes e tornou-se madrinha espiritual de quatro crianças e de uma mãe, e depois casou também dois jovens casais, igualmente seus afilhados. É pena que não tenhamos levado uma estatística rigorosa, mas até ao momento em que escrevo, o número de bebés introduzidos no cristianismo ortodoxo deve ultrapassar os 10 000. Não é pouco tornar-se guia espiritual de tantas pessoas e das suas famílias inteiras; o empenho de Vanga neste aspeto é comparável à incansável atividade dos apóstolos bíblicos.

Alguém pode pensar que as pessoas pedem a Vanga para ser madrinha dos filhos apenas por vaidade, porque ela é famosa no mundo inteiro, mas eu acho que a razão é outra, e por isso permito-me contar o que partilharam alguns dos convidados com quem falei na festa:

Uma grande dor atingira Stoyna H., da cidade de Sliven. O filho, de 18 anos, morrera num acidente. Um dia veio procurar consolo junto de Vanga, e esta disse-lhe que o jovem morto regressaria através de outra criança, um rapaz que a mulher em breve daria à luz. Vanga quis ela própria batizar a criança quando nascesse e, à medida que crescia, esta trazia muita alegria aos pais, e a mãe descobria constantemente semelhanças com o filho falecido.

Outra mulher, Tsvetana, perdera o filho quando este era soldado. Vanga também lhe previra o regresso próximo da criança. Quando a mulher deu à luz

novamente um menino, Vanga tornou-se madrinha dele e deu-lhe o nome do soldado morto.

Uma mulher com a psique perturbada visitava Vanga em Rupite há muito tempo e aqui encontrava paz. Adoecera após uma discussão com o marido, que a expulsara de casa, e a mulher vagueava de lugar em lugar sem rumo nem esperança de cura. Um dia Vanga chamou-a e disse-lhe que em breve ficaria curada, casaria de novo e até teria um filho. As palavras de Vanga fizeram milagre. Tudo aconteceu como previra. A mulher recuperou a lucidez, tornou-se uma pessoa sensata e estável, encontrou um bom homem, aceitou casar com ele e deu à luz um lindo bebé.

Uma mulher solteira, que já perdera há muito a esperança de casar, veio ter com Vanga pedir ajuda e conselho para uma doença. Além do remédio, Vanga disse-lhe que o noivo destinado pelo céu apareceria dentro de um ano e viria de longe. E assim aconteceu, e a feliz noiva convidou Vanga para a casar.

A muitos comunistas Vanga devolveu a fé em Deus e batizava-os aqui, em Rupite, juntamente com os filhos, independentemente dos cargos que ocupavam. Sabendo como Vanga raciocina sobre o acerto de contas, não é de estranhar que quase todas as crianças dos «camaradas mais altos» tivessem não poucos problemas…

O filho de S. A. tinha perturbações psíquicas após um acidente de carro. Depois de Vanga o batizar, melhorou, casou-se e Vanga também o casou.

Vanga batizou também outro jovem de uma família conhecida que era ladrão reincidente. Ele ficou tão impressionado com o ritual do santo batismo e tão abalado pelas palavras de Vanga, que traçou detalhadamente o seu futuro, que mudou radicalmente de vida e tornou-se uma pessoa virtuosa.

Falei também com a mãe dos dois rapazes noivos. Ela não conseguia levar as gravidezes até ao fim e, por volta do terceiro mês, abortava espontaneamente. Vanga aconselhou-a, na próxima gravidez, a dar ao feto o seu nome (o de Vanga). E mais uma vez aconteceu um milagre. A mulher levou a gravidez até ao fim normalmente e deu à luz não um, mas dois gémeos, que, como referi, Vanga casou na festa.

Uma criança de seis anos não falava, mas depois de ser batizada por Vanga, de repente começou a falar e os pais ficaram fora de si de alegria. Agora a criança já é grande e é excelente aluna.

Já em idade avançada, Vanga batizou também uma mulher de moral bastante baixa. Batizou-a juntamente com os dois filhos, por causa dos quais a mulher viera ter com Vanga. A partir desse momento, a mulher mudou radicalmente o seu comportamento e na família chegou finalmente a calma e a compreensão.

Há algum tempo, Vanga tornou-se madrinha de um homem já de idade que, de forma muito irresponsável, abandonara a família e passava o tempo em tabernas e estabelecimentos na companhia de «amigos» perdidos. Deixara os três filhos ao abandono e não se interessava minimamente por eles. Um dia foi ter com Vanga para que ela lhe dissesse como descobrir um roubo, mas, em vez do objeto roubado, a conversa tomou outro rumo.

O homem ouviu palavras muito duras e amargas de Vanga, mas reconheceu que eram justas. Vanga descreveu-lhe episódios da sua vida dissoluta e o homem viu pela primeira vez toda a fealdade dos seus dias. Aceitou imediatamente, apesar da idade, ser batizado por Vanga para obter, como ela se exprimiu, «proteção e orientação espiritual de Deus». Após o encontro, o homem voltou para a família e casou-se de novo com a mulher, de quem estava divorciado há muito tempo. Depois Vanga casou-os na presença dos filhos.

Tenho notado que crianças doentes batizadas por Vanga melhoram e curam-se muito rapidamente depois. O comentário dela é que essas crianças adoecem porque não têm o santo óleo dado no batismo, que é a mais poderosa proteção física e espiritual para os pequenos seres.

Conheci também a mãe de uma rapariga que começara a fugir de casa e a viver uma vida própria. Onde e com quem, os pais não sabiam e preocupavam-se muito com o destino da filha. Um dia a mãe não aguentou mais e veio perguntar a Vanga o que fazer. Vanga repreendeu-a primeiro. Disse-lhe: «Falta aquele anel espiritual no qual os vossos filhos se devem desenvolver, porque não os ensinastes nem o trabalho nem a fé.» Depois recomendou-lhe que fizesse tudo o que pudesse e, assim que a rapariga aparecesse em casa, a trouxesse imediatamente a Rupite.

Quando vieram, Vanga submeteu a rapariga à sua peculiar «terapia». Mandou-a, ao voltar para casa, comprar um lençol branco de cama e bordá-lo à mão nos cantos com pontos de cruz. Depois trazê-lo para ela avaliar o trabalho. Após Vanga aprovar o bordado, recomendou à rapariga que dormisse apenas nesse lençol e o lavasse separadamente das outras roupas. Acho que não é preciso explicar detalhadamente que o «tratamento» foi muito eficaz e mudou rapidamente a psique e o comportamento da «fugitiva». A rapariga voltou à escola, concluiu os estudos e há dois anos casou-se. A madrinha do casamento foi, claro, Vanga…

Mas voltemos à celebração do Petkovden. Enquanto os sacerdotes terminavam os casamentos, lá fora na relva já estava posta uma longa mesa festiva. De um extremo ao outro não se via. O que não havia nas mesas carregadas! As mulheres traziam o que tinham cozinhado do kurban. Ergueram-se brindes pelo dia do nome, pelos afilhados, pelos noivos e, claro, por Vanga. A certa altura, apareceu não sei de onde uma orquestra cigana de

casamento. Alguém a teria chamado ou sentiram eles próprios a festa, não sei, mas foram bem-vindos. Mandaram-lhes tocar apenas canções e danças búlgaras. Vanga disse: nada de kyuchek, nada de «ciganices», estamos a celebrar uma santa búlgara! E espalhou-se pelo campo a imponente melodia local de um pesado horo macedónio. E mesmo que os convidados estivessem cansados, mesmo que estivessem com fome, logo saltaram cem pessoas e rapidamente formaram um círculo duplo à volta da mesa. Depois o horo esticou-se e rodeou também a construção da igreja. Pareceu-me um ritual que se criava ali naquele momento. Os dançarinos pareciam conscientes disso e pisavam o chão com tanta solenidade e igualdade como se tivessem ensaiado antes. Depois o horo acelerou, as paixões inflamaram-se e a alegria envolveu todos.

Um dos construtores, que voluntariamente assumira o papel de guia, apesar do ambiente animado, ainda não abandonava o posto e explicava ao último grupinho de curiosos como fora construída a igreja, quanto dinheiro e materiais tinham sido investidos, quem faria o iconóstase e quem, mais tarde, a pintaria… E à mesa, as pessoas já saciadas começaram conversas entre si e a discutir os problemas que as preocupavam. Pouco a pouco começou a escurecer, mas ninguém pensava em ir embora. Aqui festeja-se até de manhã.

O programa improvisado continuou e voltou a elevar o grau de alegria. Uma atriz do teatro de Strumitsa, na Macedónia, recitou um poema, e depois um famoso orquestra de canções macedónias de Skopje levou o ambiente às alturas.

E só Vanga não se integrava na alegria geral. Pensativa, silenciosa, recolhida em si mesma, descansando dos inúmeros deveres, como discreta anfitriã «retirara-se» para que os convidados festejassem e se divertissem. O seu rosto pálido destacava-se imóvel na escuridão, e a mão acariciava maquinalmente uma taça de cobre na mesa, sem se lembrar de beber dela. Também não a vi estender a mão para os vários pratos que enchiam a mesa. Ela estava simplesmente muito longe. No que estaria a pensar?

Lembrei-me de uma visão que ela partilhara comigo na primavera: fora no dia da Anunciação, 25 de março. Veio uma mulher bonita, vestida com uma blusa branca e saia e colete azuis. Olhou para ela e disse: «Deves saber – agora virá o tempo dos lobos, depois o dos cães, e depois o das serpentes.» Nesse momento ouviu-se um forte trovão do céu e em Rupite caíram três grandes pedras brancas.

Uma caiu diante da pequena ponte que leva à igreja, a segunda diante do portão do jardim de Vanga, onde se reúnem os seus visitantes, e a terceira diante da porta da casinha dela. Vanga perguntava-se então como interpretar o que vira. Eu pensava que aquelas pedras marcavam uma mensagem muito importante, e era esta: Vanga, que preservara a sua fé durante todos os anos

de sofrimento e ateísmo impiedoso, transmitia-a às pessoas através do seu dom, e elas procurariam refúgio na igreja quando Vanga já não estivesse…

É muito lógica esta continuidade. Agora, quando as novas mudanças no nosso país varreram o regime anterior com o seu ateísmo gélido, cada um pode livremente professar a sua fé, frequentar os ofícios religiosos, servir a Deus. Vanga cumpriu o seu papel de mediadora entre o céu e a terra. Num passado muito próximo, ela era a única que não tinha medo de nada e falava abertamente de fé e de Deus, provava ela própria a Sua existência e misericórdia através da sua vida, da sua personalidade, do seu dom… E essas provas não são de ontem, mas de 1941. Se olharmos para os acontecimentos da altura com os olhos espirituais de Vanga, veremos uma imagem completamente nova, que nunca suspeitámos…

Sabemos que a 6 de abril de 1941 as tropas alemãs atravessaram as fronteiras da Jugoslávia e ocuparam o país. Não é difícil imaginar o medo e o pânico entre as pessoas comuns, bem como o desespero de que Deus os abandonara ao arbítrio do destino. Como sabemos da biografia de Vanga, foi exatamente nesse dia que se manifestou o seu dom. Por acaso? Não. A misericórdia divina começou a manifestar-se através de Vanga para provar que existe e protege os inocentes, enviando-lhes ajuda muito concreta através das suas previsões. De nenhuma outra forma consigo explicar a resistência sobre-humana daquela jovem exausta pela fome e pelas doenças, que falava dia e noite com as pessoas que a visitavam, sem comer nem dormir durante dias seguidos. Não sei se algum dia seremos capazes de avaliar e compreender a dimensão deste milagre com a nossa cegueira humana.

Mas sigamos um pouco mais adiante. Em 1942 Vanga casa-se com um rapaz local e vem viver para Petritch, na Bulgária. Foi uma escolha casual do destino? Também não. A chegada dos comunistas ao poder após 1944 deu início a uma política que procurava extirpar a fé em Deus do búlgaro, distorcer-lhe a consciência e convencê-lo de que a única fé correta era a fé no Partido Comunista. Este era Deus e tudo. Eu própria estudei durante anos na escola, como aliás todos os búlgaros, que Deus não existe, que não há nada além do mundo visível, que a religião é «o ópio do povo, meio usado pelas sociedades primitivas para explicar os fenómenos da natureza».

Havia um perigo real de a fé desaparecer entre as pessoas, mas Vanga estava entre nós e ainda está há 54 anos como a mais clara e irrefutável refutação de toda uma ideologia. Pode um único ser humano opor-se a todo um sistema social se não for ajudado por uma força sobrepoderosa e sobrenatural? Quanto ao facto de essa força atuar na Bulgária, também podemos encontrar explicação se consultarmos os velhos livros sagrados. Lá se diz que se um povo é dotado de uma profetisa, esse povo é chamado para a santidade e tem uma missão importante. Agora é um pouco difícil perceber o papel missionário nos búlgaros empobrecidos e desesperados com as

dificuldades, mas temos de aprender a olhar com os olhos do «ungido», com os olhos de Vanga, para vermos as coisas em profundidade e no futuro.

Ela própria, como já referi várias vezes, acredita firmemente nos bons dias que virão para o nosso país. Não poupou essa fé nem na festa de Petkovden. Quando já era muito tarde e os jornalistas mais persistentes voltaram a pedir a Vanga que partilhasse algo sobre o dia do nome, ela declarou: «Primeiro desejo a todos que fortaleçam a vossa fé, que se amem e sejam bons uns para os outros, porque sem estas três coisas não há progresso em nada. Embora lentamente, o mau na Bulgária começa a passar. Não se apressem, o céu sabe como e quando ordenar os acontecimentos, lá as leis são outras e as causas são outras, mas pouco a pouco a Bulgária começará a recuperar-se da crise. Guerra na Bulgária não haverá, e a da Bósnia não se expandirá.»

Perguntada sobre a confiança nos nossos vizinhos, sobre a nossa relação com eles, Vanga disse: «Os gregos são astutos, e os turcos são um povo misturado, diferente do nosso. Comerciar com eles é bom, mas nunca seremos amigos sinceros. Já com a Rússia a coisa é diferente. A Rússia ajudou-nos várias vezes, ajudar-nos-á também no futuro, porque somos povos eslavos, cristãos, ligados há séculos.»

CONSAGRAÇÃO DA IGREJA «SANTA PETKA» 1994

Voltemos novamente à igreja «Santa Petka» em Rupite. Não pretendo aqui alongar-me em pormenores técnicos – quão alta é a construção, de que materiais é feita, quem são os construtores, os arquitetos…

A consagração da igreja foi transmitida em direto pela nossa televisão nacional e à noite foi exibido outro filme sobre o mesmo tema. Penso que quem não esteve pessoalmente na festa conseguiu fazer uma ideia bastante boa de tudo o que aconteceu lá nesse dia; julgo-o por mim, porque também não estive presente e vi as emissões pela televisão.

Apesar dos pormenores, ficaram algumas coisas inexplicadas, por isso escrevo as linhas seguintes…

Provavelmente recordam da imprensa que a primeira pá de terra da igreja foi dada a 20 de agosto de 1992. Mas a verdadeira primeira pá de terra foi dada noutro local e noutra data – 17 de setembro de 1991. Esse lugar foi escolhido pela própria Vanga. Era antes da pequena ponte que leva à atual igreja, um pouco à esquerda da casinha de Vanga. As fundações ainda são visíveis e, depois de abandonadas, as pessoas construíram ali uma espécie de abrigo de tijolos; dentro colocaram um ícone em papel de Santa Petka e o peculiar «oratório» funcionou enquanto a outra construção estava em obras. Lá dentro ardiam sempre velas e deixavam-se pequenas ofertas e dinheiro.

Arquiteto do projeto anterior era Georgi Apostolov – o arquiteto de Petritch. A consagração da pedra fundamental foi feita pelo bispo Pimen – então metropolita de Nevrokop. Naquela altura a nossa Igreja ainda não estava tão duramente dividida e Pimen era o único representante máximo da Igreja ortodoxa na região. Todo o ritual de consagração foi realizado com a devida solenidade, havia muita gente, sacrificou-se um cordeiro, como manda a tradição, para pedir licença à terra para construir um templo naquele lugar.

E quando o arranque da obra estava prestes a começar, apareceu alguém que sugeriu a Vanga que, a julgar pelas fundações, a futura igreja pareceria um templo judaico e não ortodoxo. Vanga ficou muito perturbada. Antes disso, o arquiteto tinha ido a Ohrid e trouxera os planos da igreja de três naves «São Clemente de Ohrid», esperávamos que a construção local se parecesse com ela. Mas o projeto foi abandonado.

Nenhum de nós era especialista para dizer se a observação era correta. Vanga partilhava as suas preocupações com várias pessoas, mas recebia conselhos diferentes e não sabia o que fazer. Então o pintor Svetlin Roussev tomou a iniciativa e encarregou o projeto aos arquitetos Tomalevski e Lozanov. Assim foi escolhido o novo local e o novo projeto. O resto é conhecido.

Desconhecida é a disputa entre os construtores e os representantes da nossa Igreja que surgiu no início de agosto de 1994, exatamente no dia da Transfiguração.

No dia anterior, Vanga pediu à irmã Lyubka que fosse propor aos sacerdotes da igreja «São Jorge» de Sandanski que viessem dar a sua opinião sobre o templo em construção. Tinha motivos para esse convite, porque cada vez mais os seus visitantes manifestavam espanto com o aspeto do edifício em construção e partilhavam com ela que nunca tinham visto uma igreja ortodoxa parecer assim. Além disso, começou a circular entre os locais o rumor de que se estava a abusar do dinheiro das doações e a desviar fundos para benefício pessoal. Vanga ficou muito preocupada e esse foi o motivo do convite.

Os sacerdotes vieram no mesmo dia e deram a sua opinião: o edifício é muito bonito, mas não corresponde aos cânones da arquitetura ortodoxa. Vanga ouviu-os e convidou-os a voltar no dia seguinte, quando ela se esforçaria por reunir todos os intervenientes na construção da igreja para esclarecer as divergências.

No dia seguinte, 6 de agosto, desde manhã cedo estavam presentes arquitetos, projetistas, investidores e construtores. Era espantoso como Vanga conseguira reuni-los a todos naquela época de férias, e em meio dia. Vieram também os sacerdotes padre Vlado e padre Georgi de Sandanski, juntamente com o diácono.

A conversa decorreu em frente à própria igreja. Os sacerdotes voltaram a exprimir a opinião de que o edifício não correspondia aos requisitos da arquitetura eclesiástica ortodoxa, referindo-se principalmente a alguns desvios, sobretudo no interior da igreja, relacionados com a atividade prática do sacerdote que ali servirá: sala pequena, falta de espaço para colocar o trono real, o batistério, lugar para velas e outros semelhantes. Além disso, a forma da cúpula por dentro não permite que se pintem mais tarde os quatro evangelistas, o que é regra fundamental na pintura de um templo ortodoxo.

A conclusão foi que, se não se tivessem em conta essas objeções fundamentais, poderia ser qualquer outro edifício ou outra igreja, mas não uma igreja ortodoxa.

Sem me permitir exprimir opinião própria, assumir o papel de árbitro ou tomar partido, apenas como testemunha desse encontro, devo notar que os diálogos estavam longe de um tom educado – sobretudo por parte do grupo dos «construtores». Parece-me inadmissível, por mais famoso que se seja, permitir-se usar epítetos grosseiros e ofensivos contra sacerdotes – mesmo que não tenham razão, eles estão investidos no seu ministério e nós aceitamo-los como representantes de uma instituição milenar – a Igreja –, e tinham sido convidados por Vanga para darem a sua opinião como teólogos, e não como pessoas comuns.

Seja como for, não se chegou a entendimento e cada parte retirou-se convicta de que tinha razão. O pior é que tudo isso se fazia à custa dos nervos, da saúde e do prestígio de Vanga, que era a que menos culpa tinha para estar no centro de tais disputas. Havia o perigo de a sua grande ideia ser profanada. Pensei muito depois desse encontro e não consegui determinar exatamente qual fora a reação dos envolvidos na obra. O tom brutal, grosseiro e agressivo deles deixou-me estupefacta. Porque reagiram de forma tão violenta? Seria porque a sua honra profissional estava a ser ferida, ou porque os padres, sem querer e sem saber, entraram no papel do menino que ousou dizer que «o rei está nu»?

Até hoje não encontrei resposta para essa pergunta. Na altura perturbou-me também outra coisa: os arquitetos e investidores afirmavam ter autorização do Santo Sínodo para aquele edifício, mas nenhum deles conseguiu mostrá-la nem dizer o que lá estava escrito, porque estaria com o bispo Pimen. É estranho que se construa sem autorização. No fim das contas, soube-se que o projeto fora aprovado pelo Instituto dos Monumentos da Cultura, mas a questão do Santo Sínodo ficou em aberto. Talvez ainda esteja, porque de outra forma não consigo explicar a opinião unânime de todos os clérigos ortodoxos consultados e que vieram a Rupite – sacerdotes e monges. Tal unanimidade numa Igreja nossa dividida em vários sínodos é realmente inquietante.

«Se não se pode pintar o altar como vocês dizem que deve ser – irritou-se Svetlin Roussev –, não o pintamos. Se não se pode, também não haverá sacerdote.» «Então façam uma discoteca – respondeu um dos sacerdotes. – Evidentemente não pretenderam fazer um templo ortodoxo, mas um panteão onde se imortalizassem a si próprios. Nós não podemos consagrar nem reconhecer como ortodoxa uma igreja assim.»

Compreendo perfeitamente o entusiasmo do criador perante algo novo, onde lhe é dada liberdade para se exprimir com toda a força. Nesse aspeto, tanto os arquitetos como o pintor foram favorecidos pelas circunstâncias para manifestarem todo o seu talento e nisso não há nada de mal. Do ponto de vista deles, cumpriram-na brilhantemente. O problema é que há um desfasamento com a ideia inicial e com o sonho de Vanga. Ela queria construir não outra coisa qualquer, mas precisamente uma igreja ortodoxa, e as milhares de pessoas que doaram dinheiro e trabalho voluntário participaram exatamente para que se erguesse um templo ortodoxo, e não uma qualquer «igreja europeia» e «universal», como se mencionou nas entrevistas.

A visão original de uma igreja ortodoxa ficou incompreendida pela massa de pessoas que veio à consagração. Não conseguiam entender os frescos de Svetlin Roussev logo na fachada, não gostavam nem das cores – cinzento e amarelado –, nem das figuras neles representadas. Um homem local disse que as pessoas pintadas lhe pareciam esquizofrénicos, outro disse que pareciam prisioneiros de campos de concentração, e dentro do altar quem entrava reconhecia em massa nos traços do Arcanjo Miguel os de Neshka Robeva.

O desenho peculiar dos outros santos também provocava perplexidade e rejeição generalizadas. De alguma forma não correspondia ao conceito de «santidade» do homem comum, e penso que esses serão a maioria dos que visitarão este templo. De que serve a beleza e a habilidade criativa investidas nesses frescos se não são compreensíveis nem provocam no crente o sagrado tremor, mas sim perturbação? Teriam grande valor artístico numa galeria, onde seriam apreciados por especialistas e conhecedores, mas aqui, em Rupite, não elevam, antes profanam o templo de Deus com a sua fealdade.

Não queria terminar assim, mas simplesmente não posso ignorar a declaração de uma pessoa que passava muito tempo em Rupite e foi testemunha de toda a história da construção: «Por mais que enrolamos, temos de dizer as coisas como são. Como Vanga não percebe, foi enganada por um punhado de espertalhões que construíram a sua própria ideia de igreja ortodoxa. Para quê? Para se imortalizarem ao lado de Vanga. Onde mais encontrariam tanto dinheiro fácil para fazerem o que bem entendem? Mas terão de explicar a todo este povo porque traíram o plano inicial. Nós queremos rezar numa igreja ortodoxa, e não num qualquer “templo universal”; não sei o que isso significa e tudo o que aqui foi feito me é estranho. Sou búlgaro, cristão

ortodoxo e quero rezar numa igreja ortodoxa como as que temos no nosso país, e não num qualquer edifício europeu.

Esses desenhos perturbam-me e, francamente, irritam-me. Imaginemos como seria o Mosteiro de Rila se não tivesse as suas cores e temas bíblicos e nos recebesse com monstros pintados de cinzento-amarelo. Pode ser moderno, pode ser bonito, mas eu não entendo nem aceito. É uma pena o dinheiro, o trabalho e as expectativas enganadas.»

O homem foi sincero e exprimia a opinião da maioria dos habitantes locais. A única alternativa aceite na altura, inclusive por Vanga, foi a correta: após a consagração do templo, formar-se-ia um novo conselho diretivo com participação de sacerdotes e arquitetos eclesiásticos, para que a igreja adquirisse o aspeto de templo ortodoxo. As pessoas esperavam por isso; não aceitavam moda na igreja, porque ela resistiu milénios precisamente por não permitir correntes da moda, para preservar autêntico e verdadeiro tudo o que lhe foi dado pelo seu fundador – o Senhor Jesus Cristo.

Antes de prosseguir, devo dizer mais algumas palavras sobre Vanga. Antes da consagração da igreja, em agosto, disse-me: «Pergunto-me o que será desta igreja com o tempo. Ficará templo ou um dia será mosteiro?» E, mais uma vez, parece que terá razão.

Soube que mais tarde foi registada a fundação «Vanga». No seu conselho diretivo entraram pessoas locais. Depois foram convidados alguns intelectuais conhecidos. Presidente honorária tornou-se Vanga. Os objetivos da fundação eram educar no espírito da tolerância, da compreensão mútua e reavivar os valores espirituais da nação. Ideia magnífica, mas parece-me que os caminhos para alcançar esses objetivos estão muito longe de qualquer tolerância e elevação. Isso ficou claro já na consagração.

Por mais superlativos que os jornalistas usassem nos seus relatos, todo o ritual foi desprovido de qualquer santidade. Foi um encontro mundano e a maioria dos convidados oficiais viera não pelo próprio mistério, mas seguramente para aparecer na televisão perante o eleitorado, porque vinham eleições.

De vez em quando mostravam em plano separado Vanga, sentada sozinha e encolhida no pequeno banco em frente à sua porta, e via-se que estava bastante perturbada e alheia a todo o barulho à sua volta. As coisas há muito tinham escapado ao seu controlo, e toda a festa era dirigida por outra pessoa que claramente perseguia outros fins. Era este o dia de Vanga? Foi uma paródia de consagração, onde os novos poderosos procuravam campo para se afirmarem através do nome e do prestígio de Vanga.

Durante a reportagem, ela proferiu outras palavras proféticas: «Agora é que Yana vai chorar!», no sentido de «vão ver daqui para a frente que

problemas haverá com esta igreja». E assim foi. No início de novembro de 1994 escrevi um artigo em que exprimi desacordo tanto com a construção da igreja como com a forma como foi consagrada. Seguiram-se ataques devastadores contra mim e contra a minha mãe, irmã de Vanga, por parte da fundação. A imprensa inundou-se de calúnias contra nós, de que tínhamos roubado as ofertas da igreja e adoecido Vanga – repare-se que eu nem sequer estive presente na festa, e nenhum membro da nossa família, os únicos parentes de sangue de Vanga, participa na fundação nem tem qualquer relação com a obra. A nossa culpa era simplesmente sermos parentes. Qualquer tentativa de nos defendermos provocava ameaças de buscas, processos, etc. A fundação tornou-se omnipresente.

Começou a guerrear contra todos os que ousassem pedir explicações sobre a sua atividade e sobre a forma como foram usados os donativos das pessoas. Não era desejável que Vanga fosse visitada nem por nós nem pelos seus amigos de longa data; a fundação abarcava tudo o que dizia respeito à atividade de Vanga e à igreja, e só os seus representantes diziam, e ainda dizem, o que deve ser feito supostamente em nome de Vanga. De repente encontrámo-nos no centro de uma disputa que afastava a causa principal e punha em destaque problemas mesquinhos, domésticos, familiares que, na verdade, eu e Vanga nunca tivemos, para provar que estávamos em guerra contra ela e a cobiçar o seu dinheiro (que ela não tem). Como se, durante tantos anos, se quiséssemos, não tivéssemos podido ficar com ele, e tivéssemos esperado precisamente pela festa para nos expormos ainda mais. É sempre assim quando pessoas estranhas e moralmente impuras se intrometem na vida de uma família, que, para o bem ou para o mal, eu e Vanga somos…

Se a situação não fosse tão trágica, poderia ser vista pelo lado cómico. Nós, os mais próximos de Vanga, os seus parentes de sangue, passámos anos a tentar mostrar às pessoas que coisa maravilhosa é o seu dom, quanta beleza e esperança ele traz a todos os desesperados e confusos – fruto desse esforço foram também os livros que publiquei sobre ela – e de repente decidimos roubá-la, difamá-la e adoecê-la. Essas calúnias não eram mais do que um guião mal escrito que desviava a opinião pública para uma direção completamente errada, provavelmente com algum objetivo.

Dificilmente alguém poderá sentir em profundidade todo o dramatismo e tragédia de Vanga nesses momentos. Do seu sonho de longa data de erguer um templo nasceu uma fundação que passou a gerir a sua vida. Toda a sua santidade transformou-se num negócio que usa a «marca registada» de Vanga.

Não sei se era necessário alongar-me tanto neste conflito, mas são testemunhos do nosso tempo turbulento que devem ser registados e lembrados na vida de Vanga, até porque ela própria os previra.

Apesar da consagração, a Igreja não reconheceu o templo «Santa Petka» como igreja ortodoxa. Nele só podem oficiar sacerdotes aposentados. Quando chamados, vêm fazer batismos ou casamentos, mas não é isso com que Vanga sonhava. Não ardem candeeiros, não toca o sino, não há ofícios religiosos. O templo tornou-se simplesmente um objeto turístico visitado pelos turistas sobretudo por causa de Vanga.

É possível que com o tempo a igreja fique no centro de algum complexo turístico. Julgo-o pelas declarações da direção da fundação na imprensa. Afirmam que «já foi entregue o projeto conceptual para o espaço em torno da igreja de Rupite. Nas proximidades serão construídos hotel e restaurante. Autores do projeto são os arquitetos Lozan Lozanov e Bogdan Tomalevski» (ver jornal «168 Horas», n.º 6, de 6.II.1995).

Esses projetos já estão em curso. Em frente à casinha de Vanga está a ser feito um parque que será cercado por uma alta vedação, e diante do portão do jardim estão a ser acrescentadas duas divisões onde Vanga será transferida para maior comodidade.

Enquanto escrevia estas linhas, porém, o jornal regional «Struma» publicou outras informações: em torno da igreja «Santa Petka» será construído um complexo monástico, foi até publicada uma nova conta para donativos. Qual é a informação correta, não sei. Há muito que não vejo Vanga e, no grave estado de saúde em que se encontra, dificilmente me poderia dizer algo mais concreto. Mas nós, os seus parentes de sangue, não deixamos de nos preocupar e perguntar porque razão a gravemente doente Vanga tem de estar deitada nessas construções provisórias no meio do campo, naquele calor e na falta de condições higiénicas elementares, quando tem uma casa tão acolhedora e limpa em Petritch? Não podem os médicos que a tratam propor tratamento hospitalar? É a própria Vanga que recusa tratar-se convenientemente, ou alguém a obriga a renunciar? Para quê e com que objetivo? Por enquanto só podemos conjecturar… Mas acreditamos que um dia a verdade virá à tona. Que não seja demasiado tarde…

Que destino amargo! Agora, quando Vanga já tem 85 anos e deveria poder descansar, rodeada de amor, atenção e da paz que mais merece, viu-se no vórtice das paixões e vícios humanos mais baixos – como recompensa por ter dedicado às pessoas toda a sua vida. E não tem nada de seu, nem sequer sonhos. Nada do que desejava como ser humano se realizou, não lhe foi dado experimentar as menores alegrias humanas – em vez disso, solidão, amargura, incompreensão, graves doenças e enormes provações. Por isso não podemos deixar de acreditar nela quando diz: «Não invejem nada da minha vida, chorem por ela, porque o seu fardo é insuportável!»

É este o preço que Vanga paga pelo seu incrível dom. É a sua própria avaliação. Muitas vezes declarou que tudo tem um preço. Nos meus

apontamentos guardei uma frase assim: «Não queiram muito, porque não poderão pagar o preço!» Este tema poderia ser discutido em muitas páginas, mas não me deterei nele, porque ainda não compreendo muitas coisas da vida de Vanga e a probabilidade de cair em teorizações vazias e erros é muito grande. Esse problema deve ser objeto de outros escritos, e isso num futuro longínquo, quando nos for dado compreender o que realmente é Vanga.

Cada vez mais me ocorre a ideia de que ela não é um nome, mas um conceito, mas paro por aqui…

Com as linhas acima quero dirigir-me a todos os que se deixam seduzir pela ideia de serem videntes, clarividentes, sensitivos e fazerem disso profissão… Não é uma questão pessoal, é uma questão social muito séria e deterei-me nela brevemente no capítulo seguinte. É fruto de apontamentos de vários anos e trabalhei muito tempo para a compor da seguinte forma:

O QUE É ESSE «POLTERGEIST»?

«Daqui a 200 anos o homem estabelecerá contacto com irmãos de razão de outros mundos?» Vanga

Há anos Vanga repete: «A verdade sobre o mundo deve ser procurada nos velhos livros sagrados.» É preciso começar a lê-los não só como texto religioso, mas como a mais séria leitura científica, se quisermos chegar à fonte da vida. Seria bom que ciência e religião se unissem numa colaboração mais estreita, se quisermos enriquecer a ciência terrena com descobertas fundamentais de grande envergadura, compreender quem somos, de onde vimos e para onde vamos. É preciso voltar ao início, ler atentamente o livro do «Génesis» da Bíblia e refletir seriamente sobre a primeira frase: «No princípio Deus criou o céu e a terra.»

Um dia Vanga partilhou: «Foram escritos livros de toda a espécie, mas ninguém chegará categoricamente à resposta correta se não compreender e aceitar que existe um mundo espiritual (“o céu”) e um mundo físico (“a terra”), e uma força suprema, chamem-lhe como quiserem, que os criou.» Para mim: «É daí que deves partir, e depois, se fores suficientemente elevada moralmente para aceitar e compreender o conhecimento superior, Deus recompensar-te-á e dar-te-á força e ajuda para compreenderes realmente como tudo aconteceu.»

O mundo, como diz Vanga, não é apenas um conjunto de fenómenos físicos nem apenas aquilo em que vivemos e conhecemos. Está dividido fundamentalmente em «mundo de Deus» – o mundo espiritual – e mundo de Satanás. Por todo o universo trava-se uma luta entre o bem e o mal. Embora pequeno, o nosso mundo também trava a sua luta espiritual. Aquele que nos espreita e ataca de todos os lados chamámos-lhe com o nome moderno «poltergeist».

Não sei como é noutros lugares, mas entre nós este fenómeno tornou-se uma praga. Ouvi falar dele pela primeira vez por volta de janeiro de 1990, quando começaram a chegar a Vanga pessoas de toda a espécie que afirmavam sentir-se possuídas por uma força invisível que as obrigava a obedecer-lhe incondicionalmente. Essas pessoas desenhavam num papel seres com formas estranhas, antenas na cabeça, corpos, olhos, orelhas e pernas invulgares para nós. Esses seres transmitiam informações sobre mundos desconhecidos, desenhavam sistemas planetários, sinais e hieróglifos incompreensíveis de escritas desconhecidas, revelavam segredos do nosso passado, «preveriam» o futuro.

Mostravam grande preocupação pelos seus portadores, tratavam-nos com carinho e amizade e protegiam-nos de perigos e doenças: em resumo, «extraterrestres». O pior é que essa «possessão» se tornou contagiosa, começou a manifestar-se em cada vez mais pessoas, não poupou nem as crianças. Pais extremamente preocupados reuniam-se à porta de Vanga, esperavam dias para serem recebidos e saber o que lhes acontecera e como salvar os filhos. Muitos traziam as crianças a Rupite. Conheci algumas e conversei com elas. Pareciam visivelmente normais, mas estavam pensativas, distraídas, apáticas em relação ao que as rodeava. Só falavam com gosto do ser, geralmente com um nome estranho e rebuscado, com quem comunicavam e que lhes contava coisas maravilhosas sobre o mundo.

Escreviam e desenhavam quadros fantásticos. O ser tornava-se gradualmente parte da família e nada se fazia sem a sua opinião ou aprovação. Infelizmente havia pais que se orgulhavam do que os filhos tinham alcançado e lhes faziam ampla publicidade como «videntes» ou «curandeiros» na imprensa. Uma mãe chegou ao ponto de, no ano faminto de 1990, quando não havia produtos e nalguns lugares se distribuíam cupões, ir à câmara municipal pedir ração extra para o ser que comunicava com a filha, porque gostava de sopa de tomate. Rir ou chorar!

Vanga estava confusa. Depois desses encontros dizia-me que nunca vira na sua mente tais seres nem ouvira as palavras com que enchiam a cabeça dos seus hospedeiros. Escutava atentamente as pessoas «atingidas» e depois enviava-as invariavelmente à igreja. Mandava-as jejuar, confessar-se e comungar. «Se for coisa de Satanás – dizia Vanga –, vai-se embora, desde que o jejum e a comunhão sejam feitos com fé; se for de Deus, fortalecer-se-á, mas duvido que sejam coisas de Deus…»

E assim foi. Não eram coisas de Deus. Alguns enlouqueceram com o tempo, outros destruíram as famílias porque discutiam constantemente, outros julgaram-se grandes curandeiros e adoeceram e mataram não poucos pacientes. Em resumo, onde havia um «hóspede elevado» do cosmos, aí aconteciam sempre coisas más, embora o visitante fosse bom e viesse salvar a humanidade.

Cerca de dois anos depois desses acontecimentos, quando já tínhamos lido e ouvido «maravilhas» e «horrores» relacionados com esse fenómeno, um dia Vanga disse-me: «Vê até onde leva a falta de fé e a ignorância nas pessoas. Estes, com os "extraterrestres", todos julgam que Deus os dotou com o seu poder, e não se dão conta de que não é assim, já falámos disso várias vezes. Nem na nossa vida quotidiana alguém te dá alguma coisa assim de graça. E aqui vê agora o que acontece: anda a pessoa pelo mundo, peca, é escrava das paixões e vícios, não cumpre os mandamentos de Deus, nem sequer acredita n'Ele, e de repente, hop, dá-lhe um dom celestial.

Assim «de repente» só Satanás dá. Os seus «dons» são temporários, apenas até a alma da pessoa se deixar seduzir, até se orgulhar de ser algo especial em relação aos outros; depois já é fácil… Essa pessoa condena-se a si mesma a sofrimento eterno. O pior é que «contagia» outros e um dia será responsável também por eles. Se fossem crentes, se tivessem aberto os livros sobre a vida dos santos, veriam quanta fé, quantos anos de sofrimento e provações são necessários, quanto tempo de arrependimento, jejum e oração é preciso para que a pessoa purifique a alma e fique pronta a receber a misericórdia de Deus como algum dom celestial, seja cura, clarividência, profecia…

Mais ainda: apesar do grande esforço, nem todos os santos em vida recebiam dons celestiais, e muitos dos que os recebiam renunciavam voluntariamente a eles para não caírem no pecado da soberba e não prejudicarem a alma. Aceitar com gosto «homenzinhos» e «informações» do cosmos só mostra que, infelizmente, o búlgaro é recetivo a sugestões satânicas, porque esses seres são unicamente criação do diabo e não vêm de longe, estão aqui, à nossa volta, ou vêm do «reino subceleste», que sabemos ser habitado por Satanás e os seus servos. Se tivessem os olhos espirituais da venerável Teodora e recebessem misericórdia de Deus para verem como é realmente aquilo que se lhes apresenta como ser amável e amistoso, morreriam de horror, repulsa e medo.

Por acaso os mensageiros de Deus têm esse aspeto e precisam de agir sobre as pessoas assustando-as com pancadas, ruídos, deslocação de objetos e imagens terrificantes? Assim só faz Satanás, porque ele submete pela força. Os mensageiros de Deus atuam sobre a alma da pessoa e trazem-lhe sensação de grande beleza, alegria, elevação, bondade e amor. Mas nunca se impõem.

Deus deu ao homem uma arma poderosa – a sua vontade, que nenhuma força é capaz de quebrar, para que o homem decida por si mesmo a quem servir. Em Deus não há coação, porque Ele não procura vitórias fáceis. E quanto à salvação, digo-te: não há outro caminho para o homem indefeso se

livrar do «agressor». Aqui não se trata de jogo da imaginação, mas de forças sobrepoderosas, invisíveis e inacessíveis ao homem. Ele sozinho de modo algum se pode libertar delas. Só pode pedir ajuda a Deus, «a força das forças», e de uma forma determinada – através de arrependimento, jejum e oração.»

Vanga, como sempre, tinha razão absoluta, mas poucos a escutaram e compreenderam. A onda dos «sensitivos» no nosso país aumentava. Não eram poucos os que se declaravam «discípulas» de Vanga ou, ainda mais ousadamente, suas «herdeiras». Tentei intervir citando em algumas publicações o que Vanga dissera: que «não pode ter discípulas, porque não aprendeu com ninguém para transmitir a outro, e só Deus sabe se haverá herdeira», mas essa declaração passou despercebida. E como não! Estar sob a «marca registada» de Vanga significa mais «clientes» e, naturalmente, mais dinheiro, muito dinheiro.

Não sei como terminará esta história, porque o problema não é novo. Já há muitos anos, São Inácio Briantchaninov escreveu com amargura: «Grande desgraça é a falta no homem do verdadeiro conhecimento de Deus. Então as pessoas aceitam as obras do diabo como obras de Deus.»

O pior é que também a nossa Igreja não conseguiu controlar a tempo a situação e assumir o seu responsável papel de iluminadora. A divisão em dois ou três santos sínodos, em duas igrejas ortodoxas, provocou um efeito extremamente negativo entre as pessoas que procuravam o seu caminho e empurrou-as para os «extraterrestres» e as seitas. Vanga sofreu muito com os problemas da nossa igreja. Quando, no final de julho de 1993, a visitou o padre V. Sh. da nossa igreja em Chicago, Vanga disse-lhe: «Perderam a vossa dignidade. Quando vos ordenam sacerdotes, que palavras se pronunciam? Dignidade, dignidade, dignidade! Vocês próprios são culpados pelo colapso da Igreja, porque lhe foram infiéis; não têm culpa nem os “vermelhos”, nem os “azuis”, nem os “verdes” (no sentido de partidos).»

PROCURAI OS CAMINHOS ESPIRITUAIS

Os caminhos espirituais e a busca da direção para eles – este será o tema do meu provável livro futuro. Sei, pelo meu sentimento interior que nunca me enganou, que um dia o tema de Vanga deve ser concluído exatamente assim. Só então poderei libertar-me do enorme peso que carrego há anos. Resignei-me. Provavelmente o destino decidiu usar-me como instrumento para divulgar o fenómeno maravilhoso que é Vanga. Não sou escritora profissional, faltam-me muitos conhecimentos, mas os textos organizam-se através de mim e eu vivo nesses textos.

Não há vida mais interessante apesar dos meus muitos contactos sociais. Faça o que fizer, onde quer que esteja, sei que me foi confiada uma obrigação

que tenho de cumprir – até lá tudo o que faço será pela metade e os acontecimentos importantes da minha vida afastar-se-ão no tempo até eu colocar o ponto final. «A liberdade – dizia Vanga – é a possibilidade de fazer aquilo para que foste destinado!» E ainda bem que, após longos anos de hesitação, consegui compreender isso. Mas só hoje começa o verdadeiro trabalho. Tudo o que escrevi até agora é apenas um exercício para a escrita do livro realmente verdadeiro. Ainda não sei se estou pronta para dar o passo decisivo, mas o tempo provavelmente aproxima-se – esperei-o inconscientemente e preparei-me para ele durante mais de 47 anos.

Faço esta importante confissão hoje, 9 de agosto de 1997, no sábado mais próximo do dia da morte física de Vanga – 11 de agosto de 1996. A rádio anunciou que a câmara municipal de Petritch organiza uma panagia em Rupite, no templo de Vanga «Santa Petka», e depois uma procissão de peregrinos levará uma cruz incrustada de 20 metros até ao ponto mais alto da rocha da montanha Kozhuh, ao sopé da qual ficam a casinha e o túmulo de Vanga. Não duvido que irão muitas pessoas e que tudo será solene, mas a minha presença aqui, em casa, diante da velha máquina de escrever é muito mais necessária para prestar a minha homenagem a Vanga através das palavras que se organizam sozinhas na minha mente e que sinto necessidade de alinhar em frases no papel branco.

Quase fisicamente sinto a presença de Vanga ao meu lado e sei que ela aprova a minha decisão. Ajuda-me a clarificar o pensamento, a escrever rápido e conciso, lembra-me os trechos importantes. Isso vale muito mais do que estar diante da sua sepultura em Rupite e chorar.

E chorar os mortos é coisa inútil – já escrevi sobre isso. «Tu temes os vivos – ensinava-me Vanga há muitos anos.» O morto não te pode fazer mal nenhum. Quem permitiria que a sua alma andasse a passear pelo nosso mundo pecador e assustasse os entes queridos? Ele precisa apenas da nossa oração para se purificar e aproximar-se do rosto do Criador. Para vir à terra é necessário o beneplácito de Deus, mas esse é dado como recompensa pelo seu enorme esforço de arrependimento e perfeição.»

Na altura não compreendia bem as palavras de Vanga – para ser mais exata, não acreditava nelas! Nasci e cresci num estado ateu onde se negava tudo o que era imaterial. Ao mesmo tempo, o dom dela introduzia na minha mente uma enorme contradição – com as suas manifestações provava exatamente o contrário: existe um mundo imaterial abrangente ao qual todos estamos sujeitos. Como boa professora e pedagoga, Vanga compreendia bem as minhas angústias espirituais, mas deixou-me vaguear durante muitos anos conscientes até eu mesma «amadurecer» para o passo seguinte – a busca do caminho para o verdadeiro conhecimento.

«Os caminhos para ele são diferentes – ensinava-me Vanga –, mas o teu caminho é a ortodoxia. Tem grande importância para o futuro, a sua influência fortalecer-se-á, e depois será novamente perseguida e combatida…»

«Lê a Bíblia – aconselhava-me Vanga. – Dela podes compreender tudo o que te interessa. Nesse livro sábio e divino conta-se como surgiu a consciência humana, como se modificou ao longo do tempo e como se modificará também no futuro.»

Na altura estranhava as palavras de Vanga. A nossa família era religiosa e a Bíblia estava presente em casa, mas eu pensava que era leitura preferida sobretudo dos crentes idosos, porque lhes servia de consolo, e os textos eram necessários para os ofícios e rituais religiosos. Folheara-a muitas vezes, mas os antigos acontecimentos históricos sangrentos, os nomes difíceis de pronunciar e lembrar e as mensagens incompreensíveis dos profetas do Antigo Testamento despertavam em mim apenas aborrecimento e não entendia como poderiam revelar-me os segredos do mundo imenso.

«Não podes compreender porque precisamente a folheias – repreendia-me Vanga. – É um livro milagroso. Imagina que o conhecimento preservado nas suas páginas está dividido em camadas. Cada um, segundo o nível da sua consciência, perceberá de forma diferente o mesmo trecho. Se começares a ler com a devida atenção e paciência, verás que, cada vez que releres as mesmas frases, soar-te-ão de maneira diferente. O conhecimento crescerá contigo e penetrarás cada vez mais fundo na essência dos verdadeiros conhecimentos. Toma, dou-te um exemplo – dizia-me noutro dia. – Peguemos no livro do «Génesis».

Lá está escrito que no princípio Deus criou o céu e a terra. Para a avozinha simples e iletrada isso é óbvio – ela vê o céu e a terra. Mas para o homem mais jovem, buscador e inteligente, essa frase aponta outro conhecimento – no princípio Deus (a inteligência suprema) criou o céu (o mundo espiritual) e a terra (o mundo material). Essa é a verdade mais correta, mais categórica. A base de tudo. Se a ciência tivesse aceite essa verdade, agora não falaríamos de segredos, fenómenos e milagres, e o desenvolvimento da vida na terra estaria a um nível muito mais elevado. Mas esse tempo virá. A ciência seguirá na direção correta e muitos segredos serão desvendados – já te disse isso várias vezes.»

Espera aí – atacava-a eu. – Nesse mesmo livro há uma grande contradição. Diz-se que no terceiro dia Deus criou o reino vegetal e só depois, na quinta-feira, fez o sol, a lua e as estrelas. Como se desenvolveram essas plantas sem o calor e a luz dos raios solares? Até as crianças pequenas sabem que isso é impossível. «Impossível – ironizava-me Vanga sem maldade –, porque raciocinas de forma limitada. Lá está exatamente dito que essas plantas se desenvolveram sob a influência vivificadora do Espírito divino – uma força

poderosa, desconhecida para os homens, para a qual nada é impossível. Embora não o compreendas, deves aceitá-lo como verdade e procurar provas. E quanto ao sol, à lua e às estrelas, o que se explica? Que servem apenas para determinar o dia, a noite, os anos… ou seja, servem para marcar o calendário.»

A lógica de Vanga era de ferro. Muitas vezes lera esses versículos, mas nunca conseguira explicá-los dessa forma.

Estorvava-me, como Vanga dizia com as suas palavras, «a minha consciência terrena sobrecarregada», que não me permitia ver o óbvio e o literalmente escrito. «Vocês pensam – queixava-se Vanga – que basta piscar os olhos, juntar as mãos em oração e dizer "espiritual", e já tudo está claro. Assim não funciona. Assim só se criam "falsos mestres" que confundem muitas pessoas. É necessária uma trabalho persistente para "virar" a consciência através da leitura dos textos sagrados e da reflexão sobre o seu verdadeiro sentido. Mas cada um tem de o fazer sozinho, porque ninguém pode percorrer o seu caminho por ele.»

Assim, seguindo o meu próprio caminho, li e meditei sobre o livro do «Génesis» durante mais de sete anos. Por vezes parecia-me que conseguia perceber exatamente como fora construído o mundo, outras vezes o fio rompia-se. Começava de novo e de novo. Se cheguei às conclusões corretas, ainda não posso dizer. Mas com certeza posso apenas confirmar que quanto mais elevada moralmente for a consciência do homem, maior capacidade recebe para perceber e compreender o conhecimento.

Sublinho que se trata de moral, e não de conhecimentos científicos. A consciência rebaixada pelas paixões e vícios não tem possibilidade de tocar nos verdadeiros conhecimentos. Fica na esfera do «raciocínio carnal». A elevada moral, porém, não é dada a priori a certas pessoas. É a batalha incessante de cada homem, por isso a nossa vida está marcada por ascensões e quedas. E como fazer com que as ascensões sejam mais, podemos aprender lendo a Bíblia.

Nos meus apontamentos das conversas com Vanga guardei uma declaração dela que, em resumo, dá a seguinte constatação: «Quando pensas algo, já se torna passado, e a consciência é o tempo futuro.» Claro que usou as suas próprias palavras para essa definição, mas o sentido é exato. Sinto que se trata de algo importante, mas dificilmente poderei explicá-lo em breve. Na verdade, devo reconhecer que o tema da consciência racional ainda é para mim inatingivelmente elevado.

Falámos com Vanga sobre a consciência, mas ela não me ajudou muito a compreender exatamente o que significa esse conceito, tal como não sei o que significa realmente «alma». Apesar das enormes lacunas, tentarei contar-vos a

compreensão de Vanga sobre a relação mútua entre elas, recontada com as minhas palavras.

A «alma» e a «consciência» manifestam-se na terra através do corpo humano, por isso dizemos que «o corpo é a morada da alma». As duas categorias formam as manifestações terrenas do corpo em todos os aspetos. Tem prioridade, porém, a consciência, porque a alma comunica com o corpo através dela. A consciência tem uma ligação de comando maior: «informa» a alma, mas não a pode mudar. Quando, porém, a alma se «purifica», purifica também a consciência – os livros sagrados abundam em tais exemplos –, o homem pecador purifica a alma dos pecados terrenos, renasce para uma nova vida agradável a Deus e conscientemente aspira às virtudes e à perfeição.

A consciência é responsável pela escolha do homem – a quem servir? À alma «divina», a Deus, à razão cósmica universal ou ao inferior, ao corporal, às paixões e vícios, às forças destrutivas. Essa escolha determina também o futuro do homem – salvação e vida eterna ou condenação e sofrimento eterno. Por isso, cito já Vanga, a consciência deve aprender a ouvir a «voz» da alma, o «grito da alma»; são manifestações individuais de Deus no homem singular.

Se a ligação entre a alma e o corpo for fraca, a consciência torna-se submissa ao corpo humano inferior – escuta-o e satisfaz todos os seus caprichos: corta a ligação com a alma e leva o indivíduo às paixões e vícios baixos, condena-o à perdição. Essas personalidades perdem a ligação com Deus e tornam-se servos das forças destrutivas. Para elas não é preciso procurar exemplos na Bíblia, porque os há em abundância à nossa volta.

Em resumo, embora seja bastante difícil formular em duas palavras, a consciência humana representa uma «balança» que oscila entre a alma e o corpo, entre Deus e Satanás, entre a vida eterna e o sofrimento eterno…

Vanga sonhava com o dia em que as pessoas compreenderiam esse mecanismo e se esforçariam por fazer a «balança» pender para o amor, a fraternidade, a compreensão, o trabalho e a ajuda mútua.

Por vezes dizia que era melhor compreendermo-lo sozinhos, porque de outra forma seríamos forçados. Fizemos muitas destruições na nossa terra, e o Criador não nos permitiria estragar o seu plano de harmonia e ordem no mundo imenso. Causámos muitos danos também às nossas almas, permitindo que na nossa sociedade reinassem as paixões e vícios humanos mais baixos e que eles gerissem a nossa vida. Mas ultimamente observo o desenvolvimento de processos espirituais muito interessantes sobre os quais Vanga me falara há anos.

Agora compreendo que ela nos avisou de tudo o que é importante que acontecerá na terra. As suas mensagens espirituais ainda encontrarão lugar na

consciência das pessoas e elas procurarão nelas refúgio para se mudarem segundo as novas exigências do tempo em que vivemos.

Tudo o que aconteceu no nosso país nestes últimos dez anos – mudança de regimes e líderes, explosão da grande criminalidade, fome, pobreza e doenças, inundações, catástrofes… – não é mais do que uma catarse que nos mostra categoricamente que precisamos de purificação e mudança de direção. Quanto menos o compreendermos, mais os infortúnios aumentarão. Mas há algum tempo percebo, permiti-me dizer figurativamente, «um cansaço do mal» na nossa sociedade. Na imprensa começaram a aparecer cada vez mais artigos sobre a necessidade de reconciliação e perdão para que as coisas comecem a correr para o bem. Não raro até políticos começaram a citar a mensagem de Vanga proferida horas antes da sua morte: «Amai-vos, porque todos sois meus filhos!» Oiço da boca de ateus convictos a frase: «Se Deus quiser, acontecerá…»

Se Vanga estivesse viva agora, se estivesse entre nós, a sua alma exultaria de alegria por os primeiros arautos do bem germinarem na consciência de cada vez mais pessoas. Tenho a certeza de que o seu número aumentará. Provavelmente será preciso tempo, provavelmente o processo será muito doloroso, porque cada um terá de renascer sozinho: «Duvido – dizia Vanga – que venha à terra um segundo Cristo para pagar pelos nossos erros», e referia-se à necessidade de mudança em escala planetária.

Não podemos deixar de acreditar nela. O seu espírito era «representante» da eternidade, as suas mensagens faziam-nos estar despertos, e o cumprimento das suas profecias provava-nos a sua veracidade.

Não sei se aparecerá no mundo uma «segunda Vanga», como muitos me perguntam. Na história humana sempre houve videntes e profetas e talvez os haja também no futuro. Mas pessoalmente penso que é desnecessário. Vanga foi nossa contemporânea; «dando-nos a mão» durante mais de meio século, ajudou-nos a elevarmo-nos, porque através dela espreitámos outro mundo imenso e categoricamente existente, de que só sabíamos pelos velhos livros sagrados. E não acreditávamos muito neles, porque foram escritos há milénios. Aceitávamo-los como belos contos e lendas apesar da afirmação de Vanga de que a verdade sobre o mundo deve ser procurada exatamente neles. E eis que aconteceu um «milagre»! No final do século XX, Vanga acrescentou mais uma página a essa verdade. Já não podemos falar de mitos, mas de facto multiplicado milhares de vezes pelos testemunhos dos visitantes de Vanga.

Outros, que não a visitaram em vida, encontram-na nos sonhos e recebem dela vários conselhos. A senhora Z. Ya. da cidade de Sandanski conta que no 40.º dia após a morte de Vanga sonhou que tocava no seu corpo doente e lhe dizia que já não adoeceria mais. A mulher sofria há anos de discopatia e, para conseguir levantar-se da cama de manhã, o marido

esfregava-lhe longamente a cintura. Após o sonho, de manhã levantou-se sozinha sem ajuda alheia e os familiares não acreditavam no que viam. Sentia-se saudável, vigorosa e cheia de energia. E este não é caso único. Ligam-me continuamente pessoas, até do estrangeiro, dizendo que sonham com Vanga e que ela fala com elas.

Um jovem, D. D. de Varna, depois de longa busca encontrou-me em casa para me contar que cerca de um mês após a morte dela sonhou com Vanga, embora nunca se tivesse encontrado com ela em vida, e que ela o aconselhou a voltar-se para os ensinamentos espirituais. O jovem é economista de formação e trabalha numa empresa. Nunca se interessara por religião. No dia seguinte sentiu-se outra pessoa e começou a ler a Bíblia, os antigos ensinamentos espirituais indianos e chineses, os livros dos filósofos antigos, até dicionários… No dia em que nos encontrámos tinham passado cerca de três meses da sua transformação. Parecia maravilhoso, porque o seu rosto simplesmente irradiava espiritualidade. Procurava ambiente, pessoas com quem conversar sobre temas espirituais, compreender qual era o seu caminho. Encaminhei-o para teólogos nossos respeitados.

Não duvido que a ligação dos búlgaros com o espírito de Vanga não foi interrompida; pelo contrário, acredito que essa ligação se fortalecerá e manifestar-se-á através de sonhos, bons pensamentos, inspirações luminosas… Vanga ajudará sempre a Bulgária, porque é a sua mãe espiritual. Basta recordarmos este facto: quantas milhares de crianças foram por ela introduzidas na religião ortodoxa através do batismo.

Mas ajudará também todas as pessoas na terra. Inspirar-lhes-á que compreendam o mais rapidamente possível que devem reconciliar-se, perdoar-se, ajudar-se desinteressadamente, amar-se… Tenho essa certeza desde há muitos anos, quando a «cega» Vanga leu para nós, os «videntes», no livro da vida a frase mais importante: «As pessoas viverão uma vida maravilhosa na terra. Esperai mudanças para melhor…»

Outrora aprendemos que o homem é o único ferreiro do seu destino. Isso é realmente assim. Não há melhor dom para o homem do que a sua vontade e não há força maior do que ela que o obrigue a ir contra si mesmo. A liberdade de escolha e a consciência das suas responsabilidades são o caminho pelo qual cada um de nós se junta ao fluxo da vida eterna, orientado para a perfeição universal. O homem compreende dificilmente este maior de todos os segredos, mas sente que não pode deixar de participar nesse processo.

Sente-o instintivamente enquanto caminha pelo seu caminho terreno, enquanto se junta à criação do bem ou do mal, enquanto vagueia em várias direções e supera milhares de obstáculos no seu pequeno e multiforme mundo material, até que um dia «vê a luz» e compreende que ele próprio rebaixou o seu papel de criador da eternidade. Alguns não chegam a esse esclarecimento,

«cegados» pelo denso véu dos vícios e paixões humanas, dos grandes crimes, e é exatamente aqui que vejo o grande papel do fenómeno do dom de Vanga, que diz: «Eu sou representante! Ajudo as pessoas a encontrarem a direção correta!»

Passarão anos. Muitas coisas da biografia terrena de Vanga serão esquecidas como insignificantes, acalmar-se-ão disputas e paixões, virão novos «segmentos de tempo», com novas pessoas, com novas exigências, mas as mensagens de Vanga permanecerão para despertar a consciência humana, porque serviu a vida, que é indestrutível.